

STARTERS

SOBREVIVER É APENAS O COMEÇO

LISSA PRICE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LISSA PRICE

STARTERS

Tradução:
Ivar Panazzolo Júnior



Publicado sob acordo com o autor, c/o BAROR INTERNATIONAL, INC.,
Armonk, New York, USA.

Copyright Texto © 2012 by Lissa Price
Copyright Arte da Capa: rosto © 2012 by Bob Lea
Copyright circuito © 2012 by Michael Wagner
Copyright © 2012 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

1ª Impressão — 2012

Edição: Edgar Costa Silva
Produção Editorial: Alline Salles
Preparação de Texto: Livia Fernandes
Revisão de Texto: Mila Fernandes, Tamires Cianci
Diagramação: Vanúcia Santos
Adaptação da capa: Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Price, Lissa

Starters / Lissa Price ; tradução Ivar Panazzolo Júnior. -- Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2012.

Título original: Starters.

ISBN 978-85-8163-014-4

1. Ficção - Literatura infantojuvenil

I. Título.

12-07062 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.editoranovoconceito.com.br

Você encontra este e demais e-books na Livrarialivros.com

PARA DENNIS, QUE SEMPRE
ACREDITOU.

AGRADECIMENTOS

Se estivéssemos em uma cerimônia de premiação, a orquestra provavelmente teria que começar a tocar para me expulsar do palco, pois tenho muitas pessoas a agradecer.

Em primeiro lugar, e principalmente, a pessoa que fez com que tudo acontecesse, Barbara Poelle, soube exatamente como iria conseguir vender este livro em seis dias (incluindo o fim de semana com um feriado prolongado). Não se deixe enganar pelo fato de ela ser bonita, porque Barbara é uma agente brilhante. Fico muito feliz pelo destino haver nos unido.

Barbara encontrou a pessoa perfeita para se tornar minha editora: Wendy Loggia. Suas anotações e apoio tornaram este livro melhor e ela fez tudo com a maior doçura e gentileza, sempre mantendo o processo divertido. Obrigada, Wendy. Agradeço profundamente a todas as pessoas na editora Random House, desde o topo: Chip Gibson, o piadista encantador, e Beverly Horowitz, a fada-madrinha dos escritores (se as fadas fossem sábias e conhecessem o mercado editorial como ela); John Adamo, Judith Haut, Noreen Herits, Casey Lloyd, Adrienne Waintraub e Tracy Lerner; Linda Leonard, Sonia Nash e Mike Herrod, no departamento de novas mídias; Joan DeMayo e toda equipe de vendas; Melissa Greenberg e o departamento de arte; Rachel Feld, que fez com que a minha visita à BEA fosse especialmente encantadora; e Enid Chaban, o primeiro a enviar um e-mail a todos os funcionários da Random House quando o escritório estaria fechado durante o feriado, dizendo que eles tinham que ler este livro. E para Ruth Knowles e todos os membros da equipe da Random House no Reino

Unido, especialmente Bob Lea, o artista de muito talento que conseguiu capturar o espírito de Callie na arte da capa do livro.

Obrigada também a meus agentes que atuam em outros países, Heather e Danny Baror, que souberam como espalhar a notícia ao redor do globo. Ao talentoso Lorin Oberweger, que administra as oficinas Free Expressions, e Stephanie Mitchell, que também ajudaram com este livro.

Esperem — não comecem a tocar a música ainda!

Senti-me especialmente estimulada quando uma menina de 12 anos chamada Emma, que morava em uma pequena vila na região da Nova Escócia, no Canadá, adorou o manuscrito. Minha querida amiga e colega escritora S. L. Card foi quem passou o original a Emma e também foi uma excelente leitora no período de testes, uma campeã inabalável que sempre teve fé no projeto. Obrigada a todas as outras leitoras da fase de testes: Patti, Mari, a escritora Suzanne Gates e meus queridos amigos Dawn e Robert, que ofereceram sua casa no estado do Oregon para que eu pudesse terminar a primeira versão do livro. Preciso também agradecer especialmente à minha tribo, meu maravilhoso grupo de escritores: Liam Brian Perry e Derek Rogers. Ambos são escritores maravilhosos.

O apoio de meus amigos na jornada até a publicação significou muito para mim: Lena e Nutschell, Paul e Joan, Luke, Greg, Michael, Marco, Susan, Gene, Paul e Matt, Ray e Marion Sader, Leonard e Alice Maltin, Martin Biro, Golddiggers e meus amigos escritores Jamie Freveletti, Robert Browne, Brett Battles, Boyd Morrison, Graham Brown, Stephen Jay Schwartz, Sophie Littlefield, James Rollins e os Apocalypsies. Obrigada,

ITW e Robert Crais. Sou muito grata por vocês serem meus anjos escritores especiais!

Gritando para tentar sobrepujar a música, vou terminar com agradecimentos a meu marido, com sua excelente noção sobre histórias, por seu estímulo e apoio constantes.

STARTERS

CAÍTULO 1

Os Enders me causavam arrepios. O porteiro abriu um sorriso ensaiado quando permitiu que eu entrasse no banco de corpos. Ele não era tão velho, talvez uns 110 anos, mas, mesmo assim, aquela presença me fazia estremecer. Como a maioria dos Enders, seu cabelo era de um grisalho prateado, um troféu de honra fajuto que demonstrava sua idade. Do lado de dentro, o espaço ultramoderno, com uma distância enorme entre o piso e o teto, fazia com que me sentisse ainda menor. Caminhei pelo saguão como se estivesse deslizando por um sonho, no qual meus pés mal tocavam o piso de mármore.

Ele me indicou a recepcionista de cabelos brancos, maquiada com um batom vermelho opaco que manchava seus incisivos quando ela sorria. Eles tinham que ser gentis comigo ali, no banco de corpos. Mas, se estivéssemos na rua, eu seria invisível. Ninguém se importaria com o fato de que eu tinha sido a melhor aluna de minha sala — quando ainda existiam escolas. Eu tinha 16 anos. Era um bebê para eles.

Os saltos dos sapatos da recepcionista estalavam quando ela andava e ecoavam por aquele espaço opressor enquanto me conduzia a uma pequena sala de espera. O lugar estava vazio, a não ser por cadeiras forradas com brocado prateado nos cantos. Pareciam ser móveis antigos, mas o cheiro de produtos químicos no ar indicava tinta fresca e materiais sintéticos. Os sons naturais de pássaros silvestres também eram falsos. Olhei para minha calça puída e sapatos surrados. Eu tinha tentado engraxá-los da melhor maneira que podia, mas as manchas não saíam. E, como eu havia feito todo o

caminho até Beverly Hills a pé sob a garoa da manhã, estava encharcada como um gato perdido.

Meus pés doíam. Queria desabar em uma cadeira, mas não me atrevi a deixar a marca molhada de meu traseiro no brocado. Um Ender alto entrou na sala, interrompendo meu pequeno dilema sobre etiqueta.

— Callie Woodland? — Ele olhou para o relógio. — Você está atrasada.

— Desculpe. A chuva...

— Tudo bem. O que importa é que você está aqui — disse ele, estendendo a mão.

Seu cabelo prateado parecia ser ainda mais branco em contraste com o bronzeado artificial que ele exibia. Conforme sorria, seus olhos se arregalavam, deixando-me ainda mais inquieta do que o habitual quando me encontrava na presença de um Ender. Não mereciam ser chamados de idosos, como preferiam, aqueles malditos velhotes ambiciosos no fim de suas vidas. Eu me forcei a apertar aquela mão enrugada.

— Sou o sr. Tinnenbaum. Bem-vinda à Prime Destinations. — Ele colocou sua outra palma sobre minha mão.

— Vim aqui apenas para conhecer... — Eu olhei novamente para as paredes, como se estivesse ali para inspecionar a arquitetura e a decoração do lugar.

— Como as coisas funcionam? É claro. Não cobramos por isso. — Ele sorriu e finalmente soltou minha mão. — Venha comigo.

Ele estendeu o braço como se eu fosse incapaz de encontrar a saída daquela sala. Seus dentes eram tão claros que cheguei até a me encolher um pouco quando ele sorriu. Caminhamos por um pequeno corredor até seu escritório.

— Pode entrar, Callie. Sente-se.

Ele fechou a porta.

Mordi a língua para não engasgar com toda a extravagância que havia ali. Uma imensa fonte de cobre fluía com uma quantidade enorme de água ao longo de uma das paredes. Era incrível a maneira como eles deixavam toda aquela água límpida e pura cair e respingar pelo lugar. Alguém poderia até mesmo pensar que o líquido era gratuito.

Uma mesa de vidro incrustada com LEDs dominava o centro da sala, com uma aerotela flutuando menos de meio metro acima dela. Ela mostrava o retrato de uma menina da minha idade, com longos cabelos ruivos, usando shorts de ginástica. Embora a garota estivesse sorrindo, a foto fora tirada de um ângulo frontal, como as fotografias que tiram dos criminosos quando são fichados pela polícia. Sua expressão era meiga. Esperançosa.

Eu me sentei em uma cadeira moderna de metal enquanto o sr. Tinnenbaum permanecia em pé atrás da escrivaninha, apontando para a aerotela.

— Uma de nossas associadas mais recentes. Assim como você, ela foi informada sobre nossa empresa por um amigo. As mulheres que alugaram seu corpo ficaram bastante satisfeitas.

Ele tocou o canto da tela, trocando a imagem para a de um adolescente que vestia um traje de banho de competição.

— Foi este rapaz, Adam, que indicou a garota. Ele pratica *snowboarding*, esqui e montanhismo. É uma escolha popular para homens que gostam de atividades ao ar livre e que não conseguem desfrutar dessas atividades há algumas décadas.

Ouvir aquelas palavras fez com que tudo parecesse real. Aqueles Enders velhos e caquéticos, com braços e pernas tomados pela artrite, tomando o controle do corpo daquele adolescente durante uma semana, vivendo dentro de sua pele. Meu estômago começou a se revirar. Eu queria sair correndo, mas uma ideia me mantinha ali.

Tyler.

Agarrei o assento de minha cadeira com as duas mãos. Meu estômago roncava. Tinnenbaum me estendeu um pires de metal com supertrufas embaladas em copinhos de papel. Meus pais tinham pires como aquele, antigamente.

— Aceita uma? — perguntou ele.

Peguei um daqueles chocolates enormes em silêncio e, em seguida, percebi que minha cortesia andava meio enferrujada.

— Ah, obrigada.

— Pegue mais — ele agitou o pires para me atizar.

Peguei uma segunda e uma terceira, já que o pires ainda estava ao alcance de minha mão. Embrulhei-as em seus copos de papel e as coloquei no bolso de meu blusão. Ele pareceu ficar decepcionado por eu não as comer ali, como se eu fosse o entretenimento do dia para ele. Atrás de minha cadeira, a fonte borbulhava e respingava, provocando-me. Se ele não me oferecesse algo para beber logo, talvez me visse enfiar a cabeça na fonte, lambendo e engolindo a água como um cachorro.

— Poderia me dar um copo d'água? Por favor?

— É claro.

Ele estalou os dedos e aumentou o tom de voz, como se estivesse falando em algum aparelho oculto.

— Um copo d'água para a senhorita.

Um pouco depois, uma Ender com o corpo de uma modelo entrou na sala, equilibrando um copo d'água em uma bandeja. O copo estava envolto em um lenço de tecido. Peguei o copo e vi que havia pequenos cubos

flutuando, brilhando como diamantes. Gelo. Ela colocou a bandeja a meu lado e saiu.

Inclinei a cabeça para trás e engoli toda aquela água doce de uma só vez, com o líquido gelado descendo por minha garganta. Meus olhos se fecharam enquanto eu saboreava a água mais limpa que já tinha bebido desde que a guerra terminara. Quando acabei, deixei que um dos cubos de gelo deslizesse para dentro da boca. Mordi e senti que ele se quebrou com um ruído. Quando abri meus olhos, vi que Tinnenbaum me observava.

— Quer mais? — perguntou ele.

Eu queria, mas percebi nos olhos dele que a pergunta fora feita simplesmente por cortesia. Neguei com a cabeça e terminei de mastigar o cubo. Minhas unhas pareciam ainda mais sujas em contato com o copo quando o devolvi à bandeja. Ver o gelo derretendo me fez lembrar da última vez em que eu havia bebido água gelada. Parecia uma eternidade, mas fora há pouco mais de um ano, o último dia em nossa casa antes de os inspetores chegarem.

— Quer saber como tudo funciona? — perguntou Tinnenbaum. — Aqui na Prime Destinations?

Eu me segurei para não revirar os olhos. Enders. Qual outro motivo me traria até aqui? Abri um meio-sorriso e confirmei com um aceno de cabeça.

Ele tocou o canto da aerotela para apagar a imagem e tocou-a uma segunda vez para carregar as holoanimações. A primeira mostrava uma

idosa reclinada em uma espreguiçadeira, com uma espécie de touca sendo colocada na parte de trás da sua cabeça. Fios coloridos conectados à touca iam até um computador.

— A inquilina é conectada a uma ICC, Interface Corporal Computadorizada, em um consultório, sob a supervisão de enfermeiros experientes — disse ele. — Em seguida, é colocada em um estado de sedação, sem perda da consciência.

— Como acontece quando vamos ao dentista?

— Sim. Todos os seus sinais vitais são monitorados durante toda a jornada. — Do outro lado da tela, uma garota adolescente se reclinava em uma cadeira longa e almofadada. — Você também será sedada com um tipo de anestésico. É um processo completamente indolor e inofensivo. Você desperta uma semana depois, um pouco sonolenta, mas muito mais rica. — Ele mostrou aqueles dentes novamente.

Eu me forcei a reprimir um gemido.

— O que acontece durante a semana?

— Ela tem a oportunidade de ser você. — Ele mostrou as palmas e as girou. — Você conhece os implantes que permitem a pessoas que tiveram as mãos amputadas movimentarem as próteses substitutas? Elas simplesmente pensam no movimento e ele acontece. É muito parecido.

— Quer dizer que ela visualiza a si mesma como se fosse eu e, se quiser alguma coisa, pensa dessa maneira e minha mão pega o que ela quer?

— Exatamente como se ela estivesse em seu corpo. Ela usa a mente para caminhar para fora daqui em seu corpo e consegue ser jovem novamente. — Ele apoiou o cotovelo sobre a outra mão. — Durante algum tempo.

— Mas como...?

Ele apontou o outro lado da tela.

— Deste lado, em outra sala, a doadora — no caso, você — está conectada ao computador por uma ICC sem fio.

— Sem fio?

— Nós inserimos um pequeno neurochip na parte de trás de sua cabeça. Você não vai sentir nada. É totalmente indolor. O neurochip permite que você esteja conectada ao computador a qualquer momento. Nós conectamos suas ondas cerebrais ao computador e ele conecta vocês duas.

— Conecta. — Minhas sobrancelhas se franziram enquanto eu tentava imaginar duas mentes conectadas daquela maneira. ICC. Neurochip. Inserido. Ficava mais assustador a cada minuto. O impulso de sair correndo estava voltando com muita intensidade. Mas, ao mesmo tempo, eu queria saber mais.

— Eu sei, tudo é muito novo. — Ele me deu um sorriso torto e condescendente. — Nós fazemos de tudo para ter a certeza de que você está completamente adormecida. A mente da inquilina toma conta de seu corpo. Ela responde a uma série de perguntas feitas pela equipe para ter certeza de que tudo está funcionando como deveria. Em seguida, ela está livre para desfrutar do corpo que alugou.

O diagrama mostrava gráficos do corpo alugado jogando golfe, jogando tênis e praticando mergulho.

— O corpo retém sua memória muscular. Portanto, quaisquer esportes que você pratique, ela será capaz de praticar também. Quando o contrato chega ao fim, a inquilina volta até aqui com seu corpo. A conexão é finalizada na sequência correta. Os sedativos são removidos do organismo da inquilina. Ela é examinada e prossegue com sua vida. Você, a doadora, tem todas as suas funções cerebrais restauradas pelo computador. Você desperta em seu próprio corpo com a sensação de que passou vários dias dormindo.

— E se alguma coisa acontecer comigo enquanto ela estiver em meu corpo? Por exemplo, fazendo *snowboarding* ou saltando de paraquedas? O que acontece se eu me machucar?

— Isso jamais aconteceu aqui. Nossos clientes assinam contratos que os responsabilizam legalmente por qualquer problema. Pode acreditar em mim, todos os inquilinos querem seus depósitos de volta.

Ele me fazia sentir como se eu fosse um carro de aluguel. Um calafrio percorreu meu corpo, como se alguém esfregasse um cubo de gelo contra minha coluna. Aquilo me fez lembrar de Tyler, a única coisa que me mantinha naquela cadeira.

— E o que acontece com o chip? —perguntei.

— Ele é removido após seu terceiro contrato de aluguel. — Ele me entregou uma folha de papel. — Leia. Talvez isso faça com que você se sinta mais confortável.

Regras da Prime Destinations para Inquilinos

1. Não é permitido alterar a aparência de seu corpo de aluguel de maneira alguma, incluindo, mas não limitado a, piercings, tatuagens, cortes ou tintura de cabelos, lentes de contato cosméticas e quaisquer procedimentos cirúrgicos, incluindo implantes de silicone.
2. Não é permitido fazer qualquer mudança nas arcadas dentárias, incluindo obturações, remoções e incrustações de joias.
3. O inquilino deve permanecer dentro de um perímetro de 80 quilômetros ao redor da sede da Prime Destinations. A empresa fornece mapas da região.
4. Qualquer tentativa de acessar, modificar ou adulterar o neurochip resultará no cancelamento

imediatamente do contrato, sem direito a reembolso, e as multas contratuais serão aplicadas.

5. Se houver algum problema com o corpo de aluguel, retorne à Prime Destinations assim que for possível. Por favor, trate o corpo de aluguel com cuidado, lembrando-se sempre de que o corpo, na realidade, é uma pessoa jovem e viva.

Advertência: Todos os neurochips impedem que inquilinos se envolvam em atividades ilegais.

Aquelas regras não fizeram com que eu me sentisse melhor. Na verdade, me faziam pensar em outros problemas, coisas que nem mesmo havia considerado.

— E quanto a... outras coisas? — eu perguntei.

— Como o quê, por exemplo?

— Não sei. — Eu preferia que ele não me forçasse a falar sobre isso, mas era o que ele fazia. — Sexo?

— O que você quer saber a respeito?

— As regras não falam nada sobre isso — eu disse.

Tinha certeza de que não queria que minha primeira vez acontecesse enquanto eu não estivesse ali.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Nós deixamos isso muito claro para os inquilinos. É proibido.

Ah, sim, com certeza. Pelo menos a gravidez seria impossível. Todos sabiam que isso era um efeito colateral temporário das vacinações. Se tudo corresse bem.

Senti meu estômago se revirar. Afastei os cabelos que me cobriam os olhos e me levantei.

— Obrigada por sua atenção, Sr. Tinnenbaum. E pela demonstração.

Percebi que os lábios dele se retorceram. Ele tentou encobrir a expressão com um sorriso forçado.

— Se assinar conosco hoje, nós lhe daremos um bônus.

Ele retirou um formulário de sua gaveta e rabiscou alguma coisa no papel, deslizando-o em seguida por sobre a mesa em minha direção.

— O contrato é válido para três aluguéis. — Ele tampou a caneta.

Peguei o contrato. Todo aquele dinheiro seria suficiente para comprar uma casa para nós e comida suficiente para um ano. Voltei a me sentar e respirei fundo.

Ele estendeu a caneta. Eu a peguei.

— Três aluguéis? —perguntei.

— Sim. Você receberá o pagamento ao final do contrato.

O papel dançava sobre a mesa. Percebi que minha mão estava tremendo.

— É uma oferta bastante generosa — disse ele. — Isso inclui o bônus, caso você assine hoje.

Eu precisava daquele dinheiro. Tyler precisava.

Com a caneta nas mãos, o borbulhar da fonte começou a soar mais alto em minha cabeça. Olhava fixamente para o papel, mas via flashes do batom vermelho opaco, dos olhos do porteiro e dos dentes artificiais do sr. Tinnenbaum. Pressionei a caneta contra o papel, mas, antes de fazer qualquer marca, olhei para ele. Talvez eu quisesse uma última garantia de que tudo correria bem. Ele assentiu e sorriu. O terno que ele usava era perfeito, exceto por um fiapo branco na lapela. Tinha a forma de um ponto de interrogação.

A expectativa que ele sentia era quase palpável. Antes que percebesse, eu já havia colocado a caneta sobre a mesa.

Os olhos dele se estreitaram.

— Algum problema?

— Lembrei-me de uma coisa que minha mãe sempre dizia.

— E o que ela dizia?

— Que é importante analisar cuidadosamente uma decisão importante. Preciso pensar a respeito.

Os olhos dele assumiram uma expressão fria.

— Não posso garantir que a oferta será a mesma daqui a alguns dias.

— Acho que vou ter que assumir o risco. — Dobrei o contrato, coloquei-o no bolso e me levantei da cadeira. Forcei um leve sorriso.

— Você tem condições de fazer isso? — Ele se interpôs entre a porta de saída e minha cadeira.

— Provavelmente não. Mas preciso pensar na oferta. — Eu me levantei e o contornei, indo até a porta do escritório.

— Telefone se tiver alguma pergunta — ele disse, elevando um pouco a voz.

Passei rapidamente pela mesa da recepcionista, que parecia estar irritada por eu sair depois de tão pouco tempo. Ela me seguiu com os olhos enquanto apertava algo que eu imaginava ser um botão de emergência. Continuei avançando. O porteiro me olhou fixamente através da porta de vidro antes de abri-la.

— Já vai embora? — Aquela expressão vazia era quase cadavérica.

Acelerei ainda mais o passo, deixando-o para trás.

Quando saí do prédio, o ar fresco do outono atingiu meu rosto. Inspirei aquele ar conforme andava por entre a multidão de Enders que enchia a calçada. Acho que fui a única pessoa que recusou a oferta de Tinnenbaum, a única que não caiu naquela conversa de vendedor. Mas eu sabia que não devia confiar nos Enders.

Caminhei pelas ruas de Beverly Hills, balançando a cabeça, decepcionada, ao perceber os bolsões de riqueza que ainda restavam depois de mais de um ano do fim da guerra. Aqui, somente uma em cada três lojas estava abandonada. Roupas de grife, aparelhos eletrônicos e lojas de robôs, tudo feito para que os Enders ricos pudessem satisfazer sua sede pelo consumo. Era um bom lugar para procurar por coisas usadas. Se alguma coisa quebrasse, eles teriam que jogá-la fora, pois não havia ninguém capaz de consertá-la. Também era impossível conseguir peças de reposição.

Eu mantinha a cabeça baixa. Embora não estivesse fazendo nada de ilegal naquele momento, se algum inspetor me abordasse, eu não conseguiria mostrar qualquer documento que menores adotados tinham que carregar consigo.

Enquanto esperava um semáforo abrir, um caminhão parou à minha frente com um bando de Starters de cara amarrada, sujos e esfarrapados, sentados com as pernas cruzadas na carroceria, e uma pilha de pás e

picaretas no meio da carreta. Uma garota com a cabeça enfaixada olhou fixamente para mim, com olhos que pareciam mortos.

Vi uma ponta de inveja nela, como se achasse que minha vida fosse melhor que a sua. Quando o caminhão se afastou, a garota cruzou os braços, como se quisesse abraçar a si mesma. Mesmo que minha vida fosse ruim, a dela era pior. Devia haver uma forma de sair dessa situação insana. Alguma maneira que não envolvesse aquele banco de corpos assustador ou trabalho escravo legalizado.

Andei pelas ruas secundárias, evitando a área da Avenida Wilshire, um lugar que naturalmente atraía os inspetores. Dois Enders, empresários com sobretudos pretos, estavam vindo em minha direção. Desviei o olhar e enfiei as mãos nos bolsos. No bolso esquerdo estava o contrato. No direito, os chocolates embrulhados em papel.

Amargo e doce.

Os bairros foram perdendo sua beleza conforme me afastava de Beverly Hills. Eu desviava de pilhas de lixo que esperavam por caminhões de coleta que há muito tempo não passavam por aquela área. Olhei para cima e percebi que estava passando por um prédio coberto com uma lona vermelha. Contaminado. Os últimos mísseis de esporos caíram há mais de um ano, mas as equipes especializadas em materiais perigosos ainda não haviam conseguido descontaminar o local. Cobri meu nariz com a manga de meu blusão, como meu pai me ensinara, e apressei o passo.

A luz do dia estava diminuindo e eu conseguia andar com mais liberdade. Peguei minha lanterna de pulso e a afivelei às costas da mão esquerda, mas não a liguei. Havíamos quebrado as luzes dos postes destas ruas. Precisávamos da proteção das sombras para que as autoridades não conseguissem nos capturar com uma justificativa qualquer. Queriam muito nos trancafiar em alguma instituição. Eu nunca estivera dentro de uma dessas, mas ouvira falar muito a respeito. Uma das piores, a Instituição 37, ficava a apenas alguns quilômetros de onde eu morava. Ouvi quando outros Starters falavam a respeito.

Quando eu estava a duas quadras do prédio onde morava, a escuridão já era quase completa. Liguei minha lanterna. Um minuto depois, percebi as luzes de duas outras lanternas de pulso que se moviam do outro lado da rua, aproximando-se. Quem quer que estivesse com suas lanternas ligadas, eu esperava que fossem camaradas. Ainda assim, no mesmo momento, as duas luzes se apagaram.

Renegados.

Meu estômago se revirou e meu coração saltou para a garganta. Corri. Não tinha tempo para pensar. Meu instinto me levou em direção a meu prédio. Uma garota daquela dupla, alta e de pernas longas, com uma tatuagem no rosto, conseguiu encurtar a distância. Ela estava logo atrás de mim, estendendo as mãos para agarrar minha blusa.

Forcei minhas pernas a correr mais rápido. A porta lateral para o meu prédio estava a apenas meio quarteirão de distância, esperando por mim. Ela tentou novamente e, desta vez, conseguiu agarrar meu capuz.

Caí quando ela me puxou e senti meu corpo bater com força na calçada. Minhas costas doíam e minha cabeça parecia zumbir. Ela montou sobre mim como faria com um cavalo e começou a revistar meus bolsos. Seu amigo, um garoto mais novo, voltou a ligar sua lanterna de pulso e a apontou para meus olhos.

— Não tenho dinheiro. — Apertei os olhos, tentando afastar as mãos dela com tapas.

Ela atingiu as laterais de minha cabeça com as palmas abertas, acertando minhas orelhas com força. Um truque sujo das ruas, que fazia a cabeça da vítima retinir com a dor.

— Não tem dinheiro para mim? — disse ela. Aquelas palavras abafadas reverberavam dentro de minha cabeça. — Então, você acabou de se encrencar ainda mais.

Uma onda de adrenalina me deu forças para mover o braço e eu lhe acertei um soco direto no queixo. Ela quase perdeu o equilíbrio, mas conseguiu se endireitar antes que eu saísse de debaixo dela.

— Agora você vai morrer, neném.

Eu me contorcia e me agitava, mas ela me imobilizou com coxas que pareciam feitas de aço. Levantou o punho e colocou todo o peso do corpo naquele golpe. Movi a cabeça para o lado no último segundo e o punho dela atingiu o asfalto. Ela gritou.

Aquele grito me deu o impulso de que eu precisava para sair de debaixo dela enquanto a garota segurava o punho, tentando aplacar a dor. Meu coração estava pulando com tanta força que parecia querer sair de meu peito. O outro garoto se aproximou com uma pedra. Minha respiração saía em arfadas estranguladas enquanto eu me levantava.

Alguma coisa caiu de meu bolso. Todos pararam para olhar.

Uma das preciosas supertrufas.

— Comida! — gritou o amigo da garota, apontando a lanterna para o chão.

A garota rastejou em direção ao doce, protegendo a mão esmigalhada contra o peito. Seu amigo se jogou no chão e pegou a supertrufa. Ela agarrou a mão dele, arrancou um pedaço da trufa e o engoliu. Ele devorou o resto. Eu corri em direção à entrada lateral de meu prédio. Empurrei a porta de entrada, minha porta, e depois me agachei para passar por ela.

Comecei a rezar para que não entrassem em meu prédio. Minha sobrevivência dependia de eles sentirem medo de meus camaradas e de quaisquer armadilhas que eu houvesse instalado. Apontei minha lanterna para verificar a escada. Estava livre. Subi até o terceiro andar e espiei por uma janela suja. Na rua, os ladrões renegados se afastavam rapidamente, como ratos. A parte de trás de minha cabeça doía depois da queda no asfalto, mas eu havia conseguido voltar para casa sem cortes profundos ou ossos quebrados. Coloquei a mão sobre o peito e tentei respirar com mais tranquilidade.

Foquei minha atenção no interior do prédio e examinei os lugares habituais. Agucei os ouvidos para tentar escutar alguma coisa, mas eles ainda zuniam após a briga. Balancei a cabeça para tentar espantar aquele barulho.

Nenhum som novo. Nenhum habitante novo. Nenhum perigo. O escritório no fim do corredor me atraía como um farol, a promessa de um sono tranquilo. Nossa pilha de escrivatinhas formava uma barricada no canto, isolando uma parte da sala cavernosa e vazia e dando a ilusão de conforto. Provavelmente Tyler já estaria dormindo. Coloquei a mão nos bolsos e toquei as supertrufas que ainda restavam ali. Talvez fosse melhor lhe fazer uma surpresa pela manhã.

Mas eu não conseguia esperar.

— Ei, acorde. Eu trouxe uma coisa para você.

Quando dei a volta nas escrivatinhas, não havia nada. Nada de cobertores, nada de irmão. Nada. Os poucos pertences que tínhamos haviam desaparecido.

— Tyler? — eu chamei.

Senti um nó começando a se formar em minha garganta. Corri para a porta, mas, assim que cheguei ali, um rosto apareceu.

— Michael!

Michael balançou sua cabeleira loira.

— Callie.

Ele colocou a lanterna de pulso sob o queixo e fez uma careta de susto. Não conseguiu resistir e explodiu em uma gargalhada.

Se ele estava rindo, Tyler provavelmente estava bem. Eu lhe dei um empurrão.

— Onde está Tyler?

— Tive que levar as coisas de vocês para meu quarto. Uma goteira apareceu aqui. — Ele apontou sua lanterna para uma mancha escura no teto. — Espero que não haja problemas.

— Não sei. Depende de suas habilidades com decoração de interiores.

Segui em direção a uma sala do outro lado do corredor. Na parte de dentro, em dois cantos diferentes, as escrivaninhas formavam nichos acolhedores e protetores. Conforme me aproximei, vi que ele havia recriado o posicionamento exato de nossos pertences. Entrei no nicho que ficava no canto mais distante e vi que Tyler estava sentado contra a parede, com o cobertor sobre as pernas. Ele parecia pequeno demais para seus 7 anos. Talvez tenha sido o pensamento momentâneo de perdê-lo, ou o fato de que fiquei fora o dia inteiro, mas parecia que eu o estava vendo pela primeira vez depois de um bom tempo. Ele havia emagrecido desde que

começamos a morar nas ruas. Precisava de um corte de cabelo. Sombras escureciam seu rosto, logo abaixo dos olhos.

— Onde você estava, Cara de Macaco? — a voz de Tyler estava rouca.

Esforcei-me para afastar a expressão de preocupação.

— Estava na rua.

— Você ficou fora o dia inteiro.

— Mas você estava com Michael. — Eu me ajoelhei a seu lado. — E demorei um bom tempo para encontrar um presente especial para você.

Um leve sorriso se formou nos lábios dele.

— O que você me trouxe?

Tirei um dos copinhos de papel do bolso e desembrulhei o chocolate enriquecido com vitaminas. Era do tamanho de um biscoito. Os olhos dele se arregalaram.

— Uma supertrufa? — ele olhou para Michael, que estava ao meu lado. — Uau!

— Trouxe duas — eu disse, mostrando a outra. — As duas são para você.

Ele balançou a cabeça.

— Fique com uma.

— Você precisa das vitaminas — eu disse.

— Você já comeu hoje? — perguntou ele.

Eu olhei para ele. Será que conseguiria mentir sem que ele percebesse? Não, ele me conhecia muito bem.

— Vocês podem dividir a outra — disse Tyler.

Michael deu de ombros e seu cabelo caiu por sobre um dos olhos, naquela maneira bela e tranquila que o definia.

— Não dá para discutir desse jeito.

Tyler sorriu e segurou minha mão.

— Obrigado, Callie.



Nós comemos as supertrufas, sentados ao redor de uma escrivaninha posicionada no meio da sala. Ela servia como nossa mesa de jantar, com a lanterna de pulso de Michael no meio, regulada para funcionar como uma vela. Cortamos os chocolates em pedaços pequenos e começamos a brincar, dizendo que a primeira mordida era o aperitivo, a segunda era o prato

principal e a terceira era a sobremesa. Era como morder um pedaço do céu, aqueles chocolates doces e grossos, uma mistura de brownie e brigadeiro, um sabor forte e pungente em nossas línguas. Eles desapareceram logo.

Tyler pareceu se animar depois de comer. Cantou uma canção para si mesmo enquanto Michael apoiava o queixo sobre uma mão e olhava para mim, do outro lado da mesa. Eu sabia que ele estava ansioso para perguntar sobre o banco de corpos. E talvez sobre outras coisas. Vi os olhos dele passando por meus novos cortes e arranhões.

— As trufas me deixaram com sede — eu disse.

— A mim também — disse Tyler.

Michael se levantou.

— Acho que é melhor encher as garrafas d'água.

Ele pegou nossas garrafas, que ficavam penduradas por correias atrás da porta, junto com o balde que usávamos para nos lavar. Em seguida, saiu.

Tyler pousou a cabeça sobre o tampo da escrivaninha. A animação pelos chocolates estava cobrando seu preço. Acariciei seus cabelos delicados e seu pescoço. O blusão havia lhe caído por cima de um dos ombros, expondo a cicatriz da vacina. Deslizei meu dedo sobre ela, grata pela presença daquela pequena marca. Se não fosse por ela, estaríamos todos mortos, como nossos pais. Como todas as pessoas que tinham entre 20 e 60 anos. Nós, assim como os Enders idosos, éramos os mais

vulneráveis, então fomos os primeiros a receber as vacinas contra os esporos genocidas. Agora, éramos os únicos que restavam. Não era irônico?

Depois de alguns minutos, Michael voltou com as garrafas d'água cheias. Fui até o banheiro onde ele havia deixado o balde. Na primeira semana após chegarmos ao prédio, ainda havia água corrente. Eu suspirei. As coisas eram muito mais fáceis antes de termos que roubar água dos canos externos quando ninguém estava olhando.

A água fria era refrescante, apesar de estarmos em novembro e de o prédio não contar com aquecimento central. Joguei água sobre os cortes em meus braços e rosto.

Quando voltei para o quarto, Tyler estava acomodado em nosso canto. Michael estava deitado sob o pequeno forte de escrivatinhas, idêntico ao nosso, do outro lado do quarto. Se alguém conseguisse entrar, um de nós seria capaz de acertar o intruso pelas costas. Michael tinha um cano de metal. Eu tinha um miniZip Taser^[1] que pertencera a meu pai. Não era tão forte quanto o Zip Taser de um inspetor, mas eu confiava naquela arma. Era triste perceber como aquele objeto me trazia uma sensação de conforto.

Sentei-me sobre meu saco de dormir e tirei os sapatos. Tirei também meu blusão e entrei no saco de dormir, como se estivesse me preparando para cair no sono. Acrescentei pijamas à lista de coisas de que sentia falta. Feitos de flanela, ainda quentes após saírem da secadora de roupas. Eu estava cansada de sempre estar vestida, pronta para fugir ou lutar. Queria muito ter pijamas felpudos e a oportunidade de dormir profundamente, esquecendo do resto do mundo.

— Michael trouxe nossas coisas para cá — disse Tyler, apontando sua lanterna de pulso para nossos livros e tesouros sobre as escrivaninhas que nos cercavam.

— Eu sei. Foi muito gentil ele fazer isso.

Ele apontou a lanterna para um cachorro de brinquedo.

— Assim como era antes.

No começo, pensei que ele se referia à vida em nossa antiga casa, mas percebi que estava falando do dia anterior. Michael fizera questão de organizar nossos pertences exatamente como estavam na outra sala. Ele sabia o quanto eles eram preciosos para nós.

Tyler abriu nosso holoálbum. Ele fazia isso em algumas noites, quando se sentia particularmente triste. Ele o segurava em sua palma e avançava por entre os holos — nossa família na praia, nós dois brincando na areia, nosso pai praticando tiro ao alvo, o casamento de nossos pais. Meu irmão parou no mesmo lugar em que sempre se detinha — uma imagem de nossos pais em um cruzeiro, capturada há três anos, pouco tempo antes de as batalhas começarem no Oceano Pacífico. Era sempre difícil ter que ouvir o som das vozes deles:

— Estamos com saudades, Tyler. Amamos você, Callie. Cuide bem de seu irmão.

No primeiro mês, eu chorava sempre que ouvia essas vozes. Em seguida, parei. Elas pareciam vazias agora, como se viessem de atores sem nome.

Tyler nunca chorava. Ele continuava a absorver aquelas palavras, incansavelmente. Isso era a mamãe e o papai para ele.

— Já chega. Hora de dormir — eu disse, estendendo a mão para desligar o álbum.

— Não. Eu quero lembrar — seu olhar me implorava.

— Está com medo de esquecer?

— Talvez.

Toquei a lanterna que estava amarrada a seu pulso.

— Você lembra quem inventou isso?

Tyler concordou com um aceno de cabeça, estendendo o lábio inferior.

— O papai.

— Isso mesmo. Com a ajuda de outros cientistas. Assim, sempre que vir essa luz acesa, pense que é o papai que está cuidando de você.

— Você faz isso?

— Todos os dias — eu disse, acariciando sua cabeça. — Não se preocupe. Prometo que nunca vamos nos esquecer deles. Nunca.

Para substituir o holoálbum, entreguei a Tyler seu brinquedo favorito, o único que ele tinha agora, um pequeno cão-robô. Tyler o aninhou em seu braço e o brinquedo entrou no modo de operação noturno, deitando-se como se fosse um cachorro de verdade. Exceto pelos olhos verdes brilhantes.

Coloquei o holoálbum de volta à escrivaninha acima de nós. Tyler tossiu. Puxei a capa de seu saco de dormir para lhe cobrir o pescoço. Toda vez que ele tossia, eu tinha que me esforçar para não ouvir a voz do médico ecoando em minha mente: “Doença pulmonar rara... talvez possa ser curada, talvez não”. Observei o peito de Tyler subir e descer e ouvi a respiração mais profunda do sono tomar conta dele. Após alguns momentos, saí do saco de dormir e olhei por entre as mesas.

A lanterna de pulso de Michael brilhava contra a parede. Joguei meu blusão por cima dos ombros e me aproximei.

— Michael? — sussurrei.

— Pode vir — ele disse, em voz baixa.

Entreí na pequena fortaleza que ele construía. Eu gostava de estar ali, cercada pelos desenhos que ele fazia com lápis e carvão, seus apetrechos artísticos preenchendo cada nicho e espaço. Ele desenhava cenas da cidade, interpretando nossa paisagem de prédios vazios, camaradas e renegados, completos com lanternas de pulso, várias camadas de roupas desgastadas e

esfarrapadas e garrafas d'água amarradas a tiras de plástico, jogadas por sobre os corpos magros.

Ele fechou o livro que estava lendo e se sentou com as costas contra a parede, fazendo um gesto para que eu me sentasse a seu lado sobre o cobertor do exército.

— E então, o que aconteceu com seu rosto?

Toquei minha bochecha. Ela ardia.

— Está muito feio?

— Tyler não percebeu.

— Só porque está muito escuro aqui.

Eu me sentei em frente a ele, com as pernas cruzadas.

— Renegados?

Confirmei com a cabeça.

— Sim. Mas estou bem.

— Como era o lugar?

— Esquisito.

Ele ficou em silêncio por um momento. Sua cabeça pendia.

— O que foi? — perguntei.

Michael levantou a cabeça.

— Eu estava preocupado. Achei que você não voltaria mais.

— Eu prometi que voltaria, não foi?

Ele assentiu.

— Sim, mas eu estava pensando... e se você não conseguisse voltar?

Eu não tinha uma resposta para aquela pergunta. Ficamos sentados por um momento até que ele finalmente quebrou o silêncio.

— E então, o que você achou sobre a proposta?

— Você sabia que eles inserem um neurochip aqui? — Apontei para a parte de trás de minha cabeça.

— Onde? Deixe-me ver — disse ele, tocando meu cabelo.

— Eu já disse, fui lá só para conhecer o lugar.

Percebi a preocupação que ele tinha no rosto, o olhar suave e gentil com o qual ele me encarava. É engraçado, eu nunca havia reparado muito

nele quando morávamos na mesma rua. É estranho pensar que a Guerra dos Esporos é que tinha nos aproximado.

Enfiei as mãos nos bolsos e senti alguma coisa. Uma folha de papel. Eu a puxei para fora.

— O que é isso? — perguntou ele.

— O homem no banco de corpos me entregou esse papel. É o contrato.

Michael se inclinou em minha direção.

— Esse valor é o quanto eles vão pagar? — Ele arrancou o contrato de minhas mãos.

— Devolva isso.

Ele leu o contrato.

— “... três conexões.”

— Não vou assinar.

— É melhor assim — disse ele, ficando em silêncio logo depois. — Mas por quê? Eu a conheço, Callie. Você não está com medo.

— Eles nunca vão pagar todo esse dinheiro. É impossível. Foi o que me fez perceber que era hora de sair de lá.

— Como eles conseguem burlar a lei? Não podem contratar Starters.

Dei de ombros.

— Deve haver alguma brecha.

— É algo que passa despercebido. Ninguém vê qualquer propaganda ou anúncio dessa empresa.

Ele tinha razão.

— Só fiquei sabendo a respeito deles quando o cara que morava no primeiro andar me falou.

— Provavelmente ele ganha dinheiro para cada Starter que consegue levar até lá.

— Ele não vai ganhar nenhum dinheiro comigo — eu disse. Deitei de lado, apoiando a cabeça sobre a mão. — Não confio naquele lugar.

— Você deve estar cansada. Foi uma longa caminhada.

— Cansada é pouco.

— Amanhã nós vamos até a doca de carregamento para tentar conseguir algumas frutas.

As palavras dele pareciam se esmaecer no ar e eu sentia meus olhos ficando pesados. Em seguida, abri os olhos e ele estava sorrindo para mim.

— Cal... vá dormir — disse ele, gentilmente.

Concordei. Enfiei novamente o contrato no bolso e voltei para perto de Tyler. Senti meu corpo derreter quando entrei no saco de dormir.

Ajustei minha lanterna para o modo noturno. Ela começou a brilhar com uma luz suave.

O inverno no sul da Califórnia não era brutal, mas o tempo ia ficar bastante frio para Tyler. Eu precisava levá-lo para algum lugar aquecido, uma casa de verdade. Mas como? Essa era minha preocupação ritual de todas as noites. Esperava que o banco de corpos fosse a resposta, mas não. Enquanto eu caía no sono, minha lanterna de pulso se apagou.



Meu sono foi interrompido pelo ruído dos detectores de fumaça. Um cheiro forte tomava minhas narinas. Senti que Tyler, a meu lado, estava se levantando e tossindo.

— Michael? — chamei.

— Fogo! — ele gritou, do outro lado da sala.

Minha lanterna de pulso mostrava que eram 5 horas da manhã. Tateei ao redor para encontrar minha garrafa d'água e a abri. Abri uma gaveta

acima de mim e retirei uma camiseta, encharcando-a com água.

— Segure isso sobre o nariz — eu disse a Tyler.

A luz da lanterna de pulso de Michael brilhou no meio da fumaça.

— Vamos embora! — gritou ele.

Segurei no braço de meu irmão com firmeza. Nossas lanternas penetravam parcialmente na cortina de fumaça enquanto nos agachávamos e andávamos em direção à porta.

Michael colocou a mão em minhas costas, guiando-me em direção à escada. A fumaça cobria toda a escadaria. Pareceu demorar uma eternidade, mas conseguimos chegar ao térreo. Minhas pernas estavam bambas quando conseguimos sair.

Nós nos afastamos do prédio, preocupados com as chamas e com a possibilidade de que pedaços da estrutura caíssem sobre nós. Na escuridão do começo da manhã, vimos outros camaradas se aproximando. Dois deles eram conhecidos, e havia outros três que deviam estar nos andares mais baixos.

Eles estavam olhando para o prédio, em choque. Eu me virei para olhar.

— Onde estão as chamas? — perguntei.

— Onde está o fogo? — disse Michael.

— Estão todos aqui? — gritou um homem.

— Sim.

Vi um Ender, talvez com 100 anos de idade, se aproximando. Ele usava um terno bastante elegante.

— Têm certeza? — O Ender olhava para os camaradas, que acenavam afirmativamente com a cabeça. — Ótimo.

O homem levantou a mão e três outros Enders que usavam uniformes e equipamentos para trabalho na construção civil se aproximaram. Um deles arrancou a fita que cobria a tranca na porta lateral. Outro usou uma ferramenta para afixar um aviso. O homem de terno nos deu uma cópia do aviso.

Michael leu o papel.

— Entrada proibida por ordem do novo proprietário.

— Eles usaram a fumaça para nos tirar de lá — disse um dos camaradas.

— Vocês devem deixar a área agora — falou o homem de terno. Seu tom de voz era calmo, mas cheio de autoritarismo. Quando ninguém se moveu, ele acrescentou: — Vocês têm um minuto para cumprir a ordem.

— Mas nossas coisas... — eu comecei a andar em direção ao prédio.

— Não posso permitir que vocês voltem lá. Isso invalidaria nossa apólice de seguro — disse o homem de terno.

— Vocês não podem ficar com nossas coisas — disse Michael.

— Invadir e se instalar em um imóvel que não lhe pertence é crime — disse o Ender. — Estou avisando para seu próprio bem. Trinta segundos.

Senti um aperto no coração.

— Tudo o que temos está lá dentro. Se não podemos entrar, por favor, tragam nossas coisas para fora.

Ele balançou a cabeça.

— Não há tempo. Vocês têm que ir embora. Os inspetores estão a caminho.

Isso fez com que os outros camaradas começassem a correr. Coloquei um braço ao redor de Tyler e me virei para ir embora, mas alguma coisa fez com que eu parasse. O homem de terno já havia virado as costas para nós, mas um dos trabalhadores nos viu e fez um sinal para ele. O homem se virou.

— Por favor. Nossos pais morreram. — Meus olhos ardiam com as lágrimas. — As últimas fotografias que temos deles estão dentro daquele

prédio. Terceiro andar, no fim do corredor. Será que alguém poderia apenas nos trazer o holoálbum? Mesmo se tiverem que jogá-lo pela janela?

Ele ficou imóvel por um momento, como se estivesse considerando o pedido.

— Gostaria de poder fazer isso, mas é impossível. Lamento.

Ele nos deu as costas novamente. Nunca me senti tão vazia por dentro. Era inútil tentar argumentar com ele. Mais de 100 anos nos separavam; ele nunca conseguiria entender todo o sofrimento pelo qual havíamos passado.

— Callie, está tudo bem — disse Tyler, puxando minha mão. — Podemos nos lembrar deles sem as imagens. Nós não vamos esquecer.

Sirenes começaram a soar.

— São os inspetores — disse Michael. — Corram!

Não tínhamos escolha. Corremos por entre a escuridão do início da manhã, deixando para trás os últimos elos físicos que tínhamos com nossa família e com a vida que tivéramos juntos havia pouco mais de um ano.

CAPÍTULO 2

Corremos pela rua, fugindo das sirenes dos inspetores. Olhei para trás apenas por um instante, o suficiente para ver os cabelos prateados e uniformes em tom cinza-chumbo correndo para fora da viatura. Michael pegou Tyler nos braços e nós corremos o mais rápido que podíamos. Após algumas curvas, nos agachamos embaixo de uma passarela entre nosso prédio antigo e outro prédio de escritórios abandonado.

Ouvimos os inspetores nos perseguindo, mas já estávamos longe da passarela antes que eles chegassem à entrada, evitando que percebessem qual foi o caminho que tomamos. Eles tinham armas e mais de 100 anos de experiência, mas nós tínhamos pernas jovens.

Conseguimos nos esconder em meio aos arbustos no terreno que havia entre os prédios. Eles estavam ressecados e tinham espinhos, mas ainda serviam para nos ocultar em meio à escuridão daquela hora. Foi bom ter andado pelas redondezas para descobrir os possíveis esconderijos quando nos mudamos para cá. Afastei os galhos, enquanto Michael colocava Tyler no chão, e nós nos amontoamos ali, entre as moitas.

Os inspetores saíram da passarela. Eu os observei por um buraco que havia entre os arbustos, examinando seus movimentos. Um deles foi para a esquerda. O outro veio em nossa direção.

Ouvi um som que vinha da garganta de Tyler, um arfar que sempre precedia uma tossida. Senti os pelos do meu braço se arrepiarem. Michael cobriu a boca de Tyler com a mão.

O inspetor estava se aproximando. Será que percebera que estávamos ali? Ele se agachou e chegou mais perto, com a arma em punho. As batidas do meu coração ecoavam em meus ouvidos. Agarrei a camisa de Michael com força e pressionei minha bochecha contra seu ombro.

A mão do inspetor tateou por entre as folhas que estavam diante do meu rosto. Ele estava tão próximo que eu conseguia sentir o cheiro oleoso das luvas que ele vestia. Prendi a respiração.

— Ele está aqui! — chamou a voz do outro inspetor.

Logo depois, o som que causou arrepios em nossas espinhas. Um estalido eletrônico, seguido por um arco elétrico, ecoou em meio ao frio da noite.

Zip Taser.

Gritos agonizantes soaram após o estalido. Eles nos abalaram profundamente, fazendo com que nossos dentes doessem e causando a mesma dor em nossas almas. As folhas do arbusto se agitaram quando nosso inspetor se afastou correndo.

Encostei meu rosto no buraco nos arbustos para ver. Um garoto estava deitado no chão, com o rosto virado para baixo. Seus gritos estavam se transformando em gemidos.

Um dos inspetores o prendeu com algemas automáticas e o forçou a se virar. Eu o reconheci. Era um dos que vieram morar em nosso prédio há

pouco tempo. A lateral de seu pescoço estava enegrecida, queimada pelo disparo do Zip Taser. Isso sempre acontecia quando a arma era disparada muito perto da vítima, ou se estivesse ajustada para disparar a carga máxima. Eles faziam isso de propósito, para nos marcar.

Ele começou a gritar enquanto amarraram uma correia ao redor de seus pulsos e do peito, implorando-lhes que o deixassem ir embora. Os inspetores ignoraram os apelos do garoto, inclinando-o para a frente e segurando a correia sobre os ombros para arrastá-lo enquanto se afastavam do lugar. Os calcanhares do garoto arranhavam o chão, e cada irregularidade no pavimento era pontuada por um grito.

Era como se houvessem capturado um animal.

Eles eram covardes. Faziam aquelas invasões na calada da noite, longe da vista de qualquer Ender mais gentil que pudesse tentar intervir.

Em meio à segurança de nossa cobertura de folhas, nós nos abraçamos com força. Isso ajudou a manter Tyler aquecido, impediu que ele tossisse e impediu que qualquer um de nós emitisse o menor som. Cada grito nos fazia gemer. Se tivéssemos apenas mais alguns camaradas, poderíamos ter atacado os inspetores pelas costas, mordendo, socando, arranhando, até que o garoto conseguisse fugir.

Os gritos começaram a soar mais baixos e mais distantes conforme eles percorreram a passarela. Em seguida, ouvimos a viatura dando a partida. Eles estavam saindo dali, satisfeitos com uma captura. Haviam enjaulado

sua presa e aquilo era suficiente para preencher sua cota diária. Mas retornariam amanhã.

Tyler finalmente tossiu, o que levou a mais um acesso de arfadas e tosse. Nós nos arrastamos para fora dos arbustos para tirá-lo de perto daquele chão molhado. Michael tirou seu blusão e o colocou ao redor de Tyler, para que ele tivesse uma segunda camada de roupas sobre o corpo. Eles ficaram abraçados atrás de um canteiro de concreto enquanto eu andava de um lado para o outro.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Michael. — Perdemos nossos sacos de dormir.

— E meu Zip Taser. — Engoli em seco, lembrando-me das armas dos inspetores. — E também nossas garrafas de água. E todas as coisas que conseguimos guardar, encontrar ou construir.

Minhas palavras ecoaram no ar frio da noite. A sensação de perda era definitiva e esmagadora. Em seguida, Tyler deu sua contribuição.

— Meu cão-robô — disse ele.

Seu lábio inferior se projetou para a frente, mas tremeu conforme ele lutou para não chorar. Não era simplesmente um brinquedo, ou o único — fora o último brinquedo que ele ganhara de nossa mãe. Se eu fosse uma pessoa melhor, talvez confessasse que entendia, que estava devastada por perder as fotografias e vídeos que mostravam nossos pais. Eram gatilhos de memória, agora desaparecidos. Nossas antigas vidas, aquelas que tivéramos

há pouco mais de um ano, haviam se tornado apenas histórias, histórias sem qualquer comprovação. O último elo fora quebrado.

Mas eu mantive tudo aquilo dentro de mim. Ceder à emoção não era uma opção.

— O que vamos fazer? — perguntou Tyler. — Para onde vamos agora?

Ele estava sofrendo outro acesso de tosse seca.

— Não podemos ficar por aqui — eu disse em voz baixa. — Eles vão voltar amanhã e vão trazer mais gente, agora que conseguiram capturar um de nós.

— Conheço outro prédio. Não fica longe. A uns vinte minutos daqui — disse Michael.

Outro prédio. Outro piso frio e duro. Outro lugar temporário para nos escondermos. Senti que alguma dentro de mim se quebrava.

— Desenhe um mapa — eu disse, colocando a mão dentro do bolso de meu blusão e retirando o contrato. Rasguei um pedaço do papel.

— Por quê? — perguntou ele.

— Vou encontrar vocês mais tarde.

Entreguei o papel a Michael e ele começou a desenhar.

— Para onde você vai? — perguntou Tyler, com a voz rouca.

— Vou ficar fora por um dia ou dois. — Eu olhei para Michael. — Sei onde posso conseguir algum dinheiro.

Michael parou de desenhar e levantou os olhos. Seu olhar se cruzou com o meu.

— Cal. Você tem certeza?

Olhei para o rosto cansado de Tyler, sua face esquelética, seus olhos inchados. A fumaça havia piorado os sintomas. Se ele piorasse ainda mais e não sobrevivesse, eu nunca me perdoaria.

— Não. Mas mesmo assim vou tentar.



Quando entrei em Beverly Hills, eram 8h45. As lojas ainda estavam fechadas. Cruzei com alguns Enders que usavam joias espalhafatosas e maquiagem em excesso. A medicina moderna podia facilmente estender a expectativa de vida dos Enders até 200 anos, mas não conseguia ensiná-los qualquer noção sobre moda ou senso estético. Os Enders gordos abriam a porta de um restaurante e o aroma de ovos e bacon fritos aticou meu nariz. Meu estômago roncava.

Aqueles Enders ricos agiam como se tivessem se esquecido de que uma guerra acontecera. Queria segurá-los pelos braços, sacudi-los com força e perguntar: “Vocês não se lembram? Não se lembram de que

ninguém estava conseguindo vencer as batalhas do Anel do Pacífico e foi por isso que eles lançaram os mísseis de esporos contra nós? Não se lembram de que usamos as armas de pulso eletromagnético para destruir os computadores dos inimigos, seus aviões e seus mercados de ações?”.

Foi uma guerra, gente. Ninguém venceu. Nem nós, nem os países do Anel do Pacífico. Em menos de um ano, a face da América mudara para algumas gotas de Starters como eu em meio a um oceano de Enders de cabelos prateados — ricos, bem alimentados e despreocupados.

Nem todos eram ricos, mas nenhum deles era pobre como nós, porque não tínhamos permissão para trabalhar ou votar. Aquela política mesquinha e insidiosa já existia antes da guerra, com a população que envelhecia, mas se tornara um problema ainda mais grave no período pós-guerra. Balancei a cabeça. Detestava pensar na guerra.

Passei em frente a uma pizzaria. Fechada. O holograma na janela parecia extremamente real, inclusive com o queijo borbulhante. As lufadas de aroma falso eram uma tentação. Eu me lembrava do gosto, do queijo quente e pegajoso, do sabor pungente do molho de tomate. Viver nas ruas durante o último ano significava que eu estava sempre com fome. Mas uma das coisas de que eu mais sentia falta era comida quente.

Quando cheguei à Prime Destinations, hesitei. O prédio tinha cinco andares, era isolado de outros prédios nas proximidades e coberto por vidraças espelhadas. Olhei para meu reflexo nelas. Roupas esfarrapadas, rosto sujo. Cabelos compridos e embaraçados como cordas. Será que eu ainda estava ali, em algum lugar, debaixo daquela imagem?

Meu reflexo desapareceu quando o guarda abriu a porta.

— Bem-vinda de volta — disse ele, com um sorriso torto.

Enquanto eu esperava por Tinnenbaum no balcão da recepção, percebi dois homens discutindo acaloradamente em uma sala de conferências que ficava em uma das laterais do saguão. Um deles, de frente para a porta aberta, era Tinnenbaum. Eu via apenas as costas do outro homem. Ele era mais alto e vestia um casaco elegante de lã preta. Apenas uma pequena porção de seus cabelos prateados aparecia por baixo do chapéu que ele usava. Ele bateu suas luvas em uma mão várias vezes e, em seguida, bateu com elas sobre o tampo da mesa, fazendo com que Tinnenbaum se sobressaltasse.

Tinnenbaum se moveu para a esquerda, saindo de meu campo de visão. O homem alto olhava com uma expressão irritada para uma caixa de vidro que continha equipamentos eletrônicos. Não consegui identificar o rosto dele no reflexo, mas tive a sensação de que ele estava me observando, como se, de algum modo, pudesse me olhar sem que eu percebesse. Os cabelos em minha nuca se eriçaram. Ele parecia estar me analisando.

Por quê?

Naquele momento, Tinnenbaum saiu da sala sozinho, fechando a porta atrás de si. Ele veio me cumprimentar com aquele sorriso perturbador, sua marca registrada.

— Callie. Eu tinha esperança de que voltaríamos a conversar. — Ele apertou minha mão. — Lamento por fazê-la esperar, mas estava com meu chefe — disse ele, indicando a sala de conferências com um movimento de cabeça.

— Tudo bem. Ele deve ser alguém importante.

— Pode-se dizer que ele é a personificação da Prime Destinations — disse Tinnenbaum, abrindo os braços. — É como se toda a empresa fosse filha dele.

Eu o acompanhei até o escritório e me sentei em frente à sua escrivaninha enquanto ele tocava sua aerotela. À minha direita havia um espelho emoldurado. Provavelmente, um espelho falso escondendo uma janela de observação, eu imaginei.

— Quem nos indicou a você? — perguntou ele.

— Dennis Lynch.

— E onde você o conheceu?

— Estudávamos na mesma sala. Antes da guerra. — Tinnenbaum continuava me olhando fixamente, como se eu devesse dizer mais alguma coisa. — Depois que a guerra acabou, eu o encontrei na rua. E ele me falou sobre este lugar.

Eu não queria admitir que encontrara Dennis enquanto morava em um prédio abandonado. Tinnenbaum sabia que eu era uma sem-teto, mas não me atreveria a admitir aquilo.

Ele pareceu ficar satisfeito com a explicação.

— E quais são os esportes que você pratica?

— Arco e flecha, esgrima, natação. Também sei atirar com rifles.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Rifles?

— Meu pai sabia usar armas de fogo. Estava na divisão científica do exército. Ele me ensinou a atirar.

— Ele faleceu, eu presumo.

— Sim. Minha mãe também.

Ele olhou para minhas roupas.

— Presumo também que você não tenha outros parentes vivos.

É claro que não tenho, seu imbecil. Você acha que eu estaria morando na rua se tivesse avós?

— Sim, é verdade.

Ele assentiu e bateu a mão na mesa.

— Bem, vamos verificar se você é tão boa quanto parece.

Eu não me mexi.

— A menos que você tenha alguma pergunta?

Eu tinha que perguntar.

— Como vou saber que não serei capturada? Por estar trabalhando?

Ele sorriu.

— Veja bem, não estamos contratando-a para trabalhar. Você estará doando seus serviços, não trabalhando. Não pode trabalhar conosco enquanto estiver dormindo — disse ele, rindo. — Assim, você receberá a quantia generosa que nós lhe daremos como honorários, não como salário. Ele empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Não se preocupe. Essa é uma situação com benefícios mútuos. Precisamos de você tanto quanto você precisa de nós. Agora, vamos ver o que você é capaz de fazer.



O sr. Tinnenbaum me apresentou a uma Ender chamada Doris, que foi designada para ser minha mentora pessoal. Ela tinha o cabelo prateado típico dos Enders, mas o corpo de uma bailarina. Vestia-se de acordo com a

moda habitual dos Enders, roupas em estilo retrô com toques modernos. O traje que usava tinha um corte clássico da década de 1940, mas um cinto de couro ousado contornava sua cintura minúscula. Sem dúvida, resultado de uma cirurgia de remoção de costelas. Ela me levou até o ginásio e testou minhas habilidades com esgrima e arco e flecha, além de medir minha força, resistência e desempenho em exercícios de ginástica. Eles não iam simplesmente acreditar em minha palavra, caso alguma Ender aparecesse com o desejo de vencer uma competição de esgrima.

A única coisa que faltava era o tiro ao alvo. Eles não estavam equipados para testar esse tipo de habilidade e, por isso, tivemos que ir até uma área de tiro. Tinnenbaum e eu embarcamos na traseira de uma limusine e o veículo rodou por vinte minutos. Preso naquele espaço confinado, ele tossiu e franziu o nariz e, em seguida, cobriu-o com seu lenço. Tenho certeza de que foi por causa de minha fragrância das ruas. Aquilo nos deixava quites, porque eu não conseguia suportar o cheiro artificial da colônia que ele usava. Ele nem mesmo olhava para mim, preferindo ler sua miniaerotela durante todo o trajeto.

Mas consegui atrair a atenção de Tinnenbaum quando estávamos na área de tiro e o diretor do lugar colocou um rifle nas minhas mãos. Aquele movimento me empurrou para trás e me fez voltar três anos no tempo, quando eu tinha 13 anos. Quando meu pai fizera a mesma coisa.

Na época eu tinha protestado, dizendo que o rifle era grande e pesado demais para mim. Não queria admitir que estava com medo e que preferia passar o tempo com ele pescando ou caminhando pelas montanhas.

— Menina Cal, escute com atenção — dissera meu pai. Sempre que usava aquele apelido especial enquanto falava comigo de maneira séria, ele conseguia minha atenção. — Há uma guerra acontecendo — continuou ele. — Você precisa aprender a se defender. Defender a si mesma e Tyler.

— Mas a guerra não é aqui, papai — eu dizia.

Naquela época, a guerra acontecia predominantemente no Oceano Pacífico. Mesmo assim, a resposta de meu pai deixou claro que ele sabia o que aconteceria.

— Ainda não, Menina Cal — disse ele. — Mas ela vai chegar.

Dois anos depois, a Guerra dos Esporos transformaria todos nós.

Enquanto Tinnenbaum observava com um olhar cético, eu me endireitei e trouxe o rifle até a posição correta. Fechei um olho e usei o outro para alinhar a mira digital com o alvo, a silhueta de um homem. Em seguida, fechei os dois olhos e rapidamente os abri. A arma ainda apontava para o mesmo ponto. Inspirei o ar e puxei o gatilho.

A bala perfurou o círculo vermelho no meio da testa. O diretor da área de tiro não disse nada. Apenas fez um movimento com a cabeça para que eu atirasse novamente. Minha próxima bala passou pelo buraco que a primeira deixara. Tinnenbaum estava completamente imóvel, olhando fixamente para o alvo como se aquilo fosse simplesmente um truque. Outros atiradores, todos eles Enders, pararam de praticar para me observar enquanto eu alvejava o mesmo alvo, a cada disparo.

Continuamos o teste com uma variedade de armas, e eu também consegui impressioná-los com o grande número de armas de fogo que sabia usar. Obrigada, papai.

No caminho de volta, Tinnenbaum já não torcia tanto o nariz. Ele ajustou a base da sua miniaerotela para que eu pudesse lê-la. Meu contrato estava ali.

Pulei os detalhes até a parte que me interessava: os três aluguéis e o pagamento. O dinheiro seria o bastante para alugar um apartamento por dois anos. E subornar um adulto para que assinasse o contrato por nós.

— O valor ainda é o mesmo que estava no contrato antes dos testes.

— Sim.

— Minhas habilidades não deveriam elevar o valor dos honorários? — eu disse. Por que não arriscar a sorte?

O sorriso de Tinnenbaum desapareceu.

— Você sabe negociar bem. Para uma jovem. — Ele suspirou e digitou valores mais altos. — O que acha dessa proposta?

Lembrei-me de algo que meu pai me ensinara a perguntar.

— Quais são os riscos? O que pode dar errado? — eu disse.

— Todos os procedimentos envolvem certos riscos. Entretanto, nós tomamos todas as precauções para proteger nosso patrimônio.

— Ou seja, eu.

Ele concordou com um movimento de cabeça.

— Em doze meses de operação, não tivemos qualquer problema.

Não era muito tempo. Mas eu precisava mais do dinheiro do que de uma resposta melhor. O que meu pai diria se soubesse o que eu estava fazendo? Afastei aqueles pensamentos de minha mente.

— A parte mais difícil já acabou — disse Tinnenbaum. — O resto é tão fácil quanto deitar para dormir.

Meu irmão poderia ficar em um lugar aquecido todas as noites. Em uma casa de verdade. E nós conseguiríamos o lugar depois de apenas três aluguéis. Toquei a aerotela e minha impressão digital apareceu no contrato, fechando o negócio. Tinnenbaum olhou pela janela da limusine, tentando assumir um ar casual. Mas percebi que sua perna estava agitada, com um tique nervoso incontrolável.

Quando voltamos ao banco de corpos, eu comecei a me perguntar se o sr. Tinnenbaum me apresentaria ao homem alto que estava ali anteriormente. Mas não o vimos novamente. Em vez disso, Tinnenbaum me entregou a Doris.

— Espere até ver o que Doris tem para você.

Ele sorriu e depois desapareceu pelo corredor.

— É hora de começar sua renovação — disse Doris, fazendo um volteio com o pulso, como se fosse a minha fada-madrinha.

— Renovação?

Doris me olhou de cima a baixo. Minha mão instintivamente tocou as pontas de meus cabelos desgrenhados, como se quisesse impedir que ela os cortasse.

— Você não está achando que vamos apresentá-la desse jeito, não é?

Puxei a manga do blusão por cima da mão e esfreguei meu rosto. Ela estendeu a mão para tocar meu braço.

— Você é uma garota de sorte. Vamos lhe dar uma renovação completa, da cabeça aos pés.

Ela examinou minha mão. Suas unhas brilhavam com um esmalte iridescente que me fez lembrar do interior da concha de um marisco. As minhas davam a impressão de que eu estivera cavando um buraco em areia manchada com óleo.

— Temos muito trabalho a fazer. — Doris colocou a mão em minhas costas, guiando-me em direção a uma porta dupla. — Você não vai nem

conseguir se reconhecer quando terminarmos.

— É disso que eu tenho medo.



A primeira parada foi em algo que parecia um lava-rápido de seres humanos. Fiquei nua em uma plataforma elevada e giratória e me segurei em uma barra que ficava acima de minha cabeça. Óculos pequenos protegiam meus olhos enquanto substâncias químicas de cheiro forte eram lançadas contra meu corpo inteiro. Os óculos com lentes tipo olho-de-peixe faziam com que tudo parecesse um pouco mais surreal do que já era, incluindo o fato de que Doris assistia ao processo através de uma janela de observação. Imensos rolos de espuma surgiram por entre painéis encurvados, aproximando-se cada vez mais, e eu quase imaginei que seria esmagada entre eles. Mas respirei fundo quando o material macio assumiu os contornos de meu corpo e me esfregou da cabeça aos pés. Finalmente, as máquinas pararam e os rolos de espuma se afastaram para o último estágio, um jato d'água de alta potência que veio de todos os lados e que me deu a sensação de que meu corpo estava sendo perfurado por agulhas.

Passei por uma pequena câmara iluminada apenas por luzes azuis e, em seguida, por um compartimento seco e quente. Na última sala, que se parecia com um consultório médico, dois Enders usando trajes de proteção me examinaram para ver se havia contaminação por bactérias. Eles decidiram que eu estava limpa, e, em seguida, fui levada para uma série de procedimentos de embelezamento. Em primeiro lugar, tratamentos a laser. A equipe de Enders disse que iria apenas descolorir minhas sardas e clarear minha pele adolescente, mas demorou muito tempo para terminar. Eles não

me deixaram ver os resultados, mas garantiram que eu ficaria contente. Percebi que eles haviam curado completamente os cortes que as brigas deixaram em minhas mãos.

Depois, vieram manicure, pedicure e, como se eu ainda não estivesse limpa o suficiente, uma esfoliação do corpo inteiro. A dor do esfregaço, em uma escala de 0 a 10, chegaria facilmente ao nível 11. Posteriormente, Doris me levou para uma sala pequena para conhecer a cabeleireira da empresa. Era a primeira Ender que eu via cujos cabelos não eram inteiramente brancos ou prateados. Os dela tinham mechas roxas e eram totalmente espetados para cima.

Tentei recusar o corte de cabelo.

— Não seja tola. — Doris estava apoiada no balcão, tamborilando as unhas cada vez mais rápido. — Ela não vai cortar seu cabelo como se você estivesse prestes a entrar para o exército. Seu cabelo vai continuar longo. Vamos apenas melhorar o estilo. Talvez com algumas camadas.

Deixei que a Ender de cabelos eriçados pusesse uma capa ao meu redor, mas o fato de que ela se recusava a deixar que eu me olhasse no espelho dificilmente inspiraria minha confiança.

Quando ela terminou, no chão havia cabelo suficiente para cobrir um gato. Eu estava louca para ver os resultados, mas ninguém parecia se importar. A última torturadora era uma maquiadora chamada Clara, que passou mais de duas horas escovando e esfregando cores em cada milímetro de meu rosto. Ela delineou minhas sobrancelhas com laser e aplicou novos

cílios. Doris escolheu algumas roupas para que eu vestisse e me troquei em uma sala pequena, sem espelhos. Antes que eu pudesse dar uma olhada em mim mesma, fui levada para outra sala, onde tinha que ficar contra a parede e posar para a câmera.

Tentei sorrir como a garota ruiva que aparecia no holograma que Tinnenbaum me mostrou. Acho que não consegui.

Quando saí da sala de holografia, eu me sentia exausta. Não parecia que eu havia passado por uma renovação; parecia que a renovação havia me atropelado.

— Terminamos? — perguntei a Doris.

— Por enquanto.

— Que horas são?

— Já é tarde.

Ela parecia tão cansada quanto eu.

— Vou mostrar onde fica seu quarto — disse ela.

— Aqui?

— Você não pode voltar para casa a pé às 11 da noite com essa aparência — disse Doris, apoiando-se contra a parede e tamborilando as

unhas.

Coloquei a mão no rosto. Estaria tão diferente como ela dizia?

— Não ouviu as histórias de homens ricos que sequestram meninas bonitas? — perguntou ela.

Eu conhecia algumas.

— São verdadeiras?

— Pode apostar que são verdadeiras. Você estará segura aqui. E poderá descansar para as atividades de amanhã.

Ela se virou. Eu a segui pelo corredor, ouvindo os saltos de seus sapatos estalarem contra o piso.

— Eu nem sei qual é minha aparência — eu disse em voz baixa.

Momentos depois, estava deitada em uma cama de verdade. Com lençóis. E um edredom incrivelmente macio. Havia me esquecido do luxo de ter uma cama limpa, de como os lençóis deslizavam sobre a pele. Era como flutuar no paraíso.

Não conseguia evitar tocar meu rosto com as mãos. Minha nova pele estava incrivelmente lisa. Aquilo me lembrou da pele de Tyler quando ele era bebê e eu acariciava aquelas bochechas grandes e rosadas. Minha mãe

dizia que, se continuasse fazendo aquilo, iria desgastar as bochechas do meu irmão.

Tyler.

Comecei a imaginar o que ele estaria fazendo. Será que o novo lugar que Michael encontrara era seguro? Eles tinham cobertores que os manteriam aquecidos?

Deitada naquela cama macia com um trilhão de travesseiros, eu me senti culpada. Embora o quarto fosse apenas outra parte daquele prédio imenso, ele estava decorado de modo que se parecesse com o quarto de hóspedes da casa de alguém, com uma jarra enorme de água junto da cama, junto de um vaso de margaridas. Aquilo me lembrava de nosso velho quarto de hóspedes, que minha mãe decorou com muito amor.

Olhei para a comida que deixaram ao lado da minha cama: sopa de batatas, queijo e uma variedade de pacotes de biscoitos. Quase me sentia cansada demais para comer. Quase. Tomei a sopa e comi o queijo, mas guardei todos os biscoitos para levá-los para Michael e Tyler, mais tarde, quando me deixassem sair dali.

Só quando acordei na manhã seguinte é que percebi que faltava algo naquela imitação de quarto de hóspedes: uma janela. Quando abri as cortinas de algodão que estavam suspensas sobre a minha cama, tudo o que vi foi uma parede.

Fui até a porta e encostei a orelha nela. Tudo o que conseguia ouvir era o zunzum de um prédio comercial. Tentei girar a maçaneta para olhar do lado de fora, mas ela estava trancada. Meu coração se acelerou quando percebi que estava presa. Respirei fundo duas vezes e disse a mim mesma que a porta estava trancada para minha proteção.

Eu usava o pijama branco que estava sobre a cama na noite anterior. Abri o armário para procurar outras roupas, mas, em vez disso, deparei-me com meu reflexo no espelho de corpo inteiro que havia no lado interno da porta. Suspirei.

Eu estava linda.

Ainda era meu rosto, com os olhos da minha mãe e o contorno do queixo que herdei do meu pai, mas tudo estava muito melhor. Minha pele brilhava com um frescor impressionante. As maçãs do rosto estavam mais salientes. Era isso que o dinheiro podia fazer. Essa era a aparência que todas as garotas poderiam ter se tivessem uma quantidade infinita de recursos. Cheguei mais perto do espelho e olhei meus olhos, que ainda tinham a maquiagem aplicada no dia anterior.

Há um ano eu não me maquiava. O que Michael diria quando me visse?

Concentrei minha atenção no guarda-roupa. Uma única peça estava pendurada ali. Uma camisola cirúrgica.

Doris destrancou minha porta e entrou vestindo um blazer complementado por uma calça comprida, cinto e com um sorriso grande demais no rosto.

— Bom dia, Callie. — Ela examinou meu rosto. — Dormiu bem?

— Sim, muito.

— Fizeram um ótimo trabalho com você — disse ela. Doris examinou cuidadosamente meu rosto e se apoiou contra a parede. Ela voltou a tamborilar a parede com as unhas, um hábito que já estava começando a me irritar bastante.

— Não se preocupe com a maquiagem. Vamos reaplicá-la mais tarde. Venha comigo.

Meu estômago roncou. Percebi que a bandeja do jantar da noite passada desaparecera. Quando isso tinha acontecido?

— Doris?

Ela interrompeu o passo.

— Sim, querida?

— Vamos tomar o café da manhã? — eu perguntei.

— Oh, querida, você vai participar de um banquete mais tarde. Com tudo de que você gosta.

Ela acariciou meus cabelos. Ninguém fazia aquilo comigo desde que minha mãe morrera. O gesto me tocou profundamente e senti meus olhos se encherem de lágrimas. Um nó se formou em minha garganta.

Doris se inclinou em minha direção e sorriu.

— É que não podemos alimentá-la antes de sua cirurgia.



Eu olhava para o teto enquanto eles me empurravam sobre uma maca através de um corredor que parecia não ter fim. Eu havia afastado o procedimento de minha mente, mas agora ele estava à minha volta. Detestava agulhas, detestava facas, detestava ser anestesiada e não ter qualquer controle. Talvez eles soubessem disso, porque me deram algum tranquilizante. A textura do teto começou a ficar indistinta, até não passar de um borrão.

Tinnenbaum disse que a cirurgia seria simples, mas ouvi a conversa dos médicos quando estava passando pelo exame pré-operatório. Seria complicada. Eu estava atordoada demais para lembrar dos detalhes.

O Ender enfermeiro, magro e elegante, sorriu para mim enquanto empurrava minha maca. O que ele estava usando ao redor dos olhos? Delineador?

Isso era loucura. Eu era uma fracote que ficava com as mãos encharcadas de suor apenas com a expectativa de receber uma vacina. E ali estava eu, oferecendo-me voluntariamente para passar por uma cirurgia.

Em meu cérebro, de todos os lugares.

Provavelmente a parte do meu corpo de que eu mais gostava. Ninguém nunca reclamava sobre ter um cérebro gordo. Ninguém acusava seu cérebro de ser alto ou baixo demais, largo ou estreito demais. Ou feio. Ou a coisa funcionava ou não funcionava. E o meu funcionava muito bem.

Comecei a rezar, pedindo que ele continuasse a funcionar bem depois da cirurgia.

Senti que a maca parou. Eu estava na sala de cirurgia, sentindo-me assar sob as fortes luzes. O enfermeiro — o nome “Terry” estava estampado em seu crachá — tocou meu braço.

— Não se preocupe, neném. Pense no procedimento como aquele pequeno microchip que colocamos em nossos animais de estimação. *Bing, bang*, e, antes que você perceba, já está lá dentro.

“Neném”? Quem era esse Ender? Eu já sabia que aquilo ia além da instalação de um microchip. Braços se moviam à minha volta. Alguém colocou um cone sobre minha boca e me disse para fazer uma contagem regressiva até zero, começando em dez.

— Dez. Nove. Oito.

Tudo se apagou.



Acordei em uma cama, depois do que pareceram ser apenas alguns segundos. Terry, o enfermeiro, me olhava fixamente.

— Como se sente, neném?

Minha cabeça parecia ser feita de algodão doce, difusa e sem qualquer contorno.

— Já terminou?

— Sim. O cirurgião disse que foi uma beleza.

— Quanto tempo eu fiquei anestesiada? — Sentia meu corpo se movendo lentamente enquanto procurava por um relógio. Tudo o que eu via era uma névoa esbranquiçada.

— Pouco tempo. — Ele examinou meus sinais vitais. — Sente alguma dor?

— Não consigo sentir nada.

— Isso vai passar. Deixe-me ajudá-la a se levantar.

Ele levantou a parte de cima de minha cama e comecei a me sentir um pouco mais lúcida. Meus olhos entraram em foco. Eu não reconhecia aquele

quarto.

— Onde estou?

— Em sua sala de conexão. Acostume-se a ela. É onde você fará suas entradas e saídas.

Era um quarto pequeno, com uma janela que dava para um corredor. À minha esquerda, um painel que provavelmente era um espelho falso. Havia várias câmeras prateadas, uma no teto e duas nas paredes. À minha direita, um Ender alto com óculos de aros pretos e cabelos brancos compridos, sentado em frente a um computador.

— Aquele é Trax — disse Terry. — Estamos nos domínios dele agora. Ele é o rei por aqui.

Trax levantou uma das mãos. Grande coisa. Ele podia ser um Ender, mas, uma vez nerd, sempre nerd.

— Oi, Callie.

Levantei minha mão também. Percebi que havia um bracelete médico de plástico ao redor de meu pulso.

Trax apontou para vários ícones em sua aerotela.

— E então, Callie? O que vai querer para o almoço?

Já fazia um ano desde que alguém me fizera aquela pergunta pela última vez. Meus pratos favoritos se enfileiraram em minha cabeça: lagosta, carne assada... droga, até mesmo uma pizza me deixaria feliz. Seria demais pedir um *cheesecake* de caramelo?

Antes que eu pudesse dizer qualquer palavra, Trax abriu um sorriso.

— Então, que tal começarmos com um creme de lagosta e, em seguida, uma pizza com fatias de carne assada?

Meu queixo caiu.

— Mas como...

— Não se preocupe, não conseguimos ler mentes. Por outro lado, a escolha daquilo que alguém quer comer é fácil. Nós enviamos seus dados cerebrais e os comparamos com um pequeno banco de dados para obter os resultados.

— Não sei se gosto disso.

— Não há problema. O que seu cérebro gosta não importa muito. Você vai estar adormecida. Precisamos apenas fazer uma conexão firme entre seu cérebro e o do inquilino. E isso prova que temos uma conexão entre você e o computador. Seu neurochip está funcionando perfeitamente. Oba! — disse ele, girando o dedo indicador.

— Eles costumam apresentar problemas? — eu perguntei.

— Computadores costumam apresentar problemas? — riu Trax.

Terry deu palmadinhas em meu ombro. Eu percebi que as unhas dele estavam pintadas de preto.

— Não se preocupe tanto, neném. Apenas aproveite o passeio.



De volta ao meu quarto de hóspedes, eu estava sentada em uma mesa, vestindo um roupão. Comi o almoço que haviam trazido para mim. Senti um pesar profundo por não poder dividir aquela comida com Michael e Tyler. Estava terminando meu *cheesecake* quando Doris entrou.

— Viu? Eu disse que iríamos alimentá-la. Já comeu o bastante?

— Estou quase explodindo.

— Não podemos alugar alguém sem que o tanque esteja cheio.

Eu me perguntei se teria visto uma ponta de tristeza nos olhos dela. Mas, se isso aconteceu mesmo, ela conseguiu afastar a sensação. Doris abriu o armário e apontou para um cabide com uma camiseta regata cor-de-rosa e uma calça jeans branca. Também havia roupas íntimas no cabide, um sutiã modesto com estampa de bolinhas e uma calcinha maior do que aquelas que eu geralmente usava.

— Pode vestir estas roupas quando terminar de comer. Remova tudo, inclusive isso — disse ela, apontando para minha lanterna de pulso.

— Posso pegá-la de volta depois? — Cobri a lanterna com minha outra mão.

— Seus objetos pessoais ficarão guardados em segurança.

— Quem escolheu as roupas? — procurei não levantar a voz. Poderia ter sido a própria Doris.

— Os inquilinos sempre escolhem o guarda-roupa. Clara virá até aqui para aplicar sua maquiagem e pentear seus cabelos, e você estará pronta para seu primeiro aluguel.

— Agora?

Ela confirmou com um movimento de cabeça.

— Será apenas por um dia. Sempre agimos dessa maneira. É um aluguel de teste para nos certificarmos de que tudo está funcionando conforme o planejado.

— Quem é a inquilina?

Ela cruzou os braços e pareceu se lembrar de um discurso que já havia pronunciado outras vezes.

— Nós procuramos manter sigilo absoluto. É melhor para os inquilinos, para você e para nós. É melhor que seja assim. Nós examinamos

nossos clientes com bastante cuidado, então você pode ficar tranquila. Ela é uma mulher adorável.

— Se é tão adorável assim, então me apresente a ela.

— Não se preocupe. Os inquilinos também assinam contratos. Eles não podem fazer nada com seu corpo que esteja fora dos limites estabelecidos. Nenhum esporte que não esteja na lista de atividades aceitáveis, nada de corridas de carro, paraquedismo ou coisas do tipo. — Ela colocou o braço ao redor de mim. — Sua segurança e satisfação são prioridades para nós. Tudo que você tem que fazer é relaxar e receber o dinheiro ao fim do contrato. Você verá que é bem fácil. Algumas pessoas voltam para me visitar. E você será uma dessas.

— Uma última pergunta. Vi um homem conversando com o sr. Tinnenbaum e ainda não fui apresentada a ele.

— Quando?

— No dia em que fiz os testes. Ele era alto, usava um casaco comprido e um chapéu.

Ela assentiu e baixou o tom de voz.

— Ele é o chefe. O diretor-geral da Prime.

— Qual é o nome dele? — eu perguntei.

— Nós o chamamos afetuosamente de o Velho. Mas nunca diga isso a ele. Agora, pare de pensar tanto e seja feliz.

Era fácil para ela falar. Fazia muito tempo que eu não era feliz. Muito tempo desde que a vida se resumia a gloss para os lábios, música e amigas bobas. Muito tempo desde que minhas maiores preocupações eram as provas da escola ou se havia me esquecido de fazer a lição de casa. Estava tentando ficar segura, ser livre e conseguir sobreviver.

CAPÍTULO 3

A atmosfera na sala de conexão quase estalava com a tensão que havia no ar. Trax estava sentado em frente ao console do computador, enquanto Doris e Terry estavam ao meu redor. Eu podia apostar que Tinnenbaum estava acompanhando tudo por uma das câmeras.

Estava pronta para o que viria a seguir, sentada na cadeira, com maquiagem e cabelo perfeitos. Doris colocou uma pulseira com pingentes em meu braço. Era prateada, com pequenos símbolos esportivos.

— É um presentinho que dou a todas as minhas garotas — disse Doris.

Os pingentes reluziam: uma raquete de tênis, esquis e patins para hóquei no gelo.

— Toque-os — disse ela.

Ela estendeu a mão sobre mim e, com o dedo indicador, tocou os patins de hóquei, iniciando uma projeção holográfica de patins girando sobre o gelo.

— Uau! — Toquei a raquete e uma bola de tênis pareceu voar pelo ar.
— Adorei a pulseira. Obrigada.

Ela pareceu ficar um pouco agitada.

— Ela é muito carinhosa — disse Terry, praticamente cantarolando a frase.

Ele colocou um avental sobre mim para proteger minhas roupas. Será que ele achava que eu ia começar a babar?

— Está tudo em ordem agora. Pode se recostar — disse ele, sussurrando.

— Não vai despentear seu cabelo — disse Doris, apalpando o travesseiro. — É feito de seda.

Minha cadeira estava com o encosto na posição vertical. Se tudo corresse bem, eu — ou melhor, meu corpo — não ficaria naquele lugar por muito tempo.

Minha inquilina estava em algum ponto do prédio. Estava sentada em uma cadeira como a minha. Em pouco tempo, ela estaria controlando meu corpo como se fosse eu.

Aquele pensamento me fez estremecer.

— Está com frio? — perguntou Doris.

Terry ficou de prontidão, pronto para me trazer um cobertor.

— Ela está bem — disse Trax. Nossos olhares se cruzaram. Eu não conseguia esconder nada dele.

Terry trouxe o carrinho de anestesiologia com o cone. Dentro de pouco tempo, eu estaria inconsciente. Dentro de pouco tempo, meu corpo pertenceria a outra pessoa.



Eu estava sonhando. E sabia que estava sonhando. Eles não me disseram que isso poderia acontecer. Mas aqui estava eu, sonhando. Vi Tyler, correndo para fora de uma casa em frente ao lago. Ele tinha um sorriso imenso no rosto. Correu pelo gramado e pegou uma vara de pescar.

Parecia saudável. Eu queria contar a Michael, mas não conseguia encontrá-lo. Corri para dentro da casa, uma residência grande, feita de madeira. Ele não estava em nenhum dos quartos. Finalmente, eu o encontrei no ancoradouro, olhando para o lago. Mas, quando corri até ele, ele se virou, e não era Michael.



Ouvi vozes em algum lugar ao longe. Alguém estava balbuciando.

Reconheci o som. Era a voz de uma mulher. Minha mãe?

— Os olhos dela estavam trêmulos — disse a mulher.

Mãe?

— Callie? Neném? — disse uma voz masculina.

— Não a chame assim.

Abri meus olhos.

— Como se sente? — era uma mulher, mas não minha mãe. Era uma Ender.

— Callie? — um homem que usava delineador nos olhos se curvou sobre mim. — Como está se sentindo, garota?

— Onde estou?

A mulher parecia preocupada.

— Você está na Prime Destinations. Acabou de passar por seu primeiro aluguel.

Eu me lembrava daquela mulher.

— Doris?

Um sorriso aliviado suavizou os contornos de seu rosto.

— Sim, Callie.

— Como foi?

Ela acariciou meu ombro.

— Você foi um enorme sucesso.



Estava louca para saber por onde meu corpo tinha andado. Que esportes eu praticara? Meus braços não estavam doloridos, nem minhas pernas. Era muito esquisito não saber onde seu corpo estivera ou o que fizera durante um dia inteiro. Com quem você conversou, de quem você gostou e de quem não gostou. E se minha inquilina houvesse irritado alguém? Eu teria um novo inimigo?

Olhei para meu corpo. Todas as partes pareciam estar inteiras. Um aluguel estava terminado, ainda faltavam dois.

Trax fez uma lista de perguntas, como se estivéssemos em uma reunião após a conclusão de um projeto. Não havia muito a dizer; eu não conseguia me lembrar de nada além do sonho que tivera. Ele se interessou pelo sonho e registrou o conteúdo. Evidentemente, não era incomum sonhar. Ele queria saber se eu me sentia relaxada e descansada, e tive que admitir que era exatamente assim que me sentia.

Terry verificou minha pressão sanguínea e minha temperatura e fez um sinal afirmativo para Trax.

— Está tudo em ordem, moça — disse ele. — Você já está pronta para seu próximo aluguel.

— Não tenho alguns dias de folga?

— Por que motivo? Sua inquilina comeu e cuidou de todas as suas necessidades corporais — disse Trax.

— Não estou falando desse tipo de folga. Preciso ir a um lugar — eu disse.

Os olhos dele se arregalaram. Ele se inclinou para a frente e chamou em voz alta:

— Doris.

Depois de alguns momentos, Doris entrou na sala, com os saltos estalando contra o piso.

— O que houve, Callie?

— Posso sair agora, antes do próximo aluguel?

— Ir embora? Por quê?

Eu baixei os olhos. Talvez fosse melhor não insistir naquilo.

Ela colocou a mão em minhas costas.

— Por que não continua? Vai terminar antes que você perceba. Nós investimos muito tempo e dinheiro em você. Por que você quer colocar seus honorários em risco? Você pode se machucar lá fora. — A mão de Doris estremeceu, como se o mundo que havia fora da empresa fosse o inferno.

De certo modo, ela tinha razão. Mas era onde eu morava, afinal de contas.

— Se não cumprir suas responsabilidades contratuais, fornecendo um corpo saudável e em boa forma física, você não receberá o seu pagamento.

— Você já tem outra inquilina esperando?

— Sim, e ela é...

— ... uma mulher adorável? — Eu revirei os olhos. — Tudo bem, vamos logo com isso.

— Que maravilha. Desta vez, o período de aluguel será de três dias.



O segundo aluguel passou bem rápido, assim como o primeiro. Aprendi uma coisa: quando você está inconsciente, o tempo voa. Tive sonhos estranhos novamente, mas não consegui me lembrar deles. Percebi uma coisa estranha quando acordei. Havia um corte feio, de cerca de dez centímetros de comprimento, em meu braço direito. Não doía — provavelmente haviam usado algum tipo de spray anestésico —, mas era horrível. Doris me levou para a sala de laser. Eles curaram o ferimento e não sobrou nem mesmo uma cicatriz, mas eu queria saber o que acontecera. Não me disseram. Talvez não soubessem.

Doris me levou de volta para seu escritório, uma sala decorada em tons de branco e dourado, uma espécie de neobarroco. Ela me fez sentar em frente à escrivaninha e me informou que meu terceiro e último aluguel duraria um mês inteiro.

— Um mês? — Eu agarrei os braços da cadeira. — Não posso ficar aqui por tanto tempo.

— É um procedimento normal. Nós começamos com períodos mais curtos para ter certeza de que tudo está bem, antes de oferecer aluguéis por períodos mais longos.

— Ninguém me disse que o aluguel seria tão longo. Preciso ver meu irmão mais novo.

— Seu irmão? — Ela afastou uma mecha de cabelo cacheado que lhe cobria o olho. — Você nunca disse que tinha um irmão.

— O que há de errado com isso?

— Perguntamos se você tinha algum parente vivo quando assinamos o contrato e você disse que não tinha nenhum.

— Achei que vocês estavam falando de pais ou avós. Ele só tem 7 anos.

Os ombros dela relaxaram.

— Sete anos — disse Doris, olhando para a parede. — Entendo. Bem, mesmo assim, você não pode sair daqui. Não podemos assumir esse risco.

— O que pode acontecer de ruim comigo? Você acha que vou acabar me cortando? — Eu levantei e apontei para o lugar em meu braço onde o

corde estivera antes da cirurgia. — Consigo cuidar de mim mesma melhor do que suas adoráveis inquilinas.

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Lamento, Callie, mas não é assim que as coisas funcionam.

— Quero falar com o sr. Tinnenbaum.

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Absoluta.

Doris falou com o microfone invisível que estava instalado na sala.

— Sr. Tinnenbaum, por favor.

Ela alisou seu terno e passou as mãos pelos cabelos. Em seguida, começou a tamborilar as unhas na escrivaninha daquela maneira detestável novamente. Após alguns momentos, o sr. Tinnenbaum marchou para dentro da sala.

— Callie está pedindo uma licença para visitar... seu irmão — Doris enfatizou a palavra “irmão”.

Tinnenbaum balançou a cabeça negativamente.

— Impossível.

— Ninguém me disse que eu teria que ficar aqui durante um mês inteiro — eu disse. — Isso não deveria ter sido mencionado antes de tudo começar?

— Você nunca perguntou a respeito. E não nos disse que tinha um irmão — disse ele. — Em relação aos agendamentos, nós raramente sabemos qual será a programação até o processo começar. Foi o que aconteceu desta vez.

— Mas você sabia que isso poderia acontecer. Eu nem sabia que era possível fazer um contrato de aluguel com duração de um mês.

— Está no contrato — disse ele.

— Nas letras miúdas? — Eu me virei para Doris. — Algo tão importante assim deveria ser deixado claro.

— Da mesma forma que você deveria ter nos contado que tinha um irmão — disse Tinnenbaum.

Doris olhava para o chão.

— Eu realmente preciso vê-lo antes de fazer isso. Preciso dizer a ele quanto tempo isso vai demorar. Ele tem só 7 anos e eu sou a única pessoa que ele tem no mundo.

— Talvez possamos enviar alguém para ver como ele está? — Doris olhou para o sr. Tinnenbaum.

Tinnenbaum fez um movimento negativo, quase imperceptível, com a cabeça.

— Não quero complicar as coisas. — Fiz questão de me levantar, tentando ficar o mais alta que podia. — Estou imaginando que o processo aconteça de maneira bem mais tranquila quando o doador coopera. Mas não vou me sentir muito solícita se não puder conversar com meu irmão antes.

Tinnenbaum batia a ponta do pé no chão nervosamente, como se aquilo o ajudasse a pensar.

— Qual é o horário programado para a conexão de Callie amanhã? — perguntou ele a Doris.

— Oito da manhã — disse ela.

Ele bufou como um cavalo.

— Eu lhe darei três horas e um guarda-costas que irá acompanhá-la a cada segundo. Não faça nenhuma tolice, pois podemos usar o chip em sua cabeça para monitorá-la. — Ele apontou para mim. — Mantenha esse corpo exatamente como está. Porque, neste exato momento, ele ainda pertence a nós.

Não consegui ver os dentes dele uma única vez. Acho que seu estoque de sorrisos estava esgotado.

Voltei pelo corredor, acompanhando Doris.

— Terei que buscar roupas novas para você — disse ela. — Me espere em seu quarto.

Ela entrou por outra porta e eu continuei na direção do quarto no qual eu me lembrava de estar hospedada. Mas, quando abri a porta, havia outra garota lá. Ela tinha quase a mesma idade que eu, mas seus cabelos eram curtos e negros. Ela estava trocando de roupa, já com uma calça florida, mas segurava um top em frente ao peito para cobrir seu sutiã.

— Desculpe — eu disse. — Acho que entrei no quarto errado.

Percebi que o quarto dela era decorado exatamente como o meu, mas em tons de verde. Fechei a porta. A porta ao lado era a que levava a meu quarto. Decorado em tons de rosa.

Doris chegou um minuto depois, trazendo calças brancas e um top.

— Acho que você vai querer tomar um banho. E aqui está uma muda de roupas. Você está usando essas há muito tempo.

— Onde estão minhas roupas antigas?

— Querida, nós nos livramos daqueles trajes assim que você os despiu. Pode ficar com essas que está vestindo.

— E minha lanterna de pulso?

Doris abriu uma gaveta. Retirou a lanterna e a segurou apenas com dois dedos.

— Rodney a escoltará até sua casa. Não se preocupe em parar para comer. Você não terá fome nas próximas horas.

— Não vou ter fome? Por quê?

— Você já comeu.

Era muito estranho perceber que as pessoas sabiam mais sobre seu corpo do que você.



Doris me acompanhou até um estacionamento subterrâneo, ligado à parte de trás do prédio da Prime Destinations. Rodney estava ao lado de um carro de luxo. Ele tinha cabelos prateados em um corte baixo e espetado, e seus bíceps eram tão grandes que o terno que ele usava parecia estar prestes a explodir.

Ele percebeu que eu trazia minha lanterna de pulso.

— Você não precisará disso — disse ele. — Tenho uma megaluz no carro.

Amarrei a lanterna a meu pulso assim mesmo. Tê-la comigo me trazia uma sensação de bem-estar e solidez.

— Ela é sua responsabilidade — disse Doris a ele. — Traga-a de volta até as 22 horas, no máximo.

— Sim, senhora. — Ele abriu a porta de trás para mim e eu entrei no carro. Rodney sentou-se no banco do motorista e Doris nos acompanhou enquanto saíamos. Percebi que havia uma caixa com comida no assento a meu lado.

— É para seu irmão — Rodney fez um gesto em direção à caixa. — Com os cumprimentos de Doris.

O cheiro era muito bom.

— Opa.

Ele dirigiu o carro e entrou no trânsito de Beverly Hills.

— Ela é um amor de pessoa. Eu a conheço há mais de sessenta anos. Nós trabalhávamos no ramo de turismo antigamente, na época em que as pessoas ainda podiam viajar. Agora, ninguém pode sair dos Estados Unidos. Os outros países estão todos paranoicos por causa dos malditos esporos. E ninguém quer vir até aqui. O México... você acredita que eles construíram aquela muralha para impedir os americanos de atravessarem a fronteira?

Deixei que Rodney continuasse a tagarelar. Não estava a fim de ouvir as histórias dos Enders. Elas sempre duravam uma eternidade, pois atravessavam várias e várias décadas. A única coisa que conseguia pensar era em ver as duas pessoas de que mais gostava no mundo.

Tirei o mapa de Michael de um compartimento em minha lanterna de pulso e o usei para navegar pelas ruas em direção à nova casa. Quando chegamos à rua indicada, vi vários prédios abandonados. O primeiro teve sua construção interrompida no meio do processo. Um esqueleto que nunca chegou a ter vida. Quatro prédios mais adiante, o lugar onde Michael e Tyler estavam. Rodney estacionou o carro logo em frente.

Ele entrou primeiro, carregando a megaluz. Nunca tive um guarda-costas antes. Aquilo fez com que eu me sentisse como se fosse a filha do presidente. Rodney segurou a enorme porta de vidro para que eu entrasse.

— Qual é o andar? — Ele iluminou o saguão com a lanterna.

— Terceiro.

— Vocês gostam de subir escadas, hein?

— O terceiro piso é mais seguro. Temos mais tempo para fugir. — Acendi minha lanterna de pulso. — Se ouvirmos gritos no andar de baixo, temos algum tempo. Podemos chegar até a escada de incêndio.

Subimos pela grande escadaria que levava até o terceiro andar. Rodney andava na frente, iluminando cada escritório abandonado pelo qual passávamos com sua lanterna. Um vulto saiu e se postou de pé no fundo do corredor, empunhando um pedaço de cano como se fosse uma arma. Era Michael.

— Parem! — disse ele.

Apontei a lanterna de pulso para meu rosto.

— Michael, sou eu.

Rodney estendeu o braço para impedir que eu avançasse.

— Fique atrás de mim.

Eu me agachei para passar por baixo do braço dele.

— Ele é meu amigo — disse, correndo pelo corredor.

Michael manteve sua posição defensiva, até que eu me aproximei.

— Callie? — O cano caiu das mãos de Michael e bateu no chão, retinindo.

Eu me joguei nos braços dele e o abracei. Rodney se aproximou e parou a poucos metros de distância.

— Este é Rodney — eu disse. — Ele trabalha para a Prime Destinations.

Rodney o cumprimentou com um aceno de cabeça, enquanto Michael o olhava com desconfiança.

— Quer dizer que ainda não acabou? — perguntou Michael.

Eu balancei a cabeça negativamente.

— Não posso ficar aqui por muito tempo. Como está Tyler?

— Ele sente muito sua falta. — Michael apontou sua lanterna para meu cabelo. Estendeu uma das mãos e tocou uma das mechas. — Eu não a reconheci. Você está muito diferente.

— Diferente no bom ou no mau sentido? — eu perguntei, enquanto caminhávamos.

— Está brincando? Você está fantástica — disse ele.

Michael nos levou para uma sala no final do corredor, um espaço acarpetado, o que ajudou a compensar o fato de que não tínhamos mais sacos de dormir. Tyler estava sentado no canto, com um cobertor verde-escuro sobre as pernas.

— Ficarei aqui — disse Rodney em voz baixa, indicando uma cadeira ao lado da porta. Ele posicionou sua lanterna de modo que ela iluminasse aquela parte do recinto.

Eu entrei na sala e me ajoelhei ao lado de Tyler. Estendi as mãos para abraçá-lo, mas ele se esquivou.

— O que aconteceu com seu cabelo? — Tyler apontou sua lanterna para mim, retorcendo o rosto.

— Você não gostou?

Ele examinou atentamente minhas feições.

— O que fizeram com sua cara? — ele puxou meus novos brincos com pingentes. — Essas coisas são perigosas.

— No lugar onde estou trabalhando eles me deixaram mais bonita e me deram roupas novas. Você não gostou?

— Você vai acabar se sujando. — Ele me olhava como se eu fosse idiota. — E quem é ele? — perguntou Tyler, apontando para Rodney.

— Ele trabalha comigo e me deu uma carona até aqui. — Eu mostrei a caixa a Tyler. — Ele também me deu esta comida gostosa, para que eu trouxesse a você. Ainda está quente. Sinta o cheiro.

— O cheiro é horrível — disse ele, virando o rosto.

Eu fui até o outro lado.

— Tyler, eu sei que você está triste porque passei alguns dias fora.

— Faz uma semana que você não aparece. — O rosto dele estava vermelho. Ele estava a ponto de chorar.

— Eu sei. Me desculpe.

— Sete dias. Sete dias longe de nós.

Uma semana sem cão-robô, sem imagens e vídeos de nossos pais, longe de um ambiente que lhe fosse familiar e sem a irmã.

— Mas Michael não cuidou de você? Ele não lhe trouxe este cobertor? E aquela garrafa d'água? Parece que vocês estão se alimentando bem.

Olhei para Michael, apoiado contra um arquivo de metal que fazia parte da nova fortaleza. Ele enfiou as mãos nos bolsos do seu jeans e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Na verdade, vou pegar um pouco de água para nós agora — disse, piscando o olho.

Quando Michael saiu, Tyler se virou para mim.

— Callie?

— O que foi?

— Estou feliz por você ter voltado — disse ele, com a voz suave. Ele estendeu a mão e a colocou sobre a minha. — Mesmo com esse cabelo esquisito.

— Obrigada. — Eu me inclinei até que nossas cabeças se tocaram. Queria muito guardar aquele momento, aquela trégua conquistada com esforço, mas precisava dizer a verdade. — Eu queria poder ficar

definitivamente, mas só tenho permissão para sair por algumas horas. Tenho que voltar para o trabalho.

Ele tirou a mão de cima da minha.

— Por quê? — E seus olhos se encheram de lágrimas.

— Porque ainda não terminei. — Eu o abracei com força. — Preciso que você seja forte e que tenha coragem. Quando tudo isso terminar, nós teremos uma casa novamente.

Ele se agarrou com força a meu corpo.

— De verdade? — sussurrou ele, com a voz estrangulada. — Você promete?

Meu coração se despedaçou.

— Prometo.



Nós nos sentamos no chão, em volta de um caixote que servia como mesa. A lanterna de pulso de Michael tremeluzia, ajustada para o modo vela, enquanto ele e Tyler terminavam de comer o frango frito e a salada de batatas que Doris enviou. Rodney arrastou sua cadeira para o corredor, mas ainda estava à vista. Ele colocara fones de ouvido e agitava a cabeça conforme o ritmo da música que ouvia.

— Estão gostando? — Eu aponte para o frango.

— Está ótimo — disse Tyler enquanto chupava um osso. — Faz alguns dias que estamos comendo pudim e salada de frutas.

— A igreja que fica perto do velho aeroporto nos deu comida — disse Michael. — Doze horas de caminhada para ir e voltar.

— Onde vocês encontraram água?

— Nas casas da redondeza. Eu nunca vou à mesma casa duas vezes.

— Pense — eu disse a Tyler. — Logo nós vamos ter uma cozinha e a água vai sair direto pela torneira.

— Onde nós vamos morar? — perguntou Tyler. — Depois que você conseguir todo esse dinheiro?

— Onde quisermos.

Tyler levantou os braços.

— Nas montanhas.

— Por que você quer morar nas montanhas? — perguntou Michael.

— Porque lá nós vamos poder pescar — disse Tyler.

Michael riu.

— Pescar? Como assim?

— Nosso pai prometeu que levaria Tyler para pescar — eu disse. — Logo depois, a guerra começou.

Michael deu palmadinhas no ombro de Tyler. Falar sobre a guerra sempre causava tristeza.

— E você, Cal? É pescadora? — perguntou Michael.

— Acho que não.

Pensei na época em que tinha 8 anos. Meu pai me ajudou a pegar meu primeiro peixe. Um bagre. Mas não tive estômago para limpá-lo. Em vez de ficar bravo ou frustrado, meu pai simplesmente sorriu e terminou o serviço para mim.

— Nunca estive nas montanhas — disse Michael. — Como é esse lugar?

— Limpo. Refreshante.

— E tem peixes também — disse Tyler.

— Que não estão contaminados, como os peixes do oceano — eu disse.

— É verdade. Mas é preciso ter coragem para pescar. Sabe por quê?

— Por quê? — perguntou Tyler.

— Porque você precisa pegar minhocas nojentas e gosmentas — disse ele, fazendo cócegas na barriga de Michael. — Opa, acho que deixei cair uma agora. Ela está rastejando em cima da sua camisa.

Tyler riu como se tivesse 5 anos novamente.

Quando as risadas pararam, Tyler se deixou atacar pelo sono. Não demorou muito até que ele dormisse, com a cabeça sobre meu colo.

— Me conte, então. Como tudo aconteceu? — disse Michael, olhando para mim.

— Foi incrivelmente fácil. É como dormir.

— É mesmo?

— Sim — falávamos em voz baixa para não acordar Tyler. — E logo vou receber o dinheiro do contrato. E aí vamos dizer “olá, dinheiro para a casa”.

— Uma casa de verdade novamente. Ele vai adorar. — Michael olhou para Tyler.

— Você também vai — eu disse.

Ele balançou a cabeça.

— Não posso me aproveitar de seu dinheiro.

Eu quis protestar, mas me contive. Talvez, para ele, isso fosse algo muito grandioso, ou talvez fosse cedo demais.

Ele baixou a cabeça e seu olhar se cruzou com o meu.

— Se eu fosse até o banco de corpos também, nós poderíamos juntar nosso dinheiro. Talvez pudéssemos até mesmo comprar uma casa.

Eu sorri. Pensar naquilo era reconfortante. Não precisaríamos mais fugir. Após três anos, chegaríamos à maioridade e poderíamos fazer tudo que quiséssemos. Conseguir empregos de verdade.

Michael se sentou a meu lado. Ele colocou um braço ao redor de meus ombros e cheirou meu cabelo.

— Tem cheiro de... cerejas — disse ele.

— Isso é bom?

— O que você acha? — Ele sorriu. — É como se você fosse um carro, um belo carro, que não era lavado há um ano — disse. — E, de repente, você recebeu uma lavagem, um polimento e uma cristalização — disse ele, brincando com os pingentes de meus brincos. — Você está reluzente, mas ainda é o mesmo carro.

Eu me virei na direção dele e me aproximei. Os olhos de Michael esquadrihavam meu rosto, como se estivesse esperando por minha permissão. Fiz um movimento afirmativo, e, sem pensar, umedeci meu lábio com a língua. Ele se aproximou de mim, mas, naquele momento, Rodney bateu com os nós dos dedos na parede.

— Callie? Lamento, mas precisamos voltar.

Michael fechou os olhos. Era muito azar e nós dois sabíamos disso.

— Tudo bem, Rodney. Saio em um minuto.

Nós ouvimos seus passos se afastarem no corredor. Tyler acordou, sentou-se e esfregou seu rosto. Toquei seu braço com a mão.

— Tyler, eu tenho que ir. Por isso, me escute com atenção, por favor. Você e Michael são uma dupla agora, entendeu?

— Uma dupla — ele disse, com a voz arrastada pelo sono.

— Vou pensar muito em você. Vou ficar fora um bom tempo, um mês inteiro. Mas, quando eu voltar, vai ser para sempre. Não vou mais embora. E tudo vai ficar melhor. Certo?

Ele concordou com a cabeça. Parecia tão solene que fez meu coração doer.

— Você é o homem da casa, agora.

Ele sorriu, sonolento.

— Tenha coragem — eu disse. Segurei na mão dele e depois o puxei para abraçá-lo.

— Não demore para voltar — sussurrou ele. Senti seu hálito quente em meu ombro.

Quando o soltei, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Seja forte — eu disse.

— Seja rápida — ele respondeu.

Michael me acompanhou pelo corredor. Rodney foi à frente.

Quando chegamos ao topo da escadaria, uma garota alta estava subindo em sentido contrário. Rodney apontou sua lanterna de alta potência na direção dela e a garota levantou a mão para proteger os olhos.

— Dá para tirar isso da minha cara? — ela disse.

— Está tudo bem — disse Michael a Rodney. — Ela é uma das nossas camaradas.

Rodney baixou o fecho de luz de modo que não atingisse os olhos da menina, mas ainda iluminando seu corpo. Ela tinha uma lanterna de pulso e

cabelos escuros e curtos. Era magra como todos nós, mas ainda tinha curvas.

— Oi, Michael. Eu vim lhe trazer uma coisa.

Ela enfiou a mão dentro de uma bolsa de pano e tirou duas laranjas de lá.

— Consegui estas com um Ender jardineiro.

— Obrigado. — Michael pegou as laranjas, que provavelmente haviam sido roubadas.

Ela lhe deu um sorriso.

— Preciso ir agora. Até mais tarde.

— Quem é ela? — eu perguntei.

Michael olhou para mim conforme a garota desapareceu em meio à escuridão.

— Só uma amiga.

— Qual é o nome dela?

— Florina.

— Bonita.

Fiquei feliz por haver outra camarada no prédio. Rodney, sem dúvida pressentindo que precisávamos de um momento a sós, desceu um dos lances de escada e esperou com as costas viradas para nós.

Michael me envolveu em um abraço. Um abraço longo e apertado. Nossos corpos eram parecidos, mais ossos do que carne. Mas aquele contato era bom.

— Vou sentir saudades — sussurrou ele, em meio a meus cabelos.

— Eu também. — Eu poderia ficar ali para sempre, mas tinha que me afastar. — Vejo você daqui a um mês.

Ele me entregou um pedaço de papel dobrado.

— O que é isso? — eu perguntei.

— Dê uma olhada, mais tarde.

Eu queria saber mais, mas não havia tempo. Coloquei o papel dentro do meu sutiã, meu melhor esconderijo. Em seguida, dei-lhe um sorriso do qual esperava que ele se lembrasse.

— Fique bem.

— Tenha cuidado — ele disse.



No caminho de volta, Rodney me deixou sozinha com meus pensamentos. O carro me embalava como se eu fosse um bebê, conforme a noite na cidade passava em frente à minha janela. Entre os prédios lacrados e abandonados, a vida continuava, fazendo com que a paisagem se parecesse mais com a de um país de terceiro mundo, com carrinhos improvisados vendendo comida e fumaça saindo de fogareiros improvisados em tonéis de metal. Eu pensava no quanto os dois últimos anos foram difíceis para Tyler e para mim.

Uma das luzes da rua brilhou em frente a meus olhos por um momento, assim como as luzes dos inspetores quando eles vinham para nos capturar.

— Pegue sua mochila e saia correndo — sussurrei para Tyler.

Corremos para a cozinha no escuro enquanto os inspetores batiam com força na porta da frente. Tyler pegou sua mochila e a garrafa de água; eu peguei as minhas. A arma estava guardada dentro de minha mochila.

Sáímos correndo pela noite antes que os inspetores conseguissem chegar até o quintal.

Ajudei Tyler a se arrastar por baixo de cercas e correr por entre quintais vazios. Eu estava feliz por nosso pai ter mapeado nosso plano de fuga antes de ser levado para a área de quarentena. Tyler e eu continuamos a morar em nossa casa por um bom tempo, como as outras crianças que não tinham parentes. Estávamos nos virando bem, mas sabíamos que não demoraria muito até que o governo chegasse e condenasse nossa casa, como fizera

com o resto do quarteirão. Era um bairro de classe média, mas estava se tornando uma cidade fantasma. Os adultos saudáveis que ainda restavam estavam cuidando de várias crianças do bairro, até que a doença os atacou também.

Na semana anterior, as crianças do outro lado da rua foram levadas, aos gritos, pelos inspetores. Tivemos mais sorte. Ficamos sabendo que era hora de sair dali quando meu pai nos mandou um Zing. Eu sabia que isso significava que o pior iria acontecer.

Antes de ser levado para a área de quarentena, meu pai me fez prometer que, se esse dia chegasse, eu não deveria pensar nele e não deveria chorar. Deveria ser forte e proteger meu irmão, porque eu seria a única pessoa que restaria para cuidar de Tyler.

Foi a coisa mais difícil que já tive que fazer.

Meu pai. Morto. As imagens passavam diante de meus olhos. Mãos firmes, que me guiavam e apoiavam. Abraços.

Mordi a língua para não chorar. Não pense nele. Cuide de Tyler.

Seja forte.

Conseguimos chegar até o prédio da velha biblioteca, ao lado do parque. Estava completamente escuro, mas nossas lanternas de pulso iluminavam o caminho. Entramos no porão através de uma janela quebrada que ficava nos fundos.

O cheiro de livros mofados encheu minhas narinas. Junto com o odor de corpos sujos. Um grupo de crianças estava amontoadado no escuro, atrás das prateleiras, dormindo. Uma delas me reconheceu.

— É uma das nossas.

Encontrei um espaço para nós ao lado da parede e trouxe as mochilas para perto.

— Já estamos seguros? — perguntou Tyler, com a respiração entrecortada.

— Shhh. Vai ficar tudo bem — eu sussurrei.

Quando a manhã chegou, algum imbecil resolveu acender uma fogueira para cozinhar e a fumaça atraiu os inspetores. Pegamos nossas mochilas e saímos correndo. Quando chegamos ao próximo ponto no mapa que meu pai fizera, abri a mochila e percebi que minha pistola havia sido roubada. Todo o resto continuava ali. Todo aquele treinamento e eu não tinha mais minha arma. Senti-me vazia por dentro.

A arma de fogo desaparecera. Meu pai ficaria muito irritado. Mas ele não precisava saber. Estava morto.

Agora, enquanto Rodney passava pelas ruas silenciosas, eu apoiava minha cabeça contra a janela do carro e pensava em todos os lugares de onde havíamos fugido no ano anterior. Deixei meus olhos se banharem nas luzes da cidade até que ficassem ofuscados pelas cores.

O banco de corpos seria o fim das fugas.



De volta à Prime Destinations, havia muita empolgação no ar. Parecia que minha inquilina queria dar início ao contrato ainda naquela noite. Eu estava no escritório de Doris, enquanto ela deslizava os dedos por entre seus cabelos.

— Está tudo bem — disse ela. — Sempre fico na empresa até mais tarde. Mas agora estamos realmente forçando um pouco a situação. Vá vestir estas roupas. — Ela apontou para um conjunto de roupas pretas em um cabide atrás de mim. — Você pode usar meu banheiro.

Segui as instruções dela e saí do banheiro usando um blusão de gola rulê e calças pretas.

— Excelente. Vamos para a sala de conexão.

— Não vou comer nada desta vez? — eu perguntei. — Estou começando a ficar com fome.

Doris colocou a mão em minhas costas.

— Esta inquilina prefere que seja assim — disse ela, dando de ombros. — Talvez ela tenha feito reservas em um restaurante cinco estrelas.

Fomos depressa para a sala de conexão, a mesma onde ocorreram as duas transferências anteriores. Trax e Terry estavam esperando por mim.

— Você fica bem de preto — disse Terry, dando tapinhas em meu ombro enquanto eu me sentava na cadeira. — Quase tão bem quanto *moi*.

Após alguns testes e verificações no computador, Trax olhou para mim.

— Tudo continua igual a antes. É só relaxar — disse ele. — Vejo você daqui a um mês, Callie, nesta mesma sala.

O cone desceu sobre meu rosto e eu dei um aceno de adeus para minha equipe.



Desta vez, meus sonhos foram muito estranhos. Tyler tinha a cabeça de um filhote de pássaro. Não achei que havia nada errado com aquilo; simplesmente era assim em meu sonho. Eu estava procurando alpiste para alimentar Tyler, mas não conseguia encontrar nada. Chamei Michael, mas ele não estava em lugar nenhum. Estávamos morando em alguma fazenda abandonada. Corri até o celeiro para procurá-lo e subi por uma escada até chegar ao depósito de feno. Quando cheguei até lá, vi que Michael estava com uma garota. Florina. Os dois estavam deitados sobre o feno, cercados por centenas de laranjas.

CAPÍTULO 4

Boom, boom, boom. A percussão fazia meu corpo vibrar, e a minha cabeça latejava na mesma batida. Um cheiro adocicado e enjoativo se entranhava em meu nariz.

Onde estou?

Abri os olhos. O mundo parecia estar inclinado em um ângulo agudo, e o lugar onde eu estava tinha pouca iluminação. Estava deitada no chão. Apoiei minha mão para me levantar e senti que havia tocado em algo pegajoso e nojento. Trouxe minha mão até o nariz para cheirá-la — abacaxi.

Feixes de laser cortavam o espaço escuro. Nos momentos em que havia luz, eu conseguia vislumbrar pessoas que tentavam escapar, agitando as mãos no ar. Mas eram sempre puxadas de volta. Foi aí que percebi que elas estavam apenas dançando ao som da música.

Um par de saltos-agulha revestidos de couro se aproximou. Meu ouvido sentiu a vibração de cada passo reverberando pelo piso. A dona dos sapatos de salto se ajoelhou a meu lado.

— Você está bem? — gritou ela.

— Não sei. — Eu ainda não tivera tempo de verificar nada além da minha cabeça, que ainda latejava.

— O quê?

— Não tenho certeza! — gritei em resposta. Toda aquela gritaria fez minha cabeça doer.

Ela passou seu braço por baixo do meu.

— Vamos, levante-se.

Ela tinha a minha idade, com cabelos loiros em um corte geométrico que lhe cobria um dos olhos. Seu vestido brilhante era tão curto que poderia ser confundido com uma blusa. Talvez fosse. Ela me levou até um dos lados do salão, onde a música não estava tão alta.

— Onde estou? — perguntei, tocando minha têmpora. Eu estava muito confusa.

— No Club Rune — ela respondeu, com uma expressão perplexa. — Não se lembra?

Eu balancei a cabeça negativamente.

— Como vim parar aqui?

Ela deu uma risadinha.

— Ah, querida, você realmente *está* bêbada. É melhor eu lhe trazer um pouco de cafeína.

— Não, não vá embora. — Será que eu estava bêbada ou haveria outra coisa acontecendo? O pânico subiu por minha garganta. Agarrei o braço dela como se fosse uma boia e eu estivesse me afogando. — Por favor, eu estou...

— Vamos arrumar uma cadeira para você.

Ela me apoiou enquanto eu andava com passos vacilantes pela sala, tropeçando em meus próprios saltos. Olhei para baixo e percebi que eu também estava usando um vestido, uma peça curta e metálica que envolvia meu corpo. Sentia que era frio ao toque. Uma bolsa para a noite estava pendurada pela alça sobre meu ombro. E meus sapatos, também com saltos-agulha, eram do tipo que só vi pessoas famosas calçarem, nas Páginas.

Ela parou em frente a uma poltrona de veludo encostada na parede e fez com que eu me sentasse. Macia. Não me sentava em algo tão confortável há muito tempo. Havia me esquecido daquela sensação.

A música parou. Já vi danceterias em holos, quando meus pais ainda eram vivos, mas nunca estive em uma. Eu nem sabia que elas ainda existiam, especialmente lugares feitos exclusivamente para adolescentes. Seria algo que os Starters privilegiados tinham direito a fazer?

— Você já está parecendo melhor — ela sorriu para mim.

As luzes de neon azul do bar brilhavam sobre a poltrona. Mesmo com aquela iluminação ruim, ela era lindíssima.

— Você é nova por aqui, não é? — perguntou ela.

— O quê?

— Desculpe, eu não me apresentei. Meu nome é Madison.

— Callie.

— Que nome meigo. Você gosta dele?

Dei de ombros.

— Acho que sim.

— Eu também gosto do meu. Prazer em conhecê-la, Callie. — Ela estendeu a mão. Tudo parecia estranho, mas eu a apertei. — Bem, como eu dizia, essa é a sua primeira vez, não é?

Eu assenti.

— Primeira vez que venho aqui.

A última coisa de que eu me lembrava era receber o sedativo no banco de corpos. Eu deveria ter acordado lá. O que poderia ter acontecido? Eu estava prestes a entrar em pânico, mas ainda conseguia manter a cabeça no lugar o bastante para me lembrar de que não devia falar sobre o banco de corpos. Tinha que agir como se soubesse o que estava acontecendo.

— Uma peça maravilhosa — disse Madison, deslizando os dedos pelo tecido de meu vestido. — É muito bom poder vestir roupas como essas, não é? E vir a lugares como este? Tenho certeza de que é melhor do que ficar sentada em uma cadeira de balanço, fazendo crochê enquanto assiste a reprises de programas antigos na televisão nas noites de sábado. — Ela piscou para mim e me tocou com o cotovelo. — Talvez, no seu caso, sejam partidas de *mahjong*[\[2\]](#)? Ou *bridge*[\[3\]](#)?

— Isso mesmo. — Abri um sorriso enquanto olhava ao redor. Não fazia a menor ideia do que ela estava falando.

— Callie, querida, não precisa fingir comigo.

Com a surpresa, meus olhos piscaram.

— Não é difícil identificar um dos nossos quando sabemos o que acontece, garota. Você passou em todos os testes. — Madison usou seus dedos para contar. — Nenhuma tatuagem, nenhum piercing, nada de mechas de cores fluorescentes no cabelo... — Ela me usou para ilustrar o resto dos itens em sua lista. — Roupas caras, joias elegantes, bons modos e incrivelmente bonita.

Eu? Ela estava falando sobre mim?

— Ah, e, como sempre, nós sabemos muitas coisas — disse ela, acariciando meu braço. — Porque vivemos cada uma dessas experiências.

Meu cérebro ainda estava um pouco confuso, mas eu estava começando a entender.

— Admita, Callie, você é uma cliente da PD. Uma inquilina. Assim como eu. — Ela se inclinou em minha direção e eu senti o perfume de gardêneas.

— Você...?

— Eu também não me encaixo nessa lista? — Ela apontou para vários pontos do próprio corpo. — Este corpinho é incrivelmente bonito, você não acha?

Eu não sabia o que dizer. Ela era uma inquilina. Poderia me denunciar se soubesse que eu era uma doadora que estava com algum tipo de problema técnico. Eu poderia ser demitida e nunca receberia o dinheiro para ajudar Tyler.

— É ótimo.

— Certo, eu confesso, este é o Club Rune, afinal de contas — disse ela, indicando o salão com um gesto. — Muitos de nós vêm até aqui, então foi fácil perceber você.

— Há vários de... nós? Onde?

Madison examinou a danceteria.

— Lá. Aquele garoto ali, que se parece com uma celebridade. É um inquilino. E aquela outra, a ruiva.

— Inquilina?

— Olhe para ela — disse Madison, com um sotaque exagerado. — Acha que ela poderia ser ainda mais perfeita?

— Mas os outros são adolescentes verdadeiros?

— É claro que são.

— E o que me diz dele? — Eu indiquei um garoto do outro lado do salão que havia chamado minha atenção. Tinha um copo de refrigerante nas mãos e conversava com dois outros rapazes. Havia algo especial nele. — Aquele de camisa azul e jaqueta preta. Ele deve ser um inquilino também.

— Aquele ali? — Madison cruzou os braços. — Ah, ele é muito bonito. Mas já conversei com ele hoje. É um adolescente, por dentro e por fora.

Provavelmente meu senso de adivinhação não era muito bom. Para mim, ele parecia tão atraente quanto os inquilinos que ela havia indicado. Talvez mais. Ele se virou e nos encarou diretamente. Eu desviei o olhar.

— Há vários adolescentes normais e incrivelmente ricos aqui — continuou Madison. — Você pode identificá-los porque seus avós antiquados não permitem que façam qualquer tipo de obra.

— Obra?

— Cirurgias. Portanto, eles não são tão bonitos quanto nós. E sempre vai ser possível testá-los se perguntar sobre a vida antes da guerra. Eles não sabem quase nada a respeito — riu ela. — Acho que não ensinam história nas escolas particulares de Zype.

Meu coração estava acelerado. Tudo estava muito confuso, o mundo parecia estar de cabeça para baixo. Eu tinha que lembrar a mim mesma de que a belíssima Madison era, na verdade, uma mulher de cento e poucos anos.

E o fato de que ela pensava o mesmo a respeito de mim era realmente desconcertante.

— Se você estiver se sentindo melhor, Callie, eu realmente preciso pegar uma bebida. Algo que tenha um nome longo e sexy.

— Eles vão lhe servir bebida?

— Querida, este clube é privado. Totalmente discreto, assim como o banco de corpos — disse ela, tocando em meu braço. — Não se preocupe, meu bem. Estarei por perto e volto logo.

Ela se levantou da poltrona. Eu apoiei os cotovelos sobre os joelhos e encostei a testa em minhas mãos. Queria que o mundo parasse de girar. Mas, quanto mais eu tentava entender tudo o que estava acontecendo, mais as coisas pareciam piorar. Minha cabeça latejava. Por que eu havia

acordado em uma danceteria e não no banco de corpos? O que tinha acontecido?

Tudo estava indo muito bem até ali. Eu receberia meu dinheiro, conseguiria um lugar quente para Tyler poder dormir, uma casa de verdade. E agora, isso.

Foi quando ouvi uma voz.

Olá?

Ergui a cabeça. Não era Madison. Ela estava longe de mim, em frente ao balcão do bar. Olhei para trás. Não havia ninguém por perto.

Seria minha imaginação?

Pode... me ouvir?

Não, era real. A voz vinha de...

Dentro. Da. Minha. Cabeça.

Será que eu estava sofrendo uma alucinação? Meu coração estava disparado. Talvez Madison estivesse certa, eu devia estar bêbada. Posso ter batido a cabeça quando caí. Alguma coisa estava muito, muito errada. Minha respiração se acelerou e eu comecei a hiperventilar.

A voz parecia ser de uma mulher. Segurei a respiração para tentar me acalmar e ouvir melhor.

O barulho da danceteria interferia em minha percepção. Enfiei os dedos nos ouvidos e tentei escutar, mas tudo que eu ouvia eram as batidas de meu próprio coração. Não conseguia afastar o choque de ouvir uma voz daquela maneira.

Onde era a saída? Queria sair dali. Precisava de ar fresco.

A próxima voz que ouvi era jovem, muito masculina e vinha de um ponto logo à minha frente.

— Você está bem? — Era ele. O rapaz de camisa azul, o “adolescente, por dentro e por fora”, como Madison explicara. Ele parecia estar preocupado.

O que ele disse? Perguntou se eu estava bem. Lutei para me controlar, para não demonstrar que estava em pânico.

— Sim. Estou. — Puxei a barra de meu vestido, numa tentativa inútil de cobrir minhas pernas.

Ele era ainda mais bonito agora que estava perto, inclusive com covinhas no rosto. Mas eu não tinha tempo para essa distração. Precisava saber se ouviria aquela voz novamente. Ele simplesmente olhava em minha direção enquanto eu tentava escutar.

Minha cabeça estava em silêncio. Fora obra de minha imaginação? Pelo fato de eu estar bastante desorientada, depois de ser jogada de volta para meu corpo daquela forma? Talvez o rapaz tivesse assustado a Voz.

Ele usava uma jaqueta preta que parecia ser bem cara. Pensei no veredicto de Madison sobre ele. Eu me levantei e o examinei rapidamente em busca dos sinais.

Nada de tatuagens, piercings ou cores estranhas no cabelo. Certo. Roupas e joias caras — qual seria a marca do relógio que ele tinha no pulso? — certo. Bem educado, incrivelmente bonito. Certo. Era um inquilino.

Em seguida, ele virou o rosto na direção do bar e eu estava perto o bastante para perceber uma cicatriz que ele tinha perto do queixo. Doris nunca deixaria aquilo passar.

— Eu vi quando você caiu — disse ele, com uma toalha pequena na mão. — Fui pegar isto no banheiro.

— Obrigada. — Encostei a toalha em minha testa e vi um sorriso se abrindo no rosto dele. — O que é tão engraçado?

— Não é para sua cabeça — disse ele, gentilmente pegando a toalha de volta e deslizando-a por meu braço, que ficara sujo com o que havia no chão.

— Eu escorreguei. Alguém derramou uma bebida. E, com estes saltos...

— São saltos fabulosos. — Ele olhou para meus pés e sorriu, com as covinhas no rosto ficando ainda mais pronunciadas.

Ser o centro das atenções dele era demais para mim. Eu tinha que desviar o olhar. Um rapaz assim, rico e bonito, interessado em mim, a garota que morava nas ruas? Vi meu reflexo em uma pilastra espelhada e fui trazida violentamente de volta à realidade. Eu havia me esquecido de que tinha a aparência de uma celebridade.

Quando me virei, percebi que Madison ainda estava em frente ao balcão do bar, tentando atrair a atenção do bartender, um Ender que devia ter dificuldade para escutar.

O rapaz se virou para olhar na direção em que eu estava olhando e deixou a toalha sobre uma pequena mesa.

— Ela é sua amiga? — perguntou ele.

— Mais ou menos.

Ele ergueu um dedo, como se estivesse tentando se lembrar.

— O nome dela é Madison, certo?

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu estava conversando com ela mais cedo. Ela é engraçada — disse ele.

— Como assim?

— Ela me perguntou um monte de coisas.

— Que tipo de perguntas?

— Sobre história, dá para acreditar? Coisas que aconteceram há vinte ou trinta anos. Por exemplo, você sabe qual holo ganhou dez Oscars há uma década?

Apertei os olhos e tentei lembrar se meu pai chegara a mencionar algo assim. Ele saberia, com certeza. Eu dei de ombros.

— Viu? Você também não sabe — disse ele. — Obviamente, não passei no teste da Madison. Quando percebeu que eu não sabia as respostas, ela simplesmente me deu as costas e se afastou. Eu vim para dançar, não para participar de um programa de perguntas e respostas. — Ele olhou para os próprios pés e depois para mim. — Você gostaria de... ?

— Eu? — Percebi que a música havia recomeçado, mas era uma batida mais lenta e não tão barulhenta. — Não. Não posso.

— É claro que pode.

Pensei em Michael no prédio abandonado, cuidando de Tyler para mim. Não parecia certo. Eu não podia simplesmente sair para dançar. Ainda não fazia a menor ideia do que havia acontecido, onde eu estava ou como havia chegado até ali, e eu realmente não era eu mesma.

— Estou só um pouco tonta.

— Talvez mais tarde? — disse ele, com uma ponta de esperança na voz e levantando as sobrancelhas.

— Desculpe. Já estou de saída.

Eu sabia que aquela era uma maneira rude de falar, mas não queria lhe dar qualquer falsa esperança.

Os olhos dele refletiram a mesma decepção que eu sentia, mas ele conseguiu escondê-la bem. Parecia que estava prestes a dizer alguma outra coisa, mas, naquele exato momento, Madison voltou, com uma xícara em uma mão e um coquetel na outra.

— Trouxe um café para você. Espero que goste dele bem forte. — Ela me entregou a xícara e percebeu que o rapaz estava por perto. — Ah! Blake, não é mesmo? Oi, de novo.

Blake a cumprimentou com um movimento de cabeça, mas não tirou seus olhos de mim. Nós compartilhamos um sorriso, uma experiência secreta, às custas de Madison. Uma daquelas experiências de aproximação entre pessoas, do tipo “ela não sabe que estávamos falando dela”. Madison não pareceu notar, ocupada enquanto tentava arrancar um pedaço de abacaxi que decorava seu copo.

— Preciso voltar para perto dos meus amigos — ele disse.

Madison engoliu a fruta e lhe deu um sorriso cortês.

— É ótimo vê-lo novamente, Blake.

— Tchau, Madison. — E, em seguida, ele sorriu para mim. — Até mais tarde, Callie. — Ele inclinou a cabeça e girou sobre os calcanhares, como se estivesse fazendo um movimento de dança.

Não cheguei a me apresentar para ele. De algum modo, ele havia descoberto.

Eu o observei enquanto se afastava, com as mãos nos bolsos. Eu estava me sentindo um pouco melhor.

Escute... por favor...

Senti um arrepio correr por minha coluna. Não. Era aquela Voz novamente. Dentro da minha cabeça. Se fosse obra da minha imaginação, então provavelmente ela estava funcionando muito bem, porque a Voz parecia muito real. Tudo estava errado. Eu tinha que sair dali.

Qualquer que fosse o lugar de onde a Voz estava vindo — de dentro da minha mente ou de algum outro lugar —, as palavras seguintes me perfuraram como agulhas pontiagudas.

Escute... importante... Callie... não volte à... Prime Destinations.

CAPÍTULO 5

Eu estava em pé no meio da danceteria, paralisada. Seria alguma reação aos medicamentos que a Prime havia me aplicado? Ou talvez tivesse a ver com o chip.

Eu me virei na direção de Madison.

Não diga nada a ela...

Ela agarrou meu braço.

— Não. Esqueça. As. Regras. Sobre. Garotos — disse ela, enfatizando cada palavra com um movimento do dedo indicador.

Madison me trouxe de volta ao mundo físico. Ela parecia uma pop *star*, mas agia como uma vovó.

— Preste atenção — disse ela, enquanto algumas das mechas de seu cabelo lhe caíam sobre um olho. — Isso é importante.

— De qual regra você está falando? — eu perguntei, tentando manter o tom neutro.

— Você sabe. — Ela baixou a voz. — Nada de s-e-x-o. — Ela levantou as sobrancelhas. — Especialmente com adolescentes verdadeiros.

— O que você quer dizer com “especialmente”? Se é uma regra, não pode haver casos que sejam “especialmente” importantes.

— Você sabe o que eu quero dizer. — Ela revirou os olhos. — Simplesmente esqueça aquele garoto.

Com vozes na cabeça, eu tinha outras coisas muito mais importantes com que me preocupar.

— Que garoto? — eu perguntei.

Isso a fez rir. Blake estava junto com seus amigos, no outro lado do salão.

— Quer dizer que ele não sabe que somos inquilinas? — perguntei.

— Você não leu seu contrato, querida? É claro que ele não sabe. Não podemos contar a ninguém que não seja um inquilino.

— Quem ainda lê contratos hoje em dia? — Eu dei de ombros. Do outro lado do salão, Blake olhava para mim, atraindo-me com seu olhar.

Madison cruzou os braços, que cintilavam com o glitter que ela havia aplicado.

— É melhor terminar de tomar seu café.

Esvaziei a xícara, gemendo com o amargor. Talvez isso ajudasse a clarear minhas ideias. Talvez fizesse a Voz ir embora completamente.

— Qual é o problema? Você não costuma tomar café? — perguntou ela.

Senti uma coceira em minha boca.

— Não. Nunca. — As únicas vezes em que tomara café foi misturado com leite, com bastante açúcar e chantilly, antes da guerra.

— Considere isso como um remédio para sua bebedeira. — Madison olhou para o relógio. — Céus, está tarde. Preciso ir embora. — Ela abriu a pequena bolsa que trazia consigo e tirou algo de dentro.— Aqui está, Callie, querida. Meu cartão — disse ela, entregando-o a mim. Antes que eu pudesse examiná-lo, ela perguntou: — Onde está o seu?

Abri minha bolsa e não vi nenhum. Havia um ticket de estacionamento, um documento universal de identidade, um telefone e um maço de dinheiro. Tentei não suspirar ao ver todo aquele dinheiro.

— Acho que entreguei todos que tinha — eu disse.

— Não há problema. Basta me enviar um Zing. Bem, preciso ir. Amanhã o dia será cheio. Que tal me acompanhar até meu carro?

Ela enlaçou seu braço com o meu. Quando passamos por Blake, senti que ele estava com os olhos fixos em mim. Não olhei para trás. Procurei me

concentrar em Madison, percebendo o modo como ela andava com passos longos e confiantes e recebia e ignorava os olhares de admiradores, como se estivesse cercada por um campo de força.

Dois porteiros Enders abriram as enormes portas metálicas para nós. Saímos da danceteria e sentimos o ar frio da noite. Um grupo de adolescentes esperava por seus carros. Madison entregou seu ticket para o manobrista e se virou para mim.

— Escute a voz da experiência — disse ela, colocando os braços ao redor de si mesma e movimentando-se sobre os saltos dos sapatos. — Vá com calma na primeira vez que sair. Não faça nada muito selvagem. Não deixe que nada aconteça com esse corpo, porque as multas são simplesmente astronômicas.

Ela não precisava me dizer como eu devia proteger este corpo. Continuei em silêncio, sabendo que nós iríamos nos despedir em breve e que eu nunca mais a veria. Ela inclinou a cabeça. Os brincos de argola que usava balançaram.

— Eu lembro de meu primeiro aluguel. Já faz nove meses.

— Quantas vezes você já alugou?

— Querida, quem se importa com quantas vezes? — ela sorriu. — Há tantos corpos diferentes para experimentar... eu passo mais tempo sendo jovem do que velha hoje em dia.

O Ender manobrista chegou com um conversível vermelho elegante, cheio de curvas e reentrâncias. Ele olhou para Madison e acenou.

— Esse é seu carro?

— É meu carro de adolescente — disse ela, piscando o olho.

Eu a acompanhei até o automóvel e admirei a pintura reluzente e dimensional. A ilusão de que havia camadas era incrivelmente realista e era possível imaginar que eu estava olhando para um cânion.

— Da hora — comentei.

Madison franziu as sobrancelhas.

— Callie, tem certeza de que essa é a sua primeira vez?

Senti meu corpo tensionar.

— Por quê?

— Porque você fala como se fosse uma adolescente de verdade. Ainda tenho que pensar sobre o que vou dizer quando tento me passar por uma adolescente.

Tentar se passar por adolescente — era exatamente o oposto do que eu estava tentando fazer. Eu queria que ela tivesse certeza de que eu era uma

inquilina, assim como ela. O que eu podia fazer? É claro. Ir em sentido contrário.

Inclinando-me para a frente, eu a toquei no braço, da mesma forma que ela havia me tocado anteriormente. Procurei deixar a voz um pouco mais grave, e, deliberadamente, falei mais devagar.

— Eu me esforcei muito para estudar vozes antes que meu aluguel começasse. Além disso, ainda sou bastante jovem. Tenho só 95 anos! — Eu pisquei o olho.

— Ah, eu odeio você. — Ela deu uma gorjeta para o manobrista. — Estou brincando. Você vai ter que me ensinar seus truques algum dia.

Outro carro estacionou logo atrás do conversível de Madison.

— Preciso ir. Foi um prazer conhecê-la, Callie. Amanhã, vou voar de parapente! — ela levantou os braços no ar. — Divirta-se com seu novo corpo!

Madison embarcou no carro, deu a partida no motor e saiu em disparada. Não havia nada de velho ou antiquado em seu modo de dirigir.

— Moça? — O manobrista estendeu a mão. — Seu ticket, por favor?

Eu o retirei de minha bolsa. Esperei até que Madison se afastasse, caso eu tivesse problemas para conseguir dirigir. Como eu conseguiria fazer isso? A palma das minhas mãos estava encharcada de suor. A última vez que

dirigira um carro fora há dois anos, quando meu pai me levava para praticar no estacionamento de uma escola. O que ele tinha dito? Segure o volante onde estariam os números 2 e 10 em um relógio. Diminua a velocidade antes de frear. Nunca mande um Zing enquanto estiver dirigindo.

Alguns rapazes saíram da danceteria e me despiram com o olhar. Adolescentes típicos, a julgar pelas espinhas no rosto. Dei as costas para eles. Não queria que descobrissem quem eu era realmente. Tudo que queria era dar o fora dali.

Percebi que a Voz não retornara. Ninguém estava falando comigo e a Voz também não. Isso era bom.

Precisava me lembrar de tudo. Eu sabia dirigir, mas, quanto mais tentava me lembrar, mais rápido meu coração batia. Espero sinceramente que meu carro seja fácil de dirigir, pensei.

Logo depois, o manobrista chegou com um carro esportivo amarelo que parecia uma nave espacial.

Não. Não podia ser aquele.

Inevitavelmente, o manobrista parou à minha frente. Era o dobro do carro de Madison, em todos os aspectos. A capota estava abaixada. Mesmo aqui, com todos aqueles adolescentes ricos e mimados, os murmúrios ecoaram por entre as pessoas que esperavam por seus carros.

Senti que todos os olhos estavam sobre mim enquanto andava até a porta do lado do motorista. Dei uma gorjeta para o manobrista como Madison fizera, sentei no banco de couro macio e me deparei com um painel que tinha mais controles e mostradores do que um avião a jato. O manobrista fechou minha porta e eu ergui a mão, pedindo que ele não saísse de perto.

— Espere — eu sussurrei. — Onde estamos?

— Onde? — Ele parecia confuso.

— Que cidade é essa? — continuei falando com a voz baixa.

— Los Angeles. Você está no centro de Los Angeles — ele apontou para algum ponto do painel do carro antes de correr para buscar o próximo.

Percebi que ele estava apontando para o sistema de navegação. Apertei o botão para ligá-lo. A aerotela se iluminou no espaço entre meu rosto e o para-brisa. Vi a palavra “casa” flutuando ali e toquei nela.

Casa. Era isso que eu queria. O carro sabia onde eu morava, mesmo que eu não soubesse.

Engatei a marcha do carro e soltei o freio de mão. Diferente da de Madison, minha saída em grande estilo ocorreu em passo de tartaruga. Conforme eu saía lentamente da área da danceteria, ouvi um rapaz se despedindo.

Olhei pelo retrovisor e vi Blake, com uma mão no bolso e a outra acenando para mim.



Quando eu estava a alguns quarteirões de distância da danceteria, estacionei o carro próximo à calçada, em frente a um prédio de escritórios. Meu coração batia muito rápido e minhas pernas tremiam. Mas, pelo menos, não havia batido o carro... ainda. Não estava me sentindo bêbada, apenas desorientada, porque minha cabeça ficava mais lúcida a cada minuto que passava. Eu tinha que descobrir o que estava acontecendo. Como era possível ouvir vozes dentro da minha cabeça?

Já era tarde da noite. As ruas estavam vazias e silenciosas. Se aquela Voz fosse retornar, essa seria a melhor hora. Tentei escutar, prendendo a respiração, temendo o que eu poderia ouvir.

Silêncio. Ainda bem. A voz misteriosa desaparecera.

O que a Prime fizera com minha cabeça? Talvez alguma coisa tivesse acontecido com meu cérebro quando eles inseriram o chip. Poderia ser o próprio chip? Eu nunca deveria ter confiado meu corpo a eles.

Precisava me acalmar e dominar a situação. Olhei para os controles do carro. O motor ronronava como um tigre enquanto eu pegava a bolsa que estava no assento do passageiro e retirava o documento universal de identidade. O cartão tinha minha holo, que girava para mostrar meu perfil. Reconheci as imagens — as mesmas que eles registraram no banco de corpos. Mas o nome no documento de identidade era Callie Winterhill, não

Callie Woodland. O endereço era o mesmo que aparecia no navegador GPS da aerotela.

Provavelmente o banco de corpos gerava documentos para todos os inquilinos. Meus dados estariam codificados no cartão — meu DNA e as impressões digitais. “Winterhill” provavelmente era o sobrenome da inquilina. Dessa forma, ela poderia fingir ser parente da inquilina se fosse abordada por quaisquer autoridades. Ela poderia se passar por sua própria neta.

Portanto, eu tinha um carro maravilhoso que poderia me levar a qualquer lugar. Queria muito ver meu irmão, mas me lembrei de Tinnenbaum, que dissera que eles poderiam usar o neurochip para me rastrear. Eles sabiam onde Tyler morava; Rodney me levara até lá. Se meu chip fosse até lá, eles saberiam que não era minha inquilina que estava dentro de mim, mas eu mesma. E poderiam me acusar de quebrar o contrato.

Eu poderia voltar ao banco de corpos. Não era isso que queriam que eu fizesse? Mas a Voz, “não retorne à Prime”, parecia muito sinistra. Estremeci. O que aconteceria comigo se eu voltasse?

Havia tanto barulho na danceteria que eu não conseguira ouvir a Voz claramente. Mesmo assim, quanto mais pensava naquilo, mais a Voz parecia vir de um Ender. Poderia ser alguém no banco de corpos, falando comigo através do chip? Doris, quem sabe? Mas por que ela me diria para não retornar à Prime? Será que ela queria que eu ficasse longe da empresa, pois

o problema seria resolvido logo? Ou talvez... talvez houvesse outra razão para não voltar.

Se eu deixasse o carro me levar para a casa de minha inquilina, talvez conseguisse encontrar algumas respostas. Se meu aluguel houvesse terminado antes do prazo, era possível que ela estivesse lá. Olhei para meu relógio — bem, o relógio superelegante e cravejado de diamantes de Winterhill. Já passava da meia-noite.

Também vi que era 14 de novembro. Meu aluguel começara havia uma semana. Ainda tinha três semanas inteiras para cumprir.

O que havia acontecido?

Naquele momento, percebi algum tipo de movimento em meu espelho retrovisor. O som baixo de pegadas se aproximava, calçados esportivos correndo sobre o asfalto.

Renegados, correndo em direção a meu carro.

Cinco deles, com correntes e canos de metal nas mãos e ódio nos olhos.

Meu sangue gelou. Corri os olhos pelos botões. O câmbio automático, a primeira marcha. Onde estava o câmbio?

Um dos renegados pulou sobre a traseira do conversível. Uma cabeça raspada, coberta por tatuagens.

Encontrei o botão que engatava as marchas e o apertei com força. Pisei com tudo no acelerador. O renegado voou para trás e caiu no chão.

O reflexo do espelho mostrava que ele estava se levantando. Seus amigos me mostraram o dedo médio. Eu tremia.

Aquele era um jogo totalmente novo. O simples fato de ter um carro não significava que eu poderia baixar minha guarda. Na verdade, agora que eu parecia ser rica, precisava estar mais alerta do que nunca.

Respirei fundo e expirei.

Daquele ponto em diante, o GPS foi minha única companhia. Ele tinha um sotaque australiano e uma voz tão tranquila que ajudou a me acalmar. Segui suas instruções até chegar à rodovia. Era muito mais fácil dirigir em linha reta pela estrada, e, a essa hora da noite, havia poucos carros em meu caminho. Passei por duas equipes de trabalhos estruturais, cerca de 20 Starters que trabalhavam na construção e manutenção de estradas. Uma onda de culpa se abateu sobre mim enquanto eu passava rapidamente por eles naquele carro caro, com minhas roupas de grife e o relógio de diamantes. Eu queria gritar para eles que não era a dona de nenhuma daquelas coisas.

Mas eles já eram apenas pontos brancos em meu espelho retrovisor.

Depois de aproximadamente meia hora dirigindo em direção ao oeste, o navegador me levou para a comunidade de Bel Air. Eu me lembrava de que, antes da guerra, várias celebridades moravam ali. Passei por um guarda

particular que olhou para mim enquanto dirigia. Passei em frente a mansões dignas de qualquer sonho, algumas vigiadas por guardas. Até que o navegador avisou que eu havia chegado à minha casa.

Ele não tinha me avisado que era uma megamansão.

Não vi nenhum guarda, mas havia um portão enorme de ferro. Dirigi até o portão e parei, freando com tanta força que meu corpo foi projetado para a frente. Recostei-me no assento e procurei pelo controle que abriria o portão. Um pequeno disco preto repousava no porta-copos. Eu o apertei e os portões se abriram como se aquilo fosse a entrada do paraíso.

Dirigi por um acesso pavimentado com pedras. À esquerda, o acesso se curvava até a frente da mansão. À direita, o caminho continuava em direção a uma garagem para cinco carros. As portas da garagem se abriram junto com o portão, revelando três carros estacionados. Um furgão, uma limusine e um carro esportivo pequeno, azul. Estacionei em uma das duas vagas que ainda restavam e desliguei o motor.

Senti meu corpo amolecer por inteiro. Não batera em nada no caminho até ali. Tinha levado o carro caríssimo da sra. Winterhill em segurança até seu devido lugar. Eu esperava, de todo o coração, que ela ficasse feliz com isso.

E agora? Percebi que havia algumas coisas estranhas aqui. Eu esperava que a sra. Winterhill estivesse em casa para me explicar o que havia acontecido. Talvez tudo se resolvesse e pudéssemos começar de novo. Se eu tivesse sorte, conseguiria o crédito pela parte do contrato que já cumprira.

Uma porta dentro da garagem servia como entrada lateral para a casa. Bati. Ninguém veio atender. Era quase uma hora da manhã. Olhei para o teclado que havia ao lado da porta, mas não fazia ideia de qual era o código.

Andei pela garagem e saí por uma porta nos fundos. Meus saltos-agulha estalavam contra as pedras enquanto eu caminhava em direção à porta da casa, passando por obras de paisagismo elegantíssimas — gramados bem cuidados, arbustos floridos, árvores imponentes. A conta de água da sra. Winterhill devia ser astronômica.

Subi dois degraus até as imensas portas de entrada. Minha proximidade ativou o sensor de presença e eu ouvi uma campainha tocar dentro da casa. Depois de um minuto, ouvi passos. A porta se abriu.

Uma Ender magra e sonolenta segurava seu roupão ao redor do corpo e saiu do caminho para permitir que eu entrasse.

— Quer dizer que você finalmente decidiu voltar para casa.

CAPÍTULO 6

Senti minha boca ficar seca quando pisei no impressionante hall de entrada da mansão Winterhill. O lugar parecia ter saído de um filme antigo. Móveis de antiquário, o teto e o pé-direito tão altos que chegavam até as nuvens, e uma escadaria enorme para levar os visitantes até lá.

A Ender fechou a porta.

Ela me olhou duramente por um momento. Se esperava que eu me pronunciasse, teria que esperar para sempre.

Finalmente, ela falou.

— Imagino que tenha se divertido bastante, sra. Winterhill? — Ela apertou a faixa na cintura de seu roupão como se fosse o nó de uma forca.

Com aquela pergunta, eu sabia que não havia qualquer chance de encontrar a verdadeira sra. Winterhill na casa. Se contasse a verdade àquela Ender sisuda, eu poderia ser colocada para fora ou levada de volta ao banco de corpos. Talvez eu tivesse problemas. Talvez eles me demitissem e eu nunca conseguisse ganhar o dinheiro que custearia a nossa casa.

Eu não estava em condições de tomar uma decisão rápida. Precisava dormir.

— Sim. O lugar era fabuloso — respondi.

Ela examinou meu rosto. Ou talvez eu estivesse apenas sofrendo um ataque de paranoia.

— Esqueceu sua chave de novo?

Admiti que sim.

— Tenho certeza de que vai encontrá-la no carro. Quer alguma coisa?
— perguntou ela. — Fiz alguns de seus biscoitos favoritos.

Eu queria evitar qualquer interação com ela. Meu cérebro estava quase fritando após passar a noite inteira mentindo e fingindo ser quem não era.

— Você deve estar tão cansada quanto eu — eu disse. — Não se preocupe comigo. Vá dormir.

— Tudo bem. Boa noite, sra. Winterhill.

Ela se virou em direção ao corredor que ficava à direita. Em seguida, parou.

— Eu quase me esqueci — disse ela. — Redmond telefonou.

— Obrigada. — Fosse lá quem fosse.

Eu a observei enquanto ela continuava a percorrer o corredor em direção a seu quarto. Olhei ao redor do grande hall de entrada. Minha velha casa, onde eu morava com minha família, era um lugar muito confortável,

um rancho modesto no Vale. A mansão de Winterhill me deixou embasbacada. Era como voltar no tempo ou como estar em algum museu. Uma mesa antiga de mármore dominava o centro do hall e servia como base para um imenso arranjo de flores brancas que teria levado minha mãe às lágrimas. A fragrância das flores intensificava a sensação de intoxicação que tomava conta de mim.

Olhei para a imensa escadaria de mogno que levava ao segundo andar. O quarto dela provavelmente ficava lá em cima. Segurei no corrimão, lustroso e brilhante, e subi as escadas.

Virei à esquerda após o primeiro lance de escada, passando em frente a vários retratos. Eram todos da mesma mulher — a sra. Winterhill, sem dúvida — em diferentes estágios da sua vida. Estava sempre muito bonita, com as maçãs do rosto proeminentes, o nariz e o queixo com contornos fortes. Os olhos dela me seguiram.

Cheguei ao corredor do segundo andar, com uma iluminação discreta que vinha das arandelas instaladas nas paredes. Virei à direita. Havia várias portas nos dois lados do corredor e todas estavam fechadas. Será que mais alguém morava aqui? Era o que eu estava prestes a descobrir.

Abri a primeira porta à minha direita. Agitei a mão sobre o lugar onde o painel de luz deveria estar e as lâmpadas se acenderam.

Esse primeiro cômodo parecia ser um quarto de hóspedes — nenhum objeto pessoal à vista. Desliguei a luz e fui em direção à porta seguinte, que se abria para um quarto de costura e bordados. Em seguida, havia um quarto

decorado para uma garota adolescente. Eu não sabia se era o quarto das fantasias adolescentes da sra. Winterhill ou se uma adolescente de verdade morava ali. Fiquei aliviada ao perceber que ele estava vazio.

Atravessei o corredor. A primeira porta que tentei abrir estava trancada. Fui até a porta seguinte, onde encontrei o que procurava — o quarto da sra. Winterhill. Uma cama com dossel feita em ébano estava no meio do quarto. Os pilares da cama eram esculpidos de forma a parecer que se retorciam ao redor de si mesmos e cada um deles terminava em uma pata de animal que segurava uma bola. Sobre a cama, um tecido dourado formava o dossel, com as dobras plissadas de forma precisa ao centro. A colcha listrada em verde e dourado tinha franjas generosas que pendiam nos cantos. Uma montanha de travesseiros coroava a cabeceira da cama.

A melhor coisa naquela cama era o fato de não haver nenhuma sra. Winterhill nela.

Por mais convidativa que a cama parecesse, o que atraiu minha atenção foi a área logo à esquerda. Era uma área de descanso, mobiliada com uma espreguiçadeira e uma pequena escrivaninha, outra antiguidade. Sobre a escrivaninha havia uma caixa achatada feita de madeira, decorada com detalhes de marchetaria.

Abri a caixa. Dentro dela havia um computador.

Corri para trancar a porta, voltei rapidamente para o computador, me sentei e tirei os sapatos. Percebi uma luz amarela sobre o painel e agitei minha mão sobre ela. A aerotela apareceu logo acima.

Se Beverly Hills sofrera um blecaute ou tivera problemas com as células de energia, talvez isso explicasse o motivo pelo qual eu perdera a conexão com minha inquilina. Procurei nas Páginas.

Nada apareceu. Continuei a ler, mas não havia nada de novo nas notícias.

Procurei por minha mãe e meu pai, esperando que alguma imagem deles ainda existisse em algum lugar. Encontrei uma que os mostrava em uma festa. Olhei para aquela imagem por um longo tempo, absorvendo cada detalhe dos rostos deles.

Deixei meu corpo afundar na cadeira e senti que minhas pálpebras estavam ficando pesadas. Eram 2 horas da manhã.

Ao lado do computador havia um holoálbum com uma imagem da sra. Winterhill. Seu nome estava gravado na moldura: Helena Winterhill. Os contornos do rosto eram os mesmos que estavam nos retratos da parede, mas o holoálbum mostrava uma imagem mais recente. Embora parecesse ter cerca de 100 anos, ela tinha um corpo escultural, assim como uma aparência elegante e forte.

— Helena Winterhill, onde você está?

Ela simplesmente sorria para mim.

Eu me levantei, tirei o vestido de festa, coloquei-o sobre o encosto da cadeira e deitei na cama, apenas com as roupas de baixo. Pensei em Tyler e

Michael em suas pequenas fortalezas, dormindo profundamente.



Na manhã seguinte, abri meus olhos e vi um dossel dourado acima de mim. Por baixo de meu corpo, lençóis finos de seda. Minha cabeça flutuava no travesseiro mais macio do mundo, enquanto o aroma delicado de cedro se mesclava com o de madressilvas, tornando o quarto ainda mais relaxante. Eu estava definitivamente em um território digno de uma princesa.

Levantei da cama e peguei o telefone celular de minha inquilina. Nenhuma ligação da Prime. Seria otimismo demais esperar encontrar alguma solução para o que estava acontecendo?

Eram 9 horas da manhã. Michael estaria buscando água para que Tyler pudesse se lavar agora.

Fui até o banheiro de Helena. Uma área grande e aberta, feita de mármore, indicava o chuveiro. Assim que eu me aproximei, uma cascata começou a fluir do teto. Havia dois sensores para ajustar a temperatura. Agitei a mão em frente ao sensor vermelho para deixar a água mais quente. Tirei meu sutiã e a calcinha de seda e me enfiei debaixo daquela cascata de água.

Por um segundo, senti uma onda de culpa ao pensar em quanta água estava sendo desperdiçada. Apenas por um segundo. A sensação de poder fechar os olhos e sentir a água cair sobre minha cabeça era muito refrescante. Eu me senti renovada.

Enrolei-me em uma toalha aquecida e grossa e agitei os dedos dos pés no tapete felpudo enquanto jatos de ar quente sopravam para secar minha pele. Quando me abaixei para pegar o sutiã, lembrei do papel que Michael me entregara quando nos despedimos. Eu o coloquei dentro do sutiã.

Mas aquilo acontecera havia uma semana. Eu estava usando outro sutiã.

Fui até a cômoda no quarto de Helena. Queria examinar a gaveta de roupas íntimas, mas um pedaço de papel que estava sobre a cômoda atraiu minha atenção.

O papel tinha marcas que indicavam onde fora dobrado. Era um desenho com minha imagem. Eu não me lembrava de posar para aquele retrato, mas o traço de Michael era inconfundível. Aquele devia ser o papel que ele me entregara antes de eu sair do prédio com Rodney.

Helena provavelmente encontrara o desenho escondido em meu — em nosso — sutiã.

Olhei fixamente para o desenho, fascinada. Era bonito. Sublime. E um pouco assustador, também.

Não era uma representação exata. Michael se aproveitara de algumas liberdades artísticas, como me dar olhos de cores diferentes. Mas eu vi aquilo como uma interpretação perspicaz de meu espírito. A imagem me fez pensar — seria pelo fato de Michael ser um artista talentoso? Ou estávamos assim tão conectados?

Não tinha certeza da resposta, mas fiquei emocionada. Coloquei o papel novamente no topo da cômoda.

Os painéis de madeira escura que revestiam as paredes do quarto davam acesso a dois guarda-roupas. Abri o primeiro e examinei as roupas usadas tipicamente por Enders: vestidos e ternos em cores escuras, todos de um tamanho muito maior do que o meu. Abri o armário ao lado e encontrei roupas para mim. Exatamente do meu tamanho.

Escolhi um jeans e uma camiseta bordada e os vesti. Perfeitos. Sobre a cômoda havia uma gargantilha com um camafeu que combinava com minhas roupas e resolvi usá-la. Quando prendi o fecho ao redor do pescoço, senti que meu cabelo ainda estava úmido. Imaginei que não havia ficado tempo suficiente diante dos jatos de ar. Ao apalpar a parte de trás de minha cabeça, senti algo estranho — a incisão onde a Prime inserira o chip. Tinha um formato oval e estava um pouco dolorida.

Sobre a cômoda, também, estava o relógio que eu usara na noite anterior. Não fazia ideia de quanto ele tinha custado. Provavelmente o bastante para alimentar uma família durante um ano. Abri uma gaveta e o guardei. Não queria ser responsabilizada caso o relógio fosse roubado ou danificado.

Peguei a bolsa que estava comigo na noite anterior. Era elegante demais. Encontrei outra bolsa no guarda-roupa, feita de couro e com uma alça para passar por sobre o ombro — exatamente o que eu precisava — e coloquei a carteira de motorista e o telefone celular nela. Peguei também o maço de dinheiro e o agitei rapidamente. Aquele dinheiro todo não era

realmente meu. Mas eu precisava dele agora para comprar comida e gasolina, enquanto tentava descobrir o que estava acontecendo.

Decidi manter um registro de meus gastos e ressarcir a sra. Winterhill quando recebesse meu pagamento. Depois de contar as notas, coloquei o dinheiro na bolsa de couro.

Havia mais uma coisa na bolsa da noite anterior: o cartão de Madison. Li o nome “Rhiannon Huffington”. O holo mostrava Madison como ela realmente era, uma mulher acima do peso, com 125 anos de idade, vestindo uma longa túnica de seda e mostrando os dentes em um sorriso. Ela contraía os lábios em um beijo e o soprava, piscando o olho. Essa era a mulher que estava dentro da pequena Madison. Rhiannon podia ser excêntrica, mas certamente sabia como se divertir. Eu tinha que admitir isso.

Coloquei o cartão dela dentro da bolsa maior.

Guardei as roupas da noite passada e arrumei a cama. E, após alguns momentos, me dei conta de que a sra. Winterhill provavelmente nunca arrumava sua própria cama. Era para isso que ela tinha aquela governanta. Assim, decidi deixar tudo desarrumado de novo. Estava quase saindo quando percebi que havia deixado o computador ligado.

Sentei-me e fechei a caixa onde o computador ficava guardado. Talvez houvesse alguma outra coisa ali que pudesse me dizer mais sobre a sra. Winterhill. Abri uma das gavetas da escrivaninha e vi somente canetas e blocos de notas. Mas, na gaveta do meio, havia um estojo de prata para cartões pessoais.

“Helena Winterhill” era o nome que aparecia nos cartões. A imagem holográfica era a mesma que estava sobre a escrivaninha. Peguei alguns cartões e coloquei-os em minha bolsa.

O celular de Helena vibrou com um toque curto. Olhei para o aparelho. Alguém havia enviado um Zing.

A mensagem era a seguinte: “Eu sei o que você vai fazer. NÃO. Não faça isso”.

Aquilo me fez hesitar. Quem seria? Algum amigo de Helena que descobrira suas aventuras com o aluguel de corpos? Enders sabiam julgar as outras pessoas como ninguém.

Ou será que isso tinha alguma coisa a ver com a Voz?

Coloquei o telefone em minha bolsa. Eu queria sair dali e queria fazê-lo sem precisar encontrar a governanta. Destranquei a porta do quarto e espiei o corredor. Não havia ninguém ali, em nenhuma direção. Fechei a porta por trás de mim com todo o cuidado para não fazer barulho e descii as escadas.

Quando dei a volta entre o primeiro e o segundo lance da escadaria, percebi a governanta esperando por mim em frente ao último degrau. Ela trazia um regador nas mãos e o colocou no chão, ao lado da mesa com as flores.

— Bom dia, sra. Winterhill. — Ela enxugou as mãos no avental. Usava calça e camisa pretas, discretas.

— Bom dia.

Tentei descobrir qual porta levaria à garagem. Não tinha certeza.

— Seu café da manhã está na mesa.

— Não estou com fome. Vou sair.

— Não está com fome? — Ela levantou a cabeça como se isso fosse algo que a sra. Winterhill nunca dissesse. — Está doente? Quer que eu ligue para o médico?

— Não, não. Estou bem.

— Então você precisa tomar seu café e um suco, pelo menos. Para ajudar a absorver as vitaminas.

Ela se virou e andou pelo corredor, levando-me em direção à cozinha *gourmet*. Assim como os banheiros, não tinha o mesmo estilo antigo do resto da casa; em vez disso, estava cheia de todas as conveniências modernas de última geração.

O cheiro de canela enchia a cozinha e entristeceu meu coração. Aquilo me fez lembrar dos *brunches* nos fins de semana felizes dos quais Tyler, nossos pais e eu costumávamos desfrutar quando éramos uma família. A

governanta havia preparado um lugar para mim no centro da mesa enorme. Uma imensa vasilha prateada estava cheia de frutas cortadas, inclusive a minha favorita: mamão. Senti minha boca se encher d'água.

Sentei-me e cobri o colo com um guardanapo. A governanta estava de costas para mim enquanto se ocupava com o fogão. Olhei para a direita e percebi um pequeno corredor de acesso que levava até uma porta. Seria o caminho para a garagem? Ela se aproximou com uma frigideira nas mãos e colocou uma fatia de rabanada em meu prato. Fazia muito tempo que eu não via um pedaço de rabanada. Ela trouxe um frasco e polvilhou açúcar por cima do pão, exatamente como minha mãe costumava fazer.

Eu estava faminta. Não sabia quando a sra. Winterhill fizera sua última refeição, mas tinha a sensação de que fazia vários dias. A governanta mencionara vitaminas. Era interessante que minha inquilina estivesse tão disposta a cuidar de um corpo temporário.

Tudo tinha um sabor delicioso, de comida que acabara de ser preparada. O suco era como ambrosia, uma mistura de vários sabores tropicais. Fiquei contente ao ver uma jarra sobre a mesa, porque sentia muita sede. Olhei para a cornucópia de frutas e imaginei se haveria alguma maneira de levar algumas delas para Tyler e Michael.

Quando terminei minha refeição, a governanta me trouxe um pequeno pote com vitaminas. Os comprimidos tinham várias cores diferentes e presumi que ela queria que eu tomasse todas.

— Você precisa cuidar bem desse corpo — disse ela. — Mesmo que não seja seu.

Eu assenti, com a boca cheia de vitaminas, e bebi alguns goles do suco. Coloquei meu guardanapo sobre a mesa e me levantei.

— Obrigada. Estava delicioso.

A governanta me lançou um olhar estranho. Imaginei se havia dito algo errado. Fui até a porta que eu esperava ser minha saída.

Coloquei a mão na maçaneta e a puxei. Dei de cara com a despensa.

— O que está procurando? — perguntou a governanta.

Examinei as prateleiras e peguei uma supertrufa.

— Já encontrei.

Saí da despensa e vi outra porta que passava por um saguão menor. Tinha que ser aquela. Fiz menção de ir naquela direção quando um som me assustou.

Era a campainha da porta da frente.

A governanta saiu da cozinha para atendê-la. Fui para o corredor lateral e abri a porta. Sorri quando vi o foguete espacial amarelo e os outros carros

esperando, como se fossem meus cavalos puro-sangue, prontos para me levar aonde eu desejasse.

Ouvi a governanta me chamando enquanto voltava apressadamente para a cozinha.

— O que foi? — eu perguntei.

— Há um... rapaz que veio vê-la — sussurrou ela, com o rosto pálido.

— Um rapaz?

Ela levou a mão enrugada até o nariz e confirmou com um aceno de cabeça. Suas feições se retorceram, como se ela estivesse trazendo a pior notícia do mundo. Ela deixou a mão cair sobre o avental e o agarrou com força.

— Ele disse que vocês marcaram um encontro.

CAPÍTULO 7

Corri para o saguão principal da casa, com a governanta em meus calcanhares.

Era o rapaz que eu havia conhecido na danceteria, Blake. Ele usava jeans e uma jaqueta de couro. O que ele viera fazer aqui?

— Oi, Callie.

— Blake — caminhei até a mesa de mármore para me apoiar. À luz do dia, os olhos dele eram ainda mais penetrantes.

— Está se sentindo melhor? — perguntou ele.

— Sim, obrigada. — Será que ele atravessara a cidade só para ver como eu estava?

— Como eu disse a Eugênia — ele indicou a governanta com um movimento de cabeça —, nós marcamos um encontro ao meio-dia. — Os olhos dele olhavam para ela e para mim. — Você não esqueceu, não é?

Como ele sabia onde eu morava? Gaguejei qualquer coisa incoerente.

— Você esqueceu — disse ele, com um suspiro.

Olhei para Eugênia. Pelo menos agora eu sabia o nome dela.

— Por favor, você poderia...?

Ela foi em direção à cozinha. Eu me virei para Blake.

— Quando foi que marcamos esse encontro? — Minha mente estava confusa com tantas ideias e pensamentos. Imagens da noite anterior se misturavam em borrões. — E quando foi que eu disse sim?

Ele se aproximou.

— Quando eu a encontrei ontem à noite, sentada em frente ao balcão do bar no Club Rune. Não se lembra? Você não conseguia chamar a atenção do bartender. Pedi a bebida que você queria.

— No balcão?

— Nós conversamos e rimos. Você disse que gostava de cavalos — comentou ele.

Eu estava no Club Rune, mas não havia me sentado no balcão do bar. Ele devia ter conversado com Helena antes que eu voltasse a assumir o controle de meu corpo. Fora assim que ele havia descoberto meu nome. Seu olhar era tão intenso que achei que fosse me derreter. Deslizei meus dedos pelo tampo frio da mesa de mármore. O perfume forte das flores não estava ajudando a manter meus nervos sob controle.

— Eu não estava em meu estado normal noite passada — eu disse.

Ele baixou a cabeça para que nossos olhares se cruzassem.

— Quer marcar para outro dia?

Estava quase a ponto de mandá-lo embora, porque, teoricamente, eu estava trabalhando. Mas o banco de corpos ainda não havia entrado em contato. Eles sabiam como me encontrar por meio do chip. E poderiam ligar para a casa de Helena se quisessem me encontrar.

E a lembrança daquela voz em minha cabeça me convenceu de que eu não deveria retornar à empresa.

— Não — eu disse.

Ele me olhava com uma pergunta em sua expressão.

— “Não” quer dizer “não”? — perguntou ele. — Do tipo... “vá embora e não me procure mais”?

Eu sorri.

— Não — continuei. Era divertido provocá-lo. — “Não” quer dizer “não precisamos marcar para outro dia”. Espere um pouco, eu já venho.

Corri até o quarto de Helena, no andar superior. Disse a mim mesma que o verdadeiro motivo para justificar aquele encontro era o fato de precisar que ele me fizesse um grande favor. Aquela era minha chance de fazer amizade com um verdadeiro adolescente, não um Ender que fingia ser

um deles. Um adolescente com um carro, a liberdade e a capacidade de ir a qualquer lugar. Ele poderia me fazer um favor e Tyler e Michael se beneficiariam. Eu esperaria pelo momento certo para pedir a ele.

Peguei o desenho de meu rosto sobre a cômoda, dobrei-o e o enfiei em minha bolsa.

Blake e eu saímos juntos da casa. Seu carro, um modelo esportivo vermelho de alta potência, esperava por nós no acesso pavimentado com pedras em frente a casa. Tinha um acabamento de metal escovado com linhas suaves, sem nenhum acessório inútil. Ele abriu a porta para mim e entrou pelo lado do motorista. Os cintos de segurança zumbiram com um ruído baixo enquanto nos abraçavam contra os assentos.

Percebi que o portão estava aberto. Será que eu não o fechara na noite passada?

Enquanto Blake se afastava da casa, vi a governanta, Eugênia, por uma das janelas do segundo andar. Havia uma expressão de desaprovação em seu rosto que a cobria como uma segunda camada de talco. E, se eu ainda não houvesse entendido a mensagem, ela balançava a cabeça de um lado para o outro.

Nós passamos pelo portão e chegamos à rua, e, de repente, senti meu estômago se revirar.

O que é eu estava fazendo?

— Você está bem? Confortável? — perguntou Blake.

Eu fiz que sim com a cabeça.

Eu não passava de uma impostora. Ele era rico e eu não era, e, mesmo assim, ali estava eu, fingindo, usando roupas caras de marcas famosas e agindo como se morasse em uma mansão, uma ricaça com sua própria criada. Sabia que devia lhe contar a verdade sobre mim, mas como isso soaria? Blake, advinhe só, eu sou uma órfã sem-teto que dorme no chão em prédios abandonados e só estou viva porque pego comida nas lixeiras dos restaurantes. Não tenho casa, não tenho roupas, não tenho parentes. Nada. Pior do que tudo isso, eu vendi meu corpo para um lugar chamado Prime Destinations. Até duas semanas atrás, eu não tinha essa aparência. Eles me deixaram assim usando lasers, pinças de sobrancelha e cosméticos. E, tecnicamente, este corpo agora pertence a uma Ender chamada Helena Winterhill, porque ela pagou para usá-lo. Você poderia estar saindo para um encontro romântico com ela neste exato momento, uma mulher de mais de 100 anos, e nem mesmo saberia. O que acha disso?

Olhei para Blake. Ele parecia não ter a menor noção do que estava acontecendo. Dirigia tranquilamente. Ele percebeu que eu o observava e sorriu para mim, e logo depois voltou a concentrar sua atenção na estrada.

Recostei-me no assento e inalei o aroma de couro novo.

Será que Cinderela chegara a cogitar a possibilidade de confessar a verdade para o príncipe na noite em que se divertira com o belo vestido de baile? Será que chegara a pensar em dizer que, ah, por falar nisso, Príncipe,

a carruagem não é minha, sou apenas uma criada suja e descalça e essa aparência não vai durar muito tempo? Não. Ela tinha aproveitado cada momento.

E fora embora discretamente depois da meia-noite.



Enquanto passávamos pela estrada, comecei a fazer cálculos em minha cabeça. Eu tinha 13 anos quando a guerra explodira e estava vivendo nas ruas desde os 15. Era uma excelente justificativa para que esse fosse meu primeiro encontro com um rapaz. Tudo que eu sabia sobre encontros e namoros estava em holos que eu vira com meu pai, e ele gostava muito de fazer aquilo. Eu me lembro de uma vez que fomos ao Xperience da cidade para a imersão total em imagens, som e clima. Sentia falta das poltronas especiais que se moviam e vibravam, fazendo com que as pessoas sentissem que estavam realmente na cabine de uma nave espacial ou voando pelas florestas ao lado de fadas e duendes. Gostava tanto daquele lugar que sonhava em trabalhar com algo do tipo, atuando na criação das Xperiences com as quais eu crescera.

Para mim, encontros românticos eram algo saído de musicais, nos quais tudo acontecia perfeitamente. Ou então de comédias, onde tudo era esquisito e engraçado. Qual, dentre essas duas, iria acontecer comigo?

Blake me levava para um haras particular nas colinas ao norte de Malibu. Meu pai nos levava para cavalgar uma única vez, em um estábulo público, e a ocasião fora totalmente diferente. Aqueles cavalos eram lentos e pareciam estar sempre cansados, e nós cavalgamos vagorosamente por

trilhas secas e planas cercadas por arbustos esqueléticos. Eu achava que aquele passeio fora maravilhoso — o que eu sabia sobre a vida? Entretanto, cavaleguei com Blake por campos exuberantes em imponentes cavalos árabes, com pelos sedosos cor de avelã. Trotamos por uma trilha que atravessava uma floresta de pinheiros e atravessamos riachos borbulhantes. Havia apenas nós dois, nenhum outro cavaleiro — nenhuma outra pessoa — por todo o trajeto. Blake tinha mais experiência e cavalgava melhor, mas conteve seu cavalo para me acompanhar. Eu não queria ir mais rápido do que um trote. Não queria me arriscar, sabendo que poderia cair e me machucar.

Depois de algumas horas, Blake parou seu cavalo e apeou.

— Está pronta para o almoço?

Estávamos no meio de uma área totalmente desabitada.

— É claro. Mas não estou vendo nenhuma lanchonete *drive-thru* por aqui.

Ele sorriu.

— Venha comigo.

Blake pegou as rédeas e conduziu o cavalo ao redor de uma curva. Sob a sombra de um enorme carvalho havia uma mesa cheia de comida: vários tipos de sanduíches, uvas, longos palitos de madeira com pedaços de frutas e brownies. Ele percebeu minha expressão e riu.

— Eu só pedi sanduíches de manteiga de amendoim e batatas fritas —
ele deu de ombros.

Blake me ajudou a apear do cavalo e nós amarramos nossa rédeas a uma árvore. Havia baldes de água e um pouco de feno para os cavalos. Ele tirou o telefone celular do bolso.

— Venha aqui.

Um sorriso torto se formou em seus lábios. Hesitei por um segundo, depois me aproximei.

Blake fez com que eu me virasse, de modo que ficasse de costas para ele. Em seguida, ele passou o braço ao redor de meu pescoço e me trouxe para mais perto dele. Sua pele estava quente após a cavalgada sob o sol e cheirava a protetor solar. Segurei o braço dele com as duas mãos, sentindo sua força. Ele segurou o telefone com a outra mão, apontando a câmera para nós.

— Para nos lembrarmos.

Click.

Sem olhar para a foto, ele colocou o telefone de volta no bolso.

— Não está com fome? — perguntou.

Sentamos à mesa e enchemos nossos pratos. Percebi que havia uma cesta de piquenique enorme no chão.

— Quem preparou tudo isso? — eu perguntei, entre as mordidas.

— As fadas — ele me entregou um refrigerante.

— São criaturas muito artísticas. Trouxeram até mesmo flores. — Toquei um vaso pequeno, com orquídeas minúsculas.

Blake pegou uma das orquídeas e me entregou.

— É para você.

Peguei a flor e a admirei. As pétalas eram amarelas com pequenas manchas arroxeadas, parecidas com a pele de um leopardo.

— Nunca vi uma orquídea com esse tipo de manchas — eu disse, levando-a até meu nariz.

— Eu sei. Elas são raras. Assim como você.

Senti meu rosto corar. De repente, estava bastante concentrada em beber meu refrigerante.

— Então, quem você é realmente, Callie, garota cheia de mistérios? — perguntou ele. — Por que eu nunca a vi antes?

— Se tivesse visto, eu não seria um mistério.

— Qual é seu prato preferido? Não pense. Só responda.

— *Cheesecake.*

— E qual é sua flor preferida?

— Esta aqui. — Eu girei o caule da orquídea com manchas.

— Melhor holo que viu este ano?

— Holos demais para poder escolher. — Não queria dizer que não vira nenhum.

— Animal?

— Baleia.

— Essa foi rápida. — Ele balançou a cabeça e nós dois rimos.

— E o que me diz de você? — eu perguntei. — Vamos ver as coisas de que você gosta.

— Cor: azul. Comida: batatas fritas. Instrumento: guitarra — ele falou rapidamente. — Interesse especial: espécies em extinção.

— É um bom interesse. Posso assumir como uma das coisas que me interessam, também?

Ele apertou os olhos, fingindo que estava pensando seriamente sobre o assunto.

— Tudo bem.

Ficamos sentados sob o sol por um bom tempo, conversando e nos conhecendo melhor. Tive a sensação de que poderia ficar ali com ele para sempre. Mas estava começando a esfriar. Esfreguei meus braços.

— O que você acha? É hora de irmos embora? — perguntou ele.

Fiz que sim com a cabeça e comecei a recolher os pratos.

— Não se preocupe — disse ele, colocando a mão em meu braço. — Alguém vai vir até aqui para cuidar disso.

— Quem? As fadas? Não é muito gentil de sua parte forçá-las a trabalhar tanto, não acha? Não vai fazer mal para aquelas mãozinhas delicadas?

— Elas gostam de trabalhar. Gostam do salário das fadas.

— Esse rancho é seu, não é?

Ele franziu os lábios. Tive a impressão de que não queria se vangloriar.

— Pertence à minha avó.

Senti que havia algo mais ali, um tipo de tristeza. Provavelmente pertencera a seus pais em algum momento, mas eles haviam morrido, assim como os pais de todos os Starters. Eu assenti.

— Então, realmente é melhor deixarmos que as fadas cuidem dos pratos.

Desamarramos os cavalos e trotamos de volta enquanto o sol se punha sobre as montanhas. Fazia muito tempo que eu não passava um dia inteiro sem ter que lutar por minha sobrevivência. Senti um aperto na garganta ao pensar que aquele momento terminaria. Como se pudesse ler minha mente, ele parou e nós assistimos ao pôr do sol juntos, com os cavalos lado a lado.

— Divertiu-se? — perguntou ele.

Eu sentia vontade de deixar minha alegria jorrar em palavras, mas me contive.

— Foi legal.

Olhei para ele, sentado sobre seu cavalo, e lhe lancei um sorriso. Ele retribuiu. Em seguida, simplesmente ficou me olhando, com um lado do rosto mais avermelhado devido ao reflexo do pôr do sol. Senti que um calor invisível emanava dele. Se aquele fosse um jogo na aerotela, haveria corações enormes flutuando entre nós.

De repente eu senti uma forte pontada de culpa em relação a Michael. Embora não estivéssemos realmente namorando, eu tinha que parar de pensar em Blake. Aonde isso me levaria? A lugar nenhum. Nenhum. Nenhum.

Respirei fundo e, mentalmente, dei um tapa em mim mesma. Pare de analisar tudo e aproveite o pouco tempo que você ainda tem com ele, pensei enquanto o último pedaço do sol desaparecia por trás das montanhas.



De volta ao carro, eu estava pensando em como poderia pedir o favor de que precisava. Mas ele queria parar na casa da mãe de seu avô. Ela precisava de ajuda para regular sua aerotela.

Ela vivia em um prédio alto em Westwood. No elevador, ele explicou que o nome de sua bisavó era Marion, mas ele a chamava de Nani. Ela não gostava de revelar sua idade, mas Blake imaginava que ela provavelmente teria 200 anos.

Quando ela abriu a porta, não era o que eu esperava ver. Era uma mulher pequena, e seu cabelo não era de um branco reluzente ou prateado, mas de um tom amarelado. Usava um blusão de casimira. Mas a maior entre todas as surpresas foi perceber que ela mostrava suas rugas com orgulho, evitando cirurgias e tratamentos de pele em geral.

Ela segurou minha mão enquanto me levava para uma cadeira. Tinha um aroma de lavanda ao redor de si.

— Blakey, a aerotela não está ligando — disse a bisavó, sentando-se em uma poltrona a meu lado. — Ele me disse que talvez trouxesse uma amiga. Fico muito feliz em conhecê-la.

Blake sentou-se ao lado de Marion e começou a examinar sua miniaerotela. Ela acariciou a mão dele.

— Ele é um ótimo garoto. Não acredito nessas coisas negativas que falam sobre as pessoas jovens. Você sabe, aqueles que não têm boas casas como vocês dois. Todos dizem que tudo o que esses jovens fazem é brigar, roubar e vandalizar. Eles não fazem só isso, tenho certeza; é apenas o que ouvimos a respeito. Não acredito que devam ser colocados em instituições. É errado fazer isso. Como eles vão conseguir contribuir com nossa sociedade se não os integrarmos a ela?

Tudo que eu podia fazer era assentir em silêncio e imaginar o que ela diria se conhecesse minha história.

Marion se inclinou em direção a Blake e apontou para a tela.

— Conseguiu consertá-la?

— A célula de energia estava solta — disse ele.

— Já conheceu meu filho? O avô de Blake? — Marion apontou para um quadro que estava pendurado na parede.

Eu balancei a cabeça.

— Ele é um senador, sabia? — Ela sorriu. — Senador Clifford C. Harrison.

— É mesmo? — Olhei para o retrato de um Ender de aparência séria.
— Você se parece com ele — eu disse a Blake.

— Ele realmente se parece, não é? — disse Marion.

— Nani... — Blake falou.

— Por que eu não deveria me orgulhar de meu filho? E de meu bisneto? — Ela o beliscou na bochecha. — Ele me trata muito bem e sempre me telefona. E vem até aqui sempre que eu preciso dele. Quantos netos fazem isso?

O rosto dele corou. Achei lindo.

No elevador, a caminho do térreo, olhei para Blake e senti ainda mais inveja.

— Você não me disse que seu avô era senador.

Ele enfiou suas mãos nos bolsos e deu de ombros.

— Bem, agora você sabe.

Eu gostava de perceber que ele não se vangloriava.

— Ela é ótima — eu disse, indicando o apartamento de sua bisavó.

— Nani é um amor de pessoa. Queria que minha avó fosse como ela.

O elevador parou e nós fomos até a frente do prédio. Blake deu seu ticket para o manobrista.

— Ela não tem as mesmas opiniões de Marion?

Ele balançou a cabeça.

— Desde que ela possa fazer compras na Tiffany's, tudo está bem com o mundo. E você? Como é sua avó?

Olhei para meus pés enquanto esperávamos pelo manobrista.

— Não é muito diferente da sua.

— Que pena.

Fiz questão de não perguntar sobre seu avô. Blake não parecia se sentir muito confortável com o fato de que ele era um grande senador.

Já havia escurecido quando voltamos a Bel Air. Ele estacionou o carro na rua, logo em frente ao portão, e desligou o motor. O interior da casa da sra. Winterhill estava iluminado com luzes douradas suaves.

— Eu me diverti muito — disse ele.

— Eu também. — Tinha que perguntar a ele, mas não sabia como dizer. Assim, eu simplesmente joguei tudo para fora. — Preciso que você me faça um favor.

Ele me observou por um segundo.

— Qualquer coisa que você precise.

— Tem papel e caneta?

Ele abriu o porta-luvas, tirou uma caneta e um bloco de notas e os entregou a mim. Tentei redesenhar o mapa de Michael com o máximo de detalhes que consegui recordar.

— Preciso que você vá até este lugar. — Apontei para o prédio. Ele olhava para meu desenho.

— Que lugar é esse?

— É um prédio comercial abandonado.

— Está brincando?

— Por favor. Tenho um amigo que passou por alguns problemas. Ele precisa deste dinheiro. — Tirei todo o dinheiro que tinha na bolsa. — Quando chegar lá, estacione na rua lateral. Não saia do carro se perceber que há alguém por perto. Se não houver ninguém à vista, entre por esta porta e vá direto para o terceiro andar. Assim que chegar ao andar certo,

chame o nome dele, Michael, e diga: “Callie tem um recado para você”. Espere até que ele saia. Não entre em nenhuma das salas.

Eu estava com o dinheiro na mão, mas Blake não o pegou.

— Você está brincando, não é? — Ele riu, nervoso.

— Estou falando sério.

Ele me fazia lembrar de Michael. Aparentemente, eu estava condenada a passar a eternidade lidando com rapazes teimosos. Estendi o dinheiro até que as notas tocassem sua mão. Ele ainda não queria pegá-lo.

— Quando ele aparecer, entregue o dinheiro. E isto, também. — Eu lhe dei o papel dobrado com o desenho. — Ele vai acreditar em você quando vir isto. Pergunte se todos estão bem, ele vai entender. Se ele não quiser aceitar o dinheiro, me ligue e eu conversarei com ele.

— Você não quer vir comigo?

— Eu gostaria muito, mas não posso — respondi. Seria ótimo poder ver Tyler novamente. Mas não poderia fazer aquilo sem que a Prime soubesse que eu fora até o prédio.

— Parece um pouco arriscado.

— O lugar não é exatamente seguro. Por isso, vá embora assim que puder.

Ele finalmente pegou o dinheiro, com dedos relutantes.

— Deixe comigo.

— Obrigada por fazer isso por mim, Blake.

— Ei, é importante para você. — Ele olhou em meus olhos. — Sendo assim, é importante para mim também.

Ele estava fazendo muito por mim. Eu estava acostumada a frequentar lugares como aquele, mas ele não estava. Eles perceberiam imediatamente que ele era um forasteiro.

Mas aquele dinheiro poderia comprar comida e vitaminas para Tyler.

— E obrigada por não fazer perguntas — eu disse enquanto saía do carro. Antes que eu fechasse a porta, ele se inclinou em minha direção.

— Mas não garanto que não farei perguntas no futuro — disse ele.

Eu sorri. Ouvir aquela palavra, “futuro”, me causava uma sensação muito boa. Em seguida, me senti culpada, pois o pobre Blake não sabia que não teríamos qualquer futuro juntos, o príncipe e a plebeia. Mas tudo aquilo foi colocado de lado enquanto algo muito real começou a acontecer comigo.

Minhas mãos ficaram geladas.

Entorpecidas.

Uma tontura forte tomou conta de mim, como se alguém houvesse me girado dez vezes ao redor de mim mesma. Como aconteceu com Alice quando perseguia o coelho, eu senti que caía em um buraco negro e profundo.

CAPÍTULO 8

Quando consegui acordar, estava com uma arma nas mãos.

O quê?

Uma arma?

Por quê?

Seria para me defender? O suor começou a se formar em minha testa. Meu coração batia com tanta força que eu jurava que conseguia ouvi-lo.

Quem estava me perseguindo? Agarrei a arma com as duas mãos, o dedo no gatilho.

Minha respiração pesada ecoava em meus ouvidos. Eu estava pronta para atirar.

Mas não havia ninguém ali.

Eu estava sozinha, no meio do quarto de alguém. Grande e luxuoso. Parecia-se com um museu. Eu o reconheci.

Helena. Era o quarto de Helena.

O que acontecera?

Imagens ricocheteavam em minha mente. Rostos, carros, sorrisos, imagens em vislumbres, como peixes que saltavam. Quando eu tentava me concentrar em uma dessas imagens, ela já havia desaparecido.

Olhei para a arma nas minhas mãos. Era uma Glock 85. Eu já havia usado uma antes, mas essa era um modelo modificado.

Tinha um silenciador.

Examinei o pente para ver se a arma estava carregada. Não estava. Fui até a cômoda e a coloquei sobre o móvel. Assim que o fiz, uma dor lancinante me atingiu e fez com que eu me retorcesse. A pressão subiu por meu pescoço e chegou até a cabeça, como se meu crânio fosse explodir feito um vulcão.

Tentando aliviar o latejamento, pressionei as têmporas. Caí de joelhos, balançando de um lado para o outro. A dor continuava a vir, em ondas. Quando ela diminuía e eu pensava que tudo estava terminado, *bam* — lá estava ela novamente.

Depois do que pareceu ser uma eternidade, mas provavelmente não levou mais do que alguns minutos, a dor se foi. Esperei, com medo de que isso fosse apenas uma pausa maior entre as ondas de dor, mas havia realmente terminado. Eu estava curvada no chão, as mãos úmidas e o corpo encharcado de suor.

O silêncio no quarto era esmagador. Todos os meus sentidos pareciam estar ampliados.

Consegui me levantar e me apoiar na cômoda. Meu cérebro funcionava em alta velocidade.

Por que Helena tinha uma Glock em seu quarto? Para se proteger? Aquela arma era maior e mais potente do que as armas de segurança que as pessoas normalmente guardavam em suas mesinhas de cabeceira. Uma Ender teria dificuldades para manejar uma pistola como essa.

E por que havia um silenciador? Não era um bom sinal.

Percebi que uma das portas do closet de Helena estava aberta. Um estojo estava aberto no carpete, logo em frente. Eu me aproximei e confirmei que era um estojo para guardar uma arma de fogo. Trouxe a arma até ele e a coloquei entre os contornos de espuma, onde se encaixou perfeitamente.

Dentro do closet, o tapete havia sido levantado, revelando um compartimento secreto sob o piso, quase do mesmo tamanho do estojo da pistola. Fechei o estojo, guardei-o no compartimento e recoloquei o carpete por cima.

Tirar a arma de meu campo de visão fez com que eu me sentisse melhor.

Logo depois, tentei descobrir o que estava acontecendo. O que eu estava fazendo antes que as luzes se apagassem?

Blake. Eu estava me despedindo de Blake. Dera o dinheiro que ele deveria entregar a Tyler e saíra do carro. Estava tarde. Agora, a luz do sol brilhava pelas janelas. O relógio mostrava 15 horas.

Onde estava a bolsa de couro que eu tinha usado naquele dia? Olhei em volta e percebi que ela estava sobre a escrivaninha. Abri-a e peguei o telefone celular para verificar a data.

Era... amanhã. Eu ficara inconsciente por dezoito horas. E, por algum motivo, recobrei a consciência.

Imaginei que o que me trouxera à consciência antes, quando eu estava na danceteria, me trouxera de volta agora. Várias perguntas enchiam minha cabeça. Haveria alguém controlando a situação ou as coisas estavam acontecendo de maneira totalmente aleatória? Haveria algo de errado com meu neurochip? Será que isso acontecia com outros doadores, ou eu era um caso especial?

Tão fácil quanto deitar para dormir. Sei.

Provavelmente minha inquilina recuperara o controle sobre meu corpo. Helena já tinha aquela arma; eu tinha certeza disso, por causa do compartimento secreto em seu quarto. E, quando voltei à consciência, eu estava naquele quarto, empunhando a arma. Se minha teoria estivesse correta, isso significava que Helena tomara o controle de meu corpo depois que eu me despedira de Blake. Ela dissera alguma coisa a ele? Ou simplesmente entrara na casa? Será que dissera algo a Eugênia?

Não sabia como deveria agir. O que dizer, o que não dizer. Era assustador não saber o que seu corpo estivera fazendo sem você.

E Tyler? Será que Blake o encontrara? Peguei o telefone e enviei um Zing para Blake. Ele não respondeu.

Uma arma. E não era uma arma qualquer. Uma Glock com um silenciador. Não era somente um treino de tiro ao alvo, era muito mais do que eu esperava.

Eu tinha que voltar à Prime.

Na garagem, deixei para trás o foguete amarelo de Helena e fui até o carro menor, um modelo esportivo azul que estava no fim da fila. Não era um carro que gritava “cheguei” como o foguete. Ainda do lado de fora, vi um alienígena verde e felpudo pendurado no retrovisor. Não era exatamente o estilo de Helena. Provavelmente era o carro de uma neta.

A chave estava pendurada em um suporte na parede, em um chaveiro com outro alienígena pendurado, mas muito menor. Entrei no carro e acionei o navegador GPS. Ele falou com a voz de um antigo personagem de desenho animado.

— Para onde? — o navegador cantarolou naquela voz alegre.

— Prime Destinations, em Beverly Hills.

Alguns segundos se passaram antes que ele dissesse:

— Não foi possível encontrar o local.

É claro. A Prime não divulgaria seu endereço ao público.

— Novo endereço — eu disse, preparando o aparelho para receber dados manualmente.

Comecei a ditar o endereço quando a Voz retornou.

Callie... não... não volte... Prime. Está me ouvindo? Você não pode voltar... É perigoso... Extremamente perigoso...

Meus braços se arrepiaram. “Perigoso”, disse a Voz, igual à primeira vez. Ela era consistente. Estava me avisando claramente para não retornar à Prime Destinations.

— Por quê? — perguntei à Voz. — Pode me explicar?

Silêncio.

— Quem está falando? — perguntei. — Helena?

Nenhuma resposta.

Armas. Avisos. Perigo. Não gostei de acordar com uma arma na mão; mas, pelo menos, eu sabia como usá-la. Não sabia o que estava esperando por mim na Prime.

Desliguei o motor e voltei para dentro da casa.

Liguei o computador de Helena para descobrir mais a seu respeito. Se ela estivesse realmente tomando o controle de meu corpo sempre que eu sentia minha vista escurecer, eu precisava saber tudo que pudesse. Por que motivo ela tinha uma arma? Talvez alguém a estivesse perseguindo e agora eu seria o alvo daquela fúria.

Quantos dentre seus amigos sabiam que ela estava alugando um corpo? Além da pessoa que enviara o Zing em tom de reprovação. Se fosse mesmo um amigo.

Examinei os arquivos do computador de Helena. Mais de cem anos de memórias, trabalho, cartas e fotos. Analisei todo o conteúdo e descobri que seu filho e a esposa foram mortos na guerra, como a maioria das pessoas com idade similar. Eles tinham uma filha chamada Emma, com a minha idade. A neta de Helena.

Naveguei pelas CamPages, portais para pessoas compartilharem o que quisessem sobre sua vida. Os mais egocêntricos registravam tudo o que lhes acontecia durante o dia e reproduziam diretamente nas aerotelas ou em modo holográfico. Os garotos realmente loucos nunca as desligavam.

Helena não tinha uma página pessoal, mas isso não chegava a ser incomum. Vários Enders apagavam suas páginas depois que completavam seu centésimo aniversário. Provavelmente, achavam que eram maduros demais para esse tipo de bobagem.

Mas era estranho perceber que a página de Emma havia sido excluída. Fiz uma busca por seu nome e encontrei um anúncio de seu funeral. Dois meses atrás. E não havia qualquer menção à causa da morte.

Lembrei-me do quarto decorado para uma adolescente que vira na primeira noite em que explorara a casa. Levantei da cadeira e atravessei o corredor, entrando no quarto de Emma.

A tristeza baixou sobre mim como uma névoa. A luz do sol entrava pela janela, filtrada por cortinas brancas muito finas, imóveis no ar enclausurado. Não era somente um quarto, mas também um memorial. Alguma coisa se moveu no canto de minha visão periférica. Virei-me em direção ao criado-mudo. Um holoálbum que exibia várias memórias, mostrando-as ininterruptamente para ninguém.

Sentei na beirada da cama para olhar mais de perto. Senti uma pontada de dor dentro de mim ao lembrar de nosso holoálbum, que já não existia mais. A inscrição na base daquele aparelho dizia “Emma”. Suas feições lembravam as da avó, o mesmo queixo forte e a mesma expressão determinada. Tinha o ar relaxado e confiante de uma garota rica, embora não tivesse a beleza de uma doadora de corpo. Sua pele era vibrante, mas seu nariz orgulhoso era um pouco longo demais. As imagens retratavam uma vida luxuosa e privilegiada — jogando tênis, assistindo a uma ópera na noite de estreia e passando as férias na Grécia, com os braços ao redor de seus pais.

Meus olhos examinaram o quarto. Ela morrera havia pouco mais de dois meses. Parecia que Helena mantivera tudo como costumava ser. Eu

teria feito o mesmo por meus pais, se pudesse me dar ao luxo de continuar morando em nossa casa.

Mesmo assim, uma coisa estava faltando. Não havia um computador.

Fui até o guarda-roupa para procurar por algum segredo. Era ali que as pessoas geralmente os escondiam. Vi uma prateleira alta cheia de chapéus e caixas organizadoras de acrílico. Puxei uma cadeira e subi sobre ela para começar a revistar as lembranças de Emma.

Examinei tudo que havia naquela estante, bem como também debaixo da cama e em todas as gavetas, tirando tudo para fora. Não encontrei nada de importante. Sentei-me em frente à escrivaninha dela, com a mão no queixo. Meus olhos se concentraram na única coisa que eu não havia examinado: a caixinha de joias sobre a cômoda. Não esperava achar qualquer pista ali, mas era a única coisa que eu ainda não havia inspecionado, além do estojo de maquiagem.

Dentro da caixa, encontrei ouro, prata e uma boa quantidade de bijuterias e pedras preciosas, adequadas para uma garota de 16 anos incrivelmente rica.

E uma coisa que nunca esperei encontrar: um bracelete com pingentes.

Não era um bracelete qualquer. Era feito de prata, com pequenos penduricalhos em forma de equipamentos esportivos. Uma raquete de tênis, esquis, patins para gelo... eu os toquei e vi o holo familiar dos patins girando.

Coloquei-o ao lado do bracelete que estava em meu pulso, aquele que Doris, a funcionária da Prime, havia me dado.

Era exatamente iguais.

Por que Emma tinha um desses? Havia apenas uma resposta, e aquilo fez meu rosto queimar.

Emma tinha sido podre de rica, morado neste palácio e poderia ter tudo que quisesse. Por que ela se venderia para o banco de corpos?



À noite, fui ao Club Rune no pequeno carro esportivo azul de Emma. Desci dele usando um microvestido de grife que encontrei no closet de Emma, com acessórios que pertenceram a ela — sapatos de salto, colar e bolsa de grife. Penteei meu cabelo do mesmo jeito que Emma mostrava em suas imagens, puxando-os para trás e prendendo-os com uma de suas presilhas com diamantes. Ninguém me confundiria com ela se estivesse cara a cara comigo, mas, em uma danceteria escura, e possivelmente se me vissem de costas, imaginei que não faria mal. Talvez eu atraísse alguém que a conheceria.

Era cedo e a música estava tocando em um volume no qual ainda era possível ouvir as pessoas conversando. Eu sentia que tinha um controle maior sobre mim dessa vez. Caminhei lentamente, deixando que meus olhos se ajustassem à escuridão. Tentei recriar a maneira de andar de Madison enquanto desfilava pelo salão, fazendo o teste que ela me ensinara para

perceber se as pessoas pelas quais eu passava eram adolescentes verdadeiros ou inquilinos.

Olhei em direção à área do bar e notei que todas as banquetas estavam ocupadas, assim como todas as cadeiras da área social, ao lado. Fiquei em frente a uma pilastra espelhada antes que uma garota viesse até onde eu estava. Hora de fazer o teste de Madison. Ela era linda, com cabelos ruivos longos e lisos, olhos verdes e uma pele de porcelana que parecia ter luz própria. Inquilina.

— Bem — disse ela, olhando-me da cabeça aos pés —, você tem um corpo maravilhoso.

— Obrigada — eu disse. — Eu gosto dele.

— Oi, Helena. Adivinha quem é? — Ela se aproximou, falando com a voz baixa. Mostrou seu telefone celular. Os corações no alto da tela estavam piscando. O nome de Helena aparecia ao lado deles.

— Você não pode se esconder do meu Sync — disse ela.

Peguei o telefone que pertencia a mim/Helena. Os corações também estavam piscando. Ao lado dos ícones aparecia o nome Lauren.

— Foi você que mandou o Zing naquele dia — eu disse.

— É claro que fui eu. Quem mais? — Ela parecia estar chateada.

Então, essa Ender não era apenas uma amiga íntima de Helena, mas poderia ser a única pessoa que sabia que Helena estava alugando um corpo, além da governanta. Parecia estranho que Lauren tentasse convencer Helena a não alugar, quando também estava alugando.

— Bem, eu já estava decidida — eu disse, tentando manter as aparências. — E você me conhece bem.

— Mais teimosa do que Kate em *A Megera Domada*.

Decidi retribuir o elogio.

— Você está ótima. Fez uma boa escolha.

— Como você pode dizer isso? — Ela levou à mão ao rosto perfeito. — Que os céus caíam sobre nossas cabeças. Eu me sinto horrível por fazer isso, usar assim o corpo dessa pobre garotinha.

Ela olhou para o corpo que havia alugado. As mechas de seus cabelos ruivos reluziram sob as luzes de neon do bar quando ela levantou a cabeça.

— Mas, como você sempre disse, se as pessoas pretendem transformar milhares de adolescentes desafortunados em vítimas, nós teremos que usar alguns deles para impedir que isso aconteça.

Parecia que Helena tinha um plano e que Lauren sabia a respeito dele.

— Você sempre teve boa memória, Lauren.

— Não me chame assim. — Ela se inclinou em minha direção. — Sou Reece agora. — Ela levantou as sobrancelhas para ter certeza de que eu entendera. — Não deveríamos nos arriscar a conversar por tanto tempo. Alguém pode nos ver e descobrir o que estamos fazendo. — Ela olhou ao redor. — Você provavelmente ainda não fez nada de maneira impulsiva, ou eu já saberia por meus contatos on-line.

— Não. Não fiz nada.

— Não faça. — Ela tocou meu braço. — Eu lhe imploro. Você e eu passamos pelas mesmas situações, mas não é assim que vamos resolver as coisas. Elas só vão piorar.

Ela estava falando sobre vários assuntos relacionados, mas não dizia nada sobre “meu” plano.

Lauren se afastou um pouco. Olhou ao redor do salão, examinando o lugar.

— Preciso ir. Estou seguindo uma pista importante.

Coloquei minha mão no ombro dela.

— Podemos conversar amanhã? Em algum lugar mais tranquilo?

Ela deu um passo para trás, deixando minha mão no ar.

— Somente sob uma condição: que você dê ouvidos à razão.

— Talvez você se surpreenda.

Acho que vou surpreender a mim mesma, pensei.

Ela inclinou a cabeça como se estivesse intrigada. Deu outro passo para trás e, em seguida, parou, olhando-me novamente da cabeça aos pés.

— Esse não é um dos vestidos de Emma? — perguntou.

Como ela pensava que eu era a avó de Emma, tudo isso provavelmente parecia muito deselegante. Mas não havia como esconder a verdade.

— Sim.

— E o colar dela?

— E os sapatos também. — Meu estômago se revirou. Eu estava prestes a perder a confiança daquela Ender e precisava dela, precisava daquelas respostas. — Achei que poderia atraí-los se me vestisse assim.

— Muito esperta — ela assentiu.

Ela me deixou sozinha em meio à multidão. Examinei os outros, imaginando se Blake estaria ali. Havia uma poltrona vazia na área social. Era a última das cadeiras de almofadas grossas ao redor de uma mesa. As outras estavam ocupadas por dois rapazes e uma garota. Ela me viu e me chamou com um gesto discreto.

— Não há ninguém sentado aqui. — A garota tirou sua bolsa da cadeira e deu alguns tapinhas sobre o assento, como alguém faria para chamar seu poodle.

Sentei-me junto deles, porque obviamente eram inquilinos. Pareciam ter saído das páginas centrais de uma revista de moda. Dois rapazes bonitos — um moreno, que vestia um terno de corte europeu, e um asiático sensual com roupas de couro preto — e uma garota com uma pele de ébano lustrosa e cabelos longos e lisos. O rosto e o corpo deles eram 100% perfeitos.

Talvez pudessem me dizer algo sobre Emma. Mas eu tinha que ter cuidado para não cometer um deslize e revelar meu segredo.

— Quer uma bebida? — perguntou o rapaz de terno. Ele tinha o sotaque melodioso e os olhos maquiados com uma sombra esfumaçada, como os dos atores dos velhos musicais de Bollywood.

— Não, obrigada. — Tentei soar mais velha e sofisticada.

— Meu nome é Raj. Ou, devo dizer, é o nome que uso aqui. — Ele lançou um olhar cheio de cumplicidade para o outro rapaz e os dois riram. Todos olhavam para mim, esperando por minha apresentação.

— Podem me chamar de Callie. — Revirei os olhos. — Ainda não me acostumei a usar esse nome.

— Não consigo me acostumar com esse sotaque — disse Raj, apontando para a própria garganta. Isso desencadeou outra onda de risos

entre os rapazes.

A garota inclinou a cabeça em minha direção. Seu nome era Briona e ela parecia uma supermodelo, com braços e pernas longas. O rapaz asiático se chamava Lee. Eu tinha que me lembrar a todo momento de que, na realidade, eles eram Enders velhos e assustadores.

— É sua primeira vez, Callie? — perguntou Raj.

— É tão óbvio assim? — eu disse.

Todos riram.

— Nunca vimos esse corpo antes — disse Briona. — É muito bonito.

— Sim, é ótimo — disse Lee.

— Como está se saindo até o momento? — perguntou Raj.

— Bem. — Eu dei de ombros.

— O que fez de bom? — perguntou ele. Tinha um sorriso torto no rosto. — Ou esta é sua primeira noite?

— Nada muito especial. Fui cavalgar.

Eles sorriram.

— Isso é bem divertido. Onde? — perguntou Lee.

— Em um rancho particular.

— Um inquilino? — perguntou Raj.

— Não.

Eles trocaram olhares.

— Um adolescente verdadeiro? — perguntou Raj.

Meus olhos pousaram em Briona, Raj e Lee, nesta ordem. Eles pareciam estar preocupados.

— Há algo errado? — eu perguntei.

— Bem... eles não gostam muito quando alguém faz esse tipo de coisa — disse Raj.

Briona estendeu a mão e tocou meu braço.

— Não se importe com isso. Você pagou para se divertir, não foi? Não é isso que fizemos por merecer?

— Por falar nisso, vamos fumar este baseado e sair para nos divertirmos de verdade — disse Lee.

Ele se inclinou para a frente, com um sorriso malandro no rosto.

Raj terminou de tomar sua água mineral e bateu a garrafa de plástico contra a mesa.

— Ótima ideia.

Todos se levantaram. Briona enlaçou seu braço no meu.

— Vamos lá. Podemos bater um papo só entre meninas. Adoro ajudar inquilinos de primeira viagem. Sabe fazer crochê? Bordar?

Talvez fosse pelo fato de eu ser a estranha no meio de um grupo onde todos se conheciam, mas eu não conseguia deixar de pensar que eles sabiam algo que eu não sabia.

Talvez, se me juntasse a eles, eu conseguisse saber.



O vento batia em meus cabelos enquanto passávamos pela cidade no conversível de Lee. Eu estava sentada no banco de trás com Briona. Raj estava no banco do passageiro, com Lee.

— Para onde estamos indo? — eu perguntei.

— Quem sabe? — disse Briona. — Com certeza é algum lugar perigoso e estúpido.

— Vamos brincar com algo que pertence a outra pessoa — disse Lee.

— Mas este carro não é seu? — eu perguntei.

— Falei em sentido figurado.

Lee dirigia descuidadamente pelas ruas.

— Estamos quase lá.

Ele contornou uma curva fechada e eu vi uma ponte que passava sobre um cânion alto, com um pequeno riacho no fundo. Vários carros estavam estacionados lá. Percebi um clarão de algo que se movia para longe da ponte.

— Lá vão eles — apontou Lee.

— Não. — Raj balançou a cabeça. — Não nesta vida.

— Você quer dizer... não na vida *dele*. — Lee apontou para a barriga de Raj e o cutucou.

Os dois rapazes riram.

— É para lá que estamos indo? — eu perguntei.

— Isso não é engraçado — disse Briona.

— Não é engraçado, é divertido — disse Lee.

Dentro de pouco tempo, já havíamos estacionado em frente à ponte com os outros carros. Os rapazes saíram do veículo e foram em direção a uma multidão que se aglomerava no meio da ponte. Agarrei o braço de Briona.

— O que está acontecendo? — perguntei, confusa.

— Salto elástico. Alguns idiotas se jogam de uma ponte e a única coisa que os impede de virarem panquecas é uma correia fina de alta tecnologia. Supostamente, ela é inteligente o bastante para se ajustar ao seu peso e à sua velocidade. — Ela observou as pessoas antes de continuar. — Supostamente.

— Parece perigoso — eu disse.

Ela deu de ombros.

— Bem, pelo menos, não é seu corpo.

Nós nos seguramos ao corrimão que nos separava de uma longa queda no desfiladeiro abaixo. O vento soprava em nossos cabelos enquanto observávamos um rapaz se atirar da ponte, caindo em direção ao riacho. Prendi a respiração e fechei os olhos.

— Não, olhe! — Briona me estimulou, olhando para baixo.

Ele caiu e caiu, chegando muito perto de beijar o chão, mas a correia o impediu no último momento, como Briona disse que aconteceria. O impulso o trouxe de volta até uma altura em que os outros rapazes na ponte conseguiram puxá-lo de volta.

Raj e Lee estavam a vários metros de distância, apoiando-se contra o corrimão e discutindo seriamente a respeito de algo.

— Briona... preciso lhe fazer uma pergunta.

— Claro, querida. Qualquer coisa.

— Por acaso você conheceu o corpo de uma doadora chamada Emma?

Brionna estava olhando para mim. Talvez estivesse tentando se lembrar.

— Ela era alta, com cabelo loiro e cacheado, feições fortes — eu disse.

— Não parece familiar. Ela fez alguma coisa para você?

— Não. Eu só gostaria de encontrar alguém que a tivesse conhecido.

— Desculpe. Gostaria de poder ajudar. Mas, depois de algum tempo, a maioria dos doadores parece ter o mesmo rosto.

— E seus amigos? Você acha que eles poderiam tê-la conhecido?

— Duvido. Apesar de se vangloriarem tanto, eles não alugaram muitas vezes. — Ela olhou em direção a Lee e Raj. Lee estava se preparando para pular. — Não acredito!

Em um segundo, o corpo de Lee se tornou uma bala preta, fazendo um arco pelo ar e caindo em câmera lenta.

Mesmo com todas aquelas regras e contratos.

CAPÍTULO 9

Depois que Lee sobreviveu a seu salto no espaço, ele nos levou de volta ao Club Rune. Raj permaneceu no carro enquanto Lee estava com o motor ligado. Briona e eu desembarcamos e fomos nos despedir. Alisei meu cabelo, que estava despenteado pelo vento.

— Mantenha contato, Callie. Podemos nos divertir muito. Você joga *bridge*? Ah, olhe só para mim, falando sobre jogos para velhos solteirões. Deixe isso pra lá. Podemos ir fazer compras. Ou sair para dançar. Ou para patinar.

Ela me deu um longo abraço. Quando nos afastamos, abri minha carteira para procurar um cartão e entregar a ela. Em vez disso, fiquei surpresa ao ver um maço de dinheiro. Eu havia esvaziado minha bolsa ontem para que Blake entregasse tudo a Michael.

— O que está fazendo?

— Pegando um de meus cartões para lhe entregar.

— Você não precisa disso, sua boba. Quem faz isso são os Enders velhos. — Ela piscou.

Nunca tinha ouvido um Ender se referir a si mesmo dessa forma, mas, de todo modo, ela estava imitando uma adolescente.

Ela estava com o telefone na mão.

— Já peguei seu número e lhe dei o meu. Se quiser fazer algo divertido...

— Ou perigoso — interrompeu Lee, com a mão pousada sobre o encosto do assento do carro.

— ... ligue para mim — prosseguiu Briona. — Me ligue para qualquer coisa que precise. Quero vê-la outras vezes. Sinto como se já fôssemos velhas amigas.

“Velhas” é a palavra certa, eu pensei.

Ela voltou para o carro e acenou com sua bela mão, cheia de anéis e pulseiras, enquanto ia embora. Tudo em que eu conseguia pensar era no dinheiro que estava em minha bolsa. Quando estava em meu carro, com as portas fechadas e antes de me afastar da segurança da zona dos manobristas, contei o dinheiro que estava na bolsa. Era exatamente o mesmo valor que eu havia dado a Blake.



Na manhã seguinte, entrei no carro e dirigi até estar a alguns quarteirões da casa, estacionando ao lado da calçada. Liguei para Blake, mas caí em seu Zing de voz.

— Oi, aqui é Blake. Você sabe o que tem que fazer.

— Oi, Blake. Sou eu, Callie. Pode me ligar, por favor?

Quando desconectei, tive a impressão de que deveria ter dito mais. Mas não queria voltar a ligar. Ele não havia me telefonado desde nosso encontro.

Eu não ligaria para ele se não fosse por meu irmão.



Encontrei Lauren em um restaurante tailandês que ela escolheu. Ficava no Vale, escondido em um dos cantos de um minishopping com muitas placas. Não era um lugar que Enders ricos como Lauren usariam como ponto de encontro. Mas eu sabia que ela o escolhera porque as chances de encontrarmos alguém que nos conhecesse seriam próximas de zero. Não que fôssemos reconhecíveis, mas não queríamos que alguém ouvisse nossa conversa.

Nós nos sentamos a uma mesa perto da parede. O atendente Ender nos trouxe água e deu uma boa olhada em nós duas. Os Enders da classe trabalhadora nem sequer imaginavam que um lugar exclusivo como o banco de corpos existisse. Não sabiam que a bela e jovem “Reece” era, na verdade, Lauren, com mais de 100 anos de idade, ou que meu visual encantador não era meramente uma obra da mãe natureza, mas o resultado de tecnologias de ponta. Não fazia parte do mundo deles. Eles simplesmente estavam felizes por terem empregos que os sustentariam em sua velhice estendida.

E isso fez com que a transição caótica após a Guerra dos Esporos fosse mais fácil, já que os Enders haviam voltado ao mercado de trabalho, agora que podiam contar com sua longevidade.

Depois de fazermos nossos pedidos, Lauren olhou em volta, com o cabelo ruivo e sedoso movendo-se graciosamente. O grupo mais próximo estava a duas mesas de distância e a música ambiente tailandesa encobria sua conversa. Ela pareceu satisfeita por ninguém poder nos ouvir.

— Helena, você ainda está disposta a levar essa ideia adiante? — Ela me olhava com aqueles olhos verdes hipnóticos.

Bebi minha água lentamente. Precisava dizer algo que não revelasse o fato de que eu não tinha qualquer noção sobre o plano de Helena.

Finalmente, optei por uma frase neutra.

— Não sei.

Ela se endireitou na cadeira e seus olhos se iluminaram. Minhas palavras lhe deram esperança.

— É errado — ela disse. — Você sabe que é errado.

— Acho que sim.

— É claro que é — ela diminuiu o volume da voz até não passar de um sussurro. — Assassinato sempre é errado.

Assassinato?

Fiz o melhor que pude para não demonstrar o choque que atingiu meu estômago como o punho de um renegado. Apoiei meus cotovelos na beirada da mesa e coloquei a testa nas mãos, tentando encobrir minha tristeza como se fosse apenas a angústia típica de uma Ender.

Por dentro, eu estava chocada.

Eu tinha que saber mais. Mas não podia simplesmente perguntar. Mordi a boca. Em seguida, lembrei-me do que Lauren dissera na noite de ontem.

— Mas usar Starters — eu me corriji em tempo — ... adolescentes... também é errado. Você não acha?

— É claro que é errado. Todos os dias eu acordo pensando em meu Kevin. Depois que minha filha e meu genro se foram, ele era tudo que eu tinha.

— Assim como aconteceu comigo.

— Mas você desistiu. Eu ainda tenho esperança de encontrar meu neto vivo em algum lugar. Essa é a maior diferença entre nós duas.

Se ela soubesse...

Era estranho ouvir palavras tão refinadas saindo daqueles lábios adolescentes.

— É um enigma horrível... tentar encontrar pessoas que o viram, buscar por restos e vestígios de informações.

— Descobriu alguma coisa ontem à noite?

Ela balançou a cabeça.

— Não, era um alarme falso. Eles nunca viram Kevin.

A comida chegou, mas não estávamos muito interessadas nela.

— Ele sempre foi um garoto bonito — disse ela, contemplando seu prato de *pad thai*. — Não precisava passar por todo aquele processo de embelezamento.

Olhei para ela e minha mente tentava a todo custo entender o que estava acontecendo. Ela cobriu a boca com a mão.

— Oh, Helena. Perdoe-me. Você sabe que eu não quis dizer que Emma precisava...

Eu não compreendia tudo que estava acontecendo, mas estava começando a entender uma ou outra coisa.

— Emma nunca teve uma beleza convencional — eu disse, arriscando-me. — Eu sei disso.

— Até passar por aquela renovação — disse Lauren, com a voz mais tranquila.

Seria aquela a razão pela qual ela fizera isso? Para conseguir a renovação cosmética?

— Eu acho... acho que isso era o que ela realmente queria — eu disse, procurando por uma confirmação.

Lauren estendeu a mão por sobre a mesa e pousou-a sobre a minha.

— Não é sua culpa. Quantas coisas nossos netos já pediram e nós não tivemos coragem de dizer não? Assim como nossos filhos? Tutores devem ser capazes de dizer não.

Apoiei o queixo sobre a palma da mão e assenti, estimulando-a a dizer mais.

— Nós duas pensamos que estávamos fazendo a coisa certa — disse ela. — Cirurgia plástica com titânio, bioescultura com laser verde aos 16 anos? Como pudemos aprovar isso?

— Mas Emma encontrou uma maneira de conseguir o que queria.

— Assim como meu Kevin. — Ela tirou a mão de cima da minha e voltou a se endireitar na cadeira.— Quem diria que garotos poderiam ser tão vaidosos quanto meninas? — Ela deu de ombros.

Portanto, eu estava errada. Emma — como Kevin — podia viver em uma vida de luxo, mas não tinha tudo que queria. Eles queriam a perfeição física. E a única maneira de conseguirem isso era através do banco de corpos.

— Eles mentiram, então.

— É claro. A Prime não os aceitaria se eles tivessem parentes. Eles querem os sem laços, sem passado, sem esperança. Crianças sem famílias para investigar os motivos pelos quais eles não voltaram para casa. A Prime libera alguns garotos para atraírem mais corpos, mas os nossos não tiveram essa sorte.

Eu poderia jurar que vira um indício de sua idade verdadeira por trás daqueles olhos verdes.

A imagem do quebra-cabeça estava se formando. Alguns garotos ricos e mimados mentiam para o banco de corpos, usando sobrenomes falsos para que pudessem fingir ser órfãos pobres. Não queriam o dinheiro. Queriam as cirurgias plásticas gratuitas que seus avós não lhes permitiriam fazer. E nunca mais voltavam para casa.

— Lauren...

Ela me interrompeu.

— Me chame de Reece, por favor. É melhor.

— Reece, a respeito de matar... é algo que tem importância para mim.
— Baixei os olhos. Não precisava mais fingir angústia. — Andei pensando no caso... é errado.

— É mesmo?

— Mas a Prime Destinations... — Eu tinha que fazê-la me dizer quem eu mataria. Alguém no banco de corpos, a julgar pelas poucas informações que eu tinha. — Eu realmente os detesto pelo que fizeram.

— Você não está sozinha.

— Sim. Você, eu... — deixei a frase no ar, esperando que ela a completasse.

— ... e também os Colemans, os Messians, os Posts. — Ela contou cada nome nos dedos. — Os outros avós que encontramos também culpam a Prime. Mas nenhum deles está falando sobre atirar em pessoas.

Agora era minha vez de olhar ao redor. Percebi que uma garçonete a duas mesas de distância nos olhava fixamente.

— Não se preocupe, eu mantive a minha palavra — disse Lauren. — Não contei para ninguém. Ainda não.

— O diretor da Prime Destinations... — Devia ser ele.

— Não comece com isso de novo. É impossível encontrar o Velho.

— Ele é alto. E usa um chapéu — eu disse, me lembrando de quando o vira pelas costas naquele dia na Prime. — E um casaco longo.

— Foi o que ouvimos dizer. Mas eu nunca o vi.

Eu, sim. Discutindo com Tinnenbaum na Prime. Mas Lauren parecia ter certeza de que ele não era o alvo de Helena. Se o diretor da Prime não era o homem que ela planejava assassinar, quem seria?

Lauren se inclinou para a frente, olhando-me diretamente nos olhos.

— Me conte, Helena, quem é? Quem você quer matar?

Ela não sabia.

— Não posso dizer. — Desviei o olhar. Provavelmente foi a única coisa verdadeira que eu disse.

— Seu alvo não é o único que vai morrer. E essa pobre garota em quem você está agora, esse corpo belo e jovem? — Lauren estendeu a mão novamente e acariciou meu cabelo. — Vão abrir fogo sobre ela imediatamente.

O mundo inteiro ficou em silêncio.

Sou eu! Era o que eu queria gritar. Meu corpo! Eu! Mas as palavras estavam travadas em algum lugar na minha garganta. O cheiro pungente de limão e molho de peixe estava me deixando enjoada. Tudo que eu podia

fazer era olhar para o fundo de minha tigela de *curry* amarelo e perceber que, pela primeira vez no ano, eu não tinha qualquer apetite para comer.

Descobrir que sua inquilina é uma assassina é um excelente inibidor de apetite. E que você provavelmente será morta, também.



Dirigi pela rodovia o mais rápido que podia, sem me arriscar a levar uma multa. Quer dizer que Helena não queria surfar ou se jogar do alto de pontes; ela me usaria para assassinar alguém. Mate e seja morta. Essa devia ser a razão pela qual ela exigira que o corpo soubesse usar armas de fogo.

Vi meu telefone se iluminar. Blake me enviara um Zing enquanto eu estava no restaurante.

A mensagem era curta: “O que você ainda precisa dizer?”.

Era muito esquisito. Apertei o botão de chamada no carro e consegui entrar em contato com ele.

— Blake, me encontre no parque de Beverly Glen em trinta minutos. Vou explicar tudo.

— Trinta minutos — ele disse. Sua voz parecia seca.



Caminhei pelo parque, passando por Enders deitados em espreguiçadeiras ou sentados em bancos de madeira. Dois estavam sentados

nos balanços, indo lentamente de um lado para o outro. Era raro ver crianças fora de casa desde os tempos da guerra. Muitos Enders que não tinham netos não queriam ficar perto de crianças pequenas, talvez porque houvessem perdido todos os seus filhos. E as pessoas estavam paranoicas a respeito de esporos residuais no ar, com ou sem vacinas.

Um guarda de segurança particular com óculos escuros vigiava o lugar, com as mãos nos quadris. Vacilei quando percebi sua arma, pensando na Glock. Percebi outro casal de Enders, ambos com cabelos brancos que lhes caíam por sobre os ombros, discutindo acaloradamente debaixo de uma árvore. A mulher batia repetidamente com a ponta do dedo no peito do homem.

Aquilo me lembrou de meus pais, um ano e meio atrás. Fora durante o verão. Havíamos terminado o jantar e Tyler e eu estávamos assistindo à aerotela. Uma edição extra do noticiário interrompeu a programação. O locutor, com a expressão sisuda, dizia que a guerra havia se intensificado e que os ataques com mísseis de esporos, que até o momento eram apenas rumores, tinham sido confirmados. Estavam focados no noroeste do país. Corri até a cozinha para contar a meus pais, mas, aparentemente, eles já sabiam. Fiquei do lado de fora da porta enquanto os ouvia discutindo.

Minha mãe estava em frente à pia, com o pano de prato na mão.

— Por que você não consegue algumas doses para nós? Você tem conexões importantes com o governo.

— Você sabe o porquê. Os protocolos.

— Precisamos dessa vacina, Ray. Esta é sua família. Seus filhos.

Ele se apoiou no balcão.

— Os protocolos servem para a proteção de todos.

— As celebridades estão conseguindo a vacina. Os políticos também.

— Isso não quer dizer que seja correto.

Ela jogou o pano de prato sobre o balcão, com um ruído estalado que fez com que ele se esquivasse.

— É correto abandonar nossos filhos à própria sorte, deixando que se tornem órfãos sem ninguém para protegê-los? Condená-los a passar fome, a serem assassinados ou coisa pior?

Ela batia repetidamente com a ponta do dedo no peito dele para enfatizar suas perguntas. Lágrimas de raiva enchiam seus olhos.

Meu pai a agarrou pelos ombros e a segurou por um momento para acalmá-la. Em seguida, puxou-a para perto de si, em um abraço carinhoso. Ela se entregou ao abraço e apoiou a cabeça sobre o ombro dele. Naquele momento, ela me viu.

Ela parecia tão assustada.

Afastei a imagem do rosto de minha mãe assustado de minha mente e corri os olhos pelo parque, buscando o casal de Enders. Eles estavam indo embora.

Onde estava Blake? Logo o avistei, sentado sobre o tampo de uma mesa de piquenique de concreto. Fui até onde ele estava e me sentei o seu lado.

Assim como o vigia, ele usava óculos escuros, uma barreira entre nós.

— Tudo bem? — O tom dele era gelado.

— Conseguiu falar com meu amigo? — Eu me senti constrangida ao perguntar sobre Michael, mas precisava saber.

— Não — disse ele, com um tom exasperado, como se eu devesse saber. — Você me disse para não fazer aquilo.

Senti minha pele se arrepiar.

— Eu disse isso?

— Sim. Não se lembra? Quando ficou bem irritada e exigiu que eu devolvesse seu dinheiro?

Era disso que eu tinha medo. Helena.

— O que mais?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Não me force a lembrar de tudo o que houve. Você sabe o que disse.

— Na verdade, não sei o que disse. Sei que isso pode parecer estranho.
Por favor, me conte.

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

— Disse que eu não deveria ligar nem mandar um Zing. Você nunca mais queria me ver.

Eu suspirei. Helena dissera aquilo.

— Me desculpe. — Eu o toquei no braço. Sua pele estava quente. —
Foi um erro.

— Eu achei... achei que havíamos nos divertido. — Ele não reagiu a
meu toque, mas não tentou se afastar.

— O dia foi maravilhoso. — Senti uma dor forte dentro de mim. —
Um dos melhores que já tive.

Ele olhou na direção dos Enders que estavam nos balanços.

— Então, por quê...?

— Não era eu mesma. Isso acontece comigo às vezes. — Abri a bolsa e tirei o dinheiro. — Nunca aconteceu de você ter um dia ruim e desejar poder apagar o que aconteceu? Podemos tentar mais uma vez? Por favor?

Eu estendi o dinheiro. Ele hesitou.

— Tem certeza de que quer que eu dê isso a seu amigo desta vez?

— Sim. Tenho certeza absoluta.

— E você realmente não quer fazer isso pessoalmente? Ou vir comigo?

E arriscar meu contrato com o banco de corpos?

— Eu gostaria de poder ir com você, mas realmente não posso ir até lá. E ele precisa desse dinheiro agora. — Eu empurrei o dinheiro na direção dele, encostando as notas em sua camisa. — Por favor, Blake.

Ele pegou o dinheiro e fechou o punho ao redor dele. Finalmente, Blake me olhou nos olhos.

— Acho que todas as pessoas têm seus dias ruins às vezes.

Em seguida eu me lembrei do desenho. Não estava mais em minha bolsa, como o dinheiro.

— Lembra-se daquele pedaço de papel que eu lhe dei? — perguntei.

— Este aqui? — Ele tirou o desenho do bolso, ainda dobrado.

Eu esperava que ele não o desdobrasse agora. Não queria ter que responder a perguntas.

— Sim. Entregue para ele, também. Junto com o dinheiro.

Ele enfiou o dinheiro e o papel em sua carteira. Tentei não demonstrar meu alívio.

— Ele é muito talentoso — disse Blake. — Seu amigo.

Quer dizer que ele havia olhado o desenho. Percebi um leve toque de ciúmes na maneira como ele pronunciara a palavra “amigo”. E tive que admitir, aquilo me fez vibrar.

CAPÍTULO 10

Entrei em meu carro e me afastei do parque, fazendo uma curva fechada que fez o alienígena felpudo preso ao retrovisor do carro de Emma bater contra o para-brisa. Enquanto ele balançava para a frente e para trás, pensei em minhas alternativas. Se não precisasse tanto daquele dinheiro, provavelmente já teria desistido. Mas não era tão fácil. Havia um chip em minha cabeça. Se eu retornasse à Prime, quais seriam as chances de que os Enders acreditariam em mim, em vez de em uma inquilina rica? Eu podia até mesmo visualizar uma discussão acalorada que terminaria comigo sendo enviada para uma instituição. Já morava havia um ano nas ruas e esse tempo me ensinara como sobreviver, dia após dia. Era dessa forma que eu lidaria com a situação.

De volta a Bel Air, estacionei o carro e entrei na casa sem que Eugênia percebesse que eu estava de volta. Fui até o quarto de Helena e tranquei a porta.

Fui até o armário e puxei o carpete, expondo o compartimento oculto. Removi o estojo e olhei para a Glock.

Onde eu poderia escondê-la? Por mais que eu quisesse ter uma arma novamente, não poderia ficar com aquela. Tinha que me livrar dela, de modo que Helena não conseguisse encontrá-la da próxima vez que assumisse o controle sobre meu corpo. Escondê-la em algum lugar da mansão não seria uma boa ideia, porque Eugênia poderia me ver e dizer a Helena se fosse questionada. Helena poderia tentar arranjar outra arma, mas, se eu conseguisse dificultar o processo, poderia ajudar a impedir um

assassinato. Ela teria que esperar por uma semana, no mínimo — uma nova lei, aprovada depois da guerra — ou perder tempo e dinheiro procurando uma arma no mercado negro. Helena não parecia ser alguém acostumada a negociar no mercado negro, embora houvesse se mostrado uma bela caixinha de surpresas.

Onde as pessoas poderiam se livrar de armas de fogo? Era o que eu me perguntava. O litoral inteiro ainda estava destruído pela guerra e o público em geral não tinha acesso à região. Gostaria de poder entregá-la a Michael, mas não podia pedir a Blake que fizesse isso. E, na realidade, eu não queria que Helena tivesse condições de descobrir o paradeiro daquela arma quando voltasse a ter controle sobre meu corpo.

Fui até o banheiro, encharquei uma toalha com removedor de maquiagem e esfreguei na Glock para remover quaisquer resíduos de DNA, como vira nos holos. Em seguida, guardei a arma novamente no estojo e o coloquei em uma sacola de papel pardo que encontrei no closet de Helena.

Voltei ao carro e dirigi até um megamercado, rodando lentamente pelo estacionamento. Os guardas armados da loja estavam patrulhando a entrada. Passei por todas as vagas de estacionamento perto da entrada, escolhendo uma que ficava um pouco mais distante. Peguei a bolsa e dobrei a parte de cima para lacrá-la. Aja normalmente, disse a mim mesma.

Desci do carro. Uma Ender que tomava iogurte em um banco à minha frente me olhou fixamente enquanto eu passava.

Havia duas lixeiras grandes. Escolhi a da direita e levantei o canto da tampa. Era mais pesada do que eu pensava. Tive que usar as duas mãos para erguê-la e, antes que eu percebesse, a bolsa escorregou e caiu no chão.

Metade do estojo escorregou para fora dela.

Peguei rapidamente a bolsa, abri a tampa da lixeira e me liberei da arma. O estojo fez um barulho alto de metal batendo contra metal. Como eu poderia saber que a lixeira fora esvaziada havia pouco tempo?

Dei meia-volta e fui em direção ao carro. A Ender me olhava fixamente, como se soubesse que eu estava fazendo algo errado. Eles sempre tinham essa postura em relação a Starters, independente de sermos ricos ou pobres. Ela se levantou e acenou para o guarda, que estava do outro lado do prédio.

Quando eles conseguiram conversar, eu já estava saindo do estacionamento.

Agora que havia me livrado da arma, eu tinha condições de me concentrar em descobrir quem Helena estava planejando matar. Estacionei o carro em frente a uma loja de conveniência e comecei a examinar os registros de seu telefone celular. Os z-mails não continham qualquer pista. Nada parecia estar fora do comum, nenhuma referência para me indicar quem seria seu alvo.

A agenda do telefone. Havia comentários e listas de coisas a fazer em todos os dias, até a data em que ela fora ao banco de corpos. A data da

transferência estava marcada com “P. D.”, com várias outras anotações posteriores.

Antes que eu pudesse prosseguir, um barulho me interrompeu. Levantei os olhos e vi uma pequena gangue de garotos de rua, renegados, vindo a toda velocidade em direção a meu carro. Pelo menos, dessa vez, eu não estava em um conversível. Pisei no acelerador com força e saí daquele lugar, deixando-os para trás rapidamente, atirando pedras que provavelmente amassaram a traseira do carro.

Abri um sorriso. Da última vez que isso acontecera, eu ficara aterrorizada. Mas, quando você descobre que está prestes a assassinar alguém, isso muda totalmente sua perspectiva.

Dez quarteirões adiante, eu parei em um sinal vermelho. Voltei a olhar para a agenda do celular enquanto esperava pela luz verde. O dia 19 de novembro, às 20 horas, estava assinalado com uma marca de confirmação. Todas as datas depois dessa marca estavam em branco.

O dia do assassinato.

Se aquilo fosse verdade, eu teria dois dias para descobrir o que ainda faltava. Menos de dois dias, na realidade. Já sabia o que aconteceria e quando. Agora, precisava saber quem era o alvo e onde o ataque ocorreria. E descobrir uma maneira de impedi-lo.

A luz verde se acendeu e eu entrei na rodovia. Não tive receio de acelerar. Sentia mais confiança em minha habilidade como motorista.

Agarrei o volante com força e estorcei o carro para a esquerda, entrando na faixa de trânsito rápido. Senti um formigamento nas mãos. Agitei os dedos, mas a sensação não passou.

Comecei a me sentir tonta.

Não.

Aquela sensação de estar afundando tomou conta de mim. E estava me dominando.

Eu estava dirigindo a 110 quilômetros por hora e minha visão estava escurecendo.



Quando voltei a mim, minha cabeça estava latejando, mas não era tão ruim quanto a primeira dor de cabeça forte que tivera. Estava com as costas apoiadas contra uma parede, no saguão de um prédio de escritórios que funcionava normalmente. Paredes de mármore negro decoradas com molduras prateadas. Não reconheci aquele lugar.

O segurança, um Ender que estava na escrivaninha do outro lado do saguão, se entretinha com uma revista eletrônica sobre carros em sua aerotela. As cores se refletiam em seu rosto.

Olhei para um relógio na parede e vi que eram quase 16h30. Eu estava com as mesmas roupas que usava antes de perder o controle sobre mim mesma. Apenas uma hora havia passado.

Meu telefone tocou. Eu o retirei da bolsa. O identificador de chamadas mostrava a frase “Lembretes”. Apertei o botão dos lembretes e escutei. Uma voz mecânica de mulher anunciava:

— Você gravou um lembrete para si mesma, agendado para as 16h30.

A voz que surgiu em seguida não era minha. Era de uma Ender.

— Callie, aqui é Helena Winterhill. Sua inquilina.

Meu coração acelerou.

Eu a reconheci. Ela era a Voz. Aumentei o volume.

— Há muitas coisas a dizer, mas não sei quanto tempo terei antes de voltar a meu próprio corpo. Como você provavelmente já percebeu, não temos uma conexão consistente. Há um problema no sistema. Espero que ele seja reparado rapidamente. Até que isso aconteça, não entre em contato com a Prime, em nenhuma circunstância. Espero que isso esteja claro.

Cobri a outra orelha com a mão para não perder nenhuma palavra. Havia um leve tom de nervosismo por trás daquela força.

— Nesse meio tempo, eu lhe peço que não use as roupas de minha neta. Meu coração dói quando percebo que, repentinamente, estou de volta a seu corpo e descubro que estou com as roupas dela. — A voz parecia estar estrangulada, como se tentasse conter o choro. — Mas esse não é o motivo pelo qual estou lhe enviando esta mensagem. Quero garantir a você que, se

continuar a seguir nosso contrato conforme o planejado, não importa o que aconteça, você receberá um bônus quando tudo estiver terminado. Um bônus bastante substancial, desde que você coopere totalmente.

A mensagem terminou.

Eu estava atordoada. Era óbvio que ela não fazia a menor ideia de que eu sabia do plano de assassinato. É claro, ela sabia apenas o que conseguia descobrir naqueles breves períodos em que habitava meu corpo. Não haveria como saber sobre minha conversa com Lauren.

“Um bônus generoso”, ela dissera. Mas eu provavelmente acabaria morta. É muito fácil prometer bônus a garotas mortas.

Como eu só ficara inconsciente por uma hora, Helena não teve tempo de voltar para casa. Não sabia que eu havia me livrado de sua arma. Isso era bom. A parte ruim era o fato de eu estar presa ao plano dela.

Olhei ao redor e vi que o guarda me observava. Eu estava ali havia muito tempo. Virei para olhar as placas que indicavam as empresas e os profissionais que ocupavam os escritórios daquele prédio. As rodinhas da cadeira do guarda rangeram quando ele a empurrou para trás e se levantou.

Li rapidamente os nomes nas placas, listados em ordem alfabética. Em sua maioria, eram advogados e alguns contadores. Quando já havia passado por cerca de um terço da lista, encontrei um nome que se destacava dos outros.

SENADOR CLIFFORD C. HARRISON.

O avô de Blake.

CAPÍTULO 11

Eu estava olhando fixamente para as placas com os nomes das pessoas quando o guarda se aproximou. Helena conhecia o avô de Blake? Não podia ser somente uma coincidência. Se fosse, ele não teria que dizer que seu avô conhecia “minha” avó?

— Posso ajudá-la, moça? — perguntou o guarda.

Pelo tom de voz que usava, ficou claro que estava disposto a me chutar para fora dali. Examinei o resto da listagem. Nenhum outro nome se destacou.

— Estou falando com você. — A voz dele estava carregada com um tom de autoridade, como se estivesse prestes a explodir. — Menina.

Ele pronunciou a palavra que os seguranças geralmente usavam dez segundos antes de nos ameaçarem com um ultimato: os inspetores. Eu me virei para encará-lo.

— Vou subir até o 16º andar. Até o escritório do Senador Harrison.

— Você marcou um horário?

— Não. Vou só conversar com a assistente dele.

Talvez fosse o tom desafiador em minha voz, ou talvez fosse a beleza mágica produzida pela Prime Destinations, mas ele assentiu. Em seguida,

apontou para o livro eletrônico de registros instalado no balcão.

— Assine ali. E registre a impressão digital.

Assinei e pressionei o polegar no canto da página. O elevador abriu e eu subi até o 16º andar. Esperava descobrir qual era a relação entre minha inquilina e o avô de Blake. Havia algo errado ali.

Quando saí do elevador, estava em frente a uma porta de vidro dupla, decorada com letras de metal cortadas a laser que indicavam: ESCRITÓRIO DISTRITAL, SENADOR HARRISON.

Ao entrar, um recepcionista Ender olhou para mim com um sorriso nos lábios e desprezo nos olhos.

— O senador Harrison está?

— Lamento, ele está em um evento beneficente. Posso ajudá-la em alguma coisa?

Olhei ao redor. Havia um corredor que levava a vários outros escritórios. O de Harrison provavelmente era o último.

— Quando ele voltará ao escritório?

— Os eleitores precisam agendar um horário para ter uma audiência com o senador. — Ele me olhou da cabeça aos pés. — Você ainda é um pouco jovem para votar, não é?

Ele sorriu, como se aquela piada fosse engraçada. Enders tinham acesso a todos os processos médicos e cirúrgicos que desejassem, mas não havia qualquer possibilidade de consertarem aquele senso de humor imbecil.

— Talvez eu seja mais velha do que você imagina — eu disse.

O sorriso se transformou em uma expressão de perplexidade. Mas ele logo se recuperou.

— Bem, você pode entrar em contato com o senador através de seu website — disse ele, entregando-me um cartão.

Peguei o cartão, sabendo que meu z-mail seria lido somente por algum programa de redirecionamento.

— Na verdade, talvez eu devesse ter explicado melhor. Estou escrevendo um artigo para meu tutor particular e esperava que o senador pudesse me conceder uma citação. Seria possível conseguir uma audiência curta? Preciso apenas de alguns minutos.

A expressão no rosto do recepcionista ficou mais suave.

— O senador é uma pessoa muito ocupada — disse ele. — Está concorrendo à reeleição, você sabe.

Uma Ender de aparência severa saiu bufando pela porta do primeiro escritório e ficou atrás do recepcionista.

— Você de novo. — Ela me olhou, agressiva. — Eu não lhe disse para nunca mais voltar aqui?

— Eu não sabia... — o homem disse para ela, com a palma das mãos erguida.

— Você não veio trabalhar naquele dia porque estava doente — ela disse ao recepcionista. Estivera com os olhos pregados em mim, mas se dirigia a ele. — Chame a segurança. Dessa vez nós vamos segurá-la até os inspetores chegarem.

Ele pegou o telefone.

Não era a primeira vez que Helena vinha a este prédio. Meu corpo estivera aqui, com Helena dentro.

— Quando eu estive aqui?

— Não insulte minha inteligência. — A Ender marchou em minha direção enquanto eu me afastava.

Senti que minhas costas tocaram a porta de vidro. Virei-me, abri a porta e corri pelo corredor. Agitei a mão em frente ao detector de movimento do elevador, mas ele estava em outro andar. Fui em direção à escada, abri a porta de acesso e corri em direção ao térreo. Teias de aranha se prenderam em meu rosto, meu cabelo e minha boca. Xinguei os Enders que se recusavam a usar escadas. Comecei a imaginar se conseguiria correr

mais rápido do que o guarda do saguão do prédio. Em minha mente, ele estaria me esperando com algemas automáticas prontas para me prender.

Quando cheguei ao térreo, parei para tomar fôlego. O guarda estava de frente para o elevador, esperando que eu saísse. Disparei em direção à porta principal. Quando ele se virou, era tarde demais para conseguir me alcançar; aquelas pernas velhas não eram páreo para as minhas. Eu já estava no meio do quarteirão quando ele conseguiu chegar à porta.

— Helena, o que você fez com minha vida?

Mas, mesmo que houvesse uma conexão entre nós, ela não respondeu.



Eu estava sentada em frente ao computador de Helena em sua suíte, procurando freneticamente nas Páginas por informações sobre o senador Harrison. As coisas haviam chegado a um nível mais pessoal agora. O que Helena dissera ao senador? Ela havia falado usando meu corpo, então provavelmente não acontecera há muitos dias. Seria bom saber o máximo que eu pudesse, caso os funcionários do senador realmente chamassem os inspetores.

Eu trabalhava o mais rápido possível. Como senador, Harrison estava envolvido em muitos programas sociais envolvendo Starters, mas seu projeto preferido parecia ser algo chamado de Liga da Juventude. Será que aquilo estaria relacionado à neta de Helena? Helena tentara pedir ajuda ao senador para descobrir informações sobre o desaparecimento de Emma?

Talvez ele houvesse se recusado a intervir. Helena poderia ter ido até o escritório dele para pedir ajuda, talvez tentando encontrar uma maneira de impedir que o banco de corpos continuasse a funcionar, e seu pedido fora rejeitado. E, por causa disso, talvez ela tivesse decidido responsabilizar o senador pela morte de sua neta.

Seria o bastante para querer matá-lo?

Eu estava duvidando da minha teoria, até encontrar uma data importante nas Páginas. Harrison seria um dos convidados de honra na cerimônia de premiação da Liga da Juventude, que aconteceria no dia 19, a mesma data que assinalava a última entrada na agenda do celular de Helena. Dali a dois dias. E o horário era o mesmo que estava nas anotações de Helena: 20 horas.

Eu sabia quem teria as melhores informações sobre o senador. Telefonei para Blake.

Quando cheguei ao mirante na estrada de Mulholland, a tarde estava terminando. O carro vermelho de Blake era o único estacionado em frente ao mirante. Estacionei o meu ao lado.

Blake estava sentado na grade de proteção que ladeava a estrada, observando o sol baixar no horizonte, por trás das montanhas.

— Oi.

Ele me deu uma mão e me puxou para sentar ao lado dele. Prendi os pés na parte mais baixa da grade e me segurei na barra mais alta. O precipício que havia logo abaixo era bem íngreme.

— Conversei com seu amigo — disse ele, olhando para o horizonte. — Entreguei o dinheiro a ele.

Senti meus ombros se relaxando.

— O que ele disse?

— Ele queria saber quem eu era. Disse a ele que eu e você éramos amigos.

— Você conversou com mais alguém?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Ele quis saber por que não me conheceu antes.

— E o que você disse a ele?

— A verdade. Que nós nos conhecemos há alguns dias. — Ele olhou para baixo. — Consegue acreditar nisso? Parece que faz muito tempo. De qualquer maneira, a verdade sempre funciona melhor. Você sabe disso, não é?

Engoli em seco e estudei o rosto dele em busca de respostas. Quanto ele sabia?

— O que ele disse quando você perguntou sobre os outros?

— Ele disse que todos os outros estavam bem. — Ele olhava para o cânion. — O que realmente aconteceu com aquele rapaz? — perguntou.

Minha garganta se apertou, como se as mãos sujas de algum renegado estivessem ao redor dela.

— Ele teve um pouco de azar. Seus pais morreram na guerra. E os avós estão mortos.

Eu olhei para baixo. A grade de proteção não parecia estar muito firme. Eu me sentia tonta.

Árvores, pedras e poeira giravam em meu campo de visão quando me inclinei para a frente. Blake me segurou, com uma mão em minha barriga e outra em minhas costas.

— Cuidado — disse ele. — Você está bem?

Meu coração batia forte. O toque dele me dava uma sensação de carinho. Proteção.

— Não sei.

— É melhor sairmos daqui. — Ele me segurou pelos ombros enquanto descia da cerca, certificando-se de que eu estava firme. Em seguida, ele me agarrou pela cintura e me pôs no chão.

— Quer se sentar no meu carro?

Fiz que sim com a cabeça. Enquanto andávamos em direção ao carro dele, um casal de Enders estacionou seu automóvel e desembarcou para apreciar o panorama. Blake colocou seu braço ao redor do meu ombro para me firmar. A sensação era muito boa.

Quando me sentei no carro de Blake, já me sentia melhor. Segura. O mundo parou de girar.

Eu não sabia se devia lhe contar sobre seu avô. Como isso poderia ajudar? Para explicar minha teoria sobre como o senador poderia estar em perigo, eu teria que explicar sobre o banco de corpos, já que pouca gente sabia a respeito daquele assunto. E, para explicar isso, teria que admitir quem eu realmente era. Era possível que Blake não acreditasse em mim e simplesmente pensasse que eu era louca. Tudo começara com uma mentira, e agora era quase impossível reverter a situação sem que algo se quebrasse.

Blake olhava para a cidade, ao longe.

— Acho que você está escondendo alguma coisa, Callie. — Ele se virou para mim. — Algo importante.

Senti minha boca se abrir, mas não consegui dizer nada.

— É verdade, não é? — Os olhos dele me estudavam. — Posso ver no seu rosto.

Parecia que meu coração era um beija-flor, preso dentro do peito.

— Você está doente, não é?

Eu pisquei os olhos.

— O quê?

— Está tudo bem, você não precisa me contar os detalhes. É óbvio que há algo errado com você. Essas tonturas que você sente e, às vezes, você perde a consciência. Em seguida, você parece ser uma pessoa totalmente diferente.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Mas não se preocupe. Não quero pressioná-la. Pode, pelo menos, me fazer um favor?

— O que você quer?

— Me prometa que vai dizer alguma coisa da próxima vez que começar a se sentir mal. Podemos evitar que você despenque de algum precipício ou algo parecido.

Ele afastou os cabelos que caíam por cima de meu rosto e passou a mão pela parte de trás de minha cabeça. Instintivamente eu me esquivei.

— O que houve?

— Nada, está tudo bem. — Eu tinha que impedir que ele percebesse a cicatriz da incisão de meu chip. Peguei na mão dele e a segurei. Era quente, forte e lisa. Ali estava ele, tão preocupado comigo e feliz por eu estar segurando sua mão. E ali estava eu, mentindo descaradamente para ele.

Respirei fundo.

— Blake?

— O que foi?

— Você disse que não era muito próximo de sua avó.

— É verdade.

— E seu avô?

Ele apertou os olhos e voltou a olhar para o nada.

— Ele é um cara legal. Ocupado. Passa bastante tempo fora. — Ele olhou para mim. — Mas acho que ele está se esforçando. Nunca conseguiu superar a perda de meu pai, então ele tenta ficar perto de mim. Nem sempre facilito as coisas para ele.

Baixei os olhos para olhar para nossas mãos. Ainda estavam juntas, uma sobre a outra. Nenhum de nós fez qualquer movimento para se afastar.

— Como é ser um senador? Ele tem muitos inimigos?

— Ah, sim. Recebe cartas com insultos. Pacotes com surpresas desagradáveis. Qualquer coisa que não encomendamos vai direto para os inspetores. Há alguns velhos por aí com ideias muito esquisitas.

— Aposto que sim — eu disse, revirando os olhos. Em seguida, virei para ele. — Eu gostaria muito de conhecê-lo.

— Você gostaria? — ele disse, afastando a cabeça.

Eu assenti.

— Não sei se vai ser possível encontrar uma brecha na agenda dele. Ele tem vários compromissos agendados antes de viajar para Washington para conversar com o presidente.

— O presidente?

— Sim, e ele quer que eu o acompanhe — disse Blake. — Diz que é uma oportunidade para fortalecer meu caráter.

Afastei meu cabelo com a outra mão.

— Seu avô vai fazer alguma coisa especial no dia 19?

Blake inclinou a cabeça.

— Como você sabe? É a última aparição pública que ele tem agendada antes de viajar. A cerimônia de premiação da Liga da Juventude vai acontecer nesse dia, no pavilhão Dorothy Chandler, no Music Center.

— Na área central de Los Angeles. — A última data que Helena havia marcado em sua agenda. Tudo indicava que o senador seria o alvo. — Deixe-me adivinhar, o evento começa às 20 horas?

— Sim. Tenho que estar lá para entregar um dos prêmios. Como você soube do evento?

Eu precisava descobrir o que poderia fazer para impedir aquilo.

— Desculpe, tenho que ir embora.

— Espere. — Ele usou a mão que estava segurando a minha e me puxou para ele até que nossos rostos ficassem bem próximos, e eu pude sentir sua respiração em minha pele. — Faz algum tempo que quero lhe dizer uma coisa.

Àquela distância, os olhos dele faziam o mundo desaparecer. O cheiro dele era suave. Como os verões antes da guerra. Como um lugar onde eu sempre poderia ficar protegida. Um santuário.

— O que é? — eu perguntei.

— Callie. — Os olhos dele me examinaram, passando pelas maçãs de meu rosto, meus olhos, meus lábios. — Não sei qual é o motivo, mas eu sinto que existe uma ligação entre nós.

— Eu sei. Também sinto isso.

— Mas você sabe por quê? — ele perguntou.

Eu não sabia. Simplesmente sentia.

— Acho que, às vezes, nem tudo tem uma razão de ser.

— As coisas simplesmente acontecem.

— As coisas simplesmente acontecem.

Meu coração estava batendo tão forte que Blake provavelmente conseguiria ouvi-lo.

Ele tocou meu rosto com a mão. Era quente e macia.

— Você realmente é especial — disse ele. Em seguida, se inclinou para frente e beijou meus lábios.

Hesitante.

Gentil.

Ele se afastou com um sorriso infantil no rosto, como uma criança de 5 anos em um parque de diversões que acabou de ganhar um peixe-robô dourado.

CAPÍTULO 12

Voltei para casa e entrei discretamente no quarto de Helena. Eu sabia que pensar em Blake era uma frivolidade e uma distração, mas não podia negar que me sentia atraída. Ele tinha os maneirismos e o jeito tranquilo de agir de uma pessoa que nunca tivera que procurar por comida ou roupa nas ruas. Talvez fosse essa a razão pela qual eu gostava dele: ele me trazia de volta para a vida civilizada que eu costumava ter. Não que minha família fosse rica, mas tínhamos uma estrutura sólida. Estabilidade.

Mesmo assim, eu me recusava a aceitar uma imagem tão fútil de mim mesma. Eu gostava de Blake porque ele era gentil e carinhoso, bom para mim e para sua bisavó Nani. Minha mãe sempre dissera para ficar atenta a como um rapaz tratava sua própria mãe para saber como ele me trataria no futuro. Acho que a maneira como Blake tratava sua bisavó serviria, nesse caso.

Eu desejava realmente que o avô de Blake não estivesse metido nessa situação, mas, pelo menos, isso não era culpa minha. Helena devia ter ido falar com ele em seu próprio corpo, a princípio, para pedir ajuda quando Emma desaparecera vários meses atrás.

Fui até a escrivaninha de Helena para tentar descobrir alguma evidência de que ela sabia que o Senador Harrison estaria na cerimônia de premiação no Music Center. Não havia nada em seu computador que mencionasse o evento, mas encontrei uma pasta na gaveta. Dentro, havia um envelope. Ele continha dois ingressos para a Cerimônia de Premiação da

Liga da Juventude, às 20 horas, no pavilhão Dorothy Chandler no Music Center.

Era a confirmação de que eu precisava. Segurei os ingressos com as duas mãos. Se eu ainda estivesse no comando de meu corpo, não haveria problema. Mas, se eu perdesse a consciência, Helena tentaria seguir seu plano para matar o senador.

O avô de Blake.

Rasguei os ingressos em dois pedaços, depois em quatro. Corri até o banheiro, picotando-os com as mãos, e os joguei no vaso sanitário.

Com um único toque, mandei a oportunidade que Helena teria de matar o senador por água abaixo.

Eu não queria ficar sentada em casa durante os próximos dois dias, esperando pela cerimônia de premiação. Isso deixaria as coisas fáceis demais para Helena, se ela conseguisse assumir o controle de meu corpo. Precisava de um plano.

Fui até o armário e peguei a bolsa chique que eu usara na danceteria. Dentro dela, encontrei o cartão de Madison — ou melhor, Rhiannon. A garota linda e divertida que, na realidade, era uma Ender antiquada e divertida.



Fiquei feliz por Rhiannon ainda estar usando Madison, seu corpo de aluguel, pois isso fez com que fosse mais fácil encontrá-la na manhã seguinte. Cheguei até o lugar combinado para nosso encontro, um rink de superpatinação no gelo.

O lugar estava muito frio, com todo o gelo que havia ali. Apenas os adolescentes mais ricos e alguns Enders corajosos estavam patinando, todos usando trajes de alta tecnologia, projetados para alcançar as maiores velocidades e manter a segurança do corpo. Não que eles precisassem de qualquer ajuda. Os patins do tipo superblade, como a placa explicava, tinham pequenos lasers instalados logo acima do gelo, controlados por botões nas luvas do patinador. Os lasers derretiam uma pequena porção do gelo para que o patinador pudesse alcançar velocidades mais altas. Mas a parte mais divertida era acionar os jatos dos patins, emitindo uma rajada de ar que fazia com que o patinador pairasse no ar. Os jatos só podiam ser usados por alguns segundos e só elevavam o usuário a alguns centímetros do chão, mas a sensação era comparável a voar.

Essa era uma das várias coisas que as pessoas endinheiradas podiam se dar o luxo de fazer. O custo de um dia naquele lugar poderia alimentar dez camaradas durante uma semana.

Vi que Madison estava girando no centro do rink de patinação. Parou e eu acenei para ela. Ela acenou de volta e deslizou até a lateral do rink.

— Callie, isso é muito divertido. Faz com que eu me sinta muito mais ágil. Calce os patins e venha experimentar.

— Talvez outro dia, Madison. Preciso lhe pedir um favor.

— Tudo que você quiser. — Ela se inclinou para a frente. — Nós, inquilinos, precisamos cuidar uns dos outros — disse ela, antes de se afastar e rir. — O que posso fazer por você?

— Você mora sozinha, não é?

— Querida, quem iria querer morar comigo? — Ela riu novamente. — Minha governanta tem sua própria casa.

— Posso ir até sua casa amanhã? E passar a noite com você?

— Em minha casa?

Eu confirmei com um movimento de cabeça.

Ela bateu palmas.

— Uma noite só para meninas!

— Que ótimo. Obrigada.

Ela sorriu para mim.

— Quer dizer, então, que somos as melhores amigas uma da outra? — Ela estendeu o dedo mínimo.

Eu me sentia como uma criança, mas estendi o meu também e o enlacei em torno do dedo dela.



Estava sentada em meu carro em um *drive-thru*, atrás de três outros carros que esperavam na fila, para pegar meu almoço na lanchonete. Madison era a escolha perfeita para manter meu corpo longe de problemas se, por acaso, Helena conseguisse recuperar o controle sobre mim na noite da premiação. Madison não era esperta o bastante para perceber que havia algo de errado com meu aluguel. Eu gostava dela, mas fazer amizade com uma mulher de 150 anos não estava no topo de minha lista de prioridades. Queria apenas chegar ao fim das duas semanas que ainda faltavam para encerrar o contrato sem qualquer tipo de inconveniência. Especialmente um assassinato.

O motorista do carro à minha frente pegou seu lanche pela janela do *drive-thru* e seguiu adiante, e eu avancei lentamente. Abri minha bolsa para pegar o dinheiro. Foi quando senti aquilo novamente.

A tontura. A sensação de desmaio.

Estava acontecendo novamente.



Quando despertei, eu estava com um rifle de assalto nas mãos, a coronha tocando meu rosto, e olhando através da mira. Meu dedo começou a pressionar o gatilho, puxando-o com um movimento lento. Eu estava

apoiada contra uma parede, mirando em direção a um grupo de pessoas que estavam abaixo.

Não. Não, não, não!

Minha respiração parou. Tirei o dedo do gatilho com cuidado, deixando que ele se movesse lentamente para uma posição neutra. O mundo — e todos os seus sons — ficaram congelados no tempo por um momento. Em seguida, percebi um ruído, como fossem marteladas demoníacas. Eram as batidas do meu coração.

Uma única gota de suor escapou da minha testa e escorreu até a sobrancelha.

Meu cérebro estava funcionando de maneira frenética, imaginando o que acontecera. Seria tarde demais?

Eu estava dentro de um quarto de hotel. Do lado de fora, dez andares abaixo, uma multidão estava reunida em uma praça, observando um palco vazio.

Meu coração começou a bater ainda mais rápido.

Por favor, alguém diga que eu não atirei.

Examinei o rifle. Estava carregado. Totalmente. O cano da arma estava frio ao toque. Na rua, a multidão agia calmamente.

Soltei a respiração. Eu não havia atirado em ninguém.

Que lugar seria aquele? Os prédios altos se pareciam com os que havia no centro de Los Angeles. O lugar abaixo era a Pershing Square.

Sobre a mesa, havia uma pasta de couro com o nome Millenium Biltmore Hotel, gravado em letras douradas. Helena escolhera um belo lugar para matar alguém. Levantei o rifle para remover o cartucho com as balas.

Callie. Por favor, não faça isso.

A voz dela surgiu em minha cabeça, mais clara do que nunca.

Não descarregue o rifle.

— Helena?

Sim.

— Pode me ouvir? — eu perguntei.

Agora eu posso. Estamos com uma conexão melhor.

— Como isso é possível? — Estremeci, como se quisesse tirá-la de mim. — No que você está me envolvendo?

Tirei o cartucho do rifle e coloquei-o sobre a mesa.

Pode recarregar o rifle, por favor? Não temos muito tempo.

— Não, não vou recarregar nada! — gritei. — Você não deveria nem mesmo ter uma arma. — Joguei o rifle na cama. — Onde você a conseguiu?

Se você destruir o rifle, assim como fez com minha arma, eu simplesmente arranjarei outro.

— Eu não destruí sua arma. Eu a joguei fora.

Fui até a janela e olhei para baixo.

O senador Harrison estava chegando. Ele subiu até o palanque e começou a falar com a plateia.

— Não vou atirar em ninguém para atender a um desejo seu e não vou deixar que você use meu corpo para matar. — Fechei a janela bruscamente, com um estrondo.

Callie, escute. Quero impedir um crime. Algo que vai afetar dezenas de milhares de pessoas da sua idade.

Eu balancei a cabeça.

— Você não tem um histórico muito bom em relação a me dizer a verdade.

Decidi que seria melhor me afastar do rifle e daquele lugar propício para usá-lo. Fui até a porta, pisando no chão com raiva.

Callie, pare.

Bati a porta atrás de mim e andei rapidamente pelo corredor.

— Que tipo de pessoa planeja algo assim?

Não corra. Você acabou de passar por uma cirurgia.

Diminuí o passo até chegar a um ritmo de caminhada. Seria outra mentira? Para conseguir me controlar?

Seu chip.

Toquei a parte de trás de minha cabeça. Estava dolorida. Mais dolorida do que quando Blake a tocara.

— O que você fez comigo? — eu gritei.

Um casal de Enders abriu a porta do quarto e me olhou fixamente. Eu era uma garota louca no corredor, gritando com ninguém. Corri em direção aos elevadores e entrei em um deles, que estava aberto. Quando as portas de metal se fecharam, vi meu reflexo nelas. Eu estava usando um macacão preto de mangas longas e meu cabelo estava preso em um rabo-de-cavalo. Que tipo de visual Helena pretendia usar essa noite? Um look ninja chique?

Nós alteramos o chip.

Agarrei o corrimão que havia dentro do elevador.

— Você deixou que alguém me operasse?

Ele é um especialista em biochips. E também é um cirurgião. Tivemos que alterar o bloqueio que a impede de matar.

— O quê? — O elevador parou e um Ender entrou. Eu não tinha escolha, a não ser calar a boca e escutar o que Helena tinha a dizer.

O projeto do chip impede que inquilinos cometam assassinatos. Meu amigo desabilitou essa proteção quando meu aluguel começou. Mas houve alguns problemas, como as perdas esporádicas de consciência, as ocasiões em que eu era arrancada de seu corpo e a alternância das consciências. Então, eu pedi a ele que o consertasse. O melhor que ele conseguiu fazer foi alterá-lo de modo que nós duas pudéssemos nos comunicar.

Olhei para o Ender que estava comigo no elevador. Ele parecia gostar da maneira como eu estava vestida. Que maravilha. Quando o elevador chegou ao saguão, deixei que ele saísse antes de mim e esperei até que se afastasse, de modo que não pudesse me ouvir.

— Bem, não quero que vocês mexam com minha cabeça. E não quero que você *esteja* em minha cabeça — eu disse a Helena. — Isso não fazia parte do acordo.

Sentia meu rosto ardendo.

O saguão estava cheio de pessoas que se amontoavam em frente às vidraças para conseguir um vislumbre do senador que falava na praça, do outro lado da rua.

— Onde está o carro? — perguntei a Helena.

Por favor, não vá embora.

Enfiei a mão no bolso e encontrei um ticket de estacionamento. Quando saí do hotel, entreguei-o ao porteiro.

Um microfone amplificava a voz do senador e assim eu pude ouvi-lo do lugar onde estava. Eu o observei enquanto ele se dirigia à multidão, falando sobre o palanque.

— A juventude poderia desempenhar funções produtivas em nossa sociedade — disse ele.

Que mentiroso.

— Todos os políticos mentem — eu disse. — É um pré-requisito para o emprego.

As mentiras que ele conta são enormes. Do tipo que mata crianças.

No decorrer do percurso, Helena insistiu em me contar suas opiniões a respeito do senador. No princípio, ela tinha pensado que a plataforma de governo que ele propunha estava focada em melhorar o padrão de vida dos jovens, promover melhores condições de moradia e saúde, especialmente para aqueles que estavam presos em instituições. Mas, nos últimos seis meses, ela descobrira que o senador tinha um plano secreto.

Ele está envolvido com a Prime Destinations.

— Como? — eu dirigia pela estrada, passando por outros motoristas que também conversavam com vozes dentro de suas cabeças. Mas, pelo menos, as que eles ouviam vinham de fones de ouvido.

Ele tem interesses financeiros na empresa. Vai viajar para Washington para tentar convencer o presidente a usar a Prime antes da próxima eleição. Para fazer com que o governo feche um contrato com a empresa.

— E o que eles fariam, exatamente? — Não estava com a menor paciência para ouvir as teorias birutas de Helena.

Não tenho certeza. A questão principal é que esses adolescentes não serão voluntários. Minhas fontes me dizem que, na melhor das hipóteses, eles serão recrutados à força. Na pior das hipóteses, serão sequestrados.

Tudo aquilo parecia estar acontecendo rápido demais. Eu não sabia do que ela estava falando. A raiva que Helena sentia pela perda de Emma parecia deixá-la cega. E se não houvesse uma grande conspiração por trás

de tudo? E se Emma simplesmente tivesse fugido de casa? E se Kevin, o filho de Lauren, decidira fugir com Emma?

Mas eu tinha que perguntar.

— E o que você acha que eles vão fazer?

Qualquer coisa na qual a experiência e o conhecimento de mais de cem anos que existem na mente de um Ender possam ser combinadas com o corpo jovem e forte de um adolescente. Ações de espionagem. Mas, provavelmente, isso será apenas o começo.

— E você descobriu tudo isso quando sua neta desapareceu?

Eles a mataram. O banco de corpos a matou.

O ódio na voz de Helena fez meu sangue gelar.

— Tem alguma prova? Você nunca chegou a ver o corpo.

Tenho provas mais do que suficientes. Você acha que tomei essa decisão sem pensar? Passei os últimos seis meses trabalhando nisso. E há também outras vítimas, outros avós.

— Nem todos concordam com suas conclusões.

Helena ficou em silêncio por um momento.

Ah, então você andou conversando com Lauren. Ela é ingênua. Não acredita que uma empresa poderia matar pessoas jovens.

— Do mesmo jeito que você faria com que eu morresse? Baleada por inspetores depois de matar o senador Harrison?

O longo silêncio de Helena dizia muito. Ela finalmente o quebrou.

Você é rápida. Forte. Seria capaz de escapar, sem dúvida.

— Não sou mais rápida do que uma bala.

Senti que o tom de sua voz ficou diferente, quase infantil.

Para onde estamos indo?

— Não “nós”. Eu! Este corpo é meu. Você está apenas pegando carona.

Visualizei Helena na Prime, presa a uma cadeira reclinável.

Não pode estar indo para a Prime Destinations. Você não pode fazer isso.

— É exatamente para onde estou indo.

Por que você quer ir até lá? Não receberá seu dinheiro se não cumprir o contrato.

— Acho que as chances de receber meu dinheiro estão diminuindo a cada minuto que passa. Seu plano acabaria me matando — eu disse, saindo da rodovia. — Talvez eu consiga receber metade do valor original.

O que você acha que pode dizer à Prime Destinations? Acha que eles compreenderão a situação? Você estará quebrando seu contrato, e essa é a única coisa que importa para eles.

— Vou contar sobre o que você fez comigo. Sobre a alteração em meu chip. Eles vão consertá-lo.

Se você disser que conhece os detalhes do plano — os doadores que foram mortos ou o plano do senador Harrison —, eles a matarão.

— Você está se esquecendo de um detalhe, Helena. Eu não acredito em você. Não acredito em nada do que está me dizendo.

Você precisa acreditar. O chip alterado. Os momentos em que você perdeu a consciência. O fato de que consigo falar com você. Tudo isso prova o que estou dizendo.

Agarrei o volante. O que ela dizia sobre o chip provavelmente era verdade. Mas isso significava que todo o resto também era? Minhas têmporas começaram a latejar. Diminuí a velocidade e parei o carro.

Estávamos a quatro quarteirões do prédio da Prime Destinations.

— Quero você fora de minha cabeça. Agora.

Não volte lá. Por favor. Estou lhe implorando.

Eu estava tensa. Ela parecia estar muito assustada.

— Me dê um bom motivo.

Se você voltar, nós duas morreremos.

CAPÍTULO 13

Eu estava dentro do carro, perto de uma cafeteria, com o motor ligado, atenta à presença de renegados.

— Helena, eu preciso de mais provas.

Ela acreditava que o banco de corpos nos mataria se eu retornasse.

Para impedir que eu voltasse à Prime Destinations, ela fizera uma oferta: falaria sobre um lugar onde meu chip poderia ser removido. Provavelmente, envolveria o amigo nerd que alterara o chip pela primeira vez. Como eu poderia confiar nele? Fora ele quem anulara o dispositivo que impedia assassinatos, transformando-me na máquina de matar particular de Helena.

Ela estava em silêncio.

— Helena?

Ela já tivera seus momentos de silêncio antes, mas, dessa vez, a situação era diferente. Uma sensação de vazio. Como nos casos em que uma pessoa não está mais do outro lado de uma linha telefônica. Apertei o chip sob os pontos na parte de trás da cabeça em uma tentativa inútil de recuperar o “sinal” de Helena. Mas tudo que consegui sentir foi uma dor forte.

— Ai.

Ela não respondeu nem mesmo quando pressionei a incisão. Ficou claro que ela havia me deixado, intencionalmente ou não.

Antes que a voz de Helena surgisse em minha cabeça, eu pensara que a tentativa de assassinato aconteceria no Music Center. Mas Helena me surpreendera, tentando executar seu plano na Pershing Square. Ela antecipara o evento, sabendo que eu estava começando a lhe causar problemas, como a ocasião em que lhe tirei sua arma. Assassinos odeiam quando isso acontece.

Decidi seguir com o plano original, porque provavelmente era isso que Helena faria, de qualquer maneira.



No dia seguinte, fui até a casa de Madison, desejando muito poder confiar nela. Eu queria lhe contar tudo que descobrira, como a voz de Helena podia surgir em minha cabeça enquanto eu tinha meu corpo sob controle.

Mas isso faria Madison entrar em pânico. Se ela soubesse que a pessoa que habitava meu corpo não era uma Ender como ela, como eu estava fingindo ser, ela não confiaria mais em mim. Poderia me entregar à Prime. Ela não era o tipo de pessoa que poderia simpatizar comigo nesse tipo de assunto.

A casa de Madison era decorada em um estilo que provavelmente estava na moda havia vinte anos: alienígena chique. Cadeiras verdes

brilhantes que flutuavam no ar, hologramas com candelabros estranhos e paisagens alienígenas em 3-D nas paredes.

Enquanto me conduzia pelo corredor, ela explicou como gostava de usar certos quartos quando estava “interpretando o personagem”, sua maneira de se referir ao aluguel de corpos. A casa era enorme e, portanto, ela poderia escolher entre vários quartos.

Fomos até a sala de jogos, um ambiente saído de um sonho, que me fez esquecer de meus problemas. Ela me mostrou uma mesa de bufê perto da parede e me entregou uma vasilha. Fileiras enormes com os melhores petiscos em plexitubos pareciam nos chamar, e enchemos nossos pratos com doces, chocolates e pretzels. A última parada foi ao lado de uma máquina de refrigerantes incrível que ela podia programar para que o xarope fizesse desenhos coloridos no interior dos copos.

Levamos as guloseimas para um sofá enorme de veludo em forma de L, onde nos deitamos. No centro da sala havia uma Invisascreen flutuante, de 9 por 5 metros, capaz de projetar holos. Eu nunca havia visto uma dessas na casa de alguém. Além de holos e shows, também podíamos jogar jogos como superfutebol, aerotênis ou golfe, ao lado das maiores estrelas do esporte.

Podíamos ser membros do elenco em programas transmitidos apenas para assinantes que ela havia adicionado à sua rede social. Aquilo estava muito além das possibilidades de minha família. Mas, para pessoas ricas como Madison, não havia limite para as possibilidades dos desejos de consumo.

— Eu trabalhava como gerente de produção, então consegui um desconto especial com o fabricante — ela explicou, piscando o olho.

Imaginei que até mesmo os ricos gostassem de descontos.

Madison pediu o episódio mais recente de um dos holos mais populares. Os personagens foram projetados no espaço, em tamanho real. Vê-los tão de perto e naquela escala era diferente de assistir a um Xperience. Depois de alguns minutos, Madison se levantou e entrou no espaço da projeção. Havia dois atores em cena e o mais alto se virou para ela.

— Olá, Madison — disse ele. — Que bom que você se juntou a nós.

— Uau. Como você fez isso? — eu perguntei, fascinada.

— Você tem que ficar aqui — Madison apontou para o retângulo que ficava no centro da área de projeção — ou não vai funcionar.

Assim que entrei naquele espaço, o outro ator, mais baixo e com olhos ferozes, se virou na minha direção.

— Olá, Callie — ele disse. E eu achei que fosse derreter.

Ele se aproximou. Eu podia sentir o cheiro dele, uma fragrância amadeirada como o cedro. Ele não parecia exatamente uma pessoa real. Era mais próximo de um bom holograma que enganava as pessoas à primeira

vista, mas, ao olhar mais atentamente, era possível perceber o indício revelador, um leve contorno tremeluzente.

— Como isso funciona? — eu não queria tirar meus olhos dele, mas me virei na direção de Madison. Ela estava entretida em um diálogo envolvente com o outro ator.

Meu ator tocou meu braço, voltando a focar minha atenção nele.

— Não se preocupe com o “como”. Preocupe-se apenas com “quem” — disse ele, sorrindo.

Pude sentir aquele toque. Não era como um toque verdadeiro; era mais sutil, como uma brisa sobre minha pele. Fez com que os pelos do meu braço se arrepiassem.

Um telefone tocou.

Todos pararam e cruzaram os braços, esperando que eu fosse até o aparelho para silenciá-lo.

— Callie — Madison colocou uma das mãos na testa —, isso acaba com toda a ilusão.

— Desculpe.

Eu saí da área de projeção e fui até o sofá. O identificador de chamadas mostrava o último nome que eu queria ver naquele momento.

— Blake? — eu disse ao telefone.

— Callie. Como você está?

Me virei para ver Madison sorrindo para seu ator enquanto ele brincava com seus cabelos. Meu ator estava no mesmo lugar, com as mãos nos bolsos.

— Escute, Callie. Sei que está em cima da hora, mas acabei de conversar com meu avô e ele disse que você poderia vir à cerimônia da Liga da Juventude. Gostaria de me acompanhar?

— Hoje? — eu perguntei.

— Sim.

— Eu... eu... não posso.

— É importante. Gostaria que você estivesse lá. E você disse que gostaria de conhecer meu avô.

— Ele provavelmente vai estar muito ocupado — eu disse.

— Vai haver uma recepção após o evento. Todas as pessoas importantes estarão lá, até mesmo o prefeito. Será divertido.

Era o último lugar no mundo em que eu gostaria de estar. Mordi meu lábio para não aceitar. Eu queria estar ao lado de Blake, mas isso era

exatamente o que eu estava tentando evitar — estar no mesmo lugar em que o senador estaria. O que aconteceria se eu perdesse a consciência e Helena tomasse o controle?

— Eu gostaria muito, Blake. De verdade. Mas prometi a Madison que passaria a noite com ela. Não seria certo.

Nós nos despedimos e desliguei o telefone. Pude sentir a decepção de Blake. Era igual à que eu sentia.

Madison olhou em minha direção enquanto eu guardava o telefone em minha bolsa.

— Está tudo bem?

— Sim, está tudo bem — eu disse, deitando-me novamente no sofá.

— Venha conosco — ela acenou, me chamando. Os dois atores estavam conversando com ela agora.

Balancei a cabeça negativamente.

— Prefiro ficar aqui e assistir.

Madison deu de ombros e ficou de mãos dadas com os dois atores. Ela se virou e os três entraram em uma selva. Comecei a pensar sobre Helena e o fato de que ela não havia assumido o controle de meu corpo até agora. E,

também, o fato de que ela não voltara a conversar comigo desde a noite no hotel.

Engoli em seco. E se ela houvesse saído do banco de corpos? Será que ela decidira interromper o aluguel porque nossa conexão estava comprometida? Se ela tivesse percebido que eu não ia cooperar com ela, talvez já houvesse saído do banco de corpos e estivesse prestes a matar o senador. Na cerimônia de premiação, como havia planejado. Fazer o trabalho sujo não estava no plano original, mas ela poderia ter decidido por esse curso de ação desesperado porque eu deixara bem claro que não atiraria nele.

Se eu fosse à cerimônia, poderia conversar com o avô de Blake. Poderia tentar explicar a situação, alertá-lo. E eu não tinha mais uma arma. Helena teria que usar um tempo precioso para conseguir outra, mesmo se conseguisse tomar o controle de meu corpo novamente.

Fora uma estupidez recusar o convite de Blake. Pedi licença e levei meu telefone até o banheiro da casa de Madison para ligar para ele.



Blake me levou em seu carro até o estacionamento subterrâneo de um prédio no centro de Los Angeles. Ele estava muito feliz por eu ter mudado de ideia. Fiz questão de lembrá-lo do quanto eu queria conhecer seu avô. Talvez até mesmo ter a oportunidade de conversar em particular com ele por alguns momentos. Blake disse que tentaria fazer com que isso acontecesse. Ele nem mesmo perguntou qual era o motivo. Se ao menos todos os rapazes fossem gentis como ele.

Blake levantou uma chave especial e o porteiro do estacionamento nos levou até um elevador particular, decorado com um tapete preto e dourado. O porteiro colocou sua própria chave em uma ranhura e nos cumprimentou com um toque em seu quepe quando as portas se fecharam atrás de nós.

— Este lugar não é o Music Center — eu disse.

— Não é? Ah, acho que devo ter virado em uma rua errada — disse Blake.

Eu lhe fiz uma careta e ele reagiu com um sorriso malandro. O elevador parou no último andar, assinalado com a palavra “cobertura”.

As portas se abriram para um corredor pequeno, que levava em direção a outra porta. Blake inseriu sua chave e a abriu. Dentro do apartamento havia móveis de madeira escura e poucas luzes. À direita, havia um bar com balcão recurvo, completo com um bartender Ender que enxugava um copo.

— Seja bem-vindo, Blake.

— Oi, Henry.

Blake não parou e continuou andando pela sala, passando por poltronas de couro até chegar a uma porta deslizante de vidro. Ele colocou a mão no sensor de proximidade e a porta se abriu. Passamos por ela e chegamos a um terraço amplo.

Uma fonte borbulhante em estilo moderno dominava o centro do lugar, com um som relaxante que cobria o burburinho da área central da cidade, abaixo. Fui até a borda do terraço e olhei por entre as palmeiras plantadas em vasos colocados ao longo da grade de proteção. Não demorou até que eu percebesse a razão pela qual as palmeiras haviam sido colocadas ali. Prédios abandonados com tapumes cobrindo as portas e janelas cercavam este oásis. Alguns deles foram completamente demolidos, como se algum monstro gigante os houvesse esmagado.

Dei as costas para aquela paisagem.

— Então, este lugar pertence à sua família.

— Sim. Nós o usamos antes de apresentações de ópera ou recepções no salão de concertos. Mesmo assim, os funcionários não gostam de me servir quando meu avô não está aqui. Para eles, sou só um garoto.

— Eu ficaria feliz por estar aqui, não importa como me tratassem.

Ele me levou até um sofá com armação de madeira e se sentou a meu lado.

— Achei que fôssemos à cerimônia no Music Hall — eu disse.

— Ainda é cedo.

O bartender nos trouxe dois refrigerantes. Ele os deixou em uma mesinha lateral e voltou para o bar.

— Então, Callie, como se sente?

Olhei para as nuvens brancas no azul do céu. Sentia vontade de revelar tudo o que sabia.

— Estou bem.

Ele estendeu o braço e passou-o por cima do encosto do sofá. Acariciou o alto de minha cabeça. Ele começou a deslizar os dedos pela parte de trás de minha cabeça, mas eu o impedi de continuar.

— O que houve? — ele perguntou.

— Nada — eu disse, soltando sua mão.

— Vamos lá, Callie. Diga, o que foi? — Ele se aproximou, olhando para minha cabeça.

— Não olhe aí — eu disse.

— Por quê? — Ele parecia estar se divertindo. Estava com a mão pairando sobre minha cabeça como se fosse alguma brincadeira, e eu a agarrei.

O que eu poderia dizer? Decidi pela verdade.

— Passei por uma cirurgia.

O sorriso que ele tinha no rosto se desfez.

— De que tipo?

Tentei pensar em alguma mentira plausível. Não tive qualquer ideia.

— Não quero falar sobre isso.

Olhei para ele. Parecia estar muito preocupado comigo.

— É uma coisa... pessoal — eu disse.

Ele segurou minha mão.

— Sei que não nos conhecemos há muito tempo, mas pensei que você confiasse em mim.

— Não é isso. É que... tudo que está acontecendo entre nós é muito bom.

— E você tem medo de que, se me contar o tipo de cirurgia pela qual passou, eu não vá mais gostar de você? Acha que sou fútil a esse ponto?

Meu lábio tremia.

— Não, claro que não.

Ele segurou minha mão com mais força.

— Não há nada que você possa me dizer que vá mudar o que sinto por você. Quero conhecê-la. Saber tudo a seu respeito.

Ele não fazia ideia do tamanho daquela mentira.

— Por favor, não me peça para falar sobre isso. Está bem? — Eu estava implorando com os olhos. — Às vezes, as pessoas fazem coisas que desejariam nunca ter feito.

— Não acho que exista alguém que não possa dizer isso. Você não está sozinha. — Ele deslizava seu polegar por minha mão.

Ele estava tentando ser gentil, recuando depois de me pressionar para explicar. Talvez fosse possível, se as coisas fossem simples como ele imaginava. Ou se eu nunca tivesse ido ao banco de corpos. Mas, se não fosse, eu nunca viria a conhecê-lo.

Atrás da paisagem urbana, o sol estava se despedindo.

— Não é melhor irmos para a cerimônia? — eu perguntei.

Blake segurou minhas mãos e me puxou para ficar em pé.

— Venha comigo.

Ele me levou para dentro, passando por um corredor, e abriu uma porta. O quarto era uma área exclusiva para garotas, decorada em tons suaves de cor-de-rosa.

— Considere este lugar como sua boutique particular. — Ele abriu as portas dos armários, revelando uma coleção enorme de vestidos de noite em tons brilhantes, desde os longos e formais até os mais curtos.

— De quem são essas roupas? — perguntei.

— Da minha irmã. Ela gosta de fazer compras. — Ele revirou os olhos.

Muitos daqueles vestidos eram fabricados com as tecnologias mais recentes da indústria da moda, com materiais incrivelmente leves e alguns milagres da física, como fazer algumas peças mudarem de cor. Outros eram vestidos longos em estilo retrô, inspirados por velhos filmes do século passado. Na prateleira acima, bolsas e sapatos de salto purpurinados estavam guardados em caixas de plástico transparente.

Blake aproximou a mão de um sensor e as caixas giraram ao redor de um eixo, revelando mais pares de sapatos dentro do armário.

— Eu não sabia que você tinha uma irmã.

— Ela mora mais ao norte, com minha tia-avó.

Eu deslizei a mão pelos vestidos para sentir o toque dos tecidos.

— E o que ela faz lá?

— Compras.

Ele se encostou na parede, perto de meu ombro. Olhou diretamente em meus olhos. Percebi que ele estava prestes a continuar do ponto em que havia parado há alguns momentos.

O rosto dele estava a poucos centímetros do meu.

— Não se preocupe. — Ele levantou uma das mãos e agitou os dedos antes de colocá-la atrás das costas. — Nada de mãos desta vez.

Não consegui evitar um sorriso. Ele baixou o rosto, lentamente, e me beijou. E beijou. Eu não queria que aquilo acabasse. E, quando eu achava que a sensação não podia melhorar, descobri que estava enganada. Enlacei minhas mãos ao redor do pescoço de Blake e não deixei que ele se afastasse.

Ele me abraçou, com os braços ao redor de minha cintura. Apertei minhas costas contra a parede, puxando-o para mais perto, sentindo-me ficar sem fôlego e atordoada. Encostei minha testa contra a dele.

— É melhor irmos — eu sussurrei. — Não podemos nos atrasar.

Ele assentiu. Nós nos afastamos e ele saiu lentamente do quarto.

— Me chame quando estiver pronta.

Toquei meus lábios quando ele fechou a porta. Estavam quentes e levemente inchados.

Passei a outra mão por aquelas roupas fabulosas. Como eu poderia escolher? Era como ter que escolher apenas um sabor de sorvete. Mas não havia tempo a perder. Escolhi um vestido azul longo e sem mangas, com um xale que completava o conjunto. O vestido brilhava por inteiro, mas pesava menos do que um lenço. Era bonito e adequadamente discreto. Eu queria que o senador acreditasse em mim. Eu me lembrava de ler em algum lugar, certa vez, que o azul era a cor certa para usar se fosse preciso fazer com que alguém confiasse em você.

Depois de alguns minutos, Blake bateu na porta.

— Pode entrar.

Blake usava um smoking preto. Estava maravilhoso. Seus olhos se arregalaram quando ele me viu, mas logo assumiu uma postura mais relaxada. Ele pegou uma varinha de metal que estava pendurada no guarda-roupa e a agitou em frente ao meu vestido.

— Não temos tempo para ficar brincando.

— Observe.

Uma aerotela dentro do armário se ligou. Uma imagem do vestido apareceu em 3-D, girando. Imagens de sapatos, uma bolsa, brincos e um bracelete também apareceram.

As caixas transparentes com sapatos começaram a girar até que os calçados que a aerotela mostrava estivessem à minha frente. Eu os tirei da

caixa. Os sapatos eram decorados com uma pequena presilha em forma de baleia.

— Baleias. Seu animal favorito — disse ele.

— Uau! — Eu os calcei. — Usamos o mesmo número. Eles estão perfeitos.

Ele me entregou a bolsa e pegou um belo bracelete em estilo antigo, decorado com filigrana e pedras azuis, e brincos com os mesmos detalhes e cores.

— Tem certeza de que ela não vai se importar se eu usar as roupas dela?

— Olhe para todas essas roupas. Poderíamos tirar metade de tudo que tem nesse armário e ela nem iria perceber.

Ele tocou meu pulso e percebeu o bracelete com os pingentes esportivos.

— É bonito.

Ergui meu outro pulso e ele prendeu o bracelete nele.

Virei-me para o espelho para colocar os brincos. Quando percebi o olhar de Blake, a expressão em seu rosto era digna de ser memorizada. Primeiro, o lado esquerdo dos seus lábios se curvou lentamente. Em

seguida, seus olhos se abriram e brilharam enquanto a boca se entreabriu em um sorriso.

— Você está tão linda que vai roubar toda a atenção que as pessoas deveriam dar a meu avô.

CAPÍTULO 14

Quando chegamos à praça do Music Center naquela noite, eu me senti como uma princesa fazendo sua entrada triunfal em um baile no palácio. O lugar era como um sonho, com luzes minúsculas brilhando nas árvores, lâmpadas maiores banhando os prédios e holofotes iluminando a queda-d'água escultural que dançava no centro da praça.

Entramos no Pavilhão Dorothy Chandler, onde candelabros do tamanho de carros brilhavam sobre nossas cabeças. Subimos a escadaria até o segundo pavimento. A festa que antecedia a cerimônia de premiação já estava bem animada. Garçons Enders circulavam por entre a multidão elegante, levando bandejas cheias de champanhe e ponche. Em sua maioria, os convidados eram Enders ricos, mas havia um ou outro adolescente endinheirado como Blake.

E eu também estava ali.

— Onde está seu avô?

Blake me entregou um copo de ponche.

— Vou procurá-lo. Pode me esperar aqui?

— Claro que sim — eu disse, olhando para a mesa do bufê.

Ele esticou o pescoço para olhar por cima do mar de cabeças prateadas e desapareceu no meio da multidão. Fui até a mesa, que estava abarrotada

de camarões, lagostas e caranguejos. Provavelmente os olhos de Tyler saltariam de seu rosto se ele visse isso.

Estava tentada a experimentar alguma coisa quando uma voz me surpreendeu.

Callie. Você decidiu vir.

Vinha de dentro de minha cabeça. Helena. Quer dizer que ela não havia saído do banco de corpos.

— Você voltou — eu disse, em voz baixa. — Preciso de um exorcismo.

Todas as pessoas à minha volta estavam ocupadas demais conversando umas com as outras ou comendo para perceber que eu estava falando sozinha. Não sabia se deveria me sentir furiosa ou aliviada.

Estou feliz por você ter decidido fazer a coisa certa.

— Não me agradeça. Não vim até aqui para matar alguém.

O senador é um monstro. Se você deixar que ele escape, ele embarcará naquele avião para Washington amanhã e o destino de milhares de adolescentes estará selado.

Todo aquele drama não estava funcionando comigo.

— Você não sabe se isso é verdade.

Dizem que você pode julgar um homem de acordo com as pessoas que o acompanham. Bem, o senador conversa bastante com o homem que dirige a Prime Destinations. O Velho. Ele é o pior tipo de ser humano no universo.

— Então, talvez eu devesse matar o Velho em vez do senador. — Eu esperava que o sarcasmo que eu estava usando a irritasse.

É uma boa ideia, mas ele tem muita proteção à sua volta. Devemos nos preocupar com o senador neste momento.

A lista de pessoas que Helena queria matar parecia estar crescendo.

Se impedirmos o senador de entrar naquele avião hoje, podemos impedir que tudo isso exploda. Eu lhe darei cinco vezes o valor que a Prime lhe ofereceu. E lhe darei uma casa.

Fiz questão de não demonstrar reação e fui até a grande sacada do salão. Passei em frente ao brilho vermelho das pontas dos charutos que os Enders fumavam, agora que não precisavam mais temer uma morte precoce. Quando cheguei ao lado mais distante da estrutura, olhei para os contornos da cidade contra o céu noturno. Os prédios cobertos de pichações, além dos limites do centro de convenções luxuoso onde nos encontrávamos, faziam um contraste marcante.

Helena estava fazendo uma ótima oferta. Parei para pensar naquilo, detestando-me por chegar a cogitar algo assim.

— Mesmo se eu quisesse fazer o que você está pedindo, não tenho nenhuma arma.

Tem, sim. Eu a escondi antes. Era meu plano original, não se lembra?

Comecei a sentir enjoo. Ela estava falando do avô de Blake.

Vou lhe dizer onde ela está.

— Não me diga. Não quero saber. — Eu queria enfiar os dedos nos meus ouvidos e cantarolar qualquer bobagem, mas isso não me impediria de escutá-la.

Ouvi passos se aproximando atrás de mim. Virei para ver Blake.

— Aqui está ela — disse ele. — Vovô, esta é Callie.

O senador Harrison.

Era a minha chance. Eu poderia alertá-lo. Mas não poderia simplesmente mencionar o plano. Ele pensaria que eu era louca.

— Procuramos você por toda parte, minha jovem — disse o senador, estendendo sua mão.

Ser caçada pelo centro de convenções não era a melhor das apresentações. Quando eu o cumprimentei, percebi que ele tinha uma

expressão muito estranha no rosto. Era quase uma expressão de dor, como se ele sentisse pena de mim.

— E então, onde você conheceu meu neto?

— Em uma danceteria — respondi.

Ele se virou para Blake, encarando-o.

— Uma danceteria? Qual danceteria?

— Vovô, eu... — disse Blake.

— No Club Rune — eu disse, provavelmente mais rápido do que deveria.

— Club Rune. — O senador se enrijeceu.

Imaginei que não fosse algo que ele aprovava. Eu deveria ter deixado que Blake respondesse. Olhei para ele, mas sua expressão era neutra e tranquila, típica de um jogador de pôquer.

Blake se virou para mim.

— Você deve estar congelando neste frio.

Balancei a cabeça negativamente. Em seguida, olhei-o nos olhos. Será que havia ignorado uma deixa para voltar ao salão?

O senador limpou a garganta.

— O vestido que você está usando é lindo.

— Obrigada. — Eu baixei os olhos e alisei o tecido.

— Os brincos também. E seu bracelete. São antiguidades? São muito familiares.

— Seu neto os escolheu para mim.

O senador olhou para Blake, irritado.

— Realmente. Cuide bem dessas joias. Elas estão em nossa família há várias gerações.

Um assessor se aproximou e sussurrou algo no ouvido do senador.

— Precisamos ir para os bastidores. A cerimônia começa em trinta minutos — disse o senador Harrison a Blake.

— Estarei lá em alguns minutos.

O senador respirou fundo, exalando o ar em seguida.

— As aparências, Blake. As aparências.

— Estarei lá.

O senador nos deu as costas sem se despedir.

— Acho que ele não gostou de mim — eu disse a Blake.

— Que nada. Essa é a maneira que ele tem de dizer “estou muito feliz por conhecê-la”. Não percebeu?

Ele segurou minha mão. Não consegui evitar um sorriso.

— Bem, você já está aqui. Vejo você após a cerimônia. Vai haver um coquetel no salão de baile. — Blake lambeu os lábios e esfregou a barriga antes de se afastar.

Bem, agora você sabe quem é o senador. Não deixe que o charme dele a engane. Ele é um político e os políticos enganam as pessoas até mesmo quando dormem.

— Você estava aqui esse tempo todo? — eu perguntei a Helena. Aquilo me dava arrepios. Eu não tinha nenhuma privacidade.

Preste atenção agora. A arma está na última cabine à direita, no banheiro feminino do segundo andar.

E é lá que ela vai ficar, pensei, mas não disse a Helena. Ela sabia que eu não colaboraria.

Você tem que pegar a arma, Callie.

— Não vou usá-la.

Você não pode deixá-la no banheiro.

— Por que não?

Porque suas impressões digitais estão nela.



Eu estava na fila do banheiro feminino no segundo andar. Enders vestidas de maneira elegante se admiravam e ajustavam detalhes nas roupas e acessórios em frente aos espelhos que cobriam a parede inteira, enquanto fingiam que não estavam encolhendo as barrigas. Mais à frente, à esquerda, havia duas fileiras de cabines reservadas, cada uma com sua própria fila.

Entre na fila à direita.

Fui em direção à direita e esperei. contei quatro portas. A última delas indicava um sanitário para deficientes.

A cabine do meio se abriu.

Não. É a última cabine.

Deixei que a Ender atrás de mim a usasse. Finalmente, a última cabine se abriu e eu entrei. Tranquei a porta e olhei ao redor.

— Não consigo ver nada — sussurrei para Helena.

Olhe embaixo da lixeira.

Lá estava, perto do lugar onde a parede se juntava ao piso. Eu me agachei, tentando evitar que meu vestido encostasse no vaso sanitário. Tateei sob a lixeira e senti que havia um volume que não deveria estar ali.

Ela prendera uma pequena arma ao fundo da lixeira.

Pronto.

Eu tive que me esforçar para conseguir romper a fita. Campainhas começaram a soar, alertando-nos de que a cerimônia estava prestes a começar. Finalmente, consegui soltar a arma e a dentro da bolsa.

Quando saí do banheiro, percebi que não havia tirado as balas da pistola. Os funcionários do salão estavam fechando as portas. Coloquei a mão dentro da bolsa e a trava de segurança na posição correta logo que entrei no auditório.

Isso não é necessário.

— Segurança em primeiro lugar — eu sussurrei.



Fiquei sozinha durante os discursos da cerimônia de premiação. O senador foi apresentado como um estadista respeitável. Ele falava sobre a missão de sua vida, promovendo atividades para manter os jovens longe de problemas. Helena acrescentava seus comentários pessoais conforme o

senador desenvolvia seu discurso, revelando o significado verdadeiro e malicioso daquelas palavras.

Ela não desistiria.

Você está com a arma. Atire nele.

Se pudesse responder, eu lhe diria para calar a boca. Durante todo aquele discurso, que deve ter sido o mais longo do mundo, parecia que a arma pesava uma tonelada dentro da bolsa que eu tinha sobre o colo.

Quando a cerimônia terminou, saí do teatro em meio à multidão.

— Uma pergunta, Helena — eu disse, sussurrando. — Por que você escolheu este lugar?

Quanto maior for a plateia, melhor será a oportunidade para expor o banco de corpos.

Andei pelas dependências do salão de baile, esperando por Blake. Helena ficou em silêncio e isso me tranquilizou. Admirei as montanhas de sobremesas na mesa do bufê. Mesmo assim, eu não tinha qualquer apetite, e parecia que eu estava atrapalhando o caminho de todas as pessoas. Assim, decidi ficar ao lado de uma das janelas.

Eu estava ali havia alguns minutos quando alguém tocou minhas costas. Eu me virei para ver o senador. Sozinho.

— Callie, não é mesmo? Está se divertindo?

Era minha chance. Eu poderia avisá-lo.

— Bem, não exatamente. Eu... eu queria conversar com o senhor.

Ele estreitou os olhos.

— Você é muito bonita.

De algum modo, aquela frase tinha um tom de insulto. Além de estar sendo direto demais, seu tom de voz me colocou em estado de alerta. Ele chegou mais perto, mais próximo do que seria confortável, e examinou meu rosto como um médico faria. Senti-me como se fosse um inseto sob um microscópio.

— Algum problema? — eu perguntei.

— Não, você é incrivelmente perfeita. — Ele segurou meu rosto com as mãos e o virou para o outro lado.

Meu coração estava batendo rapidamente. Eu queria ir para o centro do salão, onde haveria mais pessoas.

— Você é perfeita. — Ele pegou minhas mãos e examinou os dorsos.
— Nenhuma cicatriz, verruga ou corte.

Ele voltou a examinar meu rosto.

— Nem mesmo a lembrança de uma espinha. — Seu lábio se retorceu.

Ele se aproximou ainda mais, com o rosto tão perto do meu que eu era capaz de sentir o cheiro do resíduo da fumaça de charuto em seu hálito.

— Eu sei o que você é. — Ele agarrou meu braço.

Tentei me afastar, mas ele me segurava com força.

— Por que você está aqui? Foi Tinnenbaum que a enviou?

— Não. — Eu tentava me desvencilhar.

— Quem mais está aqui?

— Ninguém. Só eu.

— Eu quero que você saia daqui, agora. E fique longe de meu neto. — Ele me sacudiu com um movimento brusco. — Que tipo de mulher é você?

— O senhor não entende. Preciso lhe dizer algo importante.

— Nada que você me diga vai mudar qualquer coisa. — As veias que ele tinha nas têmporas estavam inchadas como vermes sob sua pele.

No lugar em que estávamos, perto do canto do salão, apenas poucas pessoas estavam perto o bastante para perceber nossa presença. Uma Ender atravessava a multidão, resoluta. Conhecia aquele rosto de algum lugar.

— Senador Harrison, essa é a garota que foi ao seu escritório — disse ela.

Então, fora lá que eu a vira. Que maravilha.

Uma Ender elegante a acompanhava. A avó de Blake, imaginei. A avó de quem ele não gostava.

— Clifford — disse a avó, com olhos severos. — Não faça isso — disse a Ender, agarrando o braço do senador.

Quando ela o puxou, ele me soltou. Em seguida, enlaçou o braço ao redor da mulher do escritório e a levou para longe.

— Com licença — disse a avó de Blake.

Quando eles se afastaram, eu sentia que o salão estava se fechando sobre mim.

Você viu? Percebeu o temperamento dele? Confiar nele é uma idiotice.

Eu vi. E senti. Mas fui novamente arrancada de meus pensamentos quando outras mãos me agarraram, puxando meus braços. Tive a certeza de que eram os seguranças.

— Me soltem. — Eu lutava para me desvencilhar.

— Acalme-se, Callie. Sou eu, Briona.

Era o trio de inquilinos que eu conhecera no Club Rune, com quem havia ido até a ponte naquela noite. Briona, com Lee e Raj, ambos trajando black-tie. Os três estavam tentando me levar até a saída.

Mas eu não podia ir embora. Ainda não.

— Parem — eu disse.

Havia Enders nos encarando. Briona e os rapazes me soltaram, mas ficaram ao meu redor, encurralando-me como se eu fosse um bezerro solitário.

— Você não pode ficar aqui, querida — disse Raj, em voz baixa.

— O senador Harrison mandou você ir embora — disse Lee.

Briona falou a meu ouvido.

— Ele sabe que você é uma inquilina.

— Nós todos precisamos sair daqui. Ele está chamando os seguranças — disse Raj.

— Mas Blake vai procurar por mim — eu disse, desafivelando o bracelete que ele escolhera para mim.

— O que você está fazendo? — sibilou Briona. — Temos que sair daqui.

— Preciso devolvê-los a Blake — eu disse, removendo os brincos.

— Deixe comigo — disse Lee, pegando as joias.

— Não temos tempo para isso — disse Briona.

— Não podemos deixar que o senador a veja com o neto dele. Ele vai virar uma bomba de nêutrons. Eu não demoro — Lee guardou as joias no bolso.

— Tenha cuidado. São heranças de família.

— Para idosos como nós, tudo o que temos se torna uma herança de família — comentou Raj.

— Não se preocupe — disse Lee. — Quarenta anos atrás, eu era banqueiro. Sei cuidar de objetos valiosos.

Ele se virou e serpenteou por entre as pessoas. Briona enlaçou seu braço ao redor do meu.

— Vamos lá, querida. É hora de correr.

Raj pegou meu outro braço. Os guardas do lugar nos olhavam, murmurando uns com os outros.

— Rápido — disse Briona.

Sáimos por uma das várias portas e viramos à esquerda, correndo em direção à escadaria, que ficava de frente para uma parede coberta por espelhos. Outras pessoas estavam saindo também, e nós nos misturamos à multidão que descia os degraus. O salto do sapato que calçava fez com que eu torcesse o pé esquerdo nas escadas durante a correria, e tive que deixá-lo para trás.

— Meu sapato — eu me virei para vê-lo na escada.

Raj me segurou para impedir que eu caísse.

— Não pare.

Segui o olhar de Briona e olhei para cima. Guardas de segurança estavam apoiados no corrimão do mezanino, olhando para nós.

— Vamos! — disse ela.

Atravessamos o saguão de mármore correndo, e eu andava recalcitrante, com apenas um sapato. Na última porta de saída, tivemos que nos soltar uns dos outros para conseguir atravessar. Briona passou à minha frente e Raj veio por trás, empurrando-me durante todo o caminho. Quando estávamos na esplanada, tirei o outro sapato. Briona agarrou minha mão e nós passamos correndo pela fonte até chegarmos à rua.

— Para onde vamos? — eu gritei.

— Ali — Briona apontou um SUV prateado que estava estacionado ao lado da calçada, esperando por nós. — Continue correndo!

Olhei por cima do ombro e vi pessoas, guardas, correndo em nossa direção. Briona e eu pulamos para dentro do veículo e sentamos no banco traseiro; Raj sentou no banco do passageiro. Lee já estava dentro do SUV, sentado ao volante.

— Como conseguiu chegar aqui antes de nós?

— Conhecia uma saída lateral.

Enquanto meu cinto de segurança se afivelava automaticamente, eu olhei pelas janelas escurecidas e vi vários guardas de segurança uniformizados e até mesmo alguns à paisana diminuindo o passo, percebendo que chegaram tarde demais. E, logo atrás deles, eu o vi — Blake — correndo atrás deles, sozinho.

Comecei a baixar o vidro da janela para chamá-lo, mas Briona me impediu.

— Não.

As portas e janelas se fecharam com um ruído alto quando Lee ativou a trava-mestra.

Eu queria dizer alguma coisa, ou pelo menos me despedir com um aceno. Blake não podia me ver através das janelas de vidro fumê. Tudo que

pude fazer foi observá-lo olhando para as janelas, procurando e não encontrando nada. Uma decepção profunda marcou seu rosto enquanto nosso carro se afastava.

Foi somente quando já estávamos a alguma distância da praça que percebi que ele trazia algo nas mãos.

Meu sapato.

CAPÍTULO 15

Encostei as mãos contra o vidro e observei Blake até ele se tornar um pequeno borrão ao longe. Raj e Briona insistiam para que Lee dirigisse mais rápido — mas os seguranças do senador não estavam nos perseguindo, então por que deveríamos nos apressar? Por causa dos inspetores? Os inquilinos temiam os inspetores da mesma forma que os adolescentes órfãos? Eu imaginava que, tecnicamente, alugar corpos não era algo que estivesse dentro da lei, mas sempre pensei que quantidades suficientes de dinheiro nas mãos certas poderiam resolver qualquer coisa.

Aparentemente, não era assim, ou Briona, Lee e Raj não teriam me tirado tão rapidamente do Music Center.

Briona estava sentada a meu lado, segurando minha mão com firmeza. Imaginei que devia ser algo característico entre os Enders.

— Como se sente, Callie? — Os olhos castanhos de Briona examinavam meu rosto.

— Estou bem. — Soltei minha mão gentilmente.

Raj apoiou o braço no encosto do assento de Lee e se virou para trás.

— Tem certeza? Parece que você está um pouco pálida — falou ele.

— Sim, parece que ela está pálida, comparada conosco — falou Lee, sorrindo para mim pelo espelho retrovisor.

Não consegui retribuir o sorriso. Virei-me para olhar pela janela, com a mente ainda fixa em Blake.

Quando estávamos na rodovia, sem que houvesse qualquer sirene nos perseguindo, todos respiraram fundo e relaxaram em seus assentos.

— Para onde vamos agora? — perguntou Raj.

Pergunte a eles sobre Emma.

Era Helena. Eu sabia que ela estava furiosa porque eu não havia matado Harrison. Talvez eu pudesse ajudá-la a descobrir algo sobre sua neta.

— Raj, você chegou a conhecer uma inquilina que dizia se chamar Emma?

— Esse era o nome da doadora dela?

— Sim.

— Acho que não a conheci.

Briona se virou para mim, mas falou com a voz alta o bastante para os rapazes ouvirem.

— Da última vez que você me perguntou isso, eu lhe disse que eles não saberiam.

— Tem certeza? — eu perguntei a Raj. — Loira e alta. Veja aqui, tenho uma foto dela.

Peguei meu telefone e mostrei a imagem a eles.

— Seria ótimo conhecê-la — disse ele. — Mas ela não é familiar.

— E você, Lee? — eu ergui o telefone.

Ele olhou pelo retrovisor e balançou a cabeça negativamente.

— Bem, eu tentei — eu disse, dirigindo-me especialmente a Helena.

Obrigada.

A voz era sincera, mas eu podia sentir sua decepção.

Dirigimos pela cidade por algum tempo. Pensei que o fato de não me perguntarem o motivo pelo qual eu queria saber a respeito de Emma era um pouco estranho.

Briona tocou as têmporas com os dedos e gemeu.

— O que foi? — perguntei.

— Estou começando a ter dores de cabeça horríveis. Nunca senti nada assim antes. Acho que são do implante no corpo da doadora. — Ela parou

de massagear a cabeça e apoiou a cabeça no encosto do assento. — Você tem essas dores de cabeça também?

— Não — menti. — Não tenho nenhum problema.

Quando chegou a hora de me despedir, pedi para me deixarem na rua da casa de Madison.

— Boa noite. — Eu desci do carro e eles foram embora.

Olhei para a casa de Madison. Estava exausta demais para voltar para lá e encará-la. Quando deixara o lugar, no fim da tarde, eu saíra discretamente por uma porta lateral. Não fora a coisa mais gentil a fazer, mas eu estava com pressa.

Entre no carro e dei a partida.



Mais tarde, eu estava deitada na cama de Helena, olhando para o dossel de seda, pensando na situação complicada em que eu estava metida. Blake estava no avião a caminho de Washington e seu avô estava a seu lado, dizendo-lhe que, na realidade, eu era uma mulher velha que alugara o corpo de uma garota.

Ele nunca mais queria me ver. E quem poderia culpá-lo? Mesmo se conhecesse a verdadeira história, se realmente soubesse que a pessoa que estava dentro do corpo era eu, será que ele poderia me perdoar por mentir e fingir ser rica, quando, na verdade, eu não passava de uma garota de rua?

Fechei os pulsos, agarrando os lençóis. A única razão pela qual eu estava com tantos problemas era por tentar dar uma vida melhor a Tyler.

Tyler.

O que eu faria por ele se Helena estivesse certa em relação ao banco de corpos? Provavelmente eles não me dariam dinheiro nenhum. Helena me oferecera um pagamento maior, que incluiria uma casa.

Se eu matasse Harrison.

Eu amava meu irmão e queria que ele estivesse a salvo, em uma casa confortável e com saúde. Mas assassinato era uma palavra que não fazia parte do meu vocabulário, especialmente porque a vítima em questão era o avô de Blake, um senador. Eu era uma Starter, não uma assassina. Não sabia o que fazer com Helena. Quantas das coisas que ela me dissera seriam verdadeiras? Eu entendia que ela estava transtornada por perder Emma, mas muitos garotos e garotas desapareciam nos dias de hoje. Alguns acabavam morrendo. Seria realmente culpa do banco de corpos?

Além de tudo, o senador Harrison mencionara o nome de Tinnenbaum...

Eu me sentei na cama. O senador estava irritado ao perguntar se Tinnenbaum me enviara ao Music Center. Se Helena estivesse certa e o senador fosse conversar com o presidente a respeito de algum acordo entre o banco de corpos e o governo, por que ficaria tão irritado, pensando que eu

estava no centro de convenções a mando de Tinnenbaum? Para fazer o quê?
Cancelar o acordo?

Callie?

Eu senti meu corpo ficar tenso. A voz de Helena dentro de minha cabeça me assustou. Ela não falava comigo desde que voltáramos para casa.

— O que foi?

Por que você assinou o contrato com a Prime?

— Meu irmão está doente.

Eu lamento.

Ela ficou em silêncio por um momento.

E vocês não têm avós.

— Não.

Então, era a ele que você queria entregar aquele dinheiro. Por meio de seu amigo.

— Sim, exatamente.

Eu gostaria de poder trazê-lo para cá, mas isso não seria uma boa ideia. Mas farei algo por vocês.

Senti uma forte expectativa. Estava ansiosa para ouvir.

Vá até minha cômoda e abra a gaveta de baixo.

Levantei-me da cama e fui até a cômoda antiga. Tirei a última gaveta.

Está sob o fundo da gaveta.

Senti que havia um embrulho colado com fita adesiva. Puxei o pacote e vi que era um envelope.

Abra.

Estava cheio de dinheiro. Senti meus braços formigarem.

Encontre um lugar para seu irmão ficar, por ora. Um hotel.

— Menores não podem fazer isso.

Eu lhe direi onde você deve ir e com quem deve conversar.

— Não posso ir até ele. O banco de corpos conhece o endereço. Se eles me rastrearem e descobrirem que fui até lá, dirão que quebrei o contrato.

Há uma maneira de impedir que isso aconteça. Abra a gaveta de cima e procure uma caixa azul.

Tirei uma pequena caixa azul e a abri. Do lado de dentro, havia um pingente: um círculo com uma pedra azul e verde.

— É bonito.

É um bloqueador de sinal. Ele gera interferências. Não é consistente o tempo todo.

Fiz menção de colocá-lo ao redor do pescoço.

Ainda não. Precisamos limitar o tempo de uso. Se não agirmos com cuidado, a Prime pode perceber que a transmissão está sendo bloqueada.

— Quem inventou isso?

Meu técnico. Quando eu estiver fora da Prime, eu a apresentarei a ele.

Eu sabia que haveria um preço.

— Por que você está fazendo isso?

Ainda preciso de sua ajuda. Quero saber o que aconteceu com Emma. Se eu conseguir descobrir isso, posso ter as provas de que preciso para fechar as portas daquele lugar horrível. E nosso acordo ainda está de pé.

— Como poderemos fazer isso? Mesmo se descobrirmos o que aconteceu com Emma?

Temos uma vantagem agora. Ninguém sabe que eu posso falar com você. Somos dois cérebros em um só corpo.

Ela falava de uma forma muito diferente, calma e analítica. O tom frenético havia desaparecido e ela não cogitava mais o plano de assassinato.

É melhor você descansar. Vamos começar logo cedo.

Deixei o colar sobre a cômoda e voltei a me deitar na cama enorme e macia. Mas não sentia vontade de dormir. Minha mente estava preenchida com imagens de Tyler em um quarto de hotel, com uma cama de verdade, um sistema de calefação para mantê-lo aquecido e o serviço de quarto.

Desliguei a luminária ao lado da cama e a luz do luar tingiu o quarto com tons azuis e prateados.

— Helena, o que você vê quando eu sonho?

Nada.

Pelo menos, meus sonhos e pensamentos ainda eram meus. Fiquei deitada, em silêncio, por alguns momentos.

Callie? Como era sua mãe?

Minha mãe. Lembrei-me do rosto sorridente. Eu não sabia o que deveria dizer a Helena. Havia muitas coisas.

Ela era como você?

— Não. Era uma daquelas pessoas de quem todos gostam instantaneamente.

Aposto que as pessoas gostam de você.

— Não da mesma maneira que gostavam dela. As pessoas a tratavam como se fosse uma irmã que não viam há muito tempo. Ela se adaptava a qualquer situação. Chegou até mesmo a participar da equipe olímpica de arco e flecha.

Uma breve memória de minha infância surgiu em minha mente.

— E ela preparava macarrão instantâneo com queijo para mim, quando eu ficava doente.

Era engraçado lembrar essas coisas.

— Como era Emma?

Emma era determinada, tinha personalidade forte. Talvez todos os jovens de 16 anos sejam assim, mas ela não era o tipo de garota que baixava a cabeça. Sabia o que queria. Foi difícil para mim tentar educá-la depois que a guerra acabou. Eu não podia ser a mãe ou o pai dela. Tudo

isso fazia com que ela sentisse muita raiva. Quem poderia culpá-la? De certa forma, você me faz lembrar dela.

Helena não parecia tão louca quanto antes.

Senti meus olhos se fecharem. Eu estava exausta.

Boa noite, Callie.

CAPÍTULO 16

Estacionei na rua lateral, perto do prédio de Michael, e verifiquei se havia algum renegado por perto. O lugar parecia estar vazio, mas qualquer pessoa poderia estar escondida nos cantos escuros. Peguei o pacote com comida, garrafas de água e medicamentos que trouxera comigo e saí rapidamente do carro. Eu tinha esperança de que o colar de Helena funcionasse como deveria, impedindo que a Prime rastreasse a minha localização.

Entre no saguão. Será que Michael e Tyler ainda moravam aqui? Vivendo nas ruas, às vezes era preciso correr. Atravessei o saguão na ponta dos pés para ter certeza de que não havia ninguém escondido, pronto para atacar.

Não havia ninguém. A área estava limpa. Fui em direção às escadas que ficavam no meio do salão.

Ao subir pelo poço da escadaria, que não tinha nenhuma janela, percebi que não trazia mais minha lanterna de pulso. Estava escuro demais para enxergar. Como eu pudera esquecer nossa maneira de viver tão rapidamente? Tentei encontrar o caminho pelo corredor tateando na escuridão. Foi então que eu me lembrei — eu estava com o telefone celular de Helena na bolsa. Peguei o aparelho e o usei para iluminar meu caminho. Quando cheguei ao topo da escada, pensei em minhas alternativas. A sala deles ficava à esquerda? Eu me virei e andei pelo corredor.

Um garoto cabeludo apareceu no vão de uma porta, empunhando uma barra de metal. Meu coração parou por um instante, até que percebi que ele

estava tão surpreso com minha aparência limpa quanto eu estava com a imagem dele, desgrenhado e sujo. Ninguém vê pessoas limpas e bem vestidas em prédios abandonados e invadidos.

— Sou camarada — eu disse. — Vim falar com Tyler e Michael.

Ele apontou para o fim do corredor.

— Obrigada.

A última vez que estivera aqui fora duas semanas atrás, quando Tinnenbaum mandara Rodney me escoltar. Mas aquilo parecia ter acontecido em outra vida. Quando entrei, vi que eles haviam feito mudanças. Reorganizaram os móveis e conseguiram trazer muitas outras coisas. O lugar estava mais parecido com um lar. Havia um pedaço de tecido amarelo cobrindo a mesa e um pote com flores de acrílico. Outros pedaços de tecido estavam grampeados sobre as janelas, iluminando o lugar com um brilho suave e dourado.

— Tyler? — eu chamei.

Dei a volta ao redor da fortaleza. Ele estava sentado, com uma garota curvada sobre ele. Deixei a mochila cair.

— O que você está fazendo? — eu disse. Meu tom era acusador. E intencional.

A garota virou o rosto em minha direção.

— Estou dando um pouco de água a ele. Há algum problema com isso?

Eu a reconheci. Florina. A garota que Michael me apresentara quando eu estava prestes a voltar para o banco de corpos. Ela parecia estar ponto de atirar o copo em mim, mas Tyler me chamou pelo nome. Corri e me ajoelhei a seu lado, enlaçando meus braços ao redor dele e abraçando-o com força.

— Senti tanta saudade. — Acariciei seus cabelos macios.

— Você voltou — disse ele. — Finalmente.

Eu me afastei para olhar seu rosto.

— Ainda não.

— Não vá embora de novo. Você disse isso da última vez.

— Eu sei, Ty, mas desta vez estamos quase terminando.

Florina olhou para ele.

— Você pode ter um pouco de paciência, não é mesmo, garoto?

O que ela estava fazendo, intrometendo-se na conversa daquele jeito?

— Essa é Florina. — Tyler inclinou sua cabeça na direção dela.

Olhei para ela.

— Já nos conhecemos. Onde está Michael?

— Não sei. — Ela olhou para o chão.

Uma inquietação surgiu em meu estômago. Mesmo assim, ignorei aquela sensação porque Tyler estava ali, brincando com minha mão.

— Ah, e eu trouxe uma surpresa para você.

— O que é? — perguntou ele.

— Se eu lhe disser, não vai mais ser uma surpresa.

Ele resmungou.

— Como está se sentindo? — Afastei os cabelos de Tyler para poder enxergar seus olhos castanhos. Ele parecia estar um pouco pálido, mas era difícil ter certeza com aquela luz amarelada.

— Tivemos alguns dias difíceis — disse Florina.

Quer dizer, então, que Florina esteve cuidando dele nos últimos dias.

— Você está bem agora? — eu perguntei.

Ele assentiu e beliscou meu braço.

— Você engordou — disse ele, e puxou o colar de Helena que estava ao redor de meu pescoço.

— Não, não toque nisso. Veja, eu trouxe a comida de que você mais gosta.

Ergui as sobrancelhas e olhei para Florina.

— Há quanto tempo Michael está fora?

— Ele não voltou para casa ontem — disse Tyler.

Aquilo não combinava com Michael. Não queria perguntar o óbvio na frente de Tyler, mas eu e Florina trocamos olhares. Será que os inspetores pegaram Michael?

— Tivemos uma pequena discussão — disse ela. — Ele ficou bravo e saiu.

— Talvez ele esteja esfriando a cabeça em algum lugar.

Havia inúmeras possibilidades. Talvez tivesse encontrado alguém que conhecia, ou fora espancado e estava inconsciente em algum beco. Talvez...

— Sobre o que vocês discutiram?

— Nada de importante.

— Então, por que você não foi atrás dele? — eu perguntei. — Você tentou procurá-lo?

Ela balançou a cabeça e depois indicou Tyler com um olhar. Percebi que ela não poderia sair atrás de Michael porque Tyler ficaria sozinho. Eu me senti uma calhorda por tratá-la de maneira tão fria anteriormente.

— Obrigada por cuidar de meu irmão — eu disse. — Isso é muito importante para mim.

Ela acariciou os cabelos de Tyler.

— Não há de quê. Já somos velhos amigos agora, não é mesmo, Tyler?

— Nós gostamos de jogar — disse ele.

— Aposto que ela ganha de você — eu disse.

— Nada disso. Quem ganha sou eu.



Depois que Tyler e Florina se empanturraram com o pequeno banquete de queijo, frutas e sanduíches que eu lhes trouxera, sentei-me ao lado dela na escadaria para conversar em particular. Naquela posição, conseguiríamos perceber se alguém entrasse no prédio, então imaginamos que seria seguro deixar Tyler sozinho na sala. E, com aquele camarada cabeludo em nosso andar, Tyler teria alguma proteção.

— Tyler teve febre na semana passada — disse Florina. — Conseguimos alguns analgésicos infantis. Michael tinha um pouco de dinheiro escondido.

Provavelmente, era o dinheiro que eu pedira para Blake lhe entregar.

— Mesmo assim, a coisa foi séria. Passei a noite toda trocando os panos umedecidos sobre a testa dele, porque eles esquentavam na mesma hora.

Levei as mãos à cabeça.

— Vou tirá-lo daqui hoje.

Florina se endireitou.

— É mesmo? E para onde vão?

— Para um hotel. Você vem também.

— Mas você disse que seu contrato ainda não terminou. Como arranjou o dinheiro?

— Recebi um adiantamento — eu disse. Era verdade, tecnicamente. — Quando Michael voltar, ele pode ficar lá com vocês.

Aquilo colocou um sorriso no rosto dela.

— Vou deixar um recado para ele.

Parecia que eles eram mais do que simplesmente amigos. Eu estava sumida havia quase três semanas. Muitas coisas poderiam acontecer nesse meio-tempo, bastava olhar para o que houvera entre Blake e eu. Senti uma pontada de dor. Estava com um pouco de ciúmes, mas sabia que não tinha nenhum direito de me sentir assim.

Voltamos para a sala e empacotamos o que era mais importante. Tyler estava se sentindo energizado pela comida e por minha presença e estava ajudando. Ele escolheu as coisas que mais queria levar consigo e as guardou em uma bolsa de viagem.

— Para onde vamos? — perguntou Tyler.

— Para um lugar bonito, onde você terá uma cama grande e macia, uma aerotela e um monte de chocolates.

— Está falando sério? — Ele arregalou os olhos. — É mesmo? Quanto tempo vamos ficar lá?

— Não sei ao certo. Depende.

— Depende de quê?

— Da maneira como você se comportar.

Eu me aproximei e fiz cócegas nele, até que ele se curvou, rindo e me implorando para parar.

— Vamos precisar levar as garrafas d'água? — perguntou Florina.

Balancei a cabeça. Ela levantou as sobrancelhas.

— Tem certeza?

— Tudo bem, vamos levá-las caso aconteça alguma emergência.

Guardamos nossas coisas em silêncio, olhando para o pouco que tínhamos. Florina estava em pé com as mãos nos quadris, sem dúvida imaginando se suas memórias valeriam o peso que tinham. Em seguida, ela pegou algo que chamou minha atenção. Um retrato desenhado à mão, preso um papelão com fita adesiva.

Eu sabia quem desenhara aquilo.

Desviei o olhar antes que ela percebesse. Houve um momento, um instante congelado no tempo, mas consegui evitar cair no abismo chamado piedade. Era um lugar ao qual eu me recusava terminantemente a ir.

Nós três descemos a escada com nossas bolsas. Dois Starters mais novos estavam encostados no carro. Fiz um sinal para que eles se afastassem e olhei em volta para ter certeza de que não havia ninguém de tocaia. Em seguida, abri o porta-malas.

— Um carro? — gritou Tyler.

Coloquei um dedo sobre os lábios, pedindo silêncio. Queria sair dali sem ter que enfrentar renegados. Estava usando o carro de Emma, o menos chamativo.

— Onde você conseguiu esse carro? — perguntou Florina.

— Você sabe mesmo dirigir? — perguntou Tyler.

Fechei o porta-malas e fiz com que os dois entrassem.

— A empresa onde eu trabalho me emprestou — eu disse, depois de trancar as portas.

— Uau, deve ser um lugar muito legal — disse Tyler.

Quando os cintos de segurança se fecharam automaticamente ao redor deles, os dois ficaram um bom tempo examinando o interior do carro, maravilhados. Embora este fosse o carro menos espalhafatoso de Helena, ainda tinha todos os equipamentos e acessórios mais modernos. No banco de trás, Tyler apertou todos os botões que conseguiu alcançar.

— O que isso faz? — ele perguntou, apertando um botão na porta.

— Esse botão faria a porta abrir, se eu não tivesse uma trava de segurança — eu disse, olhando para ele pelo espelho retrovisor. — Afinal,

nós claramente temos uma criança no carro. — Eu mostrei a língua para ele e ele respondeu mostrando a sua.

— Só sabe imitar os outros — eu disse.

— Cara de Macaco — respondeu ele.

Dei a partida no motor e saímos dali.

— Olhe, a macaca está dirigindo! — disse Tyler.



No hotel, Tyler e Florina olhavam espantados para o saguão luxuoso e o imenso arranjo floral. Helena estava cumprindo sua parte da promessa: ela nos mandara para um hotel bem luxuoso. O recepcionista nos olhava de maneira estranha: três menores, sendo que uma era aparentemente rica, acompanhada por dois pivetes de rua com bagagens sujas e esfarrapadas. Pedi para falar com a gerente, uma mulher que Helena conhecia, e tudo aconteceu sem maiores problemas. Mostrei meu cartão de identidade com o nome “Callie Winterhill”, explicando que era a sobrinha-neta de Helena. Ela ficou feliz em receber meu dinheiro e nos deu um quarto no 15º andar.

Quando abri a porta, o queixo de Tyler caiu. Fazia muito tempo desde a última vez que ele estivera em um quarto tão elegante. Era imenso, com duas camas queen-size e um sofá que podia ser aberto para virar uma terceira cama.

— Michael pode ficar com o sofá — disse Tyler. — Afinal, ele não está aqui para escolher uma cama.

Florina e eu trocamos um olhar.

— Se ele aparecer — disse ela, em voz baixa.

Tyler correu em direção a um pote de castanhas que estava sobre uma mesa.

— Castanhas!

— Temos mais do que isso. Olhe — eu abri o frigobar.

— Uau! — disse ele, pegando uma supertrufa.

Florina se aproximou e eu lhe dei um saco de salgadinhos e um refrigerante. Ela engoliu o refrigerante e enfiou os salgadinhos na boca.

— Quero a cama perto da janela — disse Tyler, mastigando o chocolate.

Eu o segurei.

— Espere um pouco, garotão. Você vai tomar um banho antes de deitar.

— Com bastante espuma! — disse ele.

Depois que Tyler se divertiu na banheira, Florina tomou uma longa ducha. Tyler parecia estar tão magro usando apenas a roupa de baixo que chegou a me assustar. Eu o cobri com o edredom branco e limpo.

— É tão macio... parece que vou sair flutuando por aí.

— Fique bem aí — eu disse, beliscando-lhe o nariz.

Ver a cabeça de Tyler recostada nos travesseiros macios me trouxe memórias de nossa infância novamente, em nossos quartos, em nossas próprias camas, com luminárias decoradas com figuras de cowboys, animais de pelúcia e pais que vinham nos desejar boa-noite com beijos e abraços.

Eu havia saído daquele mundo há muito tempo, mas talvez Tyler ainda tivesse uma oportunidade de retornar a ele. Senti que havia um buraco em meu coração. Não consegui conter as lágrimas que vieram a seguir.

— Ei, Callie. Estamos bem agora.

Ele pegou minha mão. Estava tão magro que eu podia sentir seus ossos.

— Muito bem — eu disse.



Ir embora foi mais difícil do que eu esperava. Desejei poder rever Tyler em breve. E, depois, não sairia mais de perto dele. Se Helena mantivesse

sua promessa de me pagar e me dar uma casa, meu irmão e eu voltaríamos a ser uma família. Eu encontraria um bom médico para ele e a saúde de Tyler melhoraria, dia após dia. Sempre imaginara que Michael viria morar conosco, mas talvez isso não fosse mais acontecer, agora que ele e Florina haviam se aproximado. Não parecia justo. Eu me afastara para conseguir dinheiro. Michael e eu não tivemos qualquer chance de ver até onde nosso relacionamento poderia chegar.

Já que eu provavelmente perdera Blake para sempre, a ideia de perder Michael também era impossível de aceitar.

Entreguei dinheiro suficiente a Florina para passar três noites no hotel e um pouco mais para cobrir as despesas com o serviço de quarto. Escondi algum dinheiro na mochila de Tyler também. Ele queria que eu ficasse mais tempo a seu lado, mas eu sabia que o relógio estava correndo e Helena precisava de minha ajuda. Consegui sair do quarto quando Tyler caiu no sono, após comer tudo o que havia no frigobar.

Enquanto eu esperava pelo manobrista do hotel, Helena surgiu em minha cabeça e planejou nossa próxima ação.

Preciso que você vá conversar com uma garota que pode ter informações a respeito de Emma.

— Onde posso encontrá-la?

Em um lugar aonde você não desejará ir.

Minha mente fez uma lista de lugares ruins. Um bairro violento? Todos os bairros eram violentos hoje em dia. Ela certamente não me mandaria ao banco de corpos; havia implorado para que eu não voltasse lá.

— Desisto. Onde?

A Instituição 37.

Senti que minha respiração parou por um instante. Apoiei as costas na parede.

— Será que posso escolher algum outro lugar? Como o inferno, por exemplo?

Eu sei. As instituições são horríveis, são prisões, na realidade. Visitei muitas delas procurando por Emma. Descobri algumas coisas a respeito dessa garota, Sara, que sabe de alguma coisa. Mas, no dia em que fui conversar com ela, Sara havia sido mandada para o campo de trabalho.

— Não posso. Não posso ir até lá. Eu poderia conversar com ela fora da instituição, ou em qualquer outro lugar. Mas não lá dentro.

Não. Se fizéssemos isso, ela seria acompanhada por guardas. Não teria liberdade para conversar.

Minhas palmas estavam úmidas de suor. Esfreguei-as nas calças.

Você ficará bem. Vamos à minha casa antes para pegar algumas roupas para doar. Você chegará à instituição em um belo carro, bem-vestida e maquiada. Eles a tratarão como se fosse uma garota adotada por uma família rica.

Não era simplesmente um lugar aonde eu não queria ir. Era meu pior pesadelo. Suspirei.

Tudo ficará bem, Callie. Basta se lembrar de quem você é: Callie Winterhill.

CAPÍTULO 17

Eu estava do outro lado da rua, olhando para os portões da Instituição 37. Gostaria de poder estar em qualquer outro lugar do planeta. Qualquer lugar. Era agonizante pensar que eu poderia estar naquele hotel elegante com meu irmão e Florina.

Callie, por que está parada aqui?

— Tem certeza de que isso é seguro?

Encare os fatos. Neste momento, você não está segura em lugar nenhum. Mas, provavelmente, este é o lugar mais seguro onde você pode estar, porque ninguém conseguirá encontrá-la.

— Isso é muito reconfortante — eu ironizei.

Eu deixara o colar na casa de Helena. Ela não queria usá-lo por tanto tempo, pois temia que o banco de corpos pudesse perceber que meu chip não estava registrando minha localização. Atravessei a rua, carregando duas sacolas de compras cheias de roupas de grife, muitas delas ainda com as etiquetas da loja. Estavam no closet de Helena, peças compradas para Emma, que nunca foram usadas. Helena não conseguia suportar a ideia de se desfazer de roupas que sua neta vestira, mesmo que Emma nunca mais retornasse.

Um muro alto e cinzento de concreto cercava o complexo. Cheguei até o portão e falei com o guarda através de uma tela de metal suja.

— Meu nome é Callie Winterhill — eu disse. — Liguei para avisar que viria fazer uma doação.

O guarda Ender examinou uma lista até que encontrou meu nome. Ele apertou um botão e o portão fez um ruído alto e seco antes de se abrir. Fiquei paralisada. Meus pés não se moviam.

Ande!

Eu precisava daquele estímulo. Respirei fundo e entrei. O portão se fechou por trás de mim com um estrondo, metal batendo em metal, tão alto que meus dentes chegaram a doer. O caminho levava direto ao prédio da administração à minha frente, com suas paredes cinzentas e escuras. Antes da guerra, quando havia escolas públicas com prédios administrativos, nenhuma delas era tão assustadora.

— Lugar lindo — eu disse, em voz baixa.

Segui o caminho que ficava ao lado de uma via asfaltada. Andei mais lentamente, sem qualquer pressa.

Não vá até aquele prédio. Vire aqui.

Aliviada, segui as instruções de Helena, dirigindo-me para os dormitórios. Havia barras de metal em todas as janelas.

— Mas eles não estão esperando que eu vá até o prédio da administração?

Sim, mas precisamos encontrar Sara antes. Fui informada de que ela está no primeiro dormitório. Rápido, antes que alguém veja você.

Subi alguns degraus e abri as portas pesadas. Dentro do prédio, havia dois salões unidos por um pequeno corredor. Um cheiro horrível me deixou atordoada. A tinta das paredes estava descascando, com fragmentos sujando o piso de concreto.

— E agora? — eu sussurrei.

Vá para o primeiro salão.

Virei à direita e olhei pelo vão da primeira porta. Dezesseis beliches de metal enchiam uma sala cinzenta. Havia uma caixa de madeira aberta ao lado de cada cama, com alguns poucos pertences: uma escova de cabelos carcomida, um livro desgastado. Aquilo me lembrava de fotos de quartéis do exército, com cobertores tristes de cor verde-oliva enrolados nos pés de cada uma das camas. Mas aquele lugar era pior, porque as crianças não tinham qualquer família ou lar para onde pudessem voltar algum dia.

Tudo que elas tinham estava naquelas caixas.

— Não há ninguém aqui.

Continue andando.

Passei por vários quartos, todos vazios. Cheguei até o final do corredor e estava pronta para desistir quando vi pés que saíam debaixo de uma cama.

Eu me agachei. Uma garota estava deitada no chão, tentando se esconder.

— Olá — eu disse.

Ela se arrastou para longe, tentando se afastar de mim.

— Está tudo bem. — Cheguei mais perto. — Eu trouxe algumas roupas.

Voltei a me endireitar e esperei.

— Roupas? — a voz dela vinha debaixo da cama.

— Roupas bonitas. Calças, saias e blusões.

Coloquei a sacola no chão e tirei um suéter de dentro dela.

— Aqui está um blusão cor-de-rosa de casimira.

— Casimira?

Ela se arrastou para fora do esconderijo sob a cama e se levantou. Parecia ter 12 anos, com um rosto bonito e um pequeno espaço entre os dentes. Seu uniforme, uma camisa branca puída e calças pretas, parecia ser largo demais ao redor do corpo magro. Aquela magreza era típica dos menores sem família, mas ela não estava mais vivendo nas ruas. Ficou claro que eles não estavam alimentando as crianças muito bem.

Pergunte qual é o nome dela.

Eu lhe entreguei o blusão. Ela o acariciou como se tivesse um gato nas mãos.

— É macia — disse ela, encostando a blusa no rosto.

— Pode ficar com ela.

— Mesmo? De verdade? Está falando sério?

Fiz que sim com a cabeça.

— Ah, obrigada... muito obrigada — ela o vestiu.

— O que achou? — eu perguntei.

Ela respondeu levando o punho direito sobre o coração e cobrindo-o com a outra mão. Ela bateu com uma mão na outra, imitando a batida de um coração.

— Isso quer dizer que eu adorei — ela disse. — Ouviu? Parece o som de um coração. Faça também.

Ela pegou minhas mãos e fez com que eu a imitasse. Eu me senti um pouco tola.

— Faça com que soe como a batida do coração, assim — disse ela. —
É melhor se você bater com a mão fechada na palma da outra mão.

Ela forçou minhas mãos a marcar o ritmo do *tum-tum*.

— Certo, acho que já entendi. — Eu parei e afastei as mãos dela. —
Qual é seu nome?

— Sara.

Minha pulsação acelerou. Helena soltou um suspiro de espanto que
somente eu fui capaz de ouvir.

— Há quanto tempo você mora aqui? — eu perguntei.

— Quase um ano.

— Onde estão os outros?

— Saíram para cortar o capim alto em algum lugar — disse ela,
sentando-se na beirada da cama.

— E você não foi?

Ela apontou para o coração.

— Tenho uma válvula ruim.

Eu não sabia o que dizer, além de uma expressão de simpatia.

— Não se preocupe. Não dói e me deixa longe dos piores trabalhos — ela abraçou a si mesma no suéter. — Essa blusa era sua?

Balancei a cabeça.

— Era de uma amiga. Ficou boa em você. Tenho certeza de que ela ficaria feliz se soubesse que a blusa agora é sua.

Ela sorriu e acariciou as mangas.

— É tão macia — disse ela, tocando no colchão. A cama se curvou sob meu peso quando me sentei ao lado dela. O cobertor era áspero e cheirava a mofo.

— Quando eu cheguei, você estava escondida. Por quê? — perguntei.

Ela deu de ombros.

— Nunca se sabe o que pode acontecer aqui — ela baixou os olhos.

Abri minha bolsa e peguei uma supertrufa, que ofereci a ela. Ela levantou as sobrancelhas.

— Pode pegar.

Ela pegou o doce com as duas mãos e o mordeu. Perguntei-me quando ela teria feito sua última refeição.

— Sara, alguém me disse que você conhecia uma garota chamada Emma. Ela era assim — eu disse, mostrando a foto em meu telefone. — Você se lembra dela?

Ela colocou seus dedos miúdos ao redor do telefone e pegou o aparelho, examinando a imagem.

— Ela veio aqui uma vez, como voluntária, há uns seis meses. Ela lavou e cortou meu cabelo. Era uma clínica de beleza.

Ela me devolveu o telefone.

— Eu a vi outra vez, umas semanas depois. Eu havia quebrado o pulso... não me pergunte o que aconteceu. Precisei fazer exames. Vi Emma na rua, mas foi estranho.

— Por quê?

— Ela não me reconheceu. Eu a chamei pelo nome, “Emma!”. Ela olhou para mim, mas não se lembrou. Parecia estar um pouco diferente, mais bonita, mas eu sabia que era ela. Ela estava usando as mesmas joias. Acho que ficou envergonhada. Não queria que as pessoas a vissem comigo. — Ela tocava o tecido do blusão. — Depois de termos passado um dia tão bom juntas.

Eu queria muito poder contar a Sara que ela estava errada. Que aquela não era a verdadeira Emma, e sim uma inquilina Ender.

— Onde você estava quando a viu? — perguntei.

Ela negou com a cabeça.

— Não sei. Não muito longe daqui, em Beverly Hills mesmo.

Guardei o telefone.

— Sinto muito.

Disse aquilo para que Helena ouvisse. Gostaria de ter conseguido mais informações.

— Não faz mal — disse Sara. Ela se aproximou de mim na cama. — Posso lhe perguntar uma coisa?

— É claro.

— Você acha que eu sou bonita?

— É claro que acho. Você tem um rosto bonito. Por quê?

— Descobrimos na semana passada que vão fazer um programa especial. Vão levar alguns de nós para outro lugar, fazer um tratamento de beleza e nos dar empregos importantes. Vamos poder ganhar dinheiro.

Espero que eles me escolham. Quero muito, muito sair deste lugar. Faz muito tempo que estou aqui.

— Quando? Quando isso vai acontecer?

— Não sei. Disseram que vão nos dar banho amanhã. Geralmente, nós só tomamos banho aos domingos.

Uma expressão de medo cobriu seu rosto. Os olhos dela estavam focados em algo atrás de mim enquanto ela se levantava. Eu me virei e vi uma Ender de aparência severa na porta. Talvez já houvesse sido elegante, mas agora estava usando um terno cinza bastante formal e trazia um Zip Taser no coldre que tinha preso ao quadril.

— O que está fazendo aqui? — Ela entrou no quarto.

Eu me levantei e apontei para as sacolas.

— Eu trouxe doações.

O crachá que ela usava indicava: “Sra. Beatty, chefe da segurança”.

— Todas as doações são feitas por meio da diretora. Você não pode simplesmente andar pelas instalações, dando presentes como se fosse o Papai Noel — disse ela, pegando as duas sacolas. — Isso apenas causaria inveja e brigas, e nós certamente não precisamos de mais do que já temos.

Foi tolice esperar que ela não percebesse. Mesmo assim, o suéter que Sara tinha não era cinza ou preto conforme os regulamentos; a cor rosa se destacava. Naturalmente, a peça chamou a atenção de Beatty.

Sara cruzou os braços sobre a blusa, numa tentativa inútil de escondê-la.

— Tire isso — disse Beatty. — Agora.

— É meu. Ela deu para mim.

— É verdade — eu disse, interpondo-me entre as duas. — Eu realmente dei o blusão a ela.

Não se envolva nisso, Callie, Helena me implorou.

— Entregue esse blusão agora mesmo. — Beatty largou as sacolas de compras e passou por mim. Ela puxou o blusão por sobre a cabeça de Sara e o arrancou.

— Você não pode levar a blusa, ela é minha! — Lágrimas lhe escorriam pelos olhos. — É a primeira coisa que alguém me dá desde que vim para cá.

Não fique aqui, Callie. Vá embora.

— A diretora é que se encarrega de todas as distribuições — disse Beatty, olhando para mim. — Você e eu vamos falar com ela.

Não! Seja lá o que você fizer, não vá com ela.

A voz de Helena fez meu corpo se enrijecer. Beatty gesticulou com a cabeça, indicando que eu deveria sair primeiro. Em seguida, lançou um olhar duro para Sara, indicando que voltaria para conversar com ela mais tarde, quando eu não estivesse ali para testemunhar. Fui até a porta e parei. Virei-me para dar uma última olhada em direção ao corpo frágil e franzino de Sara. Tudo que restara em sua camisa foram alguns fiapos de lã cor-de-rosa, indicando um futuro que não se tornaria mais realidade.

Não havia nada que eu pudesse fazer por ela.

Beatty e eu caminhamos pelo corredor. Beatty calçava sapatos de salto — não eram saltos finos; tinham um formato mais rombudo e faziam um som característico no chão conforme ela andava. Uma ideia estranha passou por minha cabeça; senti vontade de correr de volta e dar um soco no rosto de Sara. Se ela tivesse um olho roxo ou se seu nariz estivesse quebrado, talvez as pessoas do banco de corpos não a escolhessem.

Era doentio pensar que as coisas haviam chegado a esse ponto. Quando deixamos o prédio e descemos pelos degraus, eu não conseguia tirar o rosto de Sara da cabeça. Ela era uma versão mais jovem de mim mesma, a pessoa que eu fora durante o último ano. Uma órfã desesperada e faminta, ansiosa para conseguir restos de qualquer coisa, à mercê de um sistema que se importava menos com menores sem família do que com cães abandonados.

Quando chegamos à entrada do prédio principal, Helena falou comigo.

Vá para a esquerda. Saia por ali como se você fosse a dona do lugar.

Fiz o que ela disse. Os saltos de Beatty pararam de bater contra o piso.

— Senhorita. O escritório da diretora fica para este lado — disse ela, apontando para a direita. Sua voz era tão aguda que agredia meus ouvidos.

— Eu sei. Mas não estou me sentindo muito bem. Vou embora.

— Temos um médico aqui. Um excelente profissional. Vou chamá-lo.

— Não, obrigada.

Beatty bufou e seus lábios se contorceram em uma expressão de desprezo. Mesmo assim, continuei andando em direção ao portão principal, com a cabeça erguida, sem olhar para trás. Eu estava aprendendo a usar a postura dos endinheirados.

Quando cheguei ao portão, o guarda me observou de dentro de sua grade de metal. Olhei para o portão, esperando que ele se abrisse.

O telefone tocou e ele atendeu. A tecnologia desse lugar era antiga.

Ele olhou para mim através da grade e desligou o telefone, fazendo um sinal para que eu me aproximasse. Dei um passo na direção da grade de metal.

— Tenha um bom dia — disse ele. — Até a próxima vez.

O portão se abriu e precisei usar todo o meu autocontrole para não correr para fora. Quando o portão se fechou atrás de mim, fui capaz de voltar a respirar e atravessei a rua. Virei-me e olhei para o complexo. Era possível ver uma parte do dormitório acima do muro e alguma coisa atraiu minha atenção.

Sara estava em uma das janelas, parecendo muito pequena. Ela acenava para mim. Engoli o que quer que houvesse se formado na minha garganta.

Agora você percebe a maldade que existe nesse lugar. Agora você sabe.

— É ainda pior. Não ouviu o que ela disse? — eu perguntei a Helena.
— O banco de corpos vai escolher as crianças mais bonitas e começar a usá-las. Precisamos impedi-los.

Finalmente. Você entendeu tudo.

CAPÍTULO 18

Fiquei muito feliz em sair daquele lugar horrível. Imaginei se Helena realmente esperava que Sara tivesse pistas sobre a morte de Emma ou se tinha sido apenas uma mentira para me forçar a entrar na instituição.

Antes que eu pudesse pensar mais a respeito, meu celular tocou. Entrei em meu carro e travei as portas. Era Madison. Havia deixado uma mensagem para mim, pedindo que eu voltasse à sua casa para pegar as coisas que deixara lá ontem. Helena me autorizou a ir até lá, desde que eu não me demorasse. Não ficava longe. Cheguei até a casa de Madison após dez minutos.

Assim que entrei na varanda de Madison, a porta se abriu. Ela me olhou sem qualquer expressão no rosto.

— Eu a conheço?

Ah, não. Será que havia uma Ender diferente dentro daquele corpo?

— É claro que conhece. Somos grandes amigas. Não se lembra do dedinho? — agitei o dedo mínimo.

Ela cruzou os braços.

— Bem, você poderia estar me enganando. Pensei que você fosse a amiga que desapareceu do nada ontem à noite.

— Desculpe. Eu lamento muito.

— Fiquei imaginando as piores coisas possíveis, desde acidentes cheios de sangue até as multas gigantescas que eles cobram quando danificamos um corpo de aluguel.

— Foi uma emergência.

— Eu imaginei. Uma emergência do tipo Blake. Entre.

Eu a segui para dentro da casa.

— Precisei acompanhá-lo a uma cerimônia de premiação na qual seu avô faria um discurso. Tudo aconteceu muito rápido. — Olhei ao redor da sala, mas não vi a bolsa que trouxera para passar a noite.

— Aposto que foi, realmente. Eles estão em Washington agora, sabia?
— Os olhos dela brilhavam. — Ele está na televisão agora, com o senador.

— Agora?

— No noticiário das 6 horas — disse Madison.

*O senador? A voz de Helena soou severa dentro de minha cabeça.
Quero ver isso.*

Passei por Madison e fui em direção à sala de jogos. Ela me seguiu.

— Sua boba, você acha que telefonei apenas para que você viesse pegar suas coisas? Eu sabia que você ia querer assistir.

No meio da sala de jogos de Madison, o senador Harrison preenchia a aerotela. Um grupo de repórteres estava no primeiro plano, abaixo de seu palanque, e a Casa Branca estava ao fundo.

— Hoje, o presidente tomou uma decisão histórica — disse Harrison a uma fileira de microfones. — Como todos sabem, a Lei para a Proteção do Emprego do Idoso impediu o acesso de menores a empregos e ao mercado de trabalho em geral. Como nossa população idosa estava vivendo mais, eles precisavam que o governo garantisse que não seriam forçados a deixar seus empregos. Na época, o Congresso tomou a decisão de proibir que pessoas com menos de 19 anos tivessem empregos. Depois, veio a guerra. O conflito terminou há mais de um ano, e muitos de nós acham que é hora de promover uma mudança. É com orgulho que anuncio a Lei de Empregos para Jovens em Circunstâncias Especiais, que permitirá que certos adolescentes trabalhem para um grupo de empresas selecionadas. A fase um se concentrará em menores sem família que estão institucionalizados. A primeira empresa será a Prime Destinations, na região da costa oeste. Agindo dessa maneira, traremos objetivos e significado para as vidas sem rumo de inúmeros menores.

Então, Helena tinha razão. Estávamos todos bastante encrencados.

Quando o senador concluiu sua declaração e começou a responder às perguntas dos repórteres, a câmera mudou de posição e percebi que Blake estava a seu lado. O que ele sabia sobre mim? Seu avô lhe contara que eu

não era quem fingia ser? E, se o senador Harrison estava fazendo negócios com a Prime, ele saberia que eu não era uma cliente comum, mas uma doadora que dividia o corpo com sua inquilina?

Será que Blake me odiava? Examinei seu rosto, tentando encontrar a resposta.

Foi quando percebi um detalhe. Seu prendedor de gravata.

Era a presilha em forma de baleia que estava em meu sapato. Ele a retirara do sapato que eu deixara para trás no Music Center e decidira usá-lo como um prendedor de gravata. Isso significava que, independente do que soubesse, ou não soubesse, ele não sentia raiva de mim.

Provavelmente ele gostava de mim para fazer algo assim. Entrei no espaço holográfico onde ele estava, mas Blake não estava mais lá. Fora substituído por um repórter que estava fazendo um resumo dos acontecimentos, falando diretamente para a câmera. Não importava. Eu ainda estava extasiada, lembrando-me de seu rosto e daquele gesto simbólico.

— Não é incrível? — disse Madison. — A Prime será a primeira empresa a oferecer contratos a menores. É algo a celebrar. Pelo menos, foi oficializado. Talvez não precisemos mais guardar tantos segredos.

— Você acha? — Percebi uma luz azul piscando no canto da aerotela. Logo abaixo, havia o número 67. — O que é essa luz azul?

— Uma TEP, Transmissão Especial Privada. Vem de um dos vários canais que eu assino. Posso assistir a ela mais tarde.

Ela se levantou e olhou para a aerotela.

— 67. É o canal da Prime Destinations. Logo depois que Harrison mencionou a empresa — disse ela torcendo o nariz. — Que estranho.

— Não é coincidência. Ative a mensagem.

Madison aproximou a mão do ícone holográfico. Um boletim especial surgiu na tela: “Dentro de instantes, a Prime Destinations fará um comunicado especial”.

A tela mostrava um estúdio vazio, com colunas de mármore ao fundo.

— Quem mais está assistindo a essa transmissão?

— Somente os assinantes dos planos Titânio Premium da Prime.

— Quantas pessoas têm esse plano?

Ela deu de ombros e se sentou no sofá.

— Não sei. A maioria dos assinantes é como você. Você tem o plano Prata, não é?

— Sim — eu assenti. — Prata.

— Shhh. — Ela cruzou as pernas e agitou a mão. — Está começando.

Tinnenbaum entrou no cenário vindo da esquerda, com sua postura típica de apresentador de TV. Doris entrou pela direita, com um grande sorriso.

— Olá, amigos — disse Tinnenbaum, olhando para a câmera. — Obrigado por nos deixarem entrar em sua casa.

— É emocionante poder estar aqui — disse Doris.

— Este é um anúncio especial, exclusivo para os assinantes de nossos planos Titânio Premium, enviado em caráter privado e confidencial — disse Tinnenbaum.

— Portanto, se houver outras pessoas na sala, você pode preferir ver esta mensagem mais tarde — disse Doris.

Madison e eu trocamos um olhar. Aquilo parecia importante.

Tinnenbaum e Doris sorriam um para o outro, esperando até que as pessoas pudessem desligar o programa se fosse necessário. Em seguida, Tinnenbaum fez um sinal com a cabeça para alguém que estava fora do campo de visão das câmeras, como se houvesse recebido um sinal para prosseguir.

— Temos uma surpresa especial para vocês — disse ele. — O diretor da Prime Destinations está aqui para fazer um comunicado importante.

Madison se endireitou no sofá.

— Nós nunca o vimos antes.

É ele, Callie. Os pensamentos de Helena ribombavam em minha cabeça. *O Velho, em pessoa.*

Fixei os olhos na aerotela. A imagem foi cortada para uma câmera diferente. Em outro cenário, provavelmente em um lugar totalmente diferente, a câmera se aproximou de uma cabine escurecida, com janelas, instalada em uma plataforma elevada. Dentro da cabine havia a silhueta de um homem.

— Parece que ainda não conseguiremos vê-lo — eu disse.

A câmera se aproximou, enquadrando-o dos ombros para cima. As luzes na cabine se acenderam, mas o rosto que vimos não era o de um Ender de 150 anos. Em vez disso, havia um estranho contorno eletrônico e reluzente a seu redor, como se milhares de pixels corressem por suas feições. Partes daquele rosto pareciam compostas de feições femininas, enquanto outras pareciam ser de um rosto masculino; algumas eram jovens e outras eram velhas. Todas estavam constantemente se movendo, correndo e perseguindo umas às outras.

O efeito era inquietante e perturbador, mas eu não conseguia desviar os olhos. Nunca vira aquela técnica antes.

— Obrigado, Chad e Doris. — A voz do Velho também fora alterada eletronicamente e tinha uma qualidade que só conseguiria descrever como metal líquido.

Tons fluidos, com uma moldura metálica.

— Meus fiéis assinantes Titânio Premium, vocês são as pessoas especiais que nos apoiaram desde o início. Queremos que vocês sejam os primeiros a saber sobre nosso mais novo serviço. Em primeiro lugar, vamos estender nossa linha de produtos para que nossa lista de tipos corporais inclua mais nacionalidades para atender às suas fantasias juvenis específicas.

— Oh, isso é ótimo! — disse Madison. — Eu adoraria experimentar uma chinesa.

Parecia que eu ia engasgar. Madison fazia com que uma nacionalidade fosse algo tão trivial quanto escolher um item em um cardápio.

O rosto do Velho continuou a se transformar e brilhar, como se estivesse usando uma máscara 3-D. Era possível identificar algumas características de seu semblante, mas não conseguia ter qualquer noção real de seu verdadeiro rosto. A câmera se aproximou, indicando que algo relevante seria dito.

— Entretanto, o avanço mais importante, o mais revolucionário, será disponibilizado muito mais cedo do que esperávamos. — Ele fez uma pausa dramática para conseguir nossa atenção total. — Permanência.

Madison teve um sobressalto e cobriu a boca com a mão.

— Em vez de serem inquilinos, vocês poderão se tornar proprietários
— disse o Velho.

Não!

Era Helena. Gritando dentro de minha cabeça.

O Velho continuou.

— Vocês poderão escolher um corpo, com um conjunto completo de aptidões e habilidades, e manter esse corpo para o resto de suas vidas. Em termos práticos, vocês se tornarão essa pessoa nova e vibrante. Poderão construir relacionamentos duradouros. Viver a fantasia para sempre.

Meu coração batia com tanta força que eu conseguia ouvi-lo em meus tímpanos.

— Conforme progredimos com os avanços para o prolongamento da vida, sua experiência se expandirá. Já somos capazes de manter o corpo no qual vocês nasceram naquela cadeira, até que ele complete 200 anos. Em breve, chegaremos aos 250. Um de meus funcionários gosta de dizer: “250, com corpo de 100”.

Um corte rápido para Tinnenbaum e Doris, que olhavam para baixo, como se estivessem assistindo ao Velho em um monitor. Eles riram educadamente antes que a imagem voltasse a focar no Velho.

— Vocês poderão desfrutar dos melhores anos de suas vidas enquanto o corpo que ocupam envelhece de maneira bela, passando pelos 20 anos, os 30, e idades posteriores. Na Prime Destinations, nossa visão não tem limites.

As luzes escureceram lentamente dentro da cabine e a câmera voltou a focar Tinnenbaum e Doris.

— Como sempre, manteremos os regulamentos mais rígidos em relação à privacidade — declarou Tinnenbaum. — E pedimos que vocês façam o mesmo. Apesar dos planos de expandir nosso inventário, também temos nossa lista interna de assinantes do plano Titânio que estão ansiosos para participar do programa e testar a nova proposta.

Doris sorriu.

— Você pode fazer parte de nossa equipe de testes, então, não hesite. Faça-nos uma nova visita para discutir as possibilidades de um futuro permanentemente jovem.

As imagens se apagaram e a tela ficou negra, com um letreiro interminável que corria pela tela com advertências e declarações de isenção, incluindo a voz de uma mulher que lia os textos de maneira tão rápida que chegava até mesmo a ser cômico.

Madison apertou o botão “mudo” no controle remoto.

— Consegue acreditar nisso?

— Não — eu disse, sentindo um aperto no peito, como se uma mão enorme estivesse me esmagando.

— Mal posso esperar — disse ela, com os olhos brilhando. — Esse homem é um visionário.

Eu me levantei do sofá com um salto.

— O que está querendo dizer? Você vai participar disso?

— E por quê não deveria? Claro que é divertido experimentar novos corpos, mas, em vez de ter que ir e voltar, entrar e sair várias vezes, seria ótimo poder escolher um corpo e ficar com ele para o resto da vida.

— Madison, escute o que você está dizendo. Não é como escolher um vestido, um carro ou uma casa nova. São pessoas. Adolescentes que vivem e respiram e que têm uma vida inteira pela frente. A menos que você roube isso deles.

Ela franziu o cenho, com uma expressão petulante e infantil.

— Você realmente sente vontade de passar o resto de sua vida no corpo de outra pessoa?

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Quando aluguei pela primeira vez e entrei naquele corpo de aluguel, parecia que eu estava em casa novamente. Como se eu voltasse a ser eu

mesma, da maneira que costumava ser, saudável, em forma e ágil. Você não teve a mesma sensação?

— Não. Não me sinto assim. Isso é só uma brincadeira. É temporário. Mas se você ou eu estivermos permanentemente no corpo de alguém, significa que essa garota nunca vai ter qualquer descanso. Não é como agora, que ela fica sedada por um mês e depois volta a viver sua vida. Ela nunca saberá o que é ir para a faculdade, nunca se apaixonará por alguém, se casará ou terá filhos. Você pode passar por essas experiências outra vez, mas ela nunca conseguirá fazer isso. O cérebro dela ficará adormecido. Para sempre.

— Oh, Deus. — Madison desabou no sofá. — Isso parece totalmente desumano.

— Você roubará a coisa mais preciosa que essas pessoas têm: sua vida.

Olhei ao redor da sala e vi que a bolsa que trouxera para passar a noite estava encostada na parede.

— Quando você fala dessa forma... parece um sequestro.

— É pior do que isso — eu disse, pegando minha bolsa. — É assassinato.

CAPÍTULO 19

Eu estava tão furiosa que nem conseguia pensar direito. Joguei minha sacola de roupas no carro, saí rapidamente da frente da casa de Madison e estacionei mais à frente, em um lugar onde ela não poderia me ver. Estava escuro agora, o relógio mostrava 20h30. Fiquei sentada no carro com as portas trancadas, o automóvel estacionado perto das cercas vivas que separavam a propriedade dela da casa do vizinho.

Encostei minha cabeça contra o apoio do assento de couro.

— Você tinha razão, Helena. Sobre Harrison. Não acreditei em você antes, mas, agora, tudo faz sentido.

É ainda pior do que eu pensava.

— Ele nos trata como se fôssemos objetos. Escravos. Não é nossa culpa. Tudo aconteceu por causa de uma guerra imbecil que nunca quisemos.

Você está certa.

— Eu vi o que eles fazem com corpos alugados. Chamam de “brincar com a propriedade de alguém”. Eles se jogam de pontes e fazem outras coisas arriscadas. Tratam seus carros melhor do que tratam os corpos. E sua pobre Emma...

Eu respirei fundo, cobrindo a boca com minha mão quando uma nova possibilidade me ocorreu.

— Helena... talvez Emma não esteja morta.

O que... você está dizendo?

Olhei pelo retrovisor do carro. As luzes dos postes criavam sombras escuras, fazendo com que os arbustos e as árvores parecessem mais ameaçadores.

— Talvez... — eu disse, lentamente — ... talvez ela tenha sido capturada e transformada em uma permanente.

Meu Deus.

— Eles devem ter feito outros testes antes de anunciarem isso aos clientes. Ela pode estar viva. Talvez esteja junto com as outras crianças desaparecidas.

Ah, Callie... se ao menos...

— Você tinha razão, Helena. Harrison é uma pessoa maligna se tiver feito isso com todos os menores sem família. E o Velho que está por trás de tudo é dez vezes pior. Vê-lo na aerotela, com o rosto escondido, aquela voz mecânica... foi como se tarântulas estivessem subindo por minhas costas. — Esfreguei os braços e senti um arrepio.

Vamos traçar um plano para...

Ela interrompeu a frase no meio. Eu esperei por alguns momentos.

— O que você disse?

Silêncio. Em seguida, pela primeira vez, a voz de Helena parecia estar aterrorizada.

Não. Não. Parem.

Eu me endireitei no assento.

— Helena? Helena, o que está acontecendo?

Por favor... não...

A voz ficou cada vez mais baixa e estrangulada.

Senti que a força dela se esvaía. Eu queria alcançá-la com minha mente, dar-lhe um pouco de minha força.

Esperei uma eternidade por uma resposta. Quando ela chegou, estava tão fraca quanto um sussurro.

Callie, fuja!

Aquelas foram suas últimas palavras. Depois, nada. O som em minha cabeça se transformou em um silêncio total.

Nossa conexão fora cortada. Eu sabia. Pude sentir.

Um medo tomou conta do meu corpo, causando calafrios. Eu não conseguia parar de tremer.

Ela desaparecera. Helena estava morta. Eu senti em meus ossos.

Eu estava sozinha.

De repente, ouvi um zunido agudo, seguido por um ruído de algo se espatifando. Olhei para a direita, mas não vi nenhum renegado por perto. Virei para a esquerda e vi um SUV de linhas quadradas afastando-se na escuridão.

O foco da minha visão mudou quando percebi um pequeno buraco na janela lateral de meu carro. Ao redor, uma teia de rachaduras crescia e se espalhava enquanto eu observava.

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram. Levantei os olhos e vi que as luzes de freio do SUV se acenderam. O veículo parou.

Eles deram meia-volta. Estavam vindo em minha direção.

Dei a partida em meu carro e fui para o meio da rua. O SUV estava vindo rapidamente em minha direção. Parei o carro e apertei o botão que

acionava a marcha a ré. Pisei no acelerador com força, afastando-me do SUV que se aproximava. Conforme ele diminuiu a distância, os faróis altos brilharam, cegando-me com uma rajada de luz branca de modo que eu não consegui ver quem estava ao volante.

Apenas alguns metros separavam os capôs de nossos carros. Dei uma olhada no retrovisor, esperando não bater em nada. Minhas mãos estavam tão úmidas pelo suor que o volante deslizava. Segurei com mais força enquanto corria de ré. Casas, gramados e cercas vivas passavam por mim dos dois lados. Por sorte, não havia outros carros na rua nessa área residencial.

O SUV chegou perto o bastante para tocar no capô do meu carro. Girei o volante para os dois lados e pisei no acelerador até sentir que ele tocava o piso do carro. Consegui me afastar um pouco, mas o SUV se aproximou e bateu novamente.

Um pequeno cruzamento se aproximava rapidamente pelo espelho retrovisor. Tomei uma decisão rápida e puxei o volante com força, fazendo o carro girar sobre o asfalto e entrar em uma rua lateral. O peso e a velocidade do SUV fizeram com que ele atravessasse o cruzamento. Engatei a marcha automática e atravessei o cruzamento no outro sentido, continuando na rua lateral e sabendo que o SUV demoraria para conseguir parar e fazer o retorno.

Acelerei com força e entrei em uma rua à direita, depois em outra à esquerda, fugindo. Desliguei os faróis e procurei um lugar para me esconder. Uma das casas estava com os portões abertos e eu entrei com o

carro na via que levava até a frente da casa, escondendo o carro atrás das cercas vivas. Desliguei o motor e apurei os ouvidos. Momentos depois, ouvi o rangido dos pneus do SUV enquanto ele corria pelas ruas. O som desapareceu aos poucos, sendo substituído pelo silêncio típico das noites de bairros com mansões.

As luzes se acenderam no jardim da casa onde eu estacionara. Dei a partida no carro e fui embora dali. Enquanto dirigia, comecei a imaginar para onde poderia ir. Meu irmão estava no hotel, Blake estava em Washington, e quem saberia onde Michael estava? Eu não podia dizer a Madison.

Queria correr para encontrar meu irmão e Florina e me refugiar junto deles. Mas alguém estava atirando em mim. A última coisa que eu queria era levar o perigo até a porta do lugar onde meu irmão estava.

“Fuja”, dissera Helena. Mas para onde? Antes que eu pudesse ir a qualquer lugar, eu tinha que ir à casa de Helena.

Para buscar a arma.



Cheguei a casa e fui direto para o quarto. Abri as gavetas da cômoda, revirando os lenços e cachecóis, procurando pela arma que Helena deixara para mim no Music Center. Havia desaparecido.

Será que Eugênia a tirara do lugar?

Fui até o corredor e a chamei.

— Eugênia!

O barulho dos sapatos pesados que ela usava ecoou pelas escadas enquanto ela subia.

— Estou indo.

Sua voz parecia carregada de tédio. Eu não esperei e gritei enquanto ela ainda estava na entrada do corredor, andando vagarosamente.

— Você tirou alguma coisa das minhas gavetas? — perguntei.

Ela esperou até estar frente a frente comigo antes de responder. Tinha no rosto uma expressão que eu só conseguiria descrever como atordoada.

— Você sabe que eu nunca mexo em suas gavetas. Nunca.

— Você pegou a arma, não foi? Eu sei que pegou.

Ela cobriu a boca com a mão.

— Uma arma? Não. Eu nunca tocaria em uma arma.

— As pessoas farão qualquer coisa se estiverem acuadas.

— A arma estava aqui, em seu quarto?

Eu me virei e olhei ao redor do quarto. Em seguida, gemi.

Lembrei onde havia deixado a arma. Fui até o closet, abri a porta e vi a bolsa com a qual fora ao Music Center. Eugênia estava sob o vão da porta. De costas para ela, eu tateei a bolsa.

A pistola estava guardada ali. Virei-me na direção de Eugênia.

— Desculpe. Não tenho sido eu mesma ultimamente. Tive algumas dores de cabeça fortes. Preciso conversar com meu técnico e pedir para que ele dê uma olhada no chip.

Eu estava usando uma indireta, torcendo para que ela soubesse quem era o técnico que trabalhava para Helena.

— Por que não volta para o lugar onde instalaram isso em você? Afinal, você já deixou um bom dinheiro lá.

Ela ainda estava irritada. Mas aquilo não era nada comparado ao que sentiria se soubesse que poderia estar em perigo. Helena lhe falara apenas sobre o aluguel, nada além disso.

— Eugênia, preste atenção. Não atenda a porta para ninguém. Se alguém ligar, diga que não sabe onde eu estou.

Eugênia me encarou, com uma expressão grave e séria.

— Então, devo agir da maneira habitual?

Helena fora cuidadosa, então. Mas a situação nunca fora tão perigosa quanto era agora. Minha vida estava em risco a cada minuto que eu ficava ali. Eugênia não sabia de nada, e isso a protegeria.

— Preciso ir — eu disse. — Por favor, tenha cuidado.



Entrei no carro esportivo de Helena e liguei o motor. Abri o navegador GPS e ativei a listagem dos últimos locais que ela visitara. A lista imensa quase me fez desistir, mas consegui reconhecer um dos nomes. Redmond. Aquele fora o nome que Eugênia mencionara em minha primeira noite na casa. Ele telefonara para Helena.

— Redmond — eu disse ao GPS.

— Redmond. Agora mesmo — respondeu o aparelho.



O GPS me levou para um depósito em uma área industrial no Vale de San Fernando. Não era exatamente o tipo de bairro que eu escolheria para fazer um passeio noturno. Passei por cercas de alambrado em torno de terrenos com cães de guarda, indicando que eu devia continuar a dirigir. O endereço surgiu no navegador. Era um complexo de armazéns com áreas iluminadas por holofotes instalados em telhados. Estacionei dentro do complexo, de modo que meu carro não ficasse visível aos renegados que poderiam estar na rua.

De acordo com o navegador, o endereço de Redmond era o último armazém daquela rua. A porta estava trancada. Pressionei uma campainha antiga de metal. Acima dela, havia um buraco pequeno com alguma coisa brilhante no centro, provavelmente uma câmera. Redmond era engenhoso, deixando a fachada com uma aparência velha e malcuidada. Alguns momentos depois, a porta se abriu com um barulho alto.

O interior do lugar era bastante industrial, o tipo de lugar onde um artista poderia viver e trabalhar. Piso de concreto e um corredor criado a partir de uma parede branca sem muitas características marcantes. Vi o brilho frio de uma luz fluorescente no final do corredor. Saquei minha arma.

Meu coração estava pulando dentro do peito. Seria uma armadilha? Desejei que Helena ainda estivesse dentro de minha cabeça. Ela saberia, ela me diria. Eu deveria tê-la pressionado para dar mais informações sobre Redmond enquanto eu ainda a tinha comigo.

Virei à esquerda e entrei em um espaço amplo, mobiliado com várias filas de mesas e balcões cheios de peças eletrônicas, computadores e monitores — alguns funcionando, alguns com suas entranhas expostas. Havia tantas máquinas e peças que algumas estavam atadas a barras que pendiam do teto alto. Um odor de produtos químicos pairava no ar.

Uma aerotela acima de um balcão abarrotado de peças e equipamentos mostrava a porta que dava para o exterior, onde eu havia tocado a campainha. Abaixo dela, um homem de cabelos prateados estava debruçado em frente a um banco de monitores de computador. Um Ender.

Não consegui perceber se ele estava vivo ou morto. Permaneceu imóvel enquanto eu me aproximava, empunhando a arma com as duas mãos à minha frente.

— Redmond? — eu disse.

— Helena — resmungou ele, com um sotaque britânico. — Você demorou tanto que eu quase caí no sono.

Ele levantou a cabeça. Vi seu rosto refletido em dois monitores que estavam desligados. Ele olhou para meu reflexo naquelas telas, falando sem se virar.

— Helena, por que está com essa arma?

— Tenho um pedido.

— Geralmente, você pede sem apontar uma arma para a minha cabeça.

Ele começou a girar a cadeira. Pisei com força no anel de metal ao redor do eixo, impedindo o movimento.

— Coloque as mãos atrás da cabeça — eu disse.

Tudo que eu fazia, aprendera com meu pai ou com os filmes. Funcionou, e ele me obedeceu.

Um dos monitores começou a emitir bips em sincronia com um ponto vermelho que piscava em um determinado lugar do mapa da cidade. Aparentemente, o ponto estava exatamente no lugar onde estávamos.

— O que é isso? — perguntei.

— É você. Seu dispositivo de localização. Mas você sabe disso — os olhos dele se estreitaram.

Ele era magro e desajeitado, com cabelos desganhados de cientista maluco. Sua estrutura óssea não era feia; era possível perceber que ele tivera seus encantos quando jovem.

— Todo mundo sabe mais sobre meu corpo do que eu — eu disse. — Bem, quero que você remova o chip. Está tudo acabado.

— Como foram as coisas?

— O quê?

— Seu grande plano.

— Com todos esses monitores, duvido que você não receba as notícias aqui.

Ele olhou para mim e empurrou a cadeira para a frente, ainda com as mãos na cabeça. Ele estava me examinando, me observando atentamente, tentando identificar quem estava realmente dentro de meu corpo.

— Meu Deus! — Ele baixou as mãos e chegou tão perto que eu consegui sentir o aroma de hortelã de seu hálito. — Não é Helena que está aí, ou é?

Minha mão que empunhava a arma balançou.

— Não. Ela morreu.

— Como? — Ele franziu a testa.

— Não sei. Mas ouvi quando aconteceu. Ela estava dentro da minha cabeça naquele momento. Acho que alguém a matou.

Seus olhos se arregalavam cada vez mais enquanto ele ouvia minha narrativa.

— Estávamos ficando mais próximas — eu disse. — Achei até que fosse conhecê-la pessoalmente.

— Helena era uma bola de fogo. — A tristeza no rosto de Redmond era marcante. — Nós nos conhecemos na faculdade, há mais de 100 anos.

— O que você sabe sobre o banco de corpos?

— Sei o que preciso saber.

— Então, vou explicar a versão para leigos. O banco de corpos a matou. Ela disse que tentariam me matar, também. — Voltei a apontar a

arma para a cabeça dele. — Preciso que você remova este chip.

— Estou percebendo o motivo de você não querer que eles rastreiem sua presença. Você é uma testemunha ocular da morte de Helena.

— Uma testemunha auditiva, por assim dizer. Portanto, remova o chip. Por favor.

— Não posso.

— Eu poderia matá-lo. — Estendi o braço que segurava a arma. — Você, melhor do que ninguém, sabe que estou dizendo a verdade. Foi você quem removeu a trava contra assassinatos.

— Existe uma questão sobre o plano de Helena que continua sem resposta — disse ele. — Você seria capaz de ir até o fim? Não ficou claro se eu tive sucesso ou se falhei nessa parte também.

— Você quer realmente ser a cobaia para esse teste? Pela última vez, estou implorando para que você remova o chip.

— Eu quero fazer isso. Realmente quero. Estou preocupado com a possibilidade de que tenham instalado um comando de morte súbita.

— E o que seria isso?

— Eles enviam um sinal ao chip para fazer com que ele exploda.

Apertei meus olhos por um segundo. Não havia pensado naquilo.

— Não se preocupe. Provavelmente eles continuarão a usar o chip, com outra inquilina idosa, outra pessoa no banco de corpos, conectada a seu corpo como Helena estava.

Eu não sabia o que era mais assustador: outra pessoa controlando meu corpo ou minha cabeça explodindo.

— Mas desde que você alterou o chip, eu não perdi mais a consciência. Helena não conseguia mais tomar o controle.

— Tem razão. Mas outra pessoa poderia alcançar o mesmo nível que Helena tinha com você no final. Uma espécie de conexão entre suas mentes.

— Então remova o chip!

— Eu o removeria, se pudesse. Mas é impossível. Ele foi inserido dentro de seu cérebro.

— Mas você o acessou e conseguiu alterá-lo. Duas vezes.

— E não foi nada fácil. Mas não posso removê-lo. Eles o implantaram dentro de uma blindagem complexa. Assim, se alguém tentar removê-lo, o chip vai se autodestruir. Na melhor das hipóteses, você provavelmente sofreria uma hemorragia; na pior, acabaria com a cabeça estilhaçada. É como se houvesse uma pequena bomba dentro da sua cabeça.

— Uma bomba? Em minha cabeça? Você só pode estar brincando.

— Eu lamento.

Hemorragia. Cabeça esfaçalhada. Estava me sentindo tonta.

— É horrível. — Eu baixei a arma. — Por que fizeram isso comigo?

— Provavelmente, fazem isso com todos os doadores. É um dispositivo de segurança. Dessa forma, ninguém pode matar um doador e roubar essa tecnologia valiosa.

— Quer dizer que terei esse pedaço de metal que me conecta a eles na cabeça pelo resto de minha vida?

— Receio que sim.

As coisas nunca voltariam a ser como antes. Nunca conseguiria me sentir segura. A garota que fora até o banco de corpos estava perdida para sempre.

Redmond pigarreou.

— Ainda assim, há algumas notícias boas.

— Quais?

— Você é a única pessoa com um implante alterado. Isso a torna um caso único.

Eu ri, motivada pelo nervosismo.

— E o que há de bom nisso?

— O banco de corpos pode ter interesse em mantê-la viva. — Ele olhou fixamente para mim.



Redmond construiu uma placa magnética que cobria a área de minha cabeça e a afixou ao redor do lugar onde o chip fora implantado. Não senti nenhuma dor, graças a uma anestesia local. Deitada em uma mesa em sua sala esterilizada nos fundos do armazém, eu admirei a precisão com que ele trabalhava. Redmond me dava a impressão de ser uma alma jovem em um corpo envelhecido. Eu confiava nele. Na verdade, eu não queria sair daquele laboratório. Havia uma forte sensação de segurança. Eu estava com alguém que conhecia profundamente o funcionamento do meu corpo.

Ele explicou que tivera uma boa carreira como neurocirurgião. Entretanto, ao se aposentar, ele se concentrara em sua primeira paixão, os computadores. Disse que trabalhar com hardware era como operar um paciente que nunca reclamava. E, se algo desse errado, ele sempre poderia recomeçar do zero.

Eu me sentia confortável com o toque dele. Mas eu também representava perigo para Redmond. Ele não era um revolucionário

trabalhando em prol de uma causa. Ele estava fazendo o serviço pelo dinheiro, pelo encanto da ciência e do desconhecido, e talvez porque Helena fosse uma velha amiga. Mas eu era uma estranha e sabia que ele queria que eu saísse dali o mais rápido possível.

— Bem, preciso avisá-la de que esta solução não é permanente. É simplesmente o que eu tive condições de fazer com tão pouco tempo para me preparar. O adesivo que estou usando começará a se decompor por causa do contato com a placa. Se eu usar qualquer coisa mais forte, queimarei seu couro cabeludo.

— Quanto tempo o adesivo aguentará? — eu perguntei.

— Não sei. Talvez uma semana.

Ele continuou a trabalhar, aplicando um gel às bordas de metal da placa.

— O que você sabe sobre o Velho? — perguntei.

— A única coisa que todos sabem é que ele mantém sua identidade em segredo. Ninguém nunca viu seu rosto. Há uma infinidade de rumores... Dizem que ele era um gênio da área de programação de computadores, ou que estava encarregado de operações sigilosas de espionagem durante a guerra e recebeu ferimentos sérios... Quem pode saber se qualquer um desses boatos é verdadeiro?

Engoli em seco, pensando em Helena e Emma.

— Eu quero encontrá-lo.

— Várias pessoas também querem. E é por isso que ele tem uma vida tão reclusa.

— Eu sei que ele vai ao banco de corpos, às vezes. Eu o vi lá, certa vez.

Redmond parou o que estava fazendo e se inclinou para surgir em meu campo de visão.

— Não tente ir atrás dele. Você é jovem e bonita. Se ficar fora do caminho do Velho e da Prime Destinations, terá sua vida inteira pela frente como recompensa. Ele é um homem muito, muito mau.

Ele me ajudou a sentar sobre a mesa de cirurgia. Em seguida, me entregou um espelho e, como um cabeleireiro, deixou que eu admirasse seu trabalho em um segundo espelho que estava afixado à parede.

— Não consigo nem perceber a placa — eu disse.

Ele pegou minha mão e a levou até a parte de trás de minha cabeça.

— Devagar — disse ele.

Sob meu cabelo, senti uma placa de metal duro, moldada de acordo com a curvatura do meu crânio.

— Tive que raspar um pouco de seu cabelo na área mais próxima do couro cabeludo, mas a camada superior está cobrindo a placa. É impossível notar qualquer coisa estranha, a menos que o vento esteja forte — ele disse.

— E isso vai impedir que eles me localizem? Por uma semana?

— Sim. E eu também não conseguirei segui-la. Você está sozinha agora.

— Tudo bem. — Deixei o espelho sobre a mesa e me levantei. — É assim que tenho vivido há um bom tempo.

A expressão dele ficou ainda mais séria.

— Venha comigo.

Eu o segui de volta ao laboratório. Ele encostou os dedos em um sensor instalado em uma gaveta que havia em sua mesa. A gaveta se abriu com um estalido. Redmond pegou uma pequena caixa de metal do tamanho da palma de sua mão. Na tampa, havia uma etiqueta: “Helena”.

— Bem, se alguma coisa acontecer comigo, venha até aqui e pegue esta caixa.

— Como conseguirei abri-la?

— Ela já está codificada de acordo com suas impressões digitais. Helena pediu que eu o fizesse.

Olhei para as pontas dos meus dedos. Haveria alguma coisa no mundo que ainda fosse verdadeiramente minha? A caixa não tinha qualquer marca. Um disco rígido para computadores?

— O que há aí dentro? — eu perguntei.

— A chave com as informações sobre como alterei seu chip — disse ele. A expressão em seus olhos ficou mais suave e seus lábios quase formaram um sorriso. — Imagino que você possa dizer que essa é sua certidão de nascimento.

CAPÍTULO 20

Agora que o banco de corpos não poderia mais me rastrear, eles perceberiam que, de algum modo, eu ludibriara o chip. Já que não podíamos removê-lo, Redmond não teria condições de ativar um falso localizador para despistá-los. Até aquele ponto, a Prime poderia pensar que eu estava seguindo o plano de Helena de acordo com as ordens que ela me dava. Mas não era mais assim.

Entrei no carro em frente ao laboratório de Redmond e peguei um novo telefone celular que ele havia me dado. Ele dissera estar preocupado com a possibilidade de que o aparelho anterior pudesse ser rastreado. Liguei o outro aparelho por tempo suficiente para identificar o telefone de Lauren, depois o desliguei. Quando liguei para ela, ouvi uma gravação. Deixei uma mensagem pedindo que ela me ligasse — bem, não eu, pois ela não me conhecia; deveria ligar para Helena — e lhe dei o novo número.

Estava digitando o número de Madison, mas uma ligação surgiu no telefone de Helena. O identificador de chamadas mostrava o nome de Blake.

Blake.

Meu coração começou a acelerar, junto com minha respiração. Quando o vira pela última vez, seu rosto estava na aerotela e ele usava minha presilha em forma de baleia como prendedor de gravata. Será que seu avô tinha tentado colocá-lo contra mim e Blake discordava das ideias dele? Ou o senador nunca chegara a dizer nada a Blake?

Respirei fundo. Depois, usei o outro celular para retornar a ligação dele.

— Blake?

— Callie.

O simples fato de ouvir a voz dele me deu vontade de chorar.

— Você voltou.

— Finalmente — ele ficou em silêncio por um segundo. Ouvi quando respirou fundo.

— Escute, Blake. Sobre aquela noite, eu...

— Eu sei. Senti sua falta.

— Também senti sua falta — eu disse.

— É bom ouvir isso. Seria muito ruim se eu fosse o único a sentir saudades.

Ele me fez rir um pouco.

— Está com fome? — perguntou ele.

— Faminta.

Ele me enviou um Zing com o endereço de um restaurante com decoração antiga, que ficava aberto a noite inteira, chamado Drive-In. Quando cheguei, fiquei feliz ao ver que havia seguranças Enders armados. Eles não eram mais o inimigo. Eu os via como uma forma de proteção.

Carros elegantes preenchiam cada um dos espaços ao redor do centro de alimentação. Não pouparam despesas quando construíam aquele lugar, e os anúncios em neon na parede traziam dizeres como “Uma volta ao passado”. Enders graciosos e esguios sobre patins seguravam bandejas sobre a cabeça, levando hambúrgueres, milk-shakes e banana-splits até os carros, enquanto canções antigas de rock n’ roll tocavam nos alto-falantes. Aerotelas instaladas ao ar livre exibiam filmes da década de 1950, compondo a atmosfera verdadeira da experiência retrô para todos os sentidos.

Parei o carro em uma vaga que ficava na parte mais distante do estacionamento, longe da área de alimentação. Caminhei até o banheiro. Quando saí, não vi o carro de Blake, então decidi andar até o meu para esperar. Alguns minutos depois, ele chegou, passando perto do meu carro com um sorriso. Nada poderia ser melhor para mim. A porta do lado do passageiro do carro de Blake se abriu com um clique e eu entrei.

Assim que eu estava no meu assento, ele se inclinou e me beijou no rosto.

— Oi.

Estar no carro, ao lado dele, me causava uma sensação boa.

— Você está linda — ele disse.

Blake estacionou em uma vaga perto do restaurante, entre dois outros carros. Uma Ender magra com cabelos longos e prateados amarrados em um rabo-de-cavalo patinou até onde estávamos e saiu com nossos pedidos.

Quando ela se afastou, Blake pegou minhas mãos.

— Desculpe — eu disse.

— Não diga nada.

Senti o cheiro dele e, por um momento, encontrei conforto nas feições familiares do seu rosto. Mas eu sabia que, se me deixasse relaxar em seus braços, não conseguiria conter as lágrimas. Eu tinha que ser forte para dizer o que precisava dizer.

Ele começou a me trazer para perto de seu peito.

— Preciso lhe contar algumas coisas — eu disse.

— Eu sei — disse ele, recostando-se em seu assento. — Eu também. Queria ligar para você de Washington, mas meu avô tirou meu celular. Só me devolveu o aparelho hoje.

— Tenho a impressão de que você ficou fora por muito tempo. Muitas coisas aconteceram.

— Pensei em você o tempo todo — disse ele. — Os momentos mais difíceis foram durante a noite, logo antes de eu ir dormir. Durante o dia, havia várias distrações. Mas, à noite, havia somente você.

Alguma coisa brilhava em sua jaqueta de couro. A presilha em forma de baleia do meu sapato. Eu a toquei.

— Eu deveria usar a minha — eu disse. — Para combinar com a sua.

— Nós já combinamos muito bem.

Ele me encarava com tanta intensidade que pensei que seus olhos fossem começar a ferver. Ele se aproximou e colocou as mãos ao redor do meu pescoço, trazendo-me para mais perto. Senti a respiração dele em meu rosto — e senti um arrepio — antes de nos beijarmos.

Fechei os olhos e deixei o beijo reverberar por todo meu corpo. O cheiro dele, uma fragrância amadeirada e herbal, me acalmava e agitava ao mesmo tempo. Seu cabelo era muito macio, quase suave demais para um rapaz. As mãos dele tocavam meu rosto, meu pescoço e meus cabelos como se ele estivesse me descobrindo, como se eu fosse a primeira garota que ele beijava. Aquilo fez com que eu me sentisse especial. Ele acariciou meu cabelo, até que sua mão se deteve...

... no lugar onde a placa de metal fora instalada, na parte de trás da minha cabeça.

Ele interrompeu seus movimentos.

— O que é isso?

Eu me afastei, com um gemido escapando dos meus lábios.

— Desculpe — ele disse. — Eu esqueci. Você me disse. A cirurgia, não é?

A garçonete veio patinando com nossa comida, interrompendo-nos. Ficamos em silêncio enquanto ela prendia a bandeja à borda da janela do carro. Depois que saiu, a comida simplesmente ficou ali.

— O que você tocou... é sobre isso que eu preciso lhe falar — eu disse.

Ele me olhava, esperando.

Senti um frio na barriga, como se estivesse em um elevador de alta velocidade. Por que era tão difícil?

Porque a situação era complicada demais.

Ele pegou minha mão.

— Está tudo bem.

— Eu não sou quem você pensa que eu sou.

Um sorriso nervoso se formou em seu rosto.

— Quem é você, então?

— Não me odeie.

— Nunca.

Eu queria fazer o tempo parar. Ele ainda gostava de mim, ainda acreditava em mim. E tudo isso poderia acabar.

Ele tocou meu rosto.

— Está tudo bem, Callie. O que você quer me contar tem a ver com a cirurgia que você mencionou antes, não é? Não há nada que você possa me contar que fará com que eu a odeie.

— Bem, vamos ver o que você dirá depois que eu lhe contar tudo. Meu nome não é Callie Winterhill. É Callie Woodland. Não sou rica, estas roupas não são minhas, aquele carro não é meu e a casa não é minha.

Ele me olhou fixamente por um segundo e balançou a cabeça.

— Eu não ligo se você é rica ou pobre.

— Não sou só pobre. Sou uma menor sem família. Moro nas ruas, em salas e escritórios de prédios abandonados. Minhas refeições são sobras e restos.

Eu não olhava no rosto dele; não precisava fazer isso. Senti a tensão encher o carro como um gás venenoso. Continuei a falar, antes que o medo me fizesse fechar a boca.

— Eu precisava de dinheiro para cuidar do meu irmão doente. Ele tem só 7 anos. Então, assinei um contrato com aquela empresa, Prime Destinations. Chamamos o lugar de “banco de corpos”. Eu era uma doadora, alugando meu corpo a uma idosa chamada Helena Winterhill. A casa, o carro, a vida, tudo pertence a ela. Ela queria impedir que seu avô concluísse a negociação com a Prime Destinations. Pensei que Helena fosse louca, mas descobri que ela tinha razão. O plano é muito pior do que ela imaginava.

Continuei a falar, contando-lhe tudo, provavelmente rápido demais. Ele me deixou falar, sem nunca me interromper. Deixei de mencionar apenas uma coisa. Não falei sobre o plano que Helena elaborara para assassinar seu avô. Agora que ela estava morta, eu não queria sobrecarregá-lo com aquilo. Já era muita informação para absorver. Por que preocupá-lo com algo que não era mais um problema?

Quando terminei, eu me virei para ele. Ele ainda estava olhando para mim, e a expressão que tinha no rosto não demonstrava repulsa como eu imaginava que aconteceria. Ele tinha um ar solene, entretanto, e continuou em silêncio. Aquela espera era torturante. Minha garganta ficou seca, esperando que ele dissesse alguma coisa. Finalmente, ele falou.

— Isso é tão... Eu não sei nem o que dizer.

— Você acredita em mim? — perguntei.

— Eu quero acreditar.

— Mas não acredita.

— O choque foi grande, entende?

Afastei o cabelo que cobria a parte de trás da minha cabeça e mostrei-lhe a placa que Redmond havia instalado. Sentia que estava expondo a parte mais íntima do meu corpo, mais do que qualquer outra. Esta sou eu, era o que eu dizia a ele. Foi nisso que me transformei.

— Meu chip está debaixo dessa placa.

Ele não disse nada. Levantei a cabeça e ajeitei os cabelos.

— Se você puder convencer seu avô a cancelar a parceria entre o governo e a Prime... se você puder mostrar a ele o quanto isso será ruim, que será como mandar menores sem família para a morte... Acha que ele poderia voltar atrás? — eu disse, atropelando as palavras, ousando ter esperança de poder ter tudo, a verdade e Blake.

Havia uma pequena chance de que o senador não compreendesse realmente os planos da Prime. Talvez ele não conhecesse os aspectos da permanência.

Blake não disse nada. Ele parecia estar perdido em pensamentos. Incomodado.

— Blake?

Ele esfregou o rosto com as mãos.

— Conversarei com ele. Não... espere. Você falará com ele. Você pode explicar isso melhor do que eu.

— Você acha mesmo?

— Amanhã. É sábado, ele estará no rancho. Venha antes do almoço. Ele é muito mais agradável naquele lugar. É seu lugar preferido.

— Ele não me escutará. Ele me odeia.

— Faremos isso juntos. Ele me escutará. Sou o neto dele — disse Blake, acariciando minha mão. — Só nos resta tentar.

Blake parecia estar imerso em pensamentos. Percebi que ele ainda estava processando aquela nova maneira de me enxergar.

Comemos em silêncio e, em seguida, Blake me levou até o lugar onde meu carro estava estacionado, do outro lado do terreno.

— Até amanhã — disse ele.

— Até.

Ele se despediu com um beijo. Não foi como antes; o beijo carregava o fardo das minhas mentiras, que separava nossos lábios como uma camada de cera. Eu sentia como se um peso de uma tonelada ancorasse meus pés ao chão.

Entrei em meu carro e tranquei as portas. Quando fora ao banheiro, anteriormente, eu havia conversado com um dos guardas Enders. Dissera a ele que queria dormir por algumas horas e agradeceria se ele pudesse me vigiar. Quando lhe entreguei várias notas de alto valor, ele disse que ficaria feliz em fazê-lo.

Acordei por volta das 6 da manhã, com o sol em meus olhos. Levantei o encosto do assento de volta à posição normal, antes de passar a língua por meus dentes. Toquei a parte de trás da cabeça, onde a placa estava. Ela latejava, forçando-me a lembrar de como ela havia traído meus segredos a Blake. Engoli dois analgésicos que Redmond me dera.

O novo telefone estava piscando. Lauren me enviara um Zing.



Lauren ainda estava no corpo fabuloso de Reece, com seus cabelos longos e ruivos reluzindo ao sol da manhã.

— Diga que você tem boas notícias, Helena. Eu não consegui descobrir nada a respeito de Kevin.

Ela inseriu um cartão em um portão, entrando em um parque privado perto de sua casa em Beverly Hills. Fiquei apreensiva com aquele encontro em um lugar tão próximo do banco de corpos, mas, além de estar protegido com cercas e portões, o parque também tinha seus próprios seguranças.

— Algumas pessoas já o viram, falaram com ele. Mas ninguém o viu no último mês — ela disse.

Eu sabia que precisava esclarecer minha identidade imediatamente. Eu não passaria pela tortura da indecisão novamente.

Lauren continuou a andar, sem registrar minhas palavras. Eu teria que interrompê-la.

— Escute. Eu não sou Helena.

O queixo de Lauren caiu. Ela cruzou os braços.

— O que você está dizendo?

— Sou a doadora. O corpo que Helena alugou. Tenho realmente 16 anos.

— Espere um pouco. Quando falei com Helena, ela estava nesse corpo.
— Ela apontou para mim.

— Você estava falando comigo. Quando estávamos no Club Rune e no restaurante tailandês.

— Era você? — Ela piscou os olhos, sem acreditar. — O que aconteceu com Helena?

Senti meu coração afundar quando fui forçada a recordar os últimos momentos de Helena.

— Ela se foi.

— Ela está morta? Helena está morta? — Ela me segurou pelos ombros e me sacudiu. — O que você fez com ela?

— Calma. Não fiz nada. — O guarda armado olhou em nossa direção. — Foi alguém do banco de corpos, da Prime.

— Quem?

— Não sei.

— Então, como você sabe que ela está morta?

— Ouvei os gritos dela em minha cabeça.

— Você... o quê?

— Helena pediu a alguém que alterasse meu chip. Ao final do processo, eu conseguia ouvir os pensamentos dela na minha cabeça. Conseguíamos nos comunicar.

Lauren me soltou com um empurrão.

— Não acredito. Eu a conhecia há 85 anos — disse ela, pegando um lenço e enxugando lágrimas de raiva. — E agora ela morreu.

— Eu sinto muito. Estava começando a conhecê-la melhor.

— Como se atreve a dizer isso?

— Aprendi muito com ela — eu disse.

— Sobre o quê?

— Sobre o senador. E sobre o Velho.

Ela me deu as costas.

— Não posso fazer isso. Não consigo olhar para você. Você mentiu. Me fez pensar que você era Helena. E agora eu descubro que ela estava morta o tempo inteiro.

— Não, não foi assim. As coisas simplesmente aconteceram.

— Por que ninguém mais é quem parece ser? — ela disse, por entre os dentes.

Eu olhei para ela, escondida naquele corpo adolescente.

— Pelo menos, eu creio que Kevin esteja vivo. — Pensei que aquela boa notícia a respeito de seu neto poderia acalmá-la.

— Como você sabe disso?

— Porque o Velho permitirá que os clientes da Prime façam mais do que simplesmente alugar. Eles poderão comprar os corpos. Eu acho eles já vinham fazendo testes. Isso explicaria o desaparecimento dos adolescentes, sem sinais de luta e sem que seus corpos fossem encontrados.

Um lampejo de esperança iluminou seus olhos. Em seguida, ela fechou o rosto em uma careta.

— Você não sabe de nada. Como posso confiar em você? Você está usando as joias de Helena, dirigindo seu carro. Não tem vergonha?

— Quero ajudá-la.

— Você não pode ajudar uma mulher morta. *Você* não pode ajudar ninguém.

Ela me virou as costas e começou a se afastar.

— Lauren. — Ela não voltou a olhar para mim. — Ou será Reece? — eu gritei.

Ela continuou andando.

Fiquei ali, tremendo. Pensei que ela me ajudaria; Lauren era amiga de Helena. Ela era a única pessoa com quem eu podia conversar sobre os adolescentes desaparecidos.

O guarda me olhava. Ele colocou a mão sobre o revólver que tinha no quadril e começou a andar em minha direção. Eu era uma convidada de Lauren naquele parque privado, e, agora que ela fora embora, eu não tinha motivo — ou permissão — para continuar ali.

Fui em direção ao portão. Abri-o e corri para fora, deixando que ele batesse atrás de mim. Assim que ia entrar em meu carro, olhei para o outro lado da rua e vi alguém que conhecia.

Michael.

CAPÍTULO 21

Atravessei a rua correndo, desviando de carros e motos, acenando com as duas mãos, mas ele não me notou.

— Michael! — eu gritei, perseguindo-o enquanto ele se afastava. — Michael, espere!

Consegui alcançá-lo e o toquei com força nas costas.

— Sou eu.

Ele se virou. Ver o rosto dele me deu alegria. Eu não tinha noção do quanto aqueles cabelos longos e loiros e os olhos gentis faziam falta. Ele sorriu e eu senti que meus ombros se derretiam.

— Uau, você está lindo — eu disse, tocando a jaqueta elegante que ele usava.

— Você também — disse ele, olhando-me da cabeça aos pés, despindo-me com seu olhar. — Qual é o seu nome?

Era a voz de Michael, mas as palavras não eram. Examinei atentamente aquele rosto perfeito, sua boca, olhos e nariz. Nada de manchas de sol ou verrugas, nenhum corte adquirido em brigas de rua. Apenas uma pele impecável e roupas caras.

Senti um arrepio correr por minhas veias.

Aquela pessoa não era Michael. Era um inquilino.

Um Ender alugara o corpo de Michael. Ele não esperara como me prometera. Assinara um contato antes que o meu estivesse finalizado.

— Quem é você? — eu perguntei, tremendo.

— Ei, sou um garotão de 16 anos. Gosta do que está vendo? — Ele estendeu os braços e deu um giro de 360 graus sobre os calcanhares. — Lindo, não é mesmo?

Minha respiração começou a acelerar. Não conseguia me controlar. Agarrei aquela jaqueta cara com força.

— Ei, vá com calma. Isso é couro legítimo de alpaca russa.

— Eu não ligaria, nem se viesse de Marte. Há quanto tempo você está com esse corpo?

— Não sei do que você está falando.

Eu o puxei para mais perto de mim, com força, fazendo com que ele tivesse dificuldade para respirar.

— Se você vai mentir, minta com sua própria boca enrugada. Há quanto tempo?

— Acabei de escolhê-lo — disse ele, com a voz estrangulada. — Acabei de sair da Prime.

Eu o soltei. Não podia me arriscar a chamar tanta atenção. Já havia outros Enders que olhavam para nós.

Ele alisou o material da jaqueta.

— E paguei uma nota preta por este corpo. Ou seja, agora ele pertence a mim — disse ele, com a voz baixa.

O guarda do parque nos olhava por entre as barras do portão.

— É melhor você cuidar bem dele — eu disse.

— O que foi? Você conhece esse rapaz ou algo assim? — Ele apontou para o próprio corpo. — Querida, eu pretendo me divertir muito com este corpo. Por que você acha que fiz isso? Quero mais é aproveitar a vida. Não vou deixar que nada me impeça — disse ele, com uma forte gargalhada.

Minha respiração estava tão pesada que eu sentia que ia soltar fogo pelas narinas.

Tudo que consegui foi fazer aquele patife rir. Quem quer que fosse.

— Você é um doce. Por acaso é a namorada dele? — perguntou o Ender que estava no corpo de Michael. — Talvez isso signifique que eu ganhei um bônus com este corpo, hein?

Ele colocou um braço ao redor de meu ombro. Eu me desvencilhei.

— Não toque em mim. Não quero deixar hematomas nesse corpo.

Enders que andavam pela rua olhavam para nós. Foi então que o Ender que usava o corpo de Michael fez algo que eu nunca imaginei que aconteceria. Ele se aproximou, colocou a língua para fora e lambeu meu rosto, esfregando a língua desde meu queixo até meus olhos. Eu o empurrei com força e enxuguei aquela saliva pegajosa com as costas de minha mão.

— Pare com isso! — eu disse, rangendo os dentes. Sentia vontade de socá-lo com todas as minhas forças. Mas aquele era o copo de Michael.

— Bem, esta pequena reunião foi muito divertida, mas eu preciso ir embora — disse ele. — Há muita alegria, muita vida aqui neste mundo, esperando... por mim.

Ele piscou, afastou-se e depois me deu as costas, andando rapidamente. O guarda do outro lado da rua ainda estava olhando para mim.

Encontrei Michael, mas não o havia encontrado realmente. O garoto com quem eu sempre pudera contar, sensível e prestativo, não estava ali. Um Ender velho, ignorante e pegajoso, talvez com 200 anos de idade, cujo corpo verdadeiro provavelmente cheirava a queijo embolorado, estava ocupando a pele de Michael.

Alugando Michael. Mas ele não dissera “aluguei”. Dissera: “ele agora pertence a mim”. Seria um dos primeiros contratos permanentes oficiais?

Não. Por favor, não.

Procurei-o pela rua, mas não consegui vê-lo novamente. Comecei a correr, agitando os braços. Quando cheguei à esquina, olhei para os dois lados da rua. Avistei uma jaqueta marrom à esquerda, seria a que ele usava? Abri minha bolsa e serpentei em meio à multidão de Enders que passeavam por ali. Enfiei a mão direita na bolsa e peguei a arma com força.

Quando me aproximei dele, pressionei a arma contra suas costas, cobrindo-a com meu corpo para que ninguém mais conseguisse ver.

— Pare — sussurrei no ouvido dele.

Agarrei seu braço para ter certeza de que ele obedeceria. Ele falou por cima do ombro:

— Por favor, não me machuque. Eu lhe darei minha carteira. — A voz era aguda demais.

Fiz com que ele se virasse e vi um rosto, marcado por cicatrizes de acne, a ponto de esvaír em lágrimas. Era apenas um Starter comum.

— Desculpe — eu disse, soltando-o.

Ele continuou parado na calçada, em estado de choque.

— Corra — mandei e ele obedeceu.

Virei-me, examinando o rosto das pessoas na calçada, mas não havia qualquer esperança. Eu tinha perdido Michael de vista. Tivera uma chance preciosa de protegê-lo quando seu corpo saíra do banco de corpos, mas deixei que ele se afastasse.

Eu queria chorar, mas tudo que saiu de mim foram arfadas de pânico.

Isso era pior do que se eu nunca o tivesse encontrado.

Fiquei parada na calçada, atordoada, enquanto o mar de Enders de cabelos prateados passava a meu redor.

Qual era o caminho que levava de volta a meu carro? Eu estava desorientada. A última coisa que eu desejava era me aproximar do banco de corpos. Após alguns momentos, consegui me lembrar do caminho que havia feito e segui em direção ao norte. Logo adiante, em meio à multidão de Enders, três semblantes familiares vinham em minha direção.

Briona, Lee e Raj, com os braços carregados de sacolas de compras reluzentes.

— Callie! — Briona gritou para mim.

Eles vestiam as peças mais recentes da moda, desde os óculos de sol ultramodernos até botas de grife com bicos finos.

— Briona — eu disse, tentando fazer com que minha voz parecesse normal. — Que coincidência.

— Não é coincidência. Todos sabem que as melhores lojas ficam em Beverly Hills — disse Raj.

Briona abriu um pequeno sorriso enquanto olhava para Raj.

— Fomos até a Prime para dar um passeio — disse ela. — Perguntar a respeito dos novos serviços.

— O número de seu telefone apareceu nos nossos. — Lee empunhou seu celular.

— Meu telefone não está ligado — eu disse.

— Está, sim — disse Lee.

Abri minha bolsa, virando-me um pouco de lado para que eles não pudessem ver o que havia dentro. Meu antigo telefone estava realmente ligado.

— Como isso aconteceu? Eu o desliguei.

— Provavelmente ele se ligou ao esbarrar em alguma coisa dentro da bolsa. Acontece o tempo todo.

Desliguei o telefone.

— Por acaso há dois celulares em sua bolsa? — perguntou Raj.

— Sim. Um é meu. — Fechei a bolsa. — O outro é da doadora.

— Vamos nos sentar aqui — disse Briona.

Antes que eu pudesse protestar, ela me puxou pelo cotovelo até uma mesa na calçada, em frente a uma pequena cafeteria. Éramos os únicos clientes ali.

— Raj, entre e traga uns cappuccinos para nós — disse ela, e Raj obedeceu.

— Não posso ficar aqui — eu disse.

— Apenas por um minuto.

Lee sentou-se a meu lado, próximo demais para que eu me sentisse confortável.

Olhares nervosos se entrecruzaram sobre a mesa. O que estava acontecendo? Briona tamborilava as unhas sobre a superfície. Lee olhou fixamente para ela, até que parasse.

— Ficou sabendo das notícias? — disse Briona, inclinando-se para a frente. — Sobre a Prime?

— Sim. O que você achou?

— Mal posso esperar para conseguir um permanente — disse Lee. — Quero parar de brincar por aí, me acomodar e me concentrar em construir uma nova vida.

— Tem alguma coisa especial em mente? — perguntou Briona.

— Não — eu respondi. — E você?

— Estou de olho em uma linda garota loira de 16 anos — disse Briona. — Eu poderia usar o corpo dela muito melhor do que ela própria. E sou muito mais inteligente do que ela — disse Briona, apoiando o queixo sobre a palma da mão.

As pernas de Lee se agitavam nervosamente. Aquilo me fazia lembrar alguém. Esforcei-me para conseguir recordar.

— É como diz aquele velho ditado: “ Os jovens desperdiçam a juventude” — disse Lee. — E o que você me diz, Callie? Está pensando em um permanente? Este corpo ou outro?

— Há algo errado com este corpo? — eu perguntei.

— Nada que eu possa ver — disse ele. As pernas continuavam se agitando.

— A ideia de um corpo permanente é um pouco assustadora — eu disse.

— Acho que, se você não gostar do corpo, eles deixarão que você o troque por outro — disse ele.

— Mas o que acontece com o corpo do doador? — perguntou Briona.
— Afinal, você não pode simplesmente deixar que aquela garota loira volte à vida três meses depois. Ela vai passar o tempo inteiro perguntando: “O que aconteceu”?

— Talvez ela não perceba — eu disse.

— Assim que ela olhar para seu calendário e perceber que perdeu meses em vez de dias, ela saberá o que houve — disse Lee.

— A vantagem de alugar é poder experimentar coisas novas — disse Briona. — Se tivesse um permanente, eu não ousaria fazer nada perigoso, como lutar boxe, por exemplo. Mas, com um corpo de aluguel, não há qualquer problema.

— Exceto pela multa astronômica — disse Lee.

— É para isso que serve o seguro do aluguel — disse Briona, piscando.

— Mas a permanência compensa mais, no sentido financeiro — disse ele. — É possível poupar bastante dinheiro, comparado com o aluguel.

Aqueles Enders estavam me enlouquecendo. Como podiam falar sobre nós daquela maneira? Éramos apenas veículos para seu entretenimento, para

suas fantasias idiotas. Se morrêssemos, não haveria qualquer problema ou ressentimento. Tudo estava coberto pelo seguro.

Eles ficaram em silêncio. As pernas de Lee se agitavam para cima e para baixo e Briona tamborilava suas longas unhas sobre o tampo da mesa. Onde é que eu vira esses trejeitos antes?

Lee percebeu que eu estava olhando para as mãos de Briona. Olhares nervosos foram trocados como se fossem lasers. Eu trouxe a bolsa para mais perto de meu corpo.

Senti um arrepio. Eu sabia quem eles eram. Não eram simplesmente Enders.

Um SUV estacionou na calçada à nossa frente, com Raj ao volante. Aquela era a razão de toda a conversa. Eles estavam esperando pelo carro.

— Acho que Raj pediu café para tomarmos na viagem — Briona se levantou.

Lee também se levantou. Ele enlaçou seu braço ao meu.

— Está pronta, Callie?

Eu puxei o braço e abri a minha bolsa.

— Não.

— Venha conosco. — Briona se aproximou.

Eu saquei a arma e a apertei contra as costelas da garota.

— Nem pensar. *Doris*.

— Tenha cuidado, Callie — disse Lee, em voz baixa. — Não tome nenhuma atitude precipitada.

— Por que você está tão preocupado? Não é para seu corpo que eu estou apontando a arma, Tinnenbaum — eu disse.

Raj, dentro do SUV, nos observava. Ele não podia ver a arma e ainda fingia que tudo estava bem. Tinha um copo de café nas mãos, em um gesto convidativo.

— Vocês estavam escondidos nesses corpos o tempo inteiro, me espionando — eu disse a eles.

Lee se moveu para bloquear minha saída. Ele estava em um lado; Briona estava do outro.

— Apenas entre no carro, Callie — disse ela.

— Não preciso de café — eu retruquei. — Já estou bem ligada.

Empurrei Briona e ela perdeu o equilíbrio, caindo nos braços de Lee. Corri para dentro da cafeteria e saí pela porta dos fundos.

CAPÍTULO 22

Não me virei para ver se Lee ou Briona estavam me perseguindo. Não, era melhor chamá-los de Tinnenbaum e Doris, agora que eu descobrira quem eles realmente eram. Quem tinham sido o tempo inteiro. Raj, ao volante do SUV, provavelmente era Rodney, o Ender que me levara para ver Michael e Tyler. Por que o banco de corpos mandara que me espionassem assim, fingindo que eram simples inquilinos? Será que sabiam do plano de Helena desde o início? Ou as coisas começaram depois de ela alterar o chip?

Cheguei à rua onde meu carro estava estacionado e entrei nele. Quando dei a partida, vi que um SUV preto deu meia-volta e começou a me seguir. Seriam eles? Eu não conseguia ver porque um caminhão se interpôs entre nós.

Peguei o novo telefone e liguei para o hotel de Tyler. Queria contar a Florina o que havia acontecido com Michael.

— Quarto 1.509, por favor.

— O grupo que estava hospedado nesse quarto foi embora hoje pela manhã — disse a atendente.

— O quê? É impossível. Eles não fariam isso.

— Lamento, mas eles saíram ainda cedo.

Meu estômago se revirou como se eu estivesse em um elevador e os cabos de sustentação fossem cortados.

Exigi falar com a gerente que nos registrara. Ela atendeu ao telefone e confirmou o que a atendente dissera. Meu irmão e Florina não deixaram qualquer mensagem sobre onde eu poderia encontrá-los. A gerente também disse que os vira entrar em um carro com um homem, um senhor idoso que dissera ser o avô de Florina.

Senti uma onda de entorpecimento tomar conta de mim. Florina não tinha avós. Se tivesse, não estaria vivendo nas ruas. E não desapareceria sem deixar um bilhete.

Alguém os havia capturado. Quem? Uma bola de fogo me cegou. Ouvi falar de crianças que eram sequestradas em troca de resgates. Por acaso o carro e o hotel elegante deram ideias estranhas a Florina? Todo aquele comportamento gentil e os cuidados com meu irmão não passavam de fingimento? Um Starter desesperado seria capaz de fazer qualquer coisa nos dias de hoje. Talvez fosse uma inspetora disfarçada? Algum Ender no hotel, um cliente, ou mesmo algum funcionário querendo ganhar algum dinheiro extra poderia ter visto os pobres menores sem família e os denunciado.

Se fosse assim, eles estariam trancafiados em uma das instituições. Eu me recusava a acreditar que isso pudesse estar acontecendo.

E se fosse o banco de corpos?

Eles não alugariam o corpo de Tyler, é claro. Ele era jovem e frágil demais. Mas poderiam usá-lo como isca para me atrair de volta. Fechei os punhos com força.

Senti um desejo de ir até lá, com a arma em punho, e exigir que devolvessem meu irmão. Contudo, mesmo com essa fúria que chegava a queimar, eu sabia que era impossível resgatar alguém de dentro da Prime. Eles tinham guardas. E grossas portas internas com fechaduras. E era exatamente isso que eles queriam. Além de tudo, seria uma aposta arriscada, porque, na verdade, eu não sabia onde ele estava. Eu simplesmente tinha uma sensação de que, onde quer que ele estivesse, não seria um bom lugar.

Ainda assim, eu precisava fazer alguma coisa.



Eu estava dirigindo na estrada de cascalhos que ladeava a cerca ao redor do rancho da família de Blake e manobrei o carro para que ele estivesse com a frente voltada para a direção certa quando eu saísse dali. Era melhor ter uma rota de fuga rápida planejada de antemão. Quando toquei na maçaneta para sair, minha mão tremia.

Corri pela via de cascalhos até a porta da frente, com a bolsa jogada sobre o ombro e a alça ao redor do corpo. Precisava ter acesso fácil à minha arma.

A governanta deixou que eu entrasse e me levou até a sala de estar. O lugar era decorado no estilo colonial mexicano, com um pé-direito alto e as vigas de sustentação do teto expostas. O aroma de café e tabaco, algo que

normalmente seria acolhedor, fazia com que meus nervos ficassem à flor da pele nas circunstâncias atuais. O senador Harrison tinha tudo, especialmente dinheiro e poder.

Blake e seu avô estavam sentados em grandes poltronas de couro siena, até perceberem que eu havia chegado.

— O que ela está fazendo aqui? — disse o senador, levantando-se e apontando o dedo para mim.

— Está tudo bem, vovô. Eu a convidei — disse Blake, levantando-se.

— Por que diabos você faria isso?

— Porque ela quer lhe contar algumas coisas.

Blake se aproximou de mim e pegou minha mão. Perguntei a mim mesma se ele chegara a dizer alguma coisa a seu avô.

— Tire-a daqui agora! — gritou o senador.

Meu coração batia tão rápido que parecia que eu conseguia ouvi-lo, latejando em minhas orelhas.

— Vá em frente, Callie — Blake soltou minha mão. — Diga a ele.

— Dizer o quê? — perguntou o senador.

— Você tem noção de que suas ações são o mesmo que assassinatos?
— eu disse.

O rosto do senador ficou vermelho de raiva.

— Não fale comigo assim, sua bruxa velha.

Saquei a arma da bolsa e apontei para ele.

— Não sou velha. Tenho 16 anos. Sou a doadora do corpo.

Pelo canto do olho eu vi que Blake estava boquiaberto, mas voltei a me concentrar na arma. Precisava manter a mão firme. Fiquei atrás de um dos sofás para que pudesse me apoiar em alguma coisa. Calculei a distância que havia entre a arma e o senador. Pouco mais de 3,5 metros.

O rosto dele demonstrava surpresa.

— Então, por que você quer me matar?

— Seu acordo envolvendo o governo e a Prime Destinations significa que menores sem família, inocentes, serão vendidos ao banco de corpos, que permitirá que idosos os comprem para ocupar seus corpos pelo resto de suas vidas.

Era difícil interpretar as expressões do senador. Havia uma expressão de horror em seu rosto, mas não consegui identificar se essa informação era nova para ele.

— O culpado disso tudo é você. — Ele apontou para Blake. — Faça alguma coisa.

— O que ela diz faz sentido, vovô. É verdade? — perguntou Blake.

— É verdade? — o senador repetiu as palavras de Blake em um tom de zombaria.

— Você me levará até o homem que comanda a Prime — eu disse ao senador. — O Velho.

O queixo de Harrison caiu.

— Não. Não posso fazer isso.

A palma das minhas mãos estava suando. Eu estava muito nervosa. O suor tirava a firmeza da minha mão ao redor da empunhadura da arma, deixando-a escorregadia.

— Você não quer me causar problemas, senador Harrison. Não agora. Meu melhor amigo acabou de ser comprado e meu irmão mais novo está logo atrás dele. Provavelmente, está prestes a ser levado à sala de cirurgia, como um cachorro qualquer em uma clínica veterinária. Minha única esperança é poder conversar com o Velho e, se você não puder me levar até ele, eu não terei nada a perder.

— Não posso — disse ele. — Não posso fazer isso.

— Você não tem escolha.

— Leve-a, vovô — disse Blake. — Você sabe onde ele trabalha.

— Deixe-me explicar de outra maneira — disse o senador. — Se eu levá-la até o Velho, ele me matará.

— E, se você não me levar, eu é que o matarei. — Eu lutava para manter a mão firme. — Estou lhe avisando. Meus braços estão ficando cansados, então vou contar até três. Não é assim que fazem nos holos? Você começa a andar na direção daquela porta ou eu atiro quando a contagem chegar a três. Um.

Ele umedeceu os lábios com a língua.

— Dois.

Ele engoliu em seco com tanta força que eu vi seu pomo-de-adão vibrar.

— Três.

Ele não se moveria.

Eu tinha que atirar, mas não queria. Imaginei a bala perfurando a carne, dilacerando-a, a pele se retorcendo em formas parecidas com pétalas de flores conforme o sangue se esvaía em jatos fortes, como um chafariz. Meu dedo tremeu e pressionou o gatilho. Era como se eu estivesse tentando

soltar o gatilho, deixar que ele voltasse à posição de descanso, mas é claro que isso não funcionou. Assim, atirei nele. Acho que era isso que eu realmente queria fazer.

A arma disparou com um estrondo agudo.

Ao mesmo tempo, ou talvez antes do disparo, não tenho certeza, Blake voou para cima do avô, empurrando-o com força.

— Blake! — eu gritei.

Os dois caíram ao chão e o sangue começou a manchar os tons creme e preto do tapete Navajo. Havia uma perfuração no braço do senador.

Olhei na direção deles. O senador gemia. Blake rasgou a jaqueta de seu avô e aplicou pressão sobre o ferimento.

Ele olhou para mim por um segundo, com uma expressão de puro choque e descrença.

— Você atirou nele! Poderia tê-lo matado!

Eu não sabia o que dizer. Ele estava certo. Eu teria matado o senador se Blake não intervisse.

— Ele devia ter feito o que eu mandei.

— Eu não achei que você... faria isso — disse o senador, com a voz entrecortada pela dor.

Eu também não achei que faria aquilo. Meu coração estava acelerado. Apontei a arma para o senador.

— Levante-o.

— O quê? — perguntou Blake.

— Foi só um ferimento no braço. Coloque-o de pé.

Blake ajudou seu avô a se sentar em uma cadeira. O senador se recostou no assento, gemendo de dor.

— Eu não queria fazer isso. Você me obrigou — eu disse, gesticulando com a arma. — Não vamos fazer com que tudo isso seja em vão. Quero que você me leve até o Velho.



O rosto do senador estava pálido enquanto dirigia seu carro com uma só mão. Eu estava a seu lado, no banco do passageiro, com a arma apontada para ele enquanto Blake vinha conosco, no banco de trás.

— Para qual parte da cidade estamos indo? — eu perguntei.

— O centro — disse o senador, sofrendo com a dor.

Tínhamos coberto sua camisa com a jaqueta para que o ferimento não ficasse aparente.

— Não sou a vilã aqui — eu disse. — Meu irmão mais novo está doente. Tenho que descobrir quem o pegou.

— Ele pode estar em qualquer lugar. — O senador tinha que fazer um esforço enorme para falar.

— Você tem razão. Não sei onde ele está. Por isso, tenho que procurar. Minha melhor pista é o Velho.

— Você parece ser uma garota esperta. Cheia de recursos. Deixe-me fazer uma proposta. Eu paro o carro e deixo você ir embora. Em troca, garanto que não a denunciarei por atirar em mim.

— Você acha que eu tenho cara de idiota? — eu perguntei.

Ele olhava para Blake pelo espelho retrovisor. Então, percebi que Blake estava incrivelmente quieto. Ele não dissera nenhuma palavra. O que estava se passando em sua cabeça? Acho que eu o colocara em um dilema. Eu me virei para olhar para ele. Naquele instante, o carro fez uma curva acentuada. O senador pisou com força no acelerador e virou o volante bruscamente, atravessando as faixas de trânsito até chegarmos ao outro lado da avenida. Batemos de frente com o banco vazio de um ponto de ônibus.

Os airbags se inflaram, empurrando a arma em direção à minha cabeça, abruptamente. Fiquei desorientada com o choque e minha visão estava

embaçada. O senador abriu a porta de trás e puxou Blake para fora do carro com o outro braço. Não consegui ver se ele estava ferido.

Eu me movia em câmera lenta. A lateral da minha cabeça estava úmida. Eu a toquei — sangue. Percebi que o senador ajudava Blake enquanto eles se afastavam do carro. Blake tentou se virar, estendendo o braço em minha direção, mas seu avô o forçava a continuar.

Eu tinha que sair do carro. Onde estava a maçaneta da porta?

Minha mão a encontrou e a abriu. Eu caí para fora do carro, sobre o asfalto. Tudo estava fora de foco. Formas, pessoas, tudo vinha em direção ao carro. A última que vi, antes que tudo escurecesse, foi um homem de uniforme.

Um inspetor.

CAPÍTULO 23

Acordei e percebi que estava deitada sob um aparelho com fortes luzes. Não consegui abrir os olhos direito, a luz estava intensa demais. O tubo de uma sonda intravenosa serpenteava até meu braço.

— Ela acordou — disse a voz envelhecida de uma Ender.

— Olá? Consegue me ouvir? — A voz de um homem, outro Ender, se aproximou.

— Consigo ouvi-lo — balbuciei as palavras. — Mas não consigo vê-lo.

— Está tudo bem — disse ele. — Isso é normal. Pode manter os olhos fechados se isso a deixar mais confortável. Faremos apenas algumas perguntas, certo?

Eu assenti. Meu cérebro parecia estar pesado. Enevoadado. Comecei a imaginar quais drogas eles estavam injetando através daquele tubo intravenoso.

— Qual é seu nome? — perguntou a mulher.

— Callie.

— E o sobrenome?

— Woodland.

— Quantos anos você tem?

— Dezesseis.

— Seus pais estão vivos?

A voz da mulher parecia familiar.

— Não.

— Tem avós ou pais adotivos?

— Não.

— Você é uma menor sem família?

Minha cabeça doía.

— Por quanto tempo eu fiquei desacordada?

— Não muito. Responda à pergunta — disse ela. — Você é uma menor sem família?

Eu não tinha forças para mentir.

— Sim.

As perguntas pararam. Ouvi a mulher se endireitar.

Abri meus olhos devagar. Ainda não conseguia enxergar direito. Percebi que o homem vestia um avental cirúrgico verde, como um médico. Imaginei que a mulher fosse uma enfermeira, mas ela usava roupas de cor cinza, não branca. Ela tinha um pequeno aparelho metálico em uma das mãos. Um gravador.

— Quer um pouco de água? — perguntou o médico.

Eu confirmei com a cabeça. Ele me estendeu um copo d'água. Sorvi o líquido pelo canudinho.

— Tive que dar alguns pontos no corte na lateral de sua cabeça. Não vai deixar uma cicatriz. Estava no couro cabeludo.

— A placa — disse a mulher.

— Sim. Qual é a função daquela placa em sua cabeça?

Olhei ao redor do quarto. As coisas pareciam estar entrando em foco. O lugar onde eu estava não era um hospital equipado com tecnologias de última geração; era sujo, e eu não vi as máquinas e aparelhos típicos de um centro cirúrgico.

— Que hospital é este? — eu perguntei.

— Não estamos em um hospital — disse ele. — Você está na enfermaria.

— Na instituição — disse a mulher. — Agora, fale sobre a placa.

Eu me lembrava dela. Sra. Beatty, a chefe da segurança. Tentei me levantar, mas havia algo que impedia meus movimentos. Foi quando vi que meus braços e pernas estavam amarrados à mesa.

— Deixem-me sair daqui. — Minha cabeça estava rapidamente voltando a funcionar direito. — É um engano. Eu tenho identificação. Está em minha bolsa. Meu nome é Callie Winterhill. Você se lembra de mim.

Eles trocaram olhares.

— Nenhuma bolsa foi encontrada no carro — disse Beatty. — Entretanto, nós encontramos uma arma. — Ela franziu seus lábios enrugados. — Os testes mostraram que a arma continha seu DNA e impressões digitais.

Uma pulsação rítmica começou a soar em meus ouvidos, ficando mais alta a cada segundo.

— E o relatório de balística disse que era a mesma arma usada para baleiar o senador Harrison — disse ela.

Ele me denunciara. Blake provavelmente não conseguira impedi-lo. Ou talvez Blake me odiasse, agora que eu havia quase matado seu avô.

Beatty guardou o gravador no bolso. Ela fez um sinal com a cabeça para o médico e ele acrescentou alguma coisa ao soro que eu estava

recebendo. Vi um olhar triste em seu rosto antes que ele deixasse o quarto. Ela acompanhou o médico com os olhos até que ele fechou a porta atrás de si, então inclinou-se em minha direção para que pudesse sibilar a meu ouvido.

— Eu odeio gente mentirosa. — Ela olhava para mim, com um círculo de verrugas ao redor dos olhos.

Eu sentia o cheiro antigo que ela exalava, uma mistura de naftalina e mofo. A sensação que eu tinha era a de que uma nuvem pesada estava descendo sobre mim. O pânico borbulhou em algum ponto, mas não conseguiu subir à superfície.

— O... que... você... aplicou... em... mim? — tive que empurrar as palavras para fora da boca, uma a uma.

Ela se ergueu novamente e me olhou com um sorriso insidioso.

— Bem-vinda ao clube privado especial na Instituição 37 — disse ela.
— A ala de detenção.

CAPÍTULO 24

Na manhã seguinte, acordei no piso frio de concreto de uma cela que cheirava a bolor e urina. Consegui erguer o corpo e me sentar. O lado direito da minha cabeça latejava com a dor. Toquei-a e senti que havia um curativo. Lembrei-me do médico, dos pontos e do acidente de carro.

Eu estava usando um macacão largo e cinza. Um uniforme de prisão.

Estava escuro. A única luz no ambiente vinha de uma pequena janela logo abaixo do teto. Não havia nenhum lugar onde eu pudesse me sentar. A cela minúscula estava vazia. Levantei-me e apoiei o corpo contra a parede. Um buraco no piso, no canto da cela, fazia um som constante de aspiração. Um painel de metal entrelaçado na porta aparentemente serviria para que a comida fosse entregue.

Essa não pode ser minha vida. Não pode ser meu futuro.

Olhei para as paredes sujas e imaginei se aquele lugar seria parecido com o campo de quarentena para o qual meu pai fora enviado para morrer. Até onde eu sabia, eles usavam os pacientes em experimentos. Era horrível pensar que os enviavam para longe de suas famílias apenas para morrerem longe das vistas dos outros e, posteriormente, serem incinerados ou enterrados em covas coletivas. Todos nós ouvíamos aqueles boatos.

Embora o fato de minha mãe ter morrido em casa fosse angustiante, morrer em uma instituição como aquela certamente seria pior.

Comparar lugares para morrer. A que ponto as coisas chegaram?

Eu estava ao lado dela naquele dia. Estávamos saindo de nosso carro no estacionamento do supermercado quando vimos a explosão no céu. Parecia um dente-de-leão gigante se desfazendo, fogos de artifício em plena luz do dia que se espalhavam e depois caíam. Em nossa direção.

— Volte para o carro! — minha mãe gritou.

Nós demos meia-volta e corremos. O carro parecia estar a quilômetros de distância, do outro lado do estacionamento. Deveríamos ter entrado no supermercado, mas era tarde demais para mudar de ideia.

Alguém atrás de nós gritou. Eu me virei e vi que uma Ender corria em nossa direção. Ela cobriu o nariz e a boca com as mãos para não inalar nenhum esporo. Não consegui perceber se algum esporo a havia tocado ou se ela já havia aspirado algum. Ou se estava simplesmente em pânico.

Eu estava vacinada, mas, mesmo assim, havia rumores de que alguns Starters não sobreviveriam a um ataque em massa.

— Continue correndo! — gritou minha mãe. Ela estava logo atrás de mim.

Ela empunhou o controle remoto do alarme como se fosse uma espada e eu ouvi o som doce das portas de nosso carro se destrancando.

Nosso carro, nosso santuário, esperando. Abri a porta que estava mais perto e entrei no banco traseiro. Estendi a mão para que ela entrasse.

— Mãe!

Um sorriso de alívio cruzou seu rosto quando ela agarrou minha mão. O rosto dela brilhava, seus olhos pareciam estar iluminados.

Conseguimos.

— Está tudo bem, querida. Estamos seguras agora.

Ela colocou um pé no carro, mas, antes que pudesse entrar, um esporo branco solitário pairou entre nós.

O esporo pousou no antebraço de minha mãe. Ela olhou fixamente para o ponto branco. Nós duas olhamos.

Ela morreu uma semana depois.

Os hospitais recusavam-se a receber mais pacientes contaminados por esporos e todos estavam superlotados.

Alguns dias depois que ela morreu, os inspetores levaram meu pai embora, mesmo que ele não demonstrasse qualquer sintoma ou problemas de respiração. Eles conheciam as chances de contaminação. Mas, mesmo na zona de quarentena, ele nos enviava Zings todos os dias para dizer que estava bem.

Até que, certo dia, eu recebi uma mensagem: “Quando os gaviões gritam, é hora de voar”.

Era uma mensagem em código que ele criara antes de sair. O significado era simples: eu e Tyler teríamos que sair correndo. Os inspetores viriam nos buscar. Eu queria saber mais. Enviei um Zing: “Pai, você está doente? Eles sabem disso?”.

Ele simplesmente repetiu o código.

Pensei que fosse vê-lo novamente. Pensei que ele fosse voltar para casa. Olhei fixamente para o teto de minha cela. Ouvi uma voz abafada no corredor. Alguns minutos depois, ouvi o barulho de passos que se aproximavam de minha porta. Ela se abriu com um zumbido mecânico. Beatty entrou em minha cela, deixando a porta aberta. Consegui ver os sapatos de um guarda que estava logo na entrada.

— Está se sentindo melhor? — O ódio exalava como óleo pelos poros de Beatty.

Olhei para o rosto cheio de verrugas. Era pior do que eu me lembrava. Ela parecia ter um milhão de anos.

— Vai me tirar daqui?

Aquela pergunta a fez rir.

— Você poderia dormir nos alojamentos com os outros. Mas, caso não se lembre, você tentou matar um senador.

— Terei um julgamento? — Já vira aquilo acontecer em holos.

Ela sorriu.

— Tenho certeza de que você sabe que menores sem família não têm direitos.

— Temos alguns direitos. Somos seres humanos, sabia?

— Não, vocês são criminosos, invadindo e morando em propriedades que não lhes pertencem. O Estado acolhe generosamente os menores sem família e lhes dá casa e comida. Mas você é uma criminosa agora e ficará trancada aqui, na barriga do monstro. E sairá somente quando chegar à maioridade.

— Aos 19? — Seria uma eternidade, em um lugar como esse.

Ela assentiu e seus olhos se iluminaram.

— Quando fizer 19 anos, o Estado lhe dará um advogado. Mesmo assim, advogados públicos são profissionais sobrecarregados e não têm tempo para defender criminosos como você. É quase certo que você irá para uma prisão de adultos.

— Uma prisão, para sempre? — Ela estava mentindo. Esforcei-me para respirar, mas tudo que consegui foi inalar aquele ar sujo.

— Presumindo que você sobreviva aos próximos três anos aqui na área de detenção. — Ela cruzou os braços e sorriu. — Poucos conseguem.

Fiz o melhor que pude para disfarçar minhas emoções. Não queria lhe dar o prazer de saber o efeito que aquelas palavras estavam causando em minhas entranhas. Eu não perguntaria sobre meu irmão, embora estivesse desesperada para saber a qual instituição ele fora levado.

Em seguida, como se fosse capaz de ler minha mente, Beatty perguntou:

— Onde está seu irmão?

— Não sei.

Como ela sabia que eu tinha um irmão?

— Talvez eu possa descobrir algo. Se já não foi recolhido a uma instituição, talvez tenha que ser apreendido.

Tentei manter uma expressão neutra e desinteressada, como a de um jogador de pôquer.

— Descobrirei para que serve essa placa de metal em sua cabeça, também. Não há segredos aqui.

Ela saiu e a porta se fechou. Será que eu estava sozinha ali? E as outras celas? Haveria garotas como eu presas nelas? Ou estariam vazias? Não conseguia ouvir ninguém. Talvez elas soubessem que o melhor a fazer era ficar em silêncio.

Fechei os punhos. Como era possível que isso fosse legal? Eu não tinha uma cama. Não tinha um cobertor. Virei-me e examinei as quatro paredes. Percebi que havia um botão metálico instalado em uma delas. Apertei-o e um cano curto de metal saiu pela parede. Água. Pelo menos eu teria o que beber. Respirei fundo, virei a cabeça, coloquei-a sob o cano e bebi. A água tinha um gosto metálico, que lembrava algum produto químico, mas era molhada.

Após três segundos, o fluxo de água foi cortado. Apertei novamente o botão, mas nada aconteceu.

Minha casa pelos próximos três anos. Se eu sobrevivesse. Bati nas paredes com a palma da mão, várias e várias vezes.



Na manhã seguinte, meu corpo estava dolorido após dormir sobre o piso de concreto. Minha cabeça doía por causa do acidente de carro e ninguém falara nada sobre me dar analgésicos. Eles me deixaram ir a um lugar que chamavam de pátio: uma área cercada por um alambrado, com piso de terra, nos fundos do complexo. Às 15 horas, eu teria 20 minutos para fazer exercícios. As outras garotas tinham direito a uma hora, a menos que os trabalhos para os quais eram designadas ficassem em algum lugar além das instalações.

O pátio tinha cerca de cem garotas que iam de um lado a outro. Algumas delas brincavam com uma bola ou com bastões, mas a maioria andava em grupos de duas ou três, falando em voz baixa. Eu estava procurando por algum rosto conhecido naquela multidão quando alguém tocou minhas costas.

Pensei que fosse a sra. Beatty, mas era Sara, a garota para quem eu tentara dar aquele blusão cor-de-rosa.

— Callie? O que você está fazendo aqui? — O rosto dela tinha uma expressão de dor.

— Fui presa.

— Ah, não. O que você fez?

— Nada. — Agora eu era uma criminosa comum, negando meu crime. Era mais fácil do que explicar tudo a uma criança de 12 anos.

— Está aqui por engano, então?

— Sim. Um engano enorme.

Ela olhou para os guardas armados que cercavam o perímetro e enlaçou seu braço ao meu.

— É melhor andarmos. As coisas são mesmo horríveis na área de detenção? É possível haver uma comida pior do que aquela que nós

recebemos?

— A comida que vocês recebem é preta e pegajosa? — eu perguntei.
Meu estômago roncou.

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Escute, Sara. Estou procurando por meu irmão. Ele se chama Tyler e tem 7 anos. As meninas e os meninos costumam se encontrar?

— Às vezes, eles juntam todas as crianças para alguma apresentação. Ou para gritar conosco. Ele está aqui na 37?

— Não sei. Acho que poderia estar.

— Vou perguntar para as outras. Mas não posso prometer nada.

Algumas garotas esbarraram em nós, fingindo que fora um acidente. Parei de andar e olhei para elas. A garota que estava mais perto de mim era a mesma valentona que me emboscara perto do prédio onde eu morava e roubara minha supertrufa. Sua mão direita ainda tinha as cicatrizes daquela noite, quando ela socara o asfalto em vez do meu rosto. Na noite em que eu voltara ao prédio após minha primeira visita à Prime. Muitas coisas haviam mudado desde então, mas a petulância daquela garota continuava a mesma.

Ela olhou longamente para meu rosto novo e melhorado e me reconheceu.

— É você — disse ela. — É melhor cuidar bem desse rosto bonito.

— Deixe isso para lá, Callie — Sara me puxou para longe.

— Tchau, Callie. — A valentona cantarolou meu nome em tom de zombaria, agora que o conhecia.

Trocamos olhares ameaçadores enquanto amigas nos puxavam em direções opostas. Sara me levou até o muro, onde nos encostamos.

— Esqueça aquela menina. Vamos falar sobre coisas felizes — disse Sara.

Houve um momento de silêncio.

— Você tem namorado? — perguntou Sara.

Senti meu rosto esquentar, desde o queixo até a testa.

— Eu tinha. Mais ou menos.

— Mais ou menos? Tem ou não tem?

— Eu gostaria de saber a resposta.

— Qual é o nome dele? — Os olhos de Sara brilhavam agora.

— Blake.

— Blake. Parece ser bonito — disse ela, sorrindo. — Aposto que ele está com saudades. — Ela beliscou meu braço. — Aposto que ele dorme com sua foto debaixo do travesseiro.

Olhei ao redor. A última coisa que eu precisava era dar às outras garotas outro motivo para me provocar.

— Acho que ele não tem uma foto minha — eu disse, em voz baixa.

— Nem mesmo no celular?

Levantei os olhos. Ela estava certa. Ele tirara uma foto nossa com o celular, em nosso primeiro encontro, no rancho.

— Sim, no celular tem. — Eu sorri.

— Viu? — Ela se ergueu e apertou meu nariz. — Eu lhe disse.

Em seguida, uma expressão surgiu em seu rosto, como se ela tivesse se lembrado de algo.

— Como está minha aparência?

— Por quê?

— Ah, por nada.

Eu balancei a cabeça.

— Sara, isso tem algo a ver com aquilo que você me disse antes? Sobre um homem que viria até aqui?

— Talvez.

— Chegou a ouvir o nome “Prime Destinations”?

— Não vou falar nada — disse ela, mas o sorriso em seu rosto a denunciou.

— Sara... — Eu cobri o rosto com as mãos.

— Eu realmente espero que me escolham — ela sussurrou.

Senti um nó se formar ao redor da minha garganta.

— Quando ele virá?

— Não vai demorar. É verdade que ninguém nunca viu o rosto dele? Nunca mesmo?

Eu confirmei com a cabeça.

— O que ele vai fazer? Cobrir a cabeça com um saco?

— Talvez use uma máscara.

— Como no Halloween?

Eu a segurei pelos ombros.

— Qual é o melhor lugar para se esconder aqui?

— Na instituição? Fácil, é a lavanderia. Ela fica em um canto escondido do porão, depois da saída de emergência. Eu me escondi lá uma vez para escapar da reciclagem de lixo.

— O que você diria se eu lhe dissesse que conheço a Prime Destinations, que já estive lá antes, e que o lugar é muito ruim? Você poderia perder seu corpo para sempre.

Ela apertou os olhos, como se estivesse sentindo dores de cabeça.

— Do que você está falando?

— Confie em mim. Você vai ter que se esconder quando eles vierem escolher as meninas.

— Esconder? Por quê? É minha melhor chance de sair daqui.

Eu estava a ponto de contar a ela sobre a cirurgia que fizeram em meu cérebro quando uma campainha soou. A sra. Beatty estava ao lado do portão do pátio, praticamente me fuzilando com os olhos.

— Por favor. Pense no que eu lhe disse. Preciso ir.

— Agora?

— Só tenho 20 minutos. Sou a menina má, não se lembra?

— Espere. — Ela enfiou a mão no bolso e tirou um papel-toalha. Dentro dele havia algo escuro.

— O que é isso?

— O que sobrou da supertrufa que você me deu. — Ela sorriu e me ofereceu o doce.

Aquilo acontecera há dias. A trufa estava ressecada e endurecida. Eu me lembrava de vê-la cair no chão. Ela devia ter pegado e guardado a trufa para aproveitá-la mais tarde, pedaço por pedaço. E agora ela a entregava para mim.

— Vamos lá, não seja tímida — disse ela.

— Você não quer...? — Eu apontei para o doce.

— Não, não. Pode ficar com ela.

Mordi cuidadosamente a supertrufa ressecada, esperando não quebrar um dente.

— Humm, está crocante.

Ela abriu um largo sorriso. Em seguida, jogou os braços ao redor do meu pescoço e me abraçou com força.

— Acha que é egoísmo eu dizer que estou feliz por você estar aqui? — disse ela. — Eu realmente estou. Pensei que nunca fosse vê-la de novo, e agora você está aqui. Minha amiga.

Sorri da melhor maneira que consegui, com minha boca cheia de migalhas escuras.



Estar com Sara foi o único momento agradável do meu dia; o resto foi agonizante. Eu deitei no chão frio pensando em Tyler, imaginando onde ele poderia estar e se sua saúde estava piorando. Eu poderia aguentar o que estava acontecendo comigo, sem cobertor ou qualquer outro conforto, mas ele não conseguiria. Será que ele estaria preso em uma instituição como aquela? Ou estaria com o Velho?

Pensei também em Blake e nos momentos que compartilhamos, e se ele seria capaz de me perdoar. Mas a princesa perdera suas roupas bonitas e sua carruagem e agora estava presa na masmorra, onde ficaria pelo resto da vida. O conto de fadas chegara ao fim. Nenhum príncipe quereria salvar a princesa que tentara matar seu avô.

No dia seguinte, contei as horas até o horário dos exercícios. Quando um guarda veio para me escoltar até o pátio, eu percebi a maneira como seu Zip Taser estava enfiado no coldre e imaginei como eu poderia roubá-lo. Entretanto, mesmo que conseguisse, logo haveria uma manada de guardas sobre mim, com muitos outros Zip Tasers. E a distância até a saída era longa, onde o portão era controlado por outro guarda. Minhas chances de

fugir eram tão pequenas que provavelmente não existia uma fração que pudesse descrevê-las.

Além disso, eu não queria realmente sair da 37. Pelo menos, não até ter certeza de que Tyler não estava aqui.

Quando cheguei ao pátio, examinei os semblantes, procurando por Sara. Algumas garotas esbarravam em mim e uma delas até me deu um forte tapa nas costas. Eu me afastei. Fiquei no canto onde conversara com Sara no dia anterior, e ela não demorou a aparecer.

— Descobriu alguma coisa sobre meu irmão? — eu perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Nada. Me desculpe. Mas talvez ele esteja aqui. Talvez tenham trocado o nome dele.

Pensar naquilo me causou um sentimento de fúria. Trocaram seu nome? Será que ainda havia algo que pudessem tirar dele? Onde ele estaria? E com quem?

— Sorria, Callie. Venha, vou lhe mostrar uma coisa.

Ela pegou minha mão e me levou até uma abertura na parede, que estava coberta por grades. Depois de olhar ao redor para ter certeza de que ninguém estava nos observando, ela se agachou e me puxou para baixo.

— Olhe aqui — sussurrou ela.

Espiamos pela abertura e observamos um helicóptero de carga sobre o gramado que havia do lado de fora. Por um segundo, um precioso segundo, eu imaginei que aquilo poderia ser uma maneira de escapar. Exceto pelo fato de que havia um Ender sobre a muralha espessa, consertando o arame farpado que a recobria.

Sara olhou na direção de um guarda do outro lado do pátio que estava olhando para nós e me puxou para cima.

— Aquele é o helicóptero do Velho — disse ela.

O Velho. Ali. Meu coração bateu mais rápido. Será que ele estava com meu irmão?

— Tem certeza?

— Ouvi os guardas falando — afirmou ela. — Eles dizem que ninguém pode ver o rosto dele. Ele estava usando um chapéu que lhe cobria o rosto. Assim — disse ela, agitando os dedos e imitando a aba de um chapéu ao redor da cabeça.

Ela estava sorrindo. Pensar naquilo me causava enjoo.

— Você vai embora com ele, não é? Não conseguirei convencê-la a não fazer isso?

— Você está brincando. Eu faria qualquer coisa para sair daqui. E você pode vir também. Você é muito bonita. — Ela tocou meu rosto.

— Sara, seria perigoso se alguém batesse em você? Por exemplo, em seu queixo ou em seu nariz? Estou perguntando por causa de seu problema no coração.

Ela apertou os olhos.

— Não. — Seus olhos procuravam algo em meu rosto. — Por quê?

Eu respirei fundo.

— Eu gosto muito de você. Por favor, lembre-se disso. Entenda que, seja lá o que eu fizer, é porque estou tentando protegê-la.

Ela inclinou a cabeça enquanto me olhava, curiosa. Sua inocência fez com que aquilo que eu sabia que teria que fazer fosse ainda mais difícil. Eu retesei o braço, fechei os dedos ao redor do punho e lhe dei um soco direto no rosto.

— Ai! — ela gritou, enquanto caía para trás, batendo no chão. — Por que me bateu?

Ela se levantou e levou a mão ao nariz. O sangue lhe escorria por entre seus dedos.

— Eu realmente não queria fazer isso. Desculpe — eu sussurrei.

E voltei a socá-la, para ter certeza.

Desta vez, ela não caiu. Lágrimas lhe escorreram pelo rosto. Ela parecia tão magoada, sentindo-se tão traída, que meu coração ficou dilacerado. As garotas a nosso redor pararam de andar e começaram a olhar em nossa direção. Perguntaram o que havia acontecido.

— Eu bati nela — eu disse, o mais alto que consegui sem que precisasse gritar.

Algumas começaram a pedir uma briga. A valentona com a mão cheia de cicatrizes atravessou o grupo de garotas, empurrando-as para que saíssem de seu caminho. Eu me virei para encará-la e me preparei para o que estava por vir.

Vá em frente e não demore com isso, pensei.

Não tentei impedi-la. Ela enfiou a mão no bolso e depois agitou o punho fechado. Alguma coisa que ela trazia na mão refletiu o brilho do sol. Ela me socou com força no lado direito do rosto.

O golpe ardeu. Cambaleei para trás, mas firmei a postura. Dei uma rápida olhada para ter certeza de que ninguém me atacaria pelas costas — não queria que ninguém acertasse a parte de trás de minha cabeça — e voltei para levar outra. Uma desconfiança se formou no rosto dela, mas a garota me atingiu outra vez, desta vez no queixo, arrancando um dente da minha boca.

Uma dor lancinante se irradiou por todo o meu rosto, desde o queixo até as órbitas dos olhos.

Percebi que ela tinha alguns anéis de metal amarrados ao redor dos dedos. Ótimo, isso faria um estrago enorme. Algumas garotas gritavam, avisando que os guardas estavam chegando. Minha adversária enfiou o objeto de metal de volta no bolso.

Sara estava a alguns metros de mim, chorando, com o sangue escorrendo pelo rosto. Fiquei feliz ao perceber que seus olhos já estavam inchando. Meu próprio rosto ardia como se eu houvesse sido agredida com uma frigideira de ferro. A valentona voltou a avançar sobre mim, puxando meu cabelo e me arrastando para o chão. Os guardas chegaram correndo, agitando seus cassetetes contra qualquer menina que estivesse em seu caminho. Eles golpearam a garota nas costas e a arrancaram de cima de mim. Outro guarda me acertou bem na barriga.

Eu não conseguia respirar. Caí de joelhos com a força do golpe.

Senti um gosto metálico tomar conta da minha boca.

A sra. Beatty abriu caminho em meio às garotas. Pensei que o rosto dela não poderia ficar mais feio do que já era, mas, quando ela viu o sangue, suas feições se encheram ainda mais de rugas e linhas de expressão.

— Garotas, não façam isso agora — disse ela. — Logo quando temos um visitante.

CAPÍTULO 25

Um guarda me acompanhou, juntamente com Sara, até a enfermaria. Seria um ótimo momento se eu quisesse escapar, com apenas um guarda e duas garotas, mas Sara provavelmente não estaria disposta a me ajudar com mais nada

Ela segurava um pano molhado contra o rosto. Estava chorando.

— Achei que você gostasse de mim. O que foi que eu lhe fiz?

Eu não podia dizer nada para o guarda. O médico não demonstrou qualquer emoção quando me viu novamente; percebi apenas que ele me reconheceu.

O médico apontou para uma mesa de exames e o guarda ergueu Sara para colocá-la sobre a superfície. Eu me sentei sobre a mesa ao lado. O guarda explicou a situação e disse que ficaria na enfermaria para que não houvesse nenhum outro problema.

— Isso não será necessário — disse o médico.

O guarda insistiu, dizendo que a sra. Beatty o instruíra a ficar, e o médico deu de ombros, como se aquilo não tivesse importância. Mas eu tive a impressão de que a presença do guarda tinha importância, sim.

— Bem, vamos dar uma olhada em você — disse o médico a Sara.

— Ela me bateu. Com força.

— Estou vendo. E ela é maior que você — disse o médico, tocando o nariz da garota delicadamente com o polegar e o indicador.

— Pode consertar o que ela fez? — perguntou Sara.

— Vou fazer o melhor que puder.

Ele veio até onde eu estava, virando meu rosto.

— Esse corte em sua boca vai precisar de alguns pontos. Seu queixo levou umas boas pancadas. Mas a parte de trás de sua cabeça não foi atingida.

Tentei não sorrir. Era exatamente o que eu queria ouvir.

— Doutor — disse Sara —, pode cuidar de mim antes? Há um homem aqui na instituição e eu tenho que estar bonita.

Ela me olhou com uma expressão carregada de ódio.



O médico não podia fazer muito devido aos recursos limitados da enfermaria. Uma hora mais tarde, ele terminou de dar os pontos no corte que havia em minha boca e o nariz de Sara estava recebendo ataduras. Recebemos uma dose de spray anestésico. Sara estava inquieta, reclamando que tinha que sair dali para falar com o homem da Prime. Não havia nenhum espelho à vista; portanto, ela não sabia que, além de seu nariz estar

sangrando e arroxeadado com um hematoma, a pele inchada ao redor de seus olhos estava decorada com uma mancha escura em tons de roxo e preto.

Eu esperava que o Velho houvesse chegado e saído dali. Beatty entrou na sala e sua expressão refletia o quanto nossa aparência devia estar ruim.

— Olhem só para o rosto de vocês. Que estado lastimável — disse Beatty.

O médico limpava o rosto de Sara com um algodão.

— Não se incomode com essa aí por enquanto — disse Beatty. — Termine logo o que precisa fazer com esta aqui — ela apontou para mim.

O médico encarou Beatty com uma expressão confusa.

— Preciso levá-la ao ginásio.

— E eu? — Sara perguntou. — Também quero ir.

Beatty segurou um dos ombros de Sara enquanto o médico se virava para começar a cuidar de mim.

— Você fará o que eu mandar.

Sara se desvencilhou das mãos de Beatty e pulou para o chão.

— Você não pode me obrigar!

Beatty a agarrou pelo braço e a empurrou para uma cadeira.

— Você sabe que eu posso, sim, Sara.



Beatty me levou até o ginásio amplo que havia na instituição. Um Ender prendeu um pedaço de papel com um número com fita adesiva a meu peito. As garotas estavam alinhadas em um dos lados, em fileiras, começando na parede e indo até o centro da quadra. Os meninos estavam do outro lado. Corri os olhos pelo rosto deles enquanto era levada até meu lugar. Era minha chance de encontrar Tyler. Os garotos olhavam para meu rosto com olhos assustados. Fui levada até o final da primeira fila.

Não vi Tyler, mas muitos dos meninos estavam fora do meu campo de visão. O Velho caminhava pela última fila de meninos, com as mãos atrás das costas. O ambiente estava tenso; imaginei que seria a animação daqueles menores, pensando que seriam resgatados. Mas o foco da tensão vinha da presença do próprio Velho. Ele simplesmente causava esse efeito. Eu podia sentir.

Ele ainda estava usando o casaco longo e o chapéu. Tudo o que eu podia ver eram suas costas: Como ele seria?, eu pensava. Foi quando ele se virou para o lado das meninas e sua face ficou à mostra.

Ele modificara sua face, é claro. Usava uma máscara, feita com uma espécie de malha metálica que se moldava a seu rosto. A máscara não tinha apenas o objetivo de esconder sua identidade, mas também funcionava como algum tipo de tela ou monitor, mostrando imagens — outros

semblantes — em sua superfície. Em um dado momento, ele tinha o rosto de um astro popular da virada do século; no momento seguinte, era o de um poeta que vivera havia várias décadas, ou o de um homem desconhecido. Por ser tridimensional, seu efeito era inquietante, em vez de passar uma impressão de coisa barata e malfeita como uma máscara comprada em uma loja qualquer. Era difícil definir; artificial, mas cativante. E, como ela se movia e se alterava continuamente, tinha um resultado assustador, quase orgânico. Era como a técnica de camuflagem facial que ele havia usado na transmissão privada que eu vira na casa de Madison, mas transformada em realidade.

Eu me sentia como se estivesse sendo hipnotizada, de uma maneira desconfortável, a mesma sensação que alguém tem quando observa um acidente de trânsito.

Ele examinava alguns garotos cuidadosamente e eliminava outros após poucos segundos. Uma Ender o acompanhava, marcando os números das crianças pelas quais ele se interessava em um bloco eletrônico. Ele veio em direção à fileira de garotas onde eu estava e eu o ouvi fazendo perguntas sobre suas habilidades.

Quando ele se aproximou, o efeito hipnótico que a máscara de camuflagem facial causava em mim ficou mais forte. Sua voz era o mesmo som eletrônico que eu ouvira na transmissão privada. Imaginei que haveria algum aparelho sob o cachecol de lã que ele usava, para produzir aquele tom metálico.

Chegou minha vez. Ele me olhava fixamente. Será que realmente havia me visto na Prime? Não. Apenas meu reflexo. E agora, com meu rosto inchado e coberto de hematomas, tinha certeza de que nem eu conseguiria reconhecer a mim mesma.

Vi que o dispositivo de camuflagem facial também podia demonstrar diferentes expressões. O rosto de um jogador de futebol famoso tomou conta da face do Velho, com um olhar confuso.

— O que aconteceu com você, número 205? — perguntou ele.

Baixei os olhos, encarando meus pés.

— Uma briga, senhor.

— O que aconteceu com a pessoa com quem você brigou?

— Não teve nenhum arranhão. Acho que não sou muito boa de briga.

O rosto se transformou no de um velho astro do cinema mudo e me encarou com um sorriso torto.

— Duvido.

Ele foi até a próxima fileira de garotas. Eu respirei aliviada. Ele sempre planejara vir até essa instituição para procurar por novos menores. Não viera simplesmente à minha procura.

Quando terminou de examinar as últimas garotas, ele deixou o salão com sua assistente. Mandaram que continuássemos em nossos lugares. A assistente voltou e sussurrou para a diretora da instituição. Ele assentiu, e ela leu os números da lista em voz alta.

Toda vez que um número era chamado, a pessoa que o usava gritava como se tivesse vencido um concurso. Algumas garotas explodiram em lágrimas, sentindo-se transbordar de alegria. Estiquei meu pescoço para enxergar cada um dos “vencedores”, certificando-me de que Tyler não estava entre eles. Finalmente, o último número foi chamado, mas ninguém respondeu. As pessoas olhavam ao redor, até que a garota a meu lado me cutucou com o cotovelo.

Estavam chamando meu número.

Olhei para o número 205 colado em meu peito com fita adesiva. Tanto esforço e meu plano não dera em nada. Eu só conseguira me machucar, desfigurar meu rosto, e, mesmo assim, por algum motivo, fui escolhida pelo banco de corpos.

A diretora anunciou que todos os que não foram escolhidos estavam dispensados para voltarem a seus dormitórios. Os “vencedores” deveriam ficar onde estavam e esperar que seus poucos pertences, guardados naquelas caixas de madeira, fossem trazidos até o ginásio. Fiquei ali e observei o lugar enquanto os outros se afastavam em filas, seguidos pelos guardas e pela diretora. Examinei o rosto dos Starters que saíam, procurando por Tyler, mas ele não estava lá.

Deixaram os escolhidos — 10 garotos e 17 meninas — em pé como estátuas, distantes uns dos outros no espaço cavernoso do ginásio. Um guarda permaneceu ao lado da porta, vigiando o lugar.

Olhamos ao redor, avaliando uns aos outros. A garota que estava em minha fileira provavelmente fora escolhida por causa dos seus cabelos loiros; aquele garoto do outro lado do ginásio, pelos músculos que tinha. Eles estavam sorrindo, orgulhosos por serem considerados os mais atraentes ou talentosos entre os internos da instituição. Quando o olhar de um garoto na fileira logo em frente cruzou com o meu, percebi que ele tinha uma expressão confusa. Por que eu, a garota com olhos roxos e um ferimento no queixo fechado com pontos cirúrgicos, fora escolhida? Em seguida, ele assentiu levemente com a cabeça, como se compreendesse e desviou o olhar. Talvez a notícia sobre minha briga houvesse se espalhado e ele presumisse que eu fora escolhida por causa de meu instinto assassino.

Talvez essa fosse a verdade.

Eu queria gritar para esses garotos, mandar que corressem o mais rápido que pudessem ou que se escondessem em algum armário, debaixo de suas camas ou qualquer outro lugar. Eles não sabiam o que isso realmente significava: a vida deles estava chegando ao fim. Eles nunca teriam a possibilidade de desfrutar da vida adulta.

Foi então que percebi: por que eu não seguia meu próprio conselho? Por que motivo eu estava ali, parada, esperando para ser levada embora?

Eu me virei e caminhei em direção aos fundos do ginásio, para uma das saídas de incêndio. Ouvei o guarda que estava em frente à porta principal gritar.

— Ei, menina. Pare!

— Estou só indo ao banheiro — eu gritei por sobre o ombro.

Ouvei os passos dele correndo pelo piso do ginásio.

— Não use essa porta! — ele gritou.

— É uma emergência! — Eu corri para a saída, acelerando até igualar a velocidade do Ender.

— Pare ou atiro em você! — Ele parou de correr.

Eu sabia que ele estava apontando seu Zip Taser. Parei onde estava, mas não me virei.

— Vai estragar esta mercadoria preciosa? — Abri os braços. — Você estará bem encrencado se fizer isso.

Pisei com força no chão e disparei em direção à porta, empurrando-a com tanta força que ela bateu contra a parede do outro lado. Enquanto corria pelo corredor vazio, eu podia ouvi-lo pedir reforços em seu comunicador, aos gritos, pois não podia abandonar seu posto.

Ao final do corredor, abri a porta que levava à escadaria. Conforme descia as escadas, ouvi passos que se aproximavam, vindo do segundo andar. Talvez fosse a equipe de reforço chamada pelo guarda do ginásio. Quando cheguei até a última escada, eu estava no porão.

Canos expostos corriam ao longo das paredes de tijolos. Uma única lâmpada iluminava o final do corredor e eu corri até ela. Quando a alcancei, virei para a passagem à direita e vi três opções: três passarelas escuras. Escolhi a que ficava mais próxima da parede exterior e corri até o final. Olhei para a direita e lá estava a porta de emergência que Sara mencionara. Esperava que fosse a porta certa, não aquela que faria um alarme disparar.

Abri a porta e a atravessei. Nada de alarmes. O corredor continuava à minha frente. No final, havia uma porta com uma janela. Consegui perceber o que sobrara das letras pintadas havia muito tempo e identifiquei um “L”.

Espiei pela janela cortada no corpo da porta. Era a lavanderia, e parecia não haver ninguém lá dentro. Entrei cuidadosamente.

A sala estava cheia de uniformes em vários estágios de processamento. À esquerda, baús de plástico sobre rodas estavam carregados com pilhas de roupas sujas. À direita, os baús estavam cheios de roupas limpas. Pilhas de roupas cobriam as mesas de dobra e camisas estavam penduradas em um varal com um sistema de roldanas, preso ao teto por cabos.

A sala com as máquinas de lavar ficava à esquerda e a porta ficava fechada para abafar o ruído. Virei para a direita, onde uma sala continha

vários baús com roupas recém-lavadas. Entretanto, antes que eu pudesse entrar, ouvi alguém tossir.

Virei à esquerda e vi que havia uma garota de costas para mim, levando as roupas limpas até uma mesa. Ela era corpulenta e pesada, e imaginei que esse fosse o motivo pelo qual ninguém se incomodara em chamá-la para passar pela seleção do banco de corpos.

— Você veio me substituir? — gritou ela.

— Sim — eu disse, mantendo a cabeça baixa.

— Já estava na hora. — Ela enxugou a testa com a manga e foi embora.

Espiei pela janela da porta que dava à sala lateral, mas o lugar estava escuro. Entrei pela porta e acendi a lâmpada apenas por tempo suficiente para escolher em qual baú eu me esconderia. Tateei pela sala até encontrar o baú que estava no canto mais distante da porta e entrei nele, enfiando-me entre as peças de roupa limpa. Não tinha um plano; simplesmente esperava conseguir me esconder por tempo suficiente para que o Velho desistisse de esperar que me encontrassem e fosse embora.

Enrodilhei-me ao redor de mim mesma na posição fetal. Se meu coração não estivesse batendo com tanta força, eu poderia até mesmo cair no sono. Tentei me lembrar dos Starters que estavam esperando para serem levados ao banco de corpos. Será que já estavam no helicóptero enquanto os

guardas me procuravam pelo complexo? Quanto tempo levaria até que chegassem a salas de serviço como essa?

Não demorou muito até que eu ouvi uma porta se abrir. Alguém estava entrando na lavanderia. Pegadas. Talvez fosse a pessoa que viera para substituir a garota corpulenta. Ouvi a porta da sala onde eu estava se abrindo. A luz se acendeu. Através do tecido do baú onde eu estava, consegui ver a silhueta de uma garota.

Prendi a respiração. Ela se aproximou. Mais. Estava em frente a meu baú. Parou de andar.

Suas mãos reviraram as roupas, procurando por mim, agarrando meus pulsos e puxando-me para cima.

Mãos pequenas.

Eu poderia me desvencilhar facilmente, mas me levantei, deixando as roupas caírem a meu redor.

Eu conhecia a garota.

— Sara — sussurrei.

Ela segurava meus braços com força, com o rosto a poucos centímetros do meu. Era difícil dizer qual era a expressão em seu rosto, porque a face esquerda havia inchado a tal ponto que forçava o olho esquerdo a permanecer fechado.

Mas, para mim, ela parecia estar ótima.

— Callie. — Ela abriu um sorriso distorcido. — Que belo esconderijo você escolheu. Consegui vê-la aí dentro, toda encolhida.

— Shhhh — eu disse.

— Não me mande calar a boca. — Ela me agarrou com mais força. — Pensei que você fosse minha amiga.

— Eu sou sua amiga.

— Mentirosa. Você estragou a melhor chance de minha vida. Nunca vou perdoá-la.

— Por favor. — Ergui as mãos. — Alguém vai acabar ouvindo.

— Eu sei que eles vão me ouvir. Porque vou contar a eles onde você está. — A voz aguda dela assumiu um tom desafiador.

Eu poderia me livrar facilmente de Sara. Eu era mais velha, mais alta e mais forte. Mas tinha medo de que ela começasse a gritar.

— Fiquei sabendo que você foi escolhida, Callie. Eles anunciaram pelos alto-falantes. Quem conseguir encontrá-la vai ganhar uma recompensa. — O olho de Sara se arregalou. — Talvez eles até mesmo me deem seu lugar na Prime Destinations.

— Você é muito nova. Ninguém com menos de 15 anos foi escolhido.

Ela fez uma careta.

— Você está mentindo.

— Você ouviu os nomes que eles escolheram. Algum daqueles Starters tinha sua idade?

— Não. — O lábio dela começou a tremer.

— Por favor, Sara, não diga a eles onde eu estou. Sei que você está furiosa comigo, mas tudo o que fiz foi para seu próprio bem. Bati em você para que eles não a levassem daqui.

— Então, por que eles escolheram você? Olhe só para sua cara. — Ela fez uma careta, como se estivesse sentindo o cheiro de ovos podres.

— Não sei. Talvez porque eles saibam que eu já sou uma das doadoras contratadas pela empresa? Não interessa. O que interessa é que, se eu voltar, eles me matarão como fizeram com minha inquilina. E, se isso acontecer, meu irmão não vai ter qualquer chance de sobreviver.

— O quê? — A confusão distorceu o rosto dela.

Ela mal conseguia superar a ideia de que não seria escolhida para tomar meu lugar, e eu estava ali dizendo que ela seria responsável por minha morte se chegasse a me denunciar.

— Não consigo entender direito o que você está dizendo, mas sei que você não tem medo de nada — disse ela. — E você tem medo da Prime?

— Sim. Descobri que eles estão matando pessoas. Starters. É difícil explicar, mas eles conseguem separar o cérebro de uma pessoa de seu corpo. Depois, desligam seu cérebro para sempre.

Ela ficou paralisada, tentando compreender o que eu dizia. Senti que eu estava prendendo a respiração, olhando na direção da porta, estimando a distância até ela, quanto tempo eu demoraria para sair do baú de roupas lavadas e quanto tempo levaria até que os gritos de Sara atraíssem outras pessoas.

— Bem, isso não é nada bom — ela disse.

Ela lentamente afrouxou as mãos ao redor de meus braços. Eu expirei.



Sara me ajudou a montar um disfarce para substituir meu uniforme da prisão. Ela explicou que os únicos funcionários que trabalhavam na instituição, além dos próprios menores, eram os supervisores de jardinagem. Esses Enders cuidavam do paisagismo ao redor da entrada e do prédio da administração para impressionar os visitantes. Para se diferenciarem dos menores, especialmente a distância, eles usavam camisas e calças pretas, junto com um chapéu de abas largas para se protegerem do sol. Aquele foi o traje que Sara escolheu para mim em meio às roupas da lavanderia. Ela conseguiu até mesmo encontrar um conjunto limpo.

Amarramos meu cabelo em um coque para que ele não aparecesse por baixo do chapéu.

— Talvez fosse bom desenhar algumas rugas — disse ela, enquanto me examinava.

— Acho que seria melhor simplesmente irmos embora daqui.

— Você não pode sair sem sapatos. — Ela apontou para meus pés descalços.

Os tênis de cor cinza que eu recebera acabariam com meu disfarce rapidamente. Chutei-os para baixo de uma pilha de roupas enquanto Sara procurava por um par de chinelos de tecido preto que foram lavados.

Ela voltou com dois chinelos nas mãos.

— É o único par que sobrou.

Calcei um e depois o outro. Eram, pelo menos, dois números maiores do que os sapatos que eu geralmente usava.

— Estão perfeitos. Vamos embora — completei.



Encontrei alguns pedaços de elástico e os usei para prender os chinelos a meus pés. Pensamos em um plano para que eu conseguisse escapar da instituição. Estávamos preocupadas com a possibilidade de o Velho mandar

revistar cada milímetro do complexo, até que eu fosse encontrada. Por isso, ficar escondida não era uma opção. Ele viria atrás de mim para preservar sua reputação, para mostrar que uma Starter não poderia se atrever a desafiar suas ordens.

Sara disse que ouvira falar que um Starter escapara no ano anterior pendurando-se na parte inferior de um caminhão de entregas. Por causa disso, o procedimento padrão adotado pelos guardas era verificar rapidamente os caminhões antes que eles saíssem pelo portão. Mas eles nunca revistavam os veículos de visitantes importantes. Imaginávamos que o Velho, com seu enorme helicóptero, fosse tão poderoso que a instituição não se arriscaria a insultá-lo com qualquer procedimento rotineiro que o atrasasse. A cooperação da instituição com aquele homem sugeria que uma boa quantidade de dinheiro trocara de mãos.

Mesmo assim, ainda era arriscado.

— Tem certeza de que o Starter conseguiu escapar? — eu perguntei. — E que ele não se machucou?

— Eu não disse isso — respondeu Sara. — Só ouvi dizer que ele conseguiu sair.

— Você não tem certeza porque nunca mais ouviu falar dele.

— Escute, há outra coisa. Um dos guardas do portão é bem gordo e os outros o chamam de Caixote. Ele não consegue se curvar para olhar debaixo dos caminhões.

— E daí?

— É ele que está no portão hoje — disse Sara.

Aquilo me convenceu. Os guardas provavelmente não se atreveriam a atrasar a remessa importante que iria para a Prime, mas eu também poderia me beneficiar da falta de flexibilidade de Caixote.

Eu era forte e leve. Precisaria apenas me segurar com firmeza para atravessar os portões. Depois, eu poderia me soltar e o veículo de transporte me deixaria para trás. Ninguém nunca perceberia que eu estava grudada a ele como uma sanguessuga. Aquele era nosso plano. Seria muito mais difícil do que quando eu simplesmente entrara pelo portão principal, fingindo trazer doações, mas era uma oportunidade. E eu iria aproveitá-la. Afinal, depois que o veículo da Prime saísse da instituição, os guardas voltariam a fazer suas verificações de rotina.

Saímos do interior do prédio, eu com meu disfarce de jardineira e Sara como minha aprendiz. Ela também usava um chapéu para esconder seu rosto escoriado, levando nas mãos um saco de lixo e um balde com ferramentas. Enquanto caminhávamos pelas vielas que levavam ao prédio da administração, eu me curvei um pouco e andei com movimentos mais rígidos para me parecer mais com uma Ender, embora, na realidade, sentisse vontade de correr feito louca. Não que fosse fácil fazer isso com aqueles chinelos enormes nos pés.

Vimos dois Starters que vinham em nossa direção. Sara me fez um sinal com a mão. Nós duas curvamos nossas cabeças para que os chapéus

cobrissem nossos rostos até que eles passassem por nós. Quando chegamos à área em frente ao prédio da administração, vimos que o helicóptero do Velho estava do lado mais distante do gramado. O piloto estava do lado de fora, esticando as pernas, mas não havia ninguém dentro. O veículo que levaria os menores escolhidos estava mais perto de nós, estacionado na estrada curta que ligava o prédio da administração ao portão que levava à liberdade.

— Lá está sua carona — sussurrou Sara.

— Você pode vir também. — Eu olhei para ela.

Sara balançou a cabeça negativamente.

— Você precisa encontrar seu irmão. Eu ainda tenho um bom tempo pela frente.

— Você quer que eu seja sua cobaia, não é?

Aquilo fez com que ela sorrisse.

— Vou sentir saudades — disse ela.

Eu também sentiria saudades dela.

— Nós nos veremos novamente, algum dia. Em um lugar mais feliz. — Eu não acreditava naquelas palavras, mas sabia que fariam Sara se sentir melhor.

— É claro que iremos. Somos amigas.

O rosto sincero dela sorriu para mim. Parecia que estava prestes a se despedir com um abraço, algo pouco seguro a fazer, quando vimos que havia movimento dentro do prédio.

Um guarda conduzia os 10 garotos e as 16 garotas ao veículo de transporte.

— Eles já estão embarcando — disse Sara. — Chegamos tarde.

Esperávamos conseguir chegar lá antes dos outros.

— Segure meu cotovelo. Me leve para cruzar o caminho deles.

Tivemos que atravessar a fila para chegar ao outro lado do veículo, de modo que os guardas do portão não nos vissem. Se alguém percebesse nossos rostos feridos e os hematomas que os cobriam, nosso disfarce estaria arruinado.

Continuamos com a cabeça abaixada.

Os Starters na fila estavam tão animados por terem sido escolhidos, com o passeio em um veículo e a oportunidade de sair da instituição que mal chegaram a olhar para nós enquanto passávamos.

Chegamos ao lado direito do veículo, onde não seríamos mais vistas pelos guardas do portão do outro lado do gramado. O piloto do helicóptero

estava de costas para nós. Eu me joguei ao chão e rastejei para baixo do veículo. Sara se curvou e pegou meu chapéu.

— Boa sorte — sussurrou ela.

Eu disse “obrigada”. Rastejei pelo cascalho para ficar diretamente na parte central do veículo. Percebi uma barra onde eu poderia enfiar os pés para uma sustentação melhor. Mas, antes que eu pudesse me mover, ela se ajoelhou.

— Callie — sussurrou ela, com o medo estampado no rosto. — Ele não está lá.

— Quem?

— Caixote. O guarda do portão.

Senti meu coração afundar. Estávamos contando com aquilo.

— Volte. — Ela estendeu a mão.

Fiz um gesto para que ela se afastasse. Sara franziu a testa. Olhei para o fundo do veículo e ela se afastou.

Segurei na barra acima do meu peito e testei sua resistência. Estava quente e cheia de graxa. Peguei as luvas de jardinagem que estavam em meu bolso e as calcei. Agarrei a barra e, agindo lentamente, enfiei meus braços por ela até sentir que eu podia entrelaçar os dedos para prender meu

corpo, suspendendo-o. Senti o calor da barra através do tecido da minha camisa. Eu estava pendurada, com o rosto próximo à superfície inferior do piso do veículo.

Olhei para o lado e vi que os pés de Sara estavam a quase dez metros de distância. Do outro lado, o número de pés estava diminuindo. Quase todos os Starters haviam embarcado.

— Esperem! — Eu reconheci a voz de Beatty, junto com o som forte de seus passos sobre o cascalho. — Ainda falta uma garota.

Prendi a respiração. O motorista insistiu, dizendo que tinha um horário a cumprir. Os últimos menores embarcaram.

O motorista deu a partida. A vibração fez com que fosse mais difícil me segurar às barras. O calor irradiava através do metal e o suor gotejava pelas laterais de meu rosto. Pensei que fosse forte, mas isso era mais difícil do que eu imaginava.

O veículo começou a rodar. O ruído do motor, as engrenagens do câmbio se encaixando, as rodas girando. Mesmo naquela velocidade baixa, parecia que minha cabeça estava enfiada em um moedor de carne. Meus dentes batiam uns contra os outros; meus ossos estavam tremendo. Tive a certeza de que os pontos que o médico aplicara em minha boca arrebentariam.

Estava preocupada com a possibilidade de não conseguir atravessar o portão principal. No que estávamos pensando? Quem tivera essa ideia

maluca? E Caixote não estaria lá. Tudo o que me restava era a esperança de que eles deixariam o elegante veículo de transporte da Prime passar desimpedido.

Chegamos ao portão. Do meu esconderijo, eu conseguia ver a base da guarita. Nosso veículo diminuiu a velocidade. Tentei fazer com que minha força de vontade o mantivesse em movimento. Meus braços doíam, mas eu disse a mim mesma que tudo que teria que fazer seria aguentar um pouco mais. Por Tyler.

O veículo freou e parou. Agarrei a barra com mais força e preendi a respiração.

Passos se aproximaram. Alguém correu na direção contrária. Murmúrios se transformaram em gritos.

— Parem aquela garota! — Era a voz de uma mulher. Beatty.

Ela estava falando de mim? Ergui meu corpo o máximo que podia, deixando-o junto da superfície inferior do veículo.

— Atire nela! — gritou a voz de um homem.

Um estalido eletrônico e agudo sibilou pelo ar como um relâmpago.

Um Zip Taser.

Mas o grito de dor que sempre seguia aquele som não ecoou dessa vez. Só havia o silêncio.

— Você errou! — gritou um homem.

Eles não estavam se referindo a mim; eu nem cheguei a ver o arco de luz.

Em seguida, todos começaram a gritar, e eu ouvia o som de pés correndo. O veículo começou a rodar outra vez. O motorista fez uma curva fechada ao sair da área da instituição, entrando em uma rua lateral. Aquela curva exigiu muito dos meus braços cansados. Meus músculos cederam.

Eu caí. Minhas costas bateram no asfalto com força, embora a queda não chegasse a um metro. Rapidamente, juntei os braços e as pernas ao corpo, tentando ficar reta como uma vareta enquanto o veículo rugia por cima de mim, as rodas enormes passando tão perto de minha cabeça que o deslocamento do ar fez meu cabelo voar. Quando o veículo se afastou, expondo-me sob a luz brilhante do sol, rolei até a sarjeta, me escondi atrás de uma árvore e olhei para trás, em direção aos portões do complexo.

No alto do muro de concreto, com o céu azul e as nuvens de algodão atrás de si, uma garota estava pendurada no arame farpado, com os braços pendendo sobre a proteção.

Um guarda se ergueu por trás da parede, subindo pelo que devia ser a escada que ela usara para chegar até ali. Ele subiu até o topo do muro e andou em direção a ela.

Sara olhou para mim e viu que eu conseguira escapar do complexo. Ela levou a mão direita até o peito, colocando o punho fechado sobre o coração.

Ela não estava tentando escapar. Fizera tudo aquilo para criar uma distração. Para me proteger.

Eu repeti o gesto dela, fechando o punho sobre meu coração.

Agente firme, Sara.

Seu rosto, marcado pelos hematomas, demonstrava dor e cansaço, mas um sorriso inacreditável iluminou suas feições. Era contagioso, e meus lábios se recurvaram um pouco para cima também. Ela me transmitia segurança.

Ela colocou o pé no arame de proteção e ergueu o corpo. Ela pretendia pular para o outro lado do muro. Não! Para onde ela iria? Ela poderia correr pelo alto do muro, mas eles a pegariam.

O guarda ficou paralisado, a poucos metros dela. Gritou para que ela parasse. Ela continuou a escalar.

Ele sacou seu Zip Taser e apontou para ela. Estava perto demais.

Vi a luz azul se projetar do cano da arma e perfurar aquele corpo franzino. Ela retorceu o rosto em agonia e o corpo se curvou com a dor. O grito excruciante de Sara sobrepujou o estalido metálico do Zip Taser. Meu

estômago se revirou dentro de mim e eu cobri a boca com as mãos para não gritar.

O guarda não me viu, ainda escondida atrás da árvore. Ele se aproximou de Sara.

O pescoço e um lado do rosto da menina estavam enegrecidos pelo Zip Taser. Ela abriu os olhos e olhou em minha direção. Uma expressão de surpresa lhe cruzou o rosto, como se alguém houvesse feito uma brincadeira de mau gosto com ela. Seus olhos ficaram vidrados e depois ela os fechou.

Ela tombou para a frente, com a cabeça pendendo em direção ao chão. A única coisa que prendia seu corpo ao muro era o arame farpado.

Sara, não! Não caia!

Mas seu corpo, repentinamente, parecia vazio. Sem forças.

O guarda pressionou os dedos contra o pescoço de Sara. Em seguida, olhou para outro guarda que estava no topo da escada e balançou a cabeça negativamente. O primeiro guarda se moveu devagar, envolvendo os braços ao redor dela com cuidado, afastando-a do arame farpado. Ele levou o corpo até o segundo guarda, que a carregou para baixo.

Continuei escondida atrás da árvore, observando-a pelo tempo que pude, até que ela desapareceu de vista.

CAPÍTULO 26

Uma sensação de entorpecimento se irradiava dentro de mim, preenchendo meus braços, minhas pernas, meu peito e meu rosto. Sara estava morta. A pequena Sara. Morta. Eu me sentia colada àquele lugar, com a sensação de que nunca mais voltaria a me mover. Foi quando um som forte repercutiu por meu corpo, como um mau pressentimento — o motor de um helicóptero que alçava voo, subindo sobre o gramado da instituição. Meu cabelo se desgrenhou com a subida da aeronave, que apareceu por cima da cerca, ascendendo lentamente. Acompanhei a subida com os olhos fixos na parte de baixo daquele enorme inseto preto.

Meus instintos de sobrevivência entraram em ação e disparei pela rua. Passei por uma casa coberta por tapumes e entrei em um beco lateral. Pressionei meu corpo contra uma porta de garagem desgastada, com o peito arfando. O helicóptero do Velho reapareceu, pairando no espaço acima.

Ele me vira? Seria melhor correr? Ou continuar onde eu estava?

Eu sabia que o piloto não conseguiria pousar entre as casas daquela área. Mesmo assim, eles poderiam acionar os guardas pelo rádio.

Decidi que continuaria a andar. Corri por entre os becos e ruas transversais. Os residentes me viram, mas eu ainda estava disfarçada com o uniforme de jardineira, graças a Sara. Pobre Sara. Corri mais rápido, para longe da instituição. Enquanto meus pés pudessem se mover, eu continuaria viva.

O helicóptero retornou, como um inseto faminto. Continuei andando, esgueirando-me contra paredes ou árvores, qualquer cobertura que eu conseguisse encontrar. Olhei para cima. Ele não desistiria.

Vi cabos elétricos cruzando o céu alguns quarteirões à minha frente. Corri naquela direção, esforçando-me ao máximo para permanecer escondida. O inseto preto me seguia. Quando cheguei à origem dos cabos, uma subestação elétrica, mergulhei debaixo de uma caminhonete. O asfalto arranhou a palma da minha mão. Eu sabia que o helicóptero não conseguiria sobrevoar a área, com os cabos perigosos cruzando o céu acima de mim.

Ele desistiu da perseguição, uma vespa que não conseguiu encontrar ninguém para picar. Observei o helicóptero se afastar.

Eu caminhei, caminhei, caminhei, até que os chinelos se despedaçaram. Arranquei-os dos pés e caminhei um pouco mais, pensando em Sara a cada passo.

Enxuguei os olhos com as costas da mão. O que acontecera enquanto eu estava debaixo do veículo? Senti um aperto no estômago ao tentar compreender. Sara provavelmente percebera que o guarda do portão verificaria a parte de baixo do veículo. Assim, ela usara sua coragem para distrair todos os que estavam ali e correria em direção à escada, à vista dos guardas e da própria Beatty. Fizera aquilo por mim. Sacrificara-se por mim, porque sabia que eu tinha que encontrar meu irmão.

E os guardas atiraram nela.



Quando cheguei à casa de Madison, apertei várias vezes a campainha, mas ela não estava lá. Eu chegara tão longe e ela não estava lá. O efeito do spray analgésico já havia passado e meu rosto, marcado pelos pontos cirúrgicos, latejava. Encostei-me contra a porta e deslizei até o chão, enrodilhando-me ao redor de mim mesma na varanda, onde acabei adormecendo. Estava começando a escurecer quando ela chegou e me acordou.

— Callie. O que você está fazendo aqui? — Madison se curvou sobre mim, com os cabelos loiros caídos por cima do rosto. — Não vi seu carro.

Ela me ajudou a levantar e olhou para o disfarce de jardineira que eu usava.

— Que roupas são essas? Algum novo estilo adolescente?

Madison abriu a porta e eu entrei no hall, ficando sob as luzes. Ela finalmente viu meu rosto maltratado, os pontos e os outros ferimentos.

— Meu Deus! O que aconteceu com você?

— Madison, preciso lhe contar a verdade. Não sou uma inquilina. Sou uma adolescente de verdade. Uma doadora. E tenho muitas coisas a lhe contar sobre a Prime.

— Você é... uma adolescente?

— Sou.

— Não é velha por dentro, como eu?

Balancei a cabeça. Ela me olhou fixamente por alguns momentos, sem qualquer expressão.

— Quer dizer que, durante todo esse tempo...

— Desde que nos conhecemos, naquela noite em que fomos ao Club Rune — eu disse, com a voz fraca.

— Não é de admirar o fato de que você falava como se fosse uma jovem. Você *é* jovem. Mas por que diabos fez isso?

Eu estava me sentindo esgotada. Cada parte do meu rosto doía. Meus pés doíam. Tudo que eu queria fazer era cair no sono novamente e dormir por um milhão de anos.

— Porque eu precisava fazer.

Ela enlaçou seu braço ao meu, ajudando-me a continuar em pé.

— Eu lhe darei alguns analgésicos e um bom banho quente. Depois, é melhor você se sentar e me contar tudo.



Uma hora mais tarde, depois que consegui contar tudo que havia acontecido a Madison, nós concordamos que eu deveria entrar em contato com Lauren. Tomei banho e vesti roupas limpas que Madison me deu. Eu ainda tinha hematomas, meu rosto estava inchado e eu perdera um dente na briga, mas estava me sentindo quase humana. Não muito tempo depois, a campainha tocou e Madison voltou acompanhada de uma mulher elegante e esbelta usando um terno escuro e um colar de pérolas.

— Olá, Callie. — A mulher estendeu a mão para me cumprimentar. — Você me conheceu como Reece, mas é assim que eu sou na realidade.

— Lauren — eu a cumprimentei. Ela devia ter uns 150 anos e era tão graciosa quanto eu imaginei que fosse.

Um homem idoso que vestia paletó e gravata a acompanhava.

— Este é meu advogado, o sr. Crais. Ele também era o advogado de Helena.

Madison o cumprimentou com um breve aceno de cabeça, já que era a primeira vez que conversava com eles. Em seguida, pediu licença.

— Vou trazer bebidas.

Estávamos sentados na sala de estar. Lauren gemeu quando seus olhos examinaram o meu rosto.

— Quem fez isso com você?

— Foi só uma briga.

— A vida na instituição é tão dura assim? — perguntou Lauren.

— Não — eu disse. — É bem pior.

Olhei para eles. Não havia como explicar tudo agora.

— É mais ou menos assim: prefiro morrer a ter que voltar para lá.

— Não se preocupe, isso não acontecerá. Fiquei feliz quando você me ligou. Estávamos tentando encontrá-la.

— Estavam?

— Desculpe-me pelo que aconteceu na última vez que conversamos. Você precisa entender que fiquei chocada com a notícia sobre a morte de Helena.

— Eu sei.

— Ainda não posso explicar tudo — disse ela, trocando um olhar com o advogado —, mas Helena era minha melhor amiga. E eu queria entrar em contato com você porque, agora, sei que ela acreditava em você.

Perguntei a mim mesma o que aquilo poderia significar. Helena enviara alguma mensagem a ela durante um dos momentos em que eu não tivera o controle de meu corpo?

— Assim, nós traçamos um plano — disse ela.

— Nosso argumento é que Lauren estava no processo de adotá-la quando você foi levada à instituição — disse o advogado. — Portanto, você não é propriedade da instituição. E, por conseguinte, eles não podem transferi-la para a Prime Destinations.

— Embora você esteja envolvida em um ato criminoso...

— Supostamente — interrompeu o advogado.

— Supostamente — repetiu Lauren. — Se você já estivesse adotada naquele momento, meus auxiliares jurídicos teriam lhe dado assistência. Esse benefício lhe foi negado.

— Essa manobra a manterá legalmente longe das garras da instituição e do banco de corpos — disse o advogado.

— Quer dizer que estarei sob sua guarda? — perguntei a Lauren.

— Você terá a liberdade que quiser. Sou apenas um nome no papel.

Senti uma pontada de decepção. Aquilo era uma estupidez. Por que Lauren deveria carregar o fardo da minha adoção? Ela mal me conhecia. Ter minha guarda no papel era o bastante para ela.

— O objetivo é mantê-la fora da instituição para que você tenha a liberdade de fazer o que quiser — disse o advogado.

— O que eu quero é salvar meu irmão mais novo — eu disse. — Acho que a única maneira de fazer isso é levar o banco de corpos à justiça.

— Era isso que queríamos ouvir — disse Lauren.



Começamos a trabalhar, Lauren e seu advogado, Madison e eu. Tive a ideia de criar um comunicado nos mesmos moldes do anúncio da Prime Destinations ao qual assistira. Não tentaríamos duplicar o Velho, mas era possível copiar digitalmente os rostos de Tinnenbaum e Doris a partir do comunicado original. Em seguida, colocaríamos as palavras que gostaríamos de dizer em suas bocas.

Madison se ofereceu para criar o anúncio usando as habilidades de gerente de produção que desenvolvera havia algumas décadas. Ela fez alguns telefonemas e reuniu uma equipe de Enders especialistas em tecnologia audiovisual, que transformou sua garagem para cinco carros em um estúdio. Contratou também dois especialistas em computação para invadirem o sistema, de modo que pudessem fazer uma transmissão para os assinantes do canal privado da Prime. Tudo aquilo seria uma proeza de grandes proporções, mas a polpuda conta bancária de Madison poderia financiar os especialistas e o equipamento. De alguma forma, ela queria compensar todos os aluguéis que fizera no banco de corpos.

Eu descobri uma faceta de Madison que realmente não conhecia, que não era tão fútil quanto parecia.

Enquanto isso, Lauren e seu advogado usavam seus telefones celulares para alcançar todos os seus contatos. O advogado tinha um bom relacionamento com o senador Bohn e esperava que ele pudesse se envolver no caso. Ele era o adversário político de Harrison.

Naquela noite, a sala de estar ficou cheia de avós cujos netos, doadores do banco de corpos, haviam desaparecido. Mas fazer com que todos concordassem com o mesmo plano foi uma tarefa tão árdua quanto produzir o anúncio.

— Temos uma enorme quantidade de recursos nesta sala — disse Lauren. — Temos milhares de anos de experiência: médicos, advogados, um fisiculturista, até mesmo um ex-inspetor. E temos reservas financeiras enormes. Agora que Callie conseguiu reunir todas as informações, nós finalmente temos uma chance de recuperar nossos familiares.

Um dos idosos se levantou.

— Não queremos criar tumulto. Nosso neto ainda está em algum lugar. Está vulnerável.

Uma mulher magra que estava ao lado daquele senhor falou:

— Se eu tiver que esperar mais um mês para conseguir recuperá-lo, esperarei. Precisamos da cooperação da Prime para encontrar nossos netos.

Eu me coloquei à frente de Lauren.

— Vocês não entendem. Eu vi o anúncio da Prime. Eles estão dando início a um programa de permanência. Seus netos serão comprados, não alugados. Vocês nunca mais conseguirão vê-los se não conseguirmos parar com isso.

O advogado tomou a palavra.

— Temos alguns clientes da empresa a nosso lado, como Lauren, e isso permitiu que assistíssemos à transmissão privada. Esse anúncio admitiu a intenção da Prime de dar início ao programa de permanência. Lauren o gravou e nós enviamos uma cópia ao senador Bohn. Se ele puder usar o vídeo e conseguir que um juiz aprove um mandado de segurança, isso pode anular o contrato do presidente com a Prime. Se o juiz determinar que há vidas em perigo iminente e imediato, podemos fechar aquela empresa.

— E se ele não puder? — perguntou a mulher magra. — E se eles disserem que o anúncio original foi adulterado, assim como esse que vocês estão produzindo?

Naquele momento, Madison entrou na sala de estar. Os idosos resmungaram ao ver seu corpo perfeito de adolescente.

— Ela é uma inquilina! — gritou um deles, apontando para Madison.

— Tem razão, querido — disse Madison com um movimento de cabeça, agitando os cabelos loiros em um corte chanel. — Inquilina, não proprietária.

Fui até Madison e coloquei meu braço ao redor de seu ombro.

— Ela está do nosso lado. E está gastando uma fortuna para impedir que a Prime continue a agir.

As pessoas continuaram a vociferar. Lauren ergueu as mãos.

— Por favor. Não queremos brigar com inquilinos. Se quisermos ter uma chance de forçar a Prime a fechar as portas, teremos que cooperar. Temos que trabalhar rapidamente para conseguir seus netos de volta, aproveitando o elemento-surpresa.

— Tenho uma ideia — eu disse, olhando para a mulher magra. — O especialista que alterou meu chip pode testemunhar. Ele examinou meu chip e disse que seria impossível removê-lo, que o implante seria permanente. Isso prova que eles sempre tiveram a intenção de transformar o programa em algo permanente.

O advogado cruzou os braços e concordou com um gesto de cabeça.

— Isso certamente ajudará.

O telefone de Lauren tocou. Ela olhou para a tela.

— É o senador Bohn.

Lauren posicionou o telefone perto de uma pequena aerotela em uma mesa de centro. A imagem do senador Bohn apareceu para que todos

pudessem vê-lo. Bohn tinha um rosto gentil e um sorriso amistoso.

— Senador Bohn, o senhor está aparecendo em nossa aerotela — disse Lauren. — Como pode ver, temos um grupo de avós preocupados aqui.

— Obrigado por me notificar sobre seu progresso, Lauren. E eu quero agradecer à sua corajosa doadora, Callie Woodland, por expor a Prime.

Eu sorri educadamente, mas ainda tínhamos um longo caminho pela frente.

— A todos os avós que estão reunidos, obrigado por sua presença. Trabalhando juntos, nós conseguiremos forçar a empresa a encerrar suas atividades e recuperar seus netos, cada um deles. Todos eles.

Olhei para o rosto dos avós. A presença do senador, mesmo que apenas em uma aerotela, estava ajudando a unir a tropa. Era o poder de um político carismático.

— Estarei com vocês em cada passo do caminho. Podemos conseguir — disse o senador. — Vamos trazê-los de volta.

Um avô, que estava quieto até o momento, repetiu as palavras do senador.

— Vamos trazê-los de volta — disse ele, solenemente.

No outro lado da sala, uma mulher se levantou.

— Trazê-los de volta.

Murmúrios de concordância ecoaram pela sala.

Madison, Lauren e eu nos entreolhamos de maneira significativa. Talvez conseguíssemos fazer com que o plano funcionasse.



Os avós saíram com suas instruções. O senador Bohn disse que, na manhã seguinte, já saberia se o juiz concederia o mandado de segurança. Acompanhei a equipe de produção tentando alterar os movimentos dos lábios de Tinnenbaum para que sua boca combinasse com as novas palavras que estavam tentando fazer com que ele dissesse. Não estava funcionando.

— É diferente quando o personagem que fala é um bebê ou um cachorro. Com um adulto, é preciso fazer com que a animação pareça autêntica — dizia Madison à sua equipe. — Não funcionará se as pessoas não acreditarem que o anúncio é autêntico.

A equipe de hackers que tentava quebrar a proteção do canal privado de transmissão estava tendo ainda mais dificuldades. Eu não compreendia os pormenores, mas, aparentemente, eles tiveram um problema técnico quando chegaram a um firewall inesperado, com tecnologia Vulcan, que fritou alguns de seus equipamentos. Madison fez questão de lembrá-los de que todo o trabalho da equipe não serviria para nada se não conseguissem descobrir como levar aquela mensagem aos assinantes.

Sáimos do estúdio e deixamos que eles trabalhassem enquanto eu levava Lauren e seu advogado ao laboratório de Redmond. Não conseguimos descobrir seu número de telefone e, assim, tivemos que chegar sem aviso. Já era quase meia-noite.

Enquanto percorríamos o trajeto na limusine de Lauren, abri a bolsa que Madison me dera para ver se havia um espelho, mas não encontrei nenhum. Pedi que Lauren me emprestasse um. Ela hesitou e, em seguida, pegou um espelho compacto de maquiagem.

Acendi uma luz por cima do ombro. Assim que olhei para o espelho eu entendi o motivo daquela hesitação. Minha aparência estava estranha. Partes do meu rosto ainda eram o trabalho impecável da equipe de estética do banco de corpos. Entretanto, eu tinha um olho roxo, vários hematomas, um corte imenso que ia do queixo até a bochecha e, se eu puxasse o canto da boca com um dedo, veria o dente que estava faltando.

— Quer um pente? — perguntou ela.

— Por que eu deveria me incomodar? — Eu fechei o estojo com o espelho e o devolvi a Lauren.

— Podemos consertar tudo isso — disse ela.

— Vamos consertar as coisas mais importantes antes.

Tudo estava funcionando porque todos os envolvidos queriam alguma coisa. Lauren queria encontrar seu neto desaparecido. Eu queria encontrar

Tyler e colocar Michael de volta em seu próprio corpo. O senador Bohn queria prejudicar a imagem do senador Harrison, expondo a verdade sobre a negociação entre o banco de corpos e o governo, e o advogado estava ali pelo dinheiro.

Eu não sabia se aquilo daria certo. Se um componente estivesse errado, se as pessoas não acreditassem no anúncio ou se os especialistas em computação não conseguissem quebrar a proteção do canal para transmissões privadas, tudo desmoronaria. Mas o que Lauren, aqueles avós e eu estávamos buscando era importante demais para nós. Não havia outra escolha.

Quando chegamos ao armazém de Redmond, percebemos imediatamente que havia algo errado. Luzes fortes iluminavam a estrutura e duas viaturas dos inspetores bloqueavam a entrada. Um grupo de pessoas que morava nos arredores estava por perto, assistindo a tudo, boquiabertos. Corri para fora da limusine, com Lauren e o advogado no meu pé.

Havia fumaça no ar, mas eu não conseguia ver o armazém de Redmond de onde eu estava. Um inspetor Ender com cabelos brancos e curtos nos impediu de prosseguir.

— Acesso proibido, pessoal — disse ele.

— O que aconteceu? — perguntou Lauren.

— É o que estamos tentando descobrir — disse o inspetor. — Por favor, afastem-se.

Um Ender que vestia um macacão e segurava um cão por uma coleira se aproximou.

— Algum moleque jogou uma bomba no lugar. Eles não têm nada melhor para fazer do que destruir aquilo que nós construímos.

Enquanto o inspetor estava distraído pela conversa com o Ender, corri em direção ao prédio de Redmond.

— Ei, você! Pare! — gritou o inspetor.

Eu dei a volta ao redor do complexo e fiquei atordoada com o que vi. O prédio estava em pedaços, bastante enegrecido. Um dos cantos do telhado desaparecera completamente, como se algum monstro gigante houvesse arrancado aquele pedaço da estrutura com os dentes. Bombeiros Enders estavam examinando os destroços chamuscados.

Ouvi a voz dos bombeiros dentro do armazém, conversando sobre os estragos. Entrei correndo.

— Ei, saia daqui. O lugar não é seguro — gritou um deles.

Dentro do armazém tudo estava carbonizado: todos os monitores e máquinas, até mesmo aqueles que ficavam pendurados no teto. O cheiro de peças de computador derretidas era insuportável. Eu cobri o nariz com a manga da camisa. Ainda era possível ver água escorrendo pela cadeira de Redmond, queimada e despedaçada. Parecia algum tipo de obra de arte

conceitual. O cenário era aterrorizante, um amontoado de coisas enegrecidas e úmidas.

— Onde está Redmond? — eu perguntei. — O homem que mora aqui?

— Não encontramos nenhum corpo — um dos bombeiros olhou em volta, levantando as mãos. — Ainda.

Redmond era valioso demais para morrer. E inteligente demais para se deixar capturar. Eu estava apostando que ele havia escapado e se escondido em algum lugar. Não conseguiríamos que ele testemunhasse.

Foi quando eu me lembrei da caixa.

Os bombeiros estavam ocupados fazendo medições de calor no outro lado da sala. Eu me abaixei e pressionei os dedos contra o sensor na gaveta. Tossi para encobrir o pequeno ruído que a trava produziu. Olhei para dentro e usei a barra da minha jaqueta para puxar a pequena caixa metálica. Era leve e estava fria ao toque. Eu vi que ele havia trocado a etiqueta de “Helena” para “Callie”.

Enfiei discretamente a caixa em meu bolso.

Antes que algum dos bombeiros me acompanhasse até a saída, eu fui até a porta. Parei ali e dei uma última olhada no laboratório. Eu não conhecia Redmond realmente, já que só conversáramos uma vez, mas sentia que ele era um dos responsáveis por minha existência, se é que isso era

possível. Ele era importante para mim. Doía-me ver todo o seu trabalho destruído daquela maneira.

Voltei para junto de Lauren e do advogado, que esperavam fora do prédio, no reflexo da luz vermelha das viaturas.

— Disseram que viram um garoto fazer isso — falou o advogado.

— Sim, algum garoto com um idoso assassino dentro de si — eu disse.
— Duvido que o banco de corpos não esteja envolvido.

O medo tomou conta da expressão de Lauren. Eu esperava que isso não a fizesse hesitar em relação a nosso plano.

— Roubaram alguma coisa? — perguntou o advogado.

— Não sei. Mas tenho uma coisa que nos ajudará — eu disse, tocando o tecido de meu bolso.

— O que é?

— Uma chave de computador. Tem as anotações de Redmond sobre meu chip e sobre como ele descobriu que a instalação era permanente e irreversível.

— Excelente — disse o advogado. — Bom trabalho.

Ele estava feliz. Mas eu me sentia horrível pelo que acontecera a Redmond. Será que eu havia atraído a Prime até ele? Seria minha culpa? Primeiro Sara, agora Redmond. Quem mais teria que sofrer por minha causa antes que tudo estivesse acabado?

CAPÍTULO 27

No dia seguinte eu fui até o banco de corpos, como se estivesse revivendo um pesadelo. Pensara várias vezes naquele lugar, com muita ansiedade e medo, imaginando se Helena estaria lá dentro, ou meu irmão, ou o Velho. Quando pensava naquilo, eu sentia medo. Helena dissera que eles me matariam; portanto, eu fizera o possível para permanecer longe daquele lugar.

Dessa vez, era diferente. Dessa vez, eu estava preparada. Dessa vez, eu tinha reforços.

Mas eles estavam a distância, como planejado. Dentro do meu bolso, havia um pequeno dispositivo de alerta costurado ao tecido, com a metade do tamanho de um grão de arroz. Havíamos planejado uma aproximação em três estágios. E o primeiro estágio envolvia apenas uma pessoa: eu.

Quando me aproximei das portas duplas, o sorriso do porteiro se desfez. Sua boca se curvou ainda mais para baixo, transformando-se em uma expressão sisuda conforme eu me aproximava. Ele parecia estar assustado. Provavelmente por causa do meu rosto escoriado e pelos pontos cirúrgicos, ou porque me reconhecia.

Talvez eu estivesse ficando famosa. Quase ri.

Eu mesma tive que abrir a porta, já que a única coisa que o porteiro fazia era olhar fixamente para mim. Continuei a encará-lo, olhando em seus olhos, mesmo enquanto passava pelo portal.

Assim que entrei no saguão, outro guarda se aproximou e passou um detector de armas a meu redor. Meu dispositivo de alerta fora planejado para não ser detectado.

— Não trouxe nenhuma arma. Só minha boca grande — eu disse.

O guarda se deu por satisfeito.

O sr. Tinnenbaum saiu correndo de seu escritório e apontou para mim.

— Peguem-na!

O guarda agarrou meus braços e torceu-os para trás de minhas costas, imobilizando-me.

— Estou vendo que já voltou a seu corpo original — eu disse a Tinnenbaum. — Qual é o problema? Ficou entediado com o corpo de Lee?

Ele fez uma careta. Eu arregalei os olhos, fingindo inocência.

— Sabe, na primeira vez em que estive aqui, as pessoas eram bem mais sorridentes.

Doris saiu de seu escritório.

— O que você está fazendo aqui?

— Ah, Doris. Esse rosto fica muito melhor em você do que o de Briona — eu disse.

— Por falar em rostos... — Ela apertou os dois lados de meu rosto com as mãos — Veja o que você fez com a cara que lhe demos. Jogou todo o nosso trabalho na lata do lixo.

Afastei a cabeça das mãos dela.

— Só falta Rodney aparecer para o trio ficar completo.

Tinnenbaum se aproximou de mim.

— Você está horrível. O que quer aqui?

— Quero ver o chefe — eu disse. — O Velho.

Doris e Tinnenbaum se entreolharam. Ela balançou a cabeça. Sua reação, com a leve demora, apenas confirmou o fato de que ele estava ali. Eu sabia o que eles não sabiam: o Velho estava louco para falar comigo.

— Eu aguardo — eu disse a eles.



Quinze minutos depois, o guarda e Tinnenbaum me escoltaram até um elevador e por entre um corredor longo e sinuoso. Não parecia o caminho que levaria ao escritório do diretor de uma empresa. Eu parei.

— Para onde vocês estão me levando? — perguntei.

— Você disse que queria vê-lo — respondeu Tinnenbaum.

— O escritório dele fica aqui?

— Ele gosta de fazer as coisas à sua própria maneira.

Eu não estava gostando nada daquilo. Após algum tempo, chegamos até uma porta de metal. Tinnenbaum se dirigiu a um painel invisível na parede.

— Estamos com ela, senhor.

A porta se abriu, desaparecendo para dentro da parede. O lugar estava escuro, quase completamente enegrecido, mas uma pequena luz instalada no teto brilhava sobre nós enquanto estávamos sob o batente da porta.

— Entrem — disse a voz. Reconheci a voz metálica e sintetizada do Velho.

— Senhor? — disse Tinnenbaum.

— Soltem-na.

O guarda tirou as mãos de cima de mim.

— Estaremos aqui fora — disse Tinnenbaum.

A porta se fechou atrás de mim, deixando o ambiente ainda mais escuro. Ouvi o som de passos. Pareciam estar muito longe. A sala provavelmente era enorme, maior do que qualquer escritório ou sala de conferências. Antes de mais nada, eu vi um ponto de luz, como um farol luminoso e inquietante, do outro lado da sala. Conforme a luz se aproximava, percebi que era a máscara eletrônica que o Velho usava. O rosto mostrado ali não era humano.

Era a cabeça de uma cobra. Com escamas reluzentes e imensos olhos escuros. Uma língua bifurcada preta e vermelha fazia movimentos rápidos.

Meu coração batia com tanta força que quase chegava a doer. Enfiei a mão no bolso e apertei o alarme silencioso para informar os outros de que eu havia tirado o Velho de sua toca. Agora, tudo o que eu precisava fazer era ganhar tempo.

— Por que decidiu vir agora? — perguntou ele. — Você poderia ter vindo no outro dia, junto com os outros meninos e meninas.

— Vim oferecer uma troca.

— Troca? Que tipo de troca? — A cobra abriu a boca, exibindo suas presas.

As imagens do Velho foram escolhidas para me assustar. Lutei para que minha voz continuasse firme.

— Minha vida pela vida do meu irmão.

— Tyler?

— Sim. — Esperei pela reação do Velho para confirmar minha suspeita de que Tyler estaria por perto.

— Não sei se essa é uma boa ideia. Como terei a garantia de que você não fugirá?

— Tenho certeza de que você descobrirá uma maneira de me prender.

O rosto na máscara repentinamente se transformou, mostrando uma mulher em extrema agonia. Aquilo me tirou o fôlego. Ele riu.

— Quem é essa pessoa? — eu perguntei. A mulher estava aos prantos, desesperada.

— Apenas uma senhora muito triste. Acho que alguém matou seus filhos — disse ele. — Talvez até mesmo seu marido.

— Isso é horrível — sussurrei.

— Mas nós não estávamos falando a respeito dela. Estávamos falando sobre Tyler.

Eu estremei ao ouvir aquela voz metálica mencionar o nome de Tyler outra vez.

— Se você me disser onde ele está e eu puder vê-lo, troco minha vida pela vida dele.

— Seu corpo pelo dele?

— Isso mesmo.

— Não me parece muito justo. Tyler é mais jovem.

— Mas ele não é um garoto saudável.

— Sim, é verdade.

O rosto se transformou no de uma mulher que fora mandada para a prisão por envenenar sua família.

— Pode parar com isso? — eu pedi.

— Eu gosto do seu atrevimento, Callie. Aceito sua oferta.

— Aceita?

— Sim. Mas não trarei Tyler até aqui. Você terá que confiar em minha palavra.

Agora era minha vez.

— Isso não me parece muito justo.

— Não acho que “ser justo” chegou a entrar na conversa.

— Entrou, sim — eu disse. — Você foi o primeiro a mencionar isso.

— Você é inteligente. Eu admiro isso.

— Você terá que me dar alguma coisa.

— O quê? — perguntou ele. — O que você considera justo?

— Tire essa máscara — eu disse, tranquilamente.

Ele ficou em silêncio por um momento. O rosto da mulher pareceu congelar.

— Tirar a máscara?

— Sim — respondi, pressionando-o. — Deixe-me ver seu rosto verdadeiro.

Ele mudou o rosto para o de um mímico famoso, com a maquiagem característica.

— Aqui está.

— Duvido que seja assim.

— É o melhor que você conseguirá.

— Então, não tem acordo.

Ele ficou em silêncio por alguns momentos. Quando voltou a falar, sua voz parecia mais firme.

— Não preciso fazer um acordo com você.

— Mas existe uma diferença: eu mantenho a minha palavra. Assim, se chegarmos a um acordo, ficarei aqui por minha própria vontade. Para sempre. Eu, em troca de um irmão que não posso ver e uma única olhada em seu rosto. Isso será tudo.

— Você ainda não percebeu que está em desvantagem aqui, em minha empresa, com funcionários leais a mim a seu redor — disse ele, olhando para o chão. — Está fazendo isso porque realmente o ama tanto assim? — perguntou ele.

— Sou tudo o que ele tem.

Todos os rostos que eu vira antes correram pela superfície da máscara, em uma rápida sucessão, da direita para a esquerda. Em seguida, de cima para baixo, deslizando pela máscara. Em seguida, todos os fragmentos se misturaram, e outros rostos surgiram por frações de segundo: um criminoso de guerra, um assassino em massa, uma vítima de queimaduras e uma mulher que chorava por causa de uma dor indescritível.

Ela se dividiu em quadrantes e finalmente se agitou e girou, até se tornar uma mescla horrível de agonia, ainda mais horripilante devido ao

silêncio esmagador daquela sala. Minha respiração entrecortada era a única coisa que eu conseguia ouvir.

— É isso que você quer, Callie? Quer ver quem eu sou realmente?

— Quem você realmente é, não uma montagem eletrônica.

— Quem eu realmente sou. — A voz dele parecia tranquila. Resignada.

— Sim — eu expeli a palavra.

— Tudo bem.

A luz daquele rosto eletrônico se apagou lentamente até se transformar na escuridão que me cercava, com um estalido metálico.

Eu esperei no escuro.

CAPÍTULO 28

Ouvi as pegadas do Velho se aproximando, mas ele não falou nada. Estaria a meu lado? Não havia qualquer som de respiração. Foi quando eu percebi. O som das pegadas não era real. Eram sons eletrônicos, sintetizados, como sua voz. Aquele era um homem que brincava com ilusões; ele não estava realmente vindo em minha direção.

Havia se afastado.

Só havia eu e o silêncio sepulcral na escuridão. Recuei em direção a um sensor de luz que avistei ao entrar na sala e o pressionei com a palma da mão. As luzes se acenderam em lugares específicos, iluminando áreas vazias, provando que, sim, eu estava sozinha em uma sala enorme e vazia.

Eu me virei e vi um monitor instalado no alto de uma parede. As imagens mostravam o caos no saguão. Uma equipe de inspetores estava ocupando o lugar, efetuando prisões e algemando os funcionários do banco de corpos.

Era hora do segundo estágio. Apertei o dispositivo de alarme em meu bolso outra vez.

— Ele foi embora! — gritei.

Os dois inspetores que estavam me acompanhando a distância entraram correndo na sala.

— Para onde ele foi? — perguntou o mais alto.

— Não sei. Não consegui ver.

A sala tinha três saídas além daquela atrás de mim. O Velho poderia ter fugido por qualquer uma delas. O inspetor mais alto escolheu a primeira porta, o outro homem foi para a segunda e eu abri a terceira. Vi um pequeno corredor que levava a dois elevadores. O ruído baixo significava que ambos estavam se movendo, mas não havia qualquer luz para indicar se eles estavam subindo ou descendo. Pressionei o painel e entrei no primeiro que surgiu. Fui até o piso da garagem subterrânea.

Corri para dentro da garagem escura, procurando pelo Velho. Vários carros luxuosos estavam estacionados perto do elevador, e os carros menos elegantes dos funcionários estavam parados nas vagas mais distantes. Abaixei-me até o chão para procurar pelos pés do Velho atrás dos carros, mas não consegui ver ninguém. Eu queria encontrá-lo e arrancar aquela máscara de seu rosto, deixá-lo completamente exposto.

Parei e ouvi. Talvez ele estivesse escondido. Tive que segurar minha própria respiração por um momento. Um som. Passos. Eu me virei e vi alguém nas sombras, contra a parede, escondido atrás do capô de um SUV.

Corri até lá. O lugar estava escuro. A figura correu para longe, tentando se afastar, mas estava encurralada. Quando chegou até a parede dos fundos, ele se agachou e se encostou.

Era Terry, o enfermeiro que usava delineador nos olhos.

— Querida, não deixe que me prendam — disse ele. — Eu não conseguiria suportar a cadeia.

— Me ajude e verei o que posso fazer.

Coloquei a mão sob o cotovelo de Terry e ajudei-o a se levantar.

— Onde o Velho se esconderia?

— Ele não se esconderia. Simplesmente iria embora.

— Qual é o carro dele?

— Ele não usaria o carro — disse ele, dirigindo aqueles belos olhos para cima. — Ele tem um helicóptero.



Terry e eu corremos pelas escadarias até o telhado. Eu estava furiosa comigo mesma por não pensar no helicóptero antes.

— Eu sabia que esse dia chegaria. — A maquiagem preta escorria por seu rosto.

— Por que não pediu demissão, então?

Passamos pela última porta, que levava até o telhado, e encaramos o ar frio. O som estrondoso das hélices e o deslocamento de ar nos atingiram no rosto como um tapa. Vimos o helicóptero com as formas arredondadas de

um inseto negro, a pouco mais de seis metros da superfície de pouso. Ainda não havia decolado.

Vi o Velho através da janela de vidro recurvo, sentado atrás do piloto e olhando para o outro lado. Corri até o helicóptero, abaixando-me para não ser pega pelo movimento das hélices. O piloto fez um gesto para o Velho e ele se virou em minha direção.

Seu semblante era como o de uma múmia de um holo de terror.

Subi em um dos esquis que sustentavam o peso da aeronave, agarrei a maçaneta e abri a porta com força. O Velho estendeu a mão para fechá-la e eu agarrei seu braço.

Com a outra mão, eu me preendi ao batente da porta enquanto puxava a manga de seu casaco. Ao lado dele, jogado sobre o assento, havia alguém enfiado em um saco. Não consegui identificar o tamanho da pessoa, nem se era um homem ou uma mulher, nem mesmo se ainda estava vivo. Terry estava atrás de mim, mas não conseguia se aproximar. Apenas eu estava ali, lutando contra o Velho.

Eu puxei, tentando forçá-lo para fora do helicóptero. Consegui tirar metade de seu corpo dali. Agarrei a borda da máscara que ele usava.

— O que você está escondendo? — eu gritei, suplantando o barulho das hélices.

Ele se apoiava contra o batente da porta e tentava me empurrar com a outra mão.

— Onde está meu irmão? — gritei, enfiando os dedos entre aquela máscara e o rosto que havia abaixo.

Ele colocou o pé em minha barriga e empurrou. Eu aguentei firme.

O piloto sacou uma arma e a apontou para mim. Eu não podia fazer nada. Estava morta.

Mas o Velho conseguiu desvencilhar o braço de mim. Não consegui entender. Quando senti que ele se soltou, meu corpo ficou paralisado. O Velho gritou alguma coisa para o piloto. Ele se concentrou nos controles para erguer o helicóptero, e eu ainda estava em pé no esqui da aeronave. Pelo canto dos olhos, vi que Terry acenava, mandando que eu pulasse.

Estávamos nos afastando do chão. Se eu ficasse ali por mais tempo, teria que entrar no helicóptero. Dei um último puxão na máscara antes de saltar. Consegui rasgá-la na lateral, mas ela continuou onde estava. Enquanto eu caía, vi o Velho segurando a máscara contra o rosto e fechando a porta.

Bati as costas contra o chão. Terry correu para me ajudar. Eu o afastei. Não estava ferida, apenas furiosa e frustrada com aquele homem que sempre conseguia fugir.

Lauren, o advogado e os dois inspetores que estavam comigo chegaram ao terraço, mas era tarde demais. Enquanto eu observava o helicóptero do Velho escapar, uma pergunta ainda me atormentava.

Seria Tyler quem estava naquele saco?



Voltamos para o caos que estava acontecendo no andar térreo do prédio. Os outros inspetores haviam apreendido os funcionários e os colocado contra a parede. Tinnenbaum, Doris e Rodney tentavam se defender, protestando e exigindo que seus telefones fossem devolvidos para que pudessem ligar para seus advogados. Os guardas, a recepcionista e alguns outros empregados estavam sentados no chão, resignados. Alguns choravam. Trax, o especialista em computadores, estava sentado com a cabeça entre as mãos. Uma enfermeira, aos berros, encarava um dos inspetores. No meio de tudo aquilo, o senador Bohn conversava diretamente com uma câmera, enquanto uma equipe de dois jornalistas gravava suas declarações.

Fui até Tinnenbaum.

— Onde está meu irmão?

Ele balançou a cabeça. Avancei contra ele, mas o advogado me conteve.

— Você sabe que o Velho gosta de guardar segredos — disse Doris. — Nós lhe contaríamos se soubéssemos.

Um dos inspetores interveio. Antes que eu pudesse continuar a pressioná-lo, os olhos de todas as pessoas se viraram para a porta principal. Vários adolescentes com corpos esculturais entraram no prédio. Expressões de confusão distorciam aquelas feições perfeitas.

Era o início do terceiro estágio.

— O que está acontecendo? — disse uma loira alta. — Recebemos instruções para vir até aqui.

— Quem disse isso? — O senador apontou o microfone para o rosto da loira.

— Ele — disse um garoto moreno, apontando. — Tinnenbaum.

— Não fiz nada disso — disse Tinnenbaum.

O idoso que alugava o corpo do garoto deu um passo à frente.

— Ah, sim, você disse. Uma transmissão privada chegou pelo canal da Prime e vocês disseram que nós precisávamos voltar ao banco de corpos, pois havia algo errado com nossos chips.

— Eu não paguei todo esse dinheiro para que minha aventura juvenil fosse interrompida tão cedo — disse a loira. — Mas, se for algum tipo de *recall*, é melhor resolvermos logo toda essa situação.

Olhei para Lauren. Ela sorria. Nossa transmissão falsificada havia funcionado. Outros inquilinos chegavam ao saguão, enchendo o lugar. O nível de ruído estava ficando insuportável enquanto os Enders ricos dentro de corpos adolescentes exigiam respostas.

Um rosto familiar abria caminho por entre as pessoas. Madison. Seus brincos de pingentes longos balançavam sob o cabelo loiro em seu corte chanel enquanto ela se dirigia ao centro do saguão. Coloquei meu braço ao redor dos ombros dela e olhei para o senador Bohn.

— Esta é Madison — eu disse ao Senador. — Foi ela que produziu o anúncio.

O senador a cumprimentou.

— Onde está Trax? — perguntou Madison.

O especialista em computadores, um Ender alto com cabelos desgrenhados se levantou, com as mãos algemadas.

— Vamos lá, gato. Me leve de volta a meu corpo — disse ela.



Um inspetor soltou as algemas de Trax, mas continuou segurando seu braço. Ele seguiu o especialista em computadores como se fosse uma sombra enquanto conduzia alguns de nós pelos corredores até as entranhas do banco de corpos. O grupo era formado por Madison, Lauren e seu advogado, o senador Bohn e eu, e a equipe de reportagem estava logo atrás

de nós, gravando tudo que acontecia. Após a equipe, vinha a maioria dos avós e um grupo grande e barulhento de inquilinos em seus corpos adolescentes.

Finalmente, chegamos a uma sala que eu nunca vira antes. Trax a chamou de sala de espera. Era um grande espaço que lembrava uma UTI, com uma central de enfermagem ao centro. A partir daquele ponto, várias espreguiçadeiras se estendiam como as pétalas de uma flor gigante, com um inquilino idoso deitado em cada uma delas. Provavelmente havia mais de cem inquilinos naquele lugar, todos com os olhos fechados e tubos inseridos na parte de trás de suas cabeças, conectando-os a um computador.

Os enfermeiros ficaram chocados ao perceber nossa presença, mas cooperaram, talvez motivados pela presença do senador e das câmeras. Alguns dos inquilinos pareciam estar ali havia pelo menos dois meses, a julgar pelo tamanho de suas barbas e cabelos. A faixa etária parecia ir dos 80 aos 150 anos.

Madison, com suas longas pernas, caminhou até uma mulher corpulenta com cerca de 125 anos, que estava deitada de olhos fechados. Como os outros inquilinos, ela usava uma camisola cirúrgica e um cobertor colocado por cima das pernas, até a cintura.

Madison apontou para a idosa obesa e falou com Trax:

— Agora, seja um bom garoto e me coloque de volta em meu corpo velho e gordo. Pode não ser grande coisa, mas, pelo menos, é meu.

Ele trouxe uma cadeira para que Madison se sentasse. Em seguida, foi até o balcão central dos enfermeiros e pôs as mãos em um teclado vertical. Ele apertou uma série de teclas, emitindo tons suaves. Olhei na mesma direção em que ele olhava e vi um módulo circular de computador pendurado diretamente acima dele, perto do teto. As luzes piscaram em sequência por alguns momentos. E, em seguida, as luzes e os sons desapareceram.

Todos pareciam estar prendendo a respiração, colocando a sala em um silêncio quase absoluto. A mulher corpulenta na espreguiçadeira abriu os olhos. Trax foi até onde ela estava e lhe tocou o ombro.

— Está tudo bem? — perguntou o técnico.

Ela balançou a cabeça para espantar o sono.

— Nunca estive melhor — disse ela, aguardando até que ele desconectasse seus tubos e cabos, e, logo depois, levantou-se.

— Olá, Callie, minha menina. Esta aqui é quem eu realmente sou. Rhiannon.

Sorri para ela.

A verdadeira Madison, a doadora adolescente, estava deitada na cadeira com os olhos fechados. Alguns espasmos lhe percorriam o corpo, como se ela fosse um gato no meio de um pesadelo. Logo depois, ela abriu

os olhos. Estava desorientada, os cabelos loiros caídos por cima do rosto. Ela ergueu o corpo até conseguir se sentar.

— Onde estou? — disse ela, com uma voz suave, olhando ao redor. — Quem são essas pessoas?

Sua voz era reconhecível, mas diferente.

Rhiannon se inclinou para a frente e colocou a mão no ombro de Madison.

— Está tudo bem, querida. Você está na Prime. Seu aluguel acabou.

Alguns dos inquilinos não gostavam da ideia de ver seus aluguéis interrompidos antes do prazo contratado e estavam começando a se manifestar. O senador, o advogado e Trax fizeram uma rápida conferência e decidiram que a melhor e mais rápida solução seria desligar os aparelhos.

— Certo. Todos vocês, sentem-se no chão. Agora — disse o senador.

Apenas poucos Enders nos corpos adolescentes de aluguel obedeceram. Trax executou a mesma sequência que usara um momento antes para desligar Madison. Os adolescentes que não estavam no chão não demoraram a desabar. Os corpos dos idosos começaram a se mover nas espreguiçadeiras. O restante de nós foi ajudar os pobres doadores adolescentes, que não faziam ideia do motivo pelo qual estavam despertando no chão.

Examinei a multidão. Havia alguém que eu conhecia ali, perto da saída.

Michael.

Ele estava a salvo. Eu me ajoelhei a seu lado.

— Michael?

Ele me olhou com uma expressão atordoada.

— Callie? — perguntou, apoiando-se em um dos braços. — O que aconteceu com seu rosto?

Toquei meu queixo com os dedos.

— Encontrei alguns renegados bem malvados.

— Dói muito?

— Vou ficar bem.

— Onde estou? — Ele se sentou e esfregou a cabeça.

— No banco de corpos.

Ele finalmente percebeu onde estava.

— O banco de corpos... Meu aluguel acabou?

— Acabou. Totalmente. — Coloquei meus braços ao seu redor e o abracei.

Ele me envolveu com seus braços, fazendo com que eu me lembrasse da segurança que sentia quando estava a seu lado. Encostei meu nariz na camisa que ele usava por alguns momentos. Eu poderia ficar assim para sempre, mas estava preocupada com meu irmão. Se ele estivesse ali, eu o encontraria.

Ajudei Michael a se levantar. Todos os doadores estavam de pé agora, recebendo orientações.

Lauren se aproximou de mim com o senador Bohn. Ambos tinham uma postura tensa.

— Não temos certeza de nada ainda, então não adianta ficar muito animada. Mas acho que temos uma pista sobre o paradeiro de seu irmão — disse o senador.



O senador e eu acompanhamos Trax e um inspetor que andavam a passos rápidos por um corredor extenso.

— Eu não sabia que ele era seu irmão — disse Trax, balançando a cabeça.

— E Florina? — eu perguntei. — Havia uma garota com ele?

— Não, só o menino — disse Trax.

Enquanto avançávamos, ele explicou a conversa que tivera com o Velho naquela manhã. Ele queria saber se o procedimento funcionaria no cérebro de uma criança. A discussão levava à pergunta sobre o tamanho do cérebro em questão, e Trax examinara Tyler.

— Mas eu não sei se ele ainda está lá — disse Trax, com uma expressão séria. — A última vez que eu o vi foi às 7h30 de hoje. O Velho o levava para vários lugares.

— Quem estava cuidando dele? — eu perguntei.

Trax deu de ombros.

— Vamos logo com isso. — Agarrei o braço de Trax e o puxei, acelerando o passo.

Passamos por uma porta com os dizeres “entrada proibida” e contornamos outras duas curvas, até chegarmos a um corredor curto, que terminava em uma porta trancada sem quaisquer dizeres.

Trax agitou a palma da mão em frente a um sensor e a porta se abriu. Eu quase o derrubei para entrar ali.

O lugar era um escritório sem janelas, com pouca mobília além de um armário de arquivos e algumas mesas. Havia uma pequena cama dobrável

encostada à parede, com uma pilha de cobertores jogada por cima. Eu os joguei no chão.

Não havia ninguém.

Caí de joelhos e cheirei os lençóis. Tyler estivera ali. O contorno de seu corpo ainda era visível contra o lençol que cobria a armação de madeira.

— Ele não está aqui — eu disse. — O Velho o levou. Aquele maldito levou Tyler.

O inspetor examinou o lugar, verificando os armários e o banheiro, abrindo gavetas. Era inútil e todos sabiam disso.

Comecei a chorar. Era impossível evitar. As lágrimas rolavam por meu rosto. Fiz tudo que podia, tudo por ele. E ele havia desaparecido. Eu sabia onde ele estava. Estava naquele helicóptero com o Velho. Eu estivera muito perto e o deixara escapar.

— Ele estava aqui mais cedo. Estou falando a verdade — disse Trax.

Ele e o senador Bohn estavam em pé, olhando em direções diferentes. Sentei-me na beirada daquela cama dobrável. Não importava o que as pessoas pensassem ou se eu parecesse uma idiota com meu nariz escorrendo. Não havia esperança. Eu me arrastara pelo chão, fizera tudo que podia, e mesmo assim não fora capaz de encontrar meu irmão.

Pai, eu sei que prometi a você. Eu tentei. Juro que tentei.

Alguma coisa foi arrancada de dentro de mim à força. Ele estava sozinho e assustado, enfiado dentro de um saco. Com o Velho. Meu corpo começou a tremer enquanto meus soluços ficavam mais fortes.

Trax estendeu a mão para me confortar.

— Eu lamento muito.

— Saia de perto de mim! — eu reagi, gritando com ele. Levantei-me e tentei inspirar o ar. — Não há nada que você possa dizer que vá ajudar. Todos vocês, que trabalham aqui nesse banco de corpos, todos vocês são responsáveis. Como puderam fazer isso com ele? Ele é só uma criança. Uma criança que nunca teve qualquer chance de ser criança.

Eu me virei, olhando para o senador Bohn.

— A culpa é de todos vocês, de todos os Enders. Por que não vacinaram todos? Não estaríamos no meio dessa situação horrível se vocês usassem seu dinheiro com o que realmente importa.

O senador parecia estar acometido pela dor. Ele colocou as duas mãos ao redor da nuca.

O inspetor chegou, após examinar todas as salas, e fez um sinal negativo para o senador Bohn.

— Ele não está aqui.

Havia algo naquelas palavras que vinham da boca de um inspetor...

Eu havia me escondido dos inspetores muitas vezes, observando, esperando que não me encontrassem, ou a meus amigos, ou a qualquer outro Starter. Entretanto, dessa vez, eu realmente tinha esperanças de que eles pudessem encontrar meu irmão.

O problema, percebi, era que, se meu irmão o visse, ele não sairia de seu esconderijo. Estaria morrendo de medo. E continuaria a se esconder.

Nós sempre nos escondíamos em lugares que os inspetores nunca se preocuparam em revistar. Como no interior das paredes. Como em lugares tão óbvios que ficavam em plena vista. Como acima do nível do chão.

Eu examinei a sala.

Os Enders me observavam com olhos desconfiados, como se tivessem medo do que eu pudesse fazer. Olhei para o teto. Se meu irmão vira o inspetor, mas não a mim, e não me ouvisse...

Fui até o banheiro e olhei para cima. Os Enders me seguiram, aglomerando-se na entrada. A tampa do vaso sanitário estava fechada. Era a primeira pista.

Pisei nela.

Os homens tombaram para a frente, como se fossem segurar meu corpo para que eu não caísse. Subi sobre a pia. Vi marcas de dedos em um dos

painéis do teto e o afastei.

— Está tudo bem, Tyler — gritei para o forro do telhado. — Sou eu.

Levantei o painel e deslizei-o para o lado. Tyler espiou pela fresta, como uma raposa assustada.

— Callie?

Meu coração quase pulou para a garganta.

— Tyler. Venha já aqui, seu...

Dei um abraço de urso em meu irmão, arrancando-o de seu esconderijo e o entreguei para o policial. Desci de cima da pia e agarrei meu irmão com toda a força que tinha em meus braços. Beijeí sua cabeça, inalando o aroma suave daqueles cabelos finos e macios. Meu peito parecia estar muito leve, como se alguém tivesse retirado um caminhão de cima dele.

Ele estava chorando. Eu estava chorando. Os homens estavam chorando.

E eu não o soltaria.



Depois de muitos abraços e beijos, e após determinar que Tyler estava em boas condições, os Enders nos levaram de volta ao saguão, onde o

barulho já havia começado a diminuir. Apresentamos Tyler a Lauren. O senador Bohn pegou um cobertor e o colocou ao redor de meu irmão.

— Ele está bem? — perguntou Lauren.

— Ele me deu comida, o Velho, e remédios, também — disse Tyler.

Duvidei que o Velho tivesse feito isso por propósitos altruístas, mas não disse nada.

Então, lembrei-me de Florina.

Ela estava com Tyler quando eles foram tirados do hotel.

— Tyler, o que aconteceu com Florina? — perguntei.

— Eles a jogaram para fora do carro.

— O quê?

— Quando vieram nos pegar no hotel, eles rodaram por alguns quarteirões. Depois, forçaram Florina a sair do carro.

— Espero que ela esteja bem.

Tyler concordou com um movimento de cabeça.

— Eu vi quando ela se levantou — disse ele, pensando por um momento. — Sabia que ela tem uma tia-avó? Que mora em Santa Rosa?

Eu fiz que não com a cabeça.

— Ela falava sobre essa tia-avó às vezes. Talvez tenha ido encontrá-la — disse Tyler.

O senador acariciou a cabeça de Tyler. Um inspetor mostrou ao senador uma lista com os nomes dos inquilinos e seus respectivos doadores, que começaram a entrar na sala. Ele indicou um dos lados com um gesto e cada inquilino ficou ao lado de seu doador. Madison estava ao lado de Rhiannon. Tinnenbaum estava ao lado de Lee, Rodney estava acompanhado por Raj e Doris, por Briona. Michael estava ao lado de um Ender idoso, com um nariz enorme e uma barriga protuberante, que devia ter uns 200 anos. Aquele era o homem que tinha lambido meu rosto quando estava no corpo de Michael? Senti vontade de vomitar.

A fila de doadores Starters e inquilinos Enders serpenteava pelo corredor. Lauren, Tyler e eu percorremos a fila, examinando cada rosto, mas não vi ninguém que se parecesse com Emma, e Lauren também não encontrou seu neto, Kevin.

— Eu sabia que seria um tiro no escuro — disse Lauren. — Mas não se deve desistir nunca.

— Vamos continuar procurando — eu disse, tocando-a no ombro. — Isso não terminará até que os encontremos.



A noite se estendeu até a manhã seguinte, conforme tudo se resolvia. Avós chegavam para buscar seus netos. Alguns ficavam surpresos ao perceber que os doadores menores sem família haviam desaparecido durante a madrugada, mas eu entendia o que estava acontecendo. Eles não confiavam nos Enders.

Tyler estava dormindo em um sofá no escritório de Doris. Michael e eu estávamos esparramados em cadeiras ao redor de sua escrivaninha. Estávamos exaustos e sentíamos que o sono nos vencia. Eu dizia a mim mesma que esse era o motivo pelo qual Michael parecia distante.

— Quer dizer que Florina tem uma tia-avó em Santa Rosa — eu disse.

— Sim. Ela disse que adotaria Florina.

— Garota de sorte.

— Florina disse que eu poderia ir com ela. Mas isso não quer dizer que a tia-avó me adotaria, claro.

— E por que você não foi?

Ele deu de ombros.

— Faz muito frio lá.

Eu assenti.

— Bem, acho que não vamos receber nosso dinheiro — disse ele.

— Eu não contaria com ele.

— Depois de tudo que aconteceu — disse ele, balançando a cabeça. — Arriscamos nossa vida. Por nada.

— Ei, não fizemos tudo isso por nada. Ainda temos esses chips ultramodernos em nossas cabeças e eles não podem ser removidos — eu disse, rindo.

O que mais poderíamos fazer? Eu estava feliz em ter minha pequena tribo de volta, mesmo que não tivéssemos qualquer lugar para onde ir. Adeus, colchões e chuveiros; olá, pisos duros de concreto e baldes d'água.

Lauren apareceu sob o batente da porta.

— Callie, posso falar com você por um momento?

Olhei para Tyler, que estava dormindo. Michael fez um sinal afirmativo com a cabeça e disse que cuidaria dele.

— Acho que você gostará de ouvir isso — ela disse com um sorriso.

Ela me levou para o velho escritório de Tinnenbaum, onde seu advogado estava sentado atrás da escrivaninha. A fonte de água limpa que me impressionara tanto durante minha primeira visita agora me causava arrepios.

— A senhora Winterhill deixou um testamento. E seu nome consta nele.

Olhei para Lauren. Ela fez um gesto para que eu me sentasse em uma das cadeiras ao redor da mesa e sentou-se na outra.

— Quando foi que ela...? — eu perguntei.

— Ela fez isso antes do início do contrato de aluguel. De acordo com a sra. Winterhill, ela sentia que era seu dever compensar a garota cujo corpo ela estava colocando em risco — disse o advogado.

— Ela lhe deixou metade de seu patrimônio — disse Lauren. — Incluindo a casa principal e uma casa de veraneio.

Uma casa.

Eu estava sem palavras.

O advogado leu o que o documento dizia:

— Ela diz aqui: “Eu não a conheço, mas lamento por ter que usá-la dessa maneira. E lamento pelo mundo que deixamos para você”.

Uma casa? Eu estava exausta. Só podia estar sonhando. Toquei meu rosto e senti os pontos que cobriam o corte. Eram muito reais.

Eles perceberam que eu não acreditava naquilo, então fizeram o favor de repetir. E explicaram os detalhes. Mas eu só conseguia ouvir uma palavra: “casa”.

Helena cumprira sua promessa.

Olhei para Lauren. Ela assentiu; sim, era verdade. Seus olhos brilharam com as lágrimas que se formavam. Eu fechei os meus e, mesmo assim, de alguma forma, as lágrimas rolaram.

Um lar.

CAPÍTULO 29

Naquela manhã eu levei Tyler para morar em sua nova casa. Eu sabia que nunca esqueceria a expressão em seus olhos quando entramos na mansão, acompanhados por Lauren e seu advogado. Enquanto conversavam reservadamente com Eugênia para explicar as condições do testamento, Tyler olhava para cada pedaço da mobília e da decoração com olhos arregalados.

Ele parou em frente a uma estatueta de bronze de um cachorro que estava sobre uma mesa lateral.

— Posso tocar nela?

Eu assenti.

— Você pode fazer o que quiser, agora. É toda sua.

Ele pegou a estatueta e a aninhou nos braços. Embora provavelmente pesasse mais de um quilo, ele insistiu em carregá-la consigo para onde quer que fosse. Quando eu o coloquei na enorme cama que havia no quarto de Helena, ele ainda tinha a estatueta nas mãos, determinado a dormir com ela. Eu a deixei na mesa do cabeceira, bem perto do seu rosto.

— Onde está Michael? — Tyler, com as pálpebras pesadas, acariciava a cabeça do cachorro.

— Voltou ao prédio para pegar suas coisas.

— Ele vai voltar para morar conosco, não é?

Eu sorri.

— Sim. Ele vai transformar a casa de hóspedes em um estúdio de arte.

— Fico imaginando o que ele vai desenhar agora. Agora que não moramos mais na rua — a voz de Tyler ficou mais arrastada.

Logo depois, ele fechou os olhos e caiu em um sono profundo.



Nos dias que se seguiram, nossas vidas foram reconstruídas.

Lauren conseguiu minha guarda e isso me protegia de qualquer pessoa que decidisse contestar o testamento, alegando que eu não tinha família. Metade do patrimônio de Helena e suas duas casas seriam minhas para sempre. A outra metade estaria reservada para ser entregue a Emma, quando eu a encontrasse. E eu a encontraria. Eu devia isso a Helena.

O dinheiro era muito mais do que eu esperava ganhar quando assinei o contrato com o banco de corpos, e fiquei imensamente grata. Tyler estava recebendo a melhor assistência médica que o dinheiro podia comprar e sua saúde melhorava a cada dia. Fui a um dentista e ele reimplantou o dente que eu perdera na briga, e meus cortes e hematomas seriam curados com o tempo.

Michael se mudou para a casa de hóspedes que ficava atrás da mansão, mas logo voltou a sair. Ele não explicou o motivo, então fui até a casa para verificar se ele havia tirado suas coisas dali. Eu soube que ele voltaria quando vi as paredes cobertas com os desenhos que ele criara durante o ano em que moramos nas ruas. Starters e renegados, tristes, malvados, famintos — estavam todos lá, em seu estilo especial. Havia muita emoção em seus traços e ele capturava todos os detalhes. Espalhada por todas as paredes, ali estava minha vida após a Guerra dos Esporos. Minha vida passada.

Imaginei que ele partira para visitar Florina. Fiquei decepcionada, mas eu não tinha o direito de me sentir assim. Perder Blake deixara um imenso vazio em meu coração. E eu só percebi o tamanho desse vazio depois que as coisas se acalmaram.

Uma semana depois de nos mudarmos para a casa de Helena, fiquei sabendo pelos noticiários que o senador Harrison estava se recuperando de um “acidente sofrido durante uma caçada”. As repercussões do escândalo do banco de corpos da Prime Destinations se desenrolariam no decorrer dos próximos meses. Após as eleições, nós saberíamos se os Enders estariam dispostos a reeleger um homem que planejava condenar adolescentes à morte em vida.

O senador mantinha Blake em uma rédea curta. Tentei mandar mensagens, tentei ligar para ele, mas Blake não voltou a entrar em contato comigo. Decidi que, antes de desistir para sempre, eu tentaria vê-lo pessoalmente. Se pudesse explicar o que havia acontecido, talvez eu o convencesse a me dar uma segunda chance. Caso contrário, tentaria esquecê-lo e seguiria em frente com minha vida.

Não foi difícil encontrar a casa do senador. Tive que ir lá várias vezes até ver o carro esportivo de Blake estacionado em frente. Quando finalmente o vi, senti meu coração acelerar e tive que me acalmar antes de sair do foguete amarelo.

Olhei para a enorme mansão em estilo Tudor e percorri o longo caminho ladeado por roseiras entre a calçada e a porta. Pisei na varanda e o sensor de presença tocou antes que eu decidisse voltar atrás. A porta se abriu.

Um guarda-costas Ender com uma expressão gelada no rosto, vestindo um uniforme, sacou sua arma e apontou-a para minha cabeça.

— Ligue para os inspetores — ele gritou para alguém que estava dentro da casa.

— Não vim aqui para criar problemas — eu disse, levantando as mãos.
— Só quero falar com Blake.

Blake veio até a porta. O guarda se interpôs entre nós.

— Não se aproxime.

— Está tudo bem, falarei com ela — disse Blake.

O guarda pressionou o fone auricular. Estava escutando o que alguém lhe dizia pelo fone e respondia com um “Sim, senhor”. Blake e eu trocamos um olhar. Ele deu de ombros.

A atitude do guarda mudou.

— Parece que hoje é seu dia de sorte — disse ele. — Farei apenas uma revista, se não se importar.

Ele guardou a alma no coldre e apalpou meu corpo. Em seguida, retirou um detector de armamentos de um coldre preso à sua coxa e o manipulou ao redor do meu corpo. Sem encontrar nada, o guarda voltou para dentro da casa, deixando Blake sob o batente.

— Oi — disse ele, sorrindo.

— Blake. — Eu retribuí o sorriso. Era ótimo poder ver o rosto dele novamente. E ele estava sorrindo para mim. Isso me dava esperança.

— O que você quer?

— Achei que poderíamos conversar.

— Sobre o quê?

— Sobre tudo que aconteceu. Há muitas coisas a explicar.

— Isso é uma brincadeira?

Meu coração parou durante um segundo.

— Blake?

Ele inclinou a cabeça, com um olhar curioso.

— Qual é o seu nome?

— Não finja que não me conhece.

Ele esfregou a nuca.

— Por acaso algum de meus amigos a convenceu a vir até aqui falar comigo?

— Ah, eu já entendi — eu disse, cruzando os braços. — Você não me perdoou.

Ele simplesmente olhava para mim. Não cederia um milímetro.

— Achei que talvez você pudesse entender — eu disse. — Depois de tudo que aconteceu.

A expressão no rosto dele ficou mais séria.

— Desculpe-me — disse ele, dando de ombros. — Eu... não conheço você.

Minhas mãos ficaram geladas. Ver o rosto que eu conhecia tão bem, olhando para mim com aquela expressão vazia... era algo que cortava minha carne até os ossos. O que tinha acontecido?

— Blake? Você realmente não se lembra? Não se lembra de nada?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Cavalgar no rancho? O parque... o Music Center?

Ele continuou a negar. Parecia sentir pena de mim.

— Não estou louca. Procure em seu celular. Você tirou uma foto a meu lado.

Blake apertou os olhos, como se estivesse tentando alcançar alguma coisa em seu passado, mas sempre voltava de mãos vazias. Ele não se lembrava de mim.

Não sei se havia alguma coisa no mundo que poderia doer mais.

Eu era invisível.

O senador Harrison veio até a porta, com um braço suspenso por uma tipoia.

— Callie.

Eu recuei um passo.

— Você a conhece? — perguntou Blake.

O senador veio em minha direção. Eu continuei a recuar. Ele tocou meu ombro.

— Está tudo bem, Callie. Entre.

Ele colocou o braço saudável ao redor do meu ombro e me conduziu para o enorme saguão. O guarda-costas mantinha a postura firme no canto da sala. Eu vi a sala de estar através de um passadiço em forma de arco, e havia lenha queimando na lareira.

O senador se dirigiu a Blake.

— Preciso falar com minha convidada a sós.

Blake assentiu. Antes de nos deixar, ele deu uma última olhada em mim por cima do ombro. Eu esperava, com todas as minhas forças, que ele conseguisse mostrar qualquer sombra de uma lembrança. Qualquer coisa. Mas seu rosto dizia que eu era apenas uma curiosidade.

O senador Harrison tocou meu braço e me levou até seu estúdio. Lá, indicou uma cadeira forrada de couro e fechou a porta. Eu preferi continuar em pé, atrás da cadeira. Não tinha certeza de que podia confiar nele.

— Então, agora você conheceu meu neto — ele disse.

— O que aconteceu com ele? — Sentia meu lábio inferior tremendo.

Ele apontou para a porta.

— Aquele é meu verdadeiro neto. O verdadeiro Blake Harrison. — Ele gemeu enquanto se sentava à sua escrivaninha e ajustava sua tipoia.

Eu ouvi aquelas palavras, mas elas não faziam sentido.

— O verdadeiro Blake?

Em seguida, como se alguém houvesse diminuído o volume, tudo ficou em silêncio.

Apenas o relógio antigo em um invólucro de vidro que estava sobre a mesa do senador se atrevia a emitir um som. O tique-taque era incessante, sincronizado com o movimento das três bolas douradas que havia dentro do aparelho e giravam para a frente e para trás. Para a frente e para trás. A velocidade com a qual as peças se moviam era estonteante, vertiginosa. Como se elas estivessem confusas sobre a direção em que deveriam seguir.

Alguém gemeu. Fui eu.

Os olhos do senador se estreitaram. Ele confirmou com um movimento de cabeça.

— Eu nunca estive com o verdadeiro Blake antes? — perguntei.

O senador balançou a cabeça negativamente.

— Apenas com seu corpo.

Minha mão subiu até cobrir minha boca.

Ele assentiu outra vez.

Eu me apoiei no encosto da cadeira.

— Então... havia alguém dentro de Blake... usando seu corpo.

— Correto. — O senador estava esperando que eu absorvesse o choque.

Quem? Quem queria usar o corpo de Blake por todo aquele tempo? Então, eu entendi. Não. Um arrepio percorreu meu corpo. O pensamento era horrível demais para dizer.

— O Velho — disse o senador.

Segurei a cabeça com as mãos. Não. Não ele. Blake? Minha mente estava girando mais rápido do que as bolas douradas dentro do relógio.

— Mas eu vi o Velho quando ele foi até a instituição — eu disse. — Como ele poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo?

— Aquilo aconteceu depois que o contrato com o governo foi fechado. Ele saiu do corpo de Blake.

— E o anúncio na aerotela? Foi ao ar antes da visita à instituição.

— Estava pré-gravado.

Precisei respirar fundo.

— Por que você permitiu que isso acontecesse?

— Ele estava usando meu neto como refém, mas Blake nunca soube de nada. Apenas sua avó e eu sabíamos. Ele fez isso para me forçar a apresentar o acordo entre o governo e a Prime Destinations.

— Blake nunca foi até a Prime para assinar um contrato?

O senador balançou a cabeça.

— O Velho sequestrou Blake e implantou um chip em meu neto. Blake não tem qualquer consciência do que houve. Ele pensa que esteve doente durante esse período.

Eu passei as mãos pelos cabelos. Durante todo aquele tempo, pensei que eu fosse a fraude, a camponesa fingindo ser uma princesa. Mas, na verdade, quem estava disfarçado era o príncipe. Durante todo aquele tempo, havia um ogro disfarçado de príncipe. Em meu mundo, nada era o que parecia. E eu não sabia se conseguiria voltar a confiar em alguém.

O senador colocou a mão em meu ombro.

— Callie, quero que você saiba que estou pressionando a promotoria para retirar as acusações contra você.

Eu havia me esquecido completamente dos assuntos relativos a mim.

— E preciso pedir um favor.

— O quê? — Eu não conseguia sequer imaginar o que poderia fazer por ele.

Ele aproximou seu rosto do meu, com aqueles olhos grandes e aflitos me encarando, o hálito com o cheiro amargo do tabaco.

— Não diga nada sobre o que aconteceu para meu neto. Jamais.



Saí da casa de Harrison sem voltar a ver Blake. Andei pelo caminho ladeado pelas roseiras de cores vivas que zombavam de cada passo que eu dava. Garota idiota. Como pôde não perceber?

Meus joelhos fraquejavam. Eu caí no chão, sentindo que havia um buraco horrível e vazio se formando dentro de mim. Apertei meu estômago com as mãos para fazer a dor parar. Nunca mais haveria qualquer reencontro com Blake. Ele não era real. Nada do que fizéramos fora real.

As lágrimas que saíam do meu rosto ardiam.

Ele nunca fora real. Estava perdido para sempre. Como minha mãe e meu pai.

Meu pai.

Ah, papai. Sinto tanto sua falta.



Passei a noite inteira relembrando cada coisa que Blake fizera e dissera, mas imaginando-as como se fossem obra do Velho. O Club Rune, o rancho, a cerimônia de gala. Depois de reviver todos aqueles momentos várias e várias vezes, eu queria ficar o mais distante possível daqueles lugares. Assim, na manhã seguinte, levei Tyler para nossa nova casa de férias nas montanhas de São Bernardino. Vestimos nossas blusas de lã e casacos e fomos para o norte.

A segunda casa de Helena era um chalé amplo de dois andares, construído em uma área grande e com uma vista panorâmica do lago ao fundo. Diferente da mansão, havia poucas coisas ali que lembrassem Helena ou Emma; nenhum retrato ou holoálbum. Eu não estava tentando esquecê-las, mas o fato de não ter que ver os rostos delas fazia com que sentíssemos que a casa era realmente nossa.

Tyler praticava pescaria no lago enquanto eu ficava sentada em uma pedra, pensando sobre o quanto havia ganhado e o quanto havia perdido. Tudo começara com o Velho usando o senador Harrison para forçar o acordo entre o banco de corpos e o governo. Para obrigar o senador a cooperar, ele tivera que sequestrar Blake e usar seu corpo como refém. Helena não sabia de nada daquilo, mas descobrira que o senador tinha planos para fechar aquela negociação. Assim, ela alugou meu corpo para poder matá-lo. Ela queria impedir o acordo e expor a Prime publicamente pela primeira vez, na pior de todas as situações possíveis, mostrando que o corpo de uma doadora poderia ser usado para matar. Quando ela e Redmond

alteraram nosso chip, desativando a proteção que impedia assassinatos, o Velho percebeu a diferença no sinal e descobriu o plano de Helena. Como o Velho já estava dentro de Blake, ele usaria o corpo de Blake para descobrir mais sobre o plano de Helena.

Foi quando ele a seguiu ao Club Rune, falou com ela no bar e marcou o encontro no rancho. Mas, quando Redmond alterou a programação do chip, ele também fez com que o aparelho apresentasse um comportamento instável. Aquilo fez com que Helena perdesse o controle sobre meu corpo no Club Rune, e o Velho, dentro do corpo de Blake, percebeu quando tudo aconteceu.

Foi quando eu o encontrei. Ele iniciou um relacionamento comigo para manter Helena sob vigilância, para ter certeza de que não mataríamos o senador antes que ele conversasse com o presidente. E para ver como eu me adaptava à mudança no dispositivo de proteção contra assassinatos do chip. Quando conseguimos estabelecer uma comunicação e Helena surgiu em minha cabeça, ele percebeu que aquilo seria um recurso extremamente valioso, particularmente para o governo.

Tudo que ele fez foi uma farsa. Fingindo ser um adolescente verdadeiro visitando sua bisavó, fingindo gostar de mim para que eu confiasse nele. Os momentos que passamos em seu rancho, em seu carro — somente mentiras. Ele interpretou seu personagem melhor do que qualquer astro dos holos. Fingindo que queria tocar meu rosto, segurar minha mão, me beijar.

Cobri a boca com a mão. Mas não havia qualquer maneira de apagar aquela lembrança.

Eu estava enjoada. Adorei o tempo que passei com Blake, mas achava que seria melhor sentir ódio, ainda mais agora, que sabia que todos aqueles momentos não passavam de um joguete do Velho, que queria apenas me usar como se eu fosse um brinquedo. Eu me sentia dividida. Por um lado, queria guardar aquelas memórias em uma caixa de preciosidades. Por outro, queria queimar tudo até sobraarem apenas cinzas.

Procurei concentrar minha atenção em Tyler, que lançava sua linha na água. Suas habilidades de pescador estavam melhorando. Pelo menos em relação a Tyler eu conseguia me sentir em paz. Era ótimo saber que ele nunca mais sentiria fome, nunca mais teria que dormir em um chão sujo e frio e que ele não morreria. Inspirei a fragrância de pinheiros do ar frio. Aquilo me dava uma sensação incrível de pureza. Eu tinha sorte por estar ali, grata por ter as duas casas. Decidi parar de pensar sobre tudo, exceto a beleza que havia naquele lugar.

— Tyler! — eu gritei. — Vou preparar um chocolate quente. Fique por perto, entendeu? Não saia andando por aí.

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.

Eu subi os degraus de madeira que levavam ao quintal do chalé e entrei na cozinha quente. Conseguia ver Tyler pela janela que ficava acima da pia. Tirei minha jaqueta e a coloquei sobre o encosto de uma cadeira. Abri o armário e peguei o pó para o chocolate quente e duas canecas. Coloquei

algumas colheres do pó em cada uma das canecas e abri a torneira com a água quente e filtrada. Água infinita. Para sempre.

Enchi as canecas e coloquei-as no balcão. Foi quando percebi algo estranho. Algo que não se encaixava com o restante do cenário, sobre o balcão, à direita da pia.

Um ramalhete de orquídeas amarelas. Com manchas roxas, como a pele de um leopardo.

Senti um aperto no peito. Era a mesma espécie de orquídea que Blake — o Velho — me dera durante o piquenique no rancho.

Como aquelas flores tinham ido parar ali? Há quanto tempo estavam ali?

Olhei pela janela. Tyler havia desaparecido. Sua vara de pescar estava jogada no chão. Senti o pânico subir pela garganta. Eu estava quase gritando quando fui até o parapeito da janela e o vi. Ele estava curvado, pegando iscas dentro de um balde.

Soltei um suspiro de alívio.

Naquele momento, ouvi uma voz em minha cabeça.

Olá, Callie.

Da mesma maneira que Helena costumava falar comigo. Mas era a voz de um homem: o Velho. Aquela voz eletrônica assustadora que fazia meus dentes rangerem.

Senti um arrepio percorrer minha coluna.

Você é um sucesso enorme, Callie. A Prime agora está fechada e o prédio será demolido nos próximos dias.

— Onde você está? — Meus olhos examinaram o lago onde Tyler estava pescando. — Como pode estar dentro de minha cabeça?

Eu tinha um plano B, é claro.

— Um plano B?

Em outro lugar.

Eu imaginei se poderia haver uma unidade de armazenamento portátil. Será que ele estaria por perto?

— Onde?

Gostaria de conhecer o lugar? Posso mostrá-lo a você.

— Então, por que você está dentro de minha cabeça?

Eu não conseguia vê-lo em qualquer lugar nas proximidades. Comecei a abrir as gavetas da cozinha em silêncio.

Venha me encontrar, Callie.

— Encontrá-lo? O que você quer comigo? Sou apenas uma garota.

Não mais. O chip em sua cabeça é único, alterado por um dos melhores cientistas do mundo. Eu lhe oferecerei um salário enorme para que você se junte à minha equipe.

— Eu tenho tudo de que preciso agora. — Tentei parecer forte, mas o nervosismo que marcava minha voz me traía.

Você não sabe do que precisa.

Retirei uma enorme faca de açougueiro de dentro da gaveta. Minha mão tremia.

Espere até sentir o gosto do poder.

— Não estou interessada em sentir o gosto de nada que venha de você.

Não desistirei tão facilmente. Como eu já disse antes, você é muito especial para mim.

Expirei o ar, conseguindo até mesmo rir daquela situação, mas as palavras ardiam como ácido.

— Tudo que você quer é abrir minha cabeça para descobrir como ele alterou o chip.

Tyler ainda estava pescando. Saí da cozinha e fui para o corredor, procurando pelo lugar onde o Velho poderia estar escondido.

Quero que você faça parte de minha equipe. E você precisa de uma causa. Terá bons companheiros a seu lado.

— Você acha que eu conseguiria me encaixar em sua equipe?

Seu amigo Redmond faz parte de nosso grupo.

Foi quando eu me dei conta.

— Era Redmond que estava no helicóptero.

Você gosta dele.

— Sim, gosto dele. Ele usa seu cérebro para ajudar as pessoas, não para machucá-las. — Queria mantê-lo falando enquanto me esgueirava pelo corredor. — Quer dizer que, durante todo aquele tempo, todas as coisas que você disse para mim, tudo foi sincero?

Muito do que eu lhe disse era verdade. Mas não tudo. Se quiser descobrir quais partes eram verdadeiras, venha até onde eu estou.

— Você mentiu para mim. O tempo inteiro, fingindo ser outra pessoa.

Examinei a sala de estar; ele não estava lá. Pela janela da sala, percebi que Tyler ainda estava bem, pescando do lado de fora.

Não foi exatamente a mesma coisa que você fez?

Eu vacilei. Ele tinha razão.

— Eu não tive outra escolha.

Não é verdade. Você poderia ter recusado tudo que lhe foi oferecido. Mas significaria abrir mão do dinheiro.

— Eu precisava usar o dinheiro para cuidar de meu irmão. — Agarrei a faca com força, atravessando a sala de estar em direção a um armário de casacos. Abri a porta. Ele não estava lá.

Se realmente quiser protegê-lo, você se juntará a mim. Prometo a você que, nos próximos meses, nenhum menor estará a salvo sem minha proteção. Você nunca saberá quando sua vida se dissolverá. Um terremoto pode destruir sua casa. Ou um incêndio. A mulher que a adotou pode morrer em um acidente de trânsito e o governo confiscará sua casa. Tudo que você tem pode ser tirado em um único instante. Não se pode confiar em nada, apenas no poder. E eu posso lhe dar isso.

Corri pelo corredor e subi as escadas. Queria gritar com ele, mandá-lo calar a boca. O que ele queria dizer com “nenhum menor estará a salvo”? Passei pelo quarto de Tyler. O Velho não estava lá.

Você acha que fez tudo aquilo pelo dinheiro. Mas eu a conheço melhor do que você conhece a si mesma. Você também fez isso para que pudesse viver como se fosse outra pessoa.

— Não me diga — eu ironizei.

Dê uma máscara a um homem e ele lhe dirá a verdade. Quem disse isso?

— Você disse. — Cheguei ao topo da escada e andei pelo corredor, examinando os quartos.

Você não voltou à Prime quando a conexão apresentou problemas. Você queria ser Helena.

— Alguém me ameaçou. Disse que, se eu voltasse, seria morta.

E você quis acreditar nisso, de modo que pudesse viver como se fosse uma pessoa rica, mesmo que por pouco tempo.

Novamente, eu hesitei. Havia alguma verdade naquelas palavras, e admitir aquilo era constrangedor.

Eu posso lhe dar essa experiência de novo, Callie. Uma vida muito mais interessante do que a de Helena.

Eu queria uma nova vida? Sim. Em outro lugar, em outra época. Não com ele.

— Não — eu disse. — Não quero ser outra pessoa. Quero simplesmente ser eu mesma. Seja lá o que for que você queira comigo, eu nunca aceitarei. Nunca.

Sua curiosidade a vencerá. Eu sou paciente. Posso esperar.

— Terá que esperar para sempre.

Olhei em outro quarto, segurando a faca na altura da minha coxa.

Ah, Callie, se você soubesse. Você entendeu tudo errado. Na verdade, sou a pessoa que tem as melhores intenções em toda essa história.

O quê? Como ele se atrevia a dizer aquilo? Eu estava no ponto em que esperava que ele estivesse dentro da casa. Queria confrontá-lo, arrancar sua máscara, aqui e agora.

A última porta estava fechada. Era meu quarto. Eu não me lembrava de havê-la fechado.

Andei lentamente na direção da porta e coloquei a mão sobre a maçaneta, virando-a cuidadosamente.

As cortinas de tecido leve se moveram com a brisa. Ou alguém acabara de passar por elas? As portas duplas que levavam à sacada logo depois estavam abertas. Passei por elas e fui até a enorme sacada, observando o gramado, o lago e Tyler. O sol havia se posto e até mesmo os pássaros estavam em silêncio.

Embora ele não dissesse nada, eu podia sentir a presença do Velho dentro da minha cabeça. Éramos nós dois, em uma disputa acirrada, em um limbo. Minha respiração era o som mais alto, seguida de perto pelas batidas do meu coração.

E eu senti quando ele se afastou.

CAPÍTULO 30

Uma semana depois, eu estava em frente ao banco de corpos, observando enquanto uma equipe de trabalhadores se preparava para demolir o prédio espelhado que abrigara a Prime Destinations. A multidão, vestindo casacos e jaquetas, era composta predominantemente por Enders da classe trabalhadora — guardas e balconistas — que nunca souberam o verdadeiro propósito daquele prédio. Havia alguns idosos ricos, em sua maioria ex-inquilinos, e alguns menores ricos que tinham sido adotados. Ao redor da multidão havia alguns Starters sem família, alguns ex-doadores como eu e alguns que apenas esperavam pelo espetáculo proporcionado pela demolição, com a imensa bola de metal que pendia da ponta do guindaste.

Vi vários rostos conhecidos. Lee estava lá, assim como Raj e Briona. Não eram mais aquele trio inseparável. Cada um deles andava pelo lugar sozinho, sem nem mesmo reconhecer os outros. Madison, a adolescente com o cabelo loiro chanel, estava vários metros à minha esquerda. Nossos olhares se cruzaram. Um sorriso surgiu em meu rosto; fiquei feliz ao vê-la. Ela me olhou por alguns momentos com uma expressão vazia; em seguida, desviou o olhar. Eu precisava lembrar que ela só havia conversado comigo uma única vez, na noite em que tudo chegara ao fim no banco de corpos. Provavelmente ela não se lembrava de mim. Ou talvez se lembrasse.

Vi sua ex-inquilina, Rhiannon, à minha direita, em seu corpo verdadeiro. Ela se apoiava em um andador e acenou para mim. Retribuí o cumprimento e estava prestes a me aproximar dela quando vi Michael, do outro lado da multidão. Ele estava olhando para o prédio, esperando, como o restante de nós.

— Michael! — eu gritei.

Ele estava longe demais para escutar. Sua atenção estava totalmente focada no prédio. Aquilo fez com que eu me sentisse melhor. Provavelmente ele havia voltado à cidade. Eu me virei e comecei a abrir caminho para me aproximar dele, mas vi que alguém à minha esquerda tentava atravessar a multidão de cabelos prateados.

Blake.

Senti um nó se formar ao redor da minha garganta. O que ele estava fazendo aqui? Ele não deveria saber a respeito do banco de corpos. Eu não o via desde o dia em que conversara com o senador em sua casa, havia mais de uma semana. Voltei a olhar para Michael. Dessa vez ele me viu e seu rosto se iluminou. Ele fez um gesto para que eu me aproximasse.

Virei-me para procurar Blake. Nossos olhares se cruzaram e ele me deu um sorriso tímido. Estava andando em meio à multidão, vindo em minha direção.

Engoli em seco. Não sabia o que fazer. Blake estava perto demais para que eu simplesmente lhe desse as costas. Voltei a olhar para Michael. Do lugar onde estava, ele podia ver o que estava acontecendo, e tive a sensação de que uma película cinzenta cobriu seu rosto. Seu sorriso desapareceu, seus ombros se contraíram. Era uma imagem torturante, mas eu estava presa ali, impossibilitada de me mover no meio daquela multidão, longe demais para tentar explicar, mesmo se eu pudesse.

Blake estava apenas a alguns corpos de distância. Eu prometera a seu avô que não lhe revelaria nada sobre nosso passado, mas o que eu poderia dizer?

Não havia tempo para pensar. Ele estava ali.

— Callie — disse ele, cumprimentando-me com um aceno de cabeça.
— Sua governanta disse que eu a encontraria aqui.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e desviou o olhar.

— Meus amigos me dizem que sou sério demais. Acho que tem a ver com o fato de que sou o neto de um senador — disse ele, dando de ombros.
— Meu pai também era sério. Minha mãe sabia como se divertir — completou Blake, com um sorriso saudoso.

Do que ele estava falando? Parecia até mesmo que havia ensaiado um discurso.

— De qualquer forma, todos dizem que sou um rato de biblioteca, que não costumo sair muito, a menos que meus amigos me arrastem para fora de casa — disse ele, agitando os pés, olhando para baixo. — O que estou tentando dizer é isto. — Ele pegou seu telefone e me mostrou a fotografia que havia tirado. — Eu vi a foto.

Eu olhei para a foto que mencionara na última vez em que conversamos. A foto que fora tirada no dia em que fomos cavalgar. Exceto pelo fato de que o pobre Blake nunca estivera lá; era o Velho. Ele estava

atrás de mim com um braço ao redor dos meus ombros, sua cabeça tocando a minha, e eu lhe agarrava os braços com as duas mãos. Havíamos acabado de apear dos cavalos, felizes, sentindo o calor do dia e um pouco suados.

Ambos irradiávamos pura alegria. Era difícil olhar para aquela imagem, mas Blake nunca entenderia a razão.

— Não me lembro de nada disso — disse ele. — Mas pareço estar muito feliz. Acho que nunca me vi tão feliz antes. Nunca.

Os olhos dele voltaram a encontrar os meus, e dessa vez ele não os desviou.

— Seja lá o que ocorreu entre nós, naquelas semanas perdidas das quais não consigo me lembrar, por mais que tente, eu quero de volta. Quero novamente.

Eu examinei seu rosto. Ele não estava brincando comigo. Estava sendo totalmente sincero.

— Você quer? — ele me perguntou. — Quer ter isso de volta também?

Meu estômago se revirava. Eu não sabia se poderia recuperar o que nunca fora nosso, desde o princípio.

— Está tudo bem, não precisa decidir agora — disse ele.

Blake estendeu a mão para mim. Fiquei paralisada.

— Você sabe o que realmente aconteceu, Callie. Eu preciso que você me ajude a lembrar.

Sua expressão me fazia pensar em um astronauta que flutuava pelo espaço após o cabo que o conectava à nave se romper, que tinha uma única chance de agarrar um cabo de reserva ou flutuar para sempre, à deriva, em um espaço negro e infinito. Eu conhecia aquela sensação, o pânico que estendia o tempo, transformando segundos em anos, e a dor profunda de ser atacado não por uma pessoa, mas por muitas, uma gangue de valentões que se expandia por um bairro e posteriormente por uma cidade, até que você questionasse o mundo inteiro. E a última coisa na qual você pensa, enquanto estende o braço até que seus dedos estejam a milímetros do cabo de salvação, é como será possível encontrar uma maneira de consertar o que foi estraçalhado, para que você possa dizer sim, dizer que quer voltar a fazer parte do mundo.

Movi minha mão na direção da mão dele.

Eu não deixaria o Velho vencer. Eu não deixaria que ele arrancasse minhas melhores lembranças do tempo que passei com o garoto que imaginava ser Blake.

Ele tocou minha mão e entrelaçou seus dedos nos meus. Sua pele era familiar — a textura suave, a curva de seu polegar. Seu toque me levou de volta aos momentos que passamos juntos em seu carro. Eu sentia muita saudade daqueles momentos. Mais do que eu imaginava.

Não era o Blake que eu conhecia. Mas se parecia com ele. A sensação era a de estar com ele. Ele estava perdido, e eu era a única pessoa que poderia ajudá-lo.

Teríamos que tentar.

Ouvi o som de alguém respirando. Dentro da minha cabeça.

Meu coração acelerou.

Menina Cal.

Fazia muito tempo que eu não ouvia aquela voz.

Quando os gaviões gritam, é hora de voar.

Meu pai? Minha cabeça começou a girar, mesmo que eu soubesse que não o veria. Os sons da multidão esmaeceram.

Blake sorriu para mim, com uma expressão curiosa.

— Você está bem?

Procurei dentro de mim mesma. Tentei aguçar os ouvidos, mas não escutei nada.

Blake apertou minha mão quando a imensa bola de metal da máquina de demolição atingiu a fachada espelhada do banco de corpos.

NOTAS

[1] *Tasers* são armas não letais que funcionam com a aplicação de uma forte descarga elétrica na vítima, que a deixa paralisada. São utilizadas por policiais e empresas privadas de segurança em vários países, embora não sejam consideradas instrumentos legais em todos eles (N. T.).

[2] Jogo de origem chinesa, geralmente jogado por quatro pessoas, com peças similares a dominós, entalhadas com vários tipos de desenhos e gravuras (N. T.).

[3] Jogo de cartas, também disputado por quatro pessoas divididas em duas duplas. Ambos os jogos são passatempos sociais entre idosos nos Estados Unidos (N. T.).